

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO - OESTE, UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO**

BENEDITA LURDES DA SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL NA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, NA MODALIDADE EDUCAÇÃO ESPECIAL
APAE

IRATI

2024

BENEDITA LURDES DA SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL NA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, NA MODALIDADE EDUCAÇÃO ESPECIAL
APAE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação.

Linha de pesquisa: Políticas Educacionais, Histórias e Organização da Educação Brasileira.

Orientadores: Prof. Dr. Khaled Omar Mohamad El Tassa.

IRATI

2024

Catálogo na Publicação
Rede de Bibliotecas da UNICENTRO

S586e Silva, Benedita Lurdes da
Educação Física escolar na perspectiva da cultura corporal na Escola de Educação Básica, na modalidade Educação Especial APAE / Benedita Lurdes da Silva. -- Irati, 2024.
xv, 198f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, 2024.

Orientador: Khaled Omar Mohamad El Tassa.

Banca examinadora: Khaled Omar Mohamad El Tassa, Gilmar de Carvalho Cruz, Eliziane Manosso Streichen

Bibliografia

1. Educação Física Escolar. 2. Escola de Educação Básica. 3. Modalidade Educação Especial – APAE. 4. Currículo Cultural. 5. Estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Educação.

CDD 370



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE, UNICENTRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, PROPESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, PPGE



TERMO DE APROVAÇÃO

BENEDITA LURDES DA SILVA

“EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, NA MODALIDADE EDUCAÇÃO ESPECIAL-APAE”

Dissertação aprovada em 30/07/2024 como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração em Educação, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof. Dr. Khaled Omar Mohamad El Tassa
(Orientador/UNICENTRO)

Prof. Dr Gilmar de Carvalho Cruz
(Membro Titular/UEPG)

Prof^a. Dr.^a Eliziane Manosso Streiechen
(Membro Titular/UNICENTRO)

IRATI-PR
2024

Home Page: <https://www3.unicentro.br>

Campus Santa Cruz: Rua Padre Salvatore Renna, 875, Bairro Santa Cruz – Fone: (42) 3621-1000 – CEP 85.015-430 – GUARAPUAVA – PR
Campus CEDETEG: Alameda Elio Antonio Dalla Vecchia, 838, Bairro Vila Carlí – Fone: (42) 3629-8100 – CEP 85.040-167 – GUARAPUAVA – PR
Campus de Irati: Rua Prof. Maria Roza Zanon de Almeida, Bairro Eng. Gutierrez – Cx. Postal, 21 – Fone: (42) 3421-3000 – CEP 84.505-677 – IRATI – PR

Correspondência Interna 557/2024. Assinatura Avançada realizada por: **Khaled Omar Mohamad El Tassa (XXX.760.419-XX)** em 01/08/2024 10:52. Inserido ao documento 896.915 por: **Diana Janice Padilha** em: 01/08/2024 08:50. Demais assinaturas na última folha. A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço: <https://www.eprotocolo.pr.gov.br/splweb/validarDocumento> com o código: **25e55c1202f0db509e45c460d88f6050**.



ePROTOCOLO

Correspondência Interna 557/2024.

Documento: **TermodeAprovacao.pdf.**

Assinatura Avançada realizada por: **Khaled Omar Mohamad El Tassa (XXX.760.419-XX)** em 01/08/2024 10:52 Local: CIDADA0.

Assinatura Simples realizada por: **Eliziane Manosso Streiechen (XXX.839.419-XX)** em 16/09/2024 09:31 Local: CIDADA0, **Gilmar de Carvalho Cruz (XXX.257.087-XX)** em 16/09/2024 20:48 Local: CIDADA0.

Inserido ao documento **896.915** por: **Diana Janice Padilha** em: 01/08/2024 08:50.



Documento assinado nos termos do Art. 38 do Decreto Estadual nº 7304/2021.

A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço:
<https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/validarDocumento> com o código:
25e55c1202f0db509e45c460d88f6050.

BENEDITA LURDES DA SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL NA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, NA MODALIDADE EDUCAÇÃO ESPECIAL-
APAE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Banca Examinadora em __/__/____.

IRATI

2024

Um misto de sentimentos, alegria em poder ter chegado neste ponto, mas a tristeza que me assombra pela perda do meu filho Rodolfo Luís da Silva Schier que, em novembro de 2023, partiu para outro plano, meu maior incentivador, a pessoa que acreditava tanto quanto eu no meu trabalho. Às vezes sinto que, neste momento, isso já não tem o mesmo sentido. Acredito ser o momento de auto acolhimento e deixar a transmutação chegar.

Menino filho, menino esposo, menino pai, menino genro, menino amigo. Foi calma, mas também furacão em minha vida, tudo que fez foi intenso, rápido, inclusive a sua partida. Está fisicamente ausente, mas nunca será ausente da minha vida.

Filho, gratidão por ter me escolhido para ser sua mãe, sogra da Carol, avó do Valentim, Davi e Isabela. Por sempre ter dito palavras e gestos singelos nos momentos de dificuldades, mas também por me fazer enxergar nas bobagens da vida “como dizia você” as alegrias que eram só nossa, por escutar e entender meus conflitos com situações de exclusão, e foram muitas.

“Filho Dorfo Preto
para sempre será exatamente o que e preciso,
sei que continuará sendo minha inspiração,
nossa conexão é infinita e além”
Sua Mãe Neguinha

AGRADECIMENTOS

Sou grata pela vida que me foi dada, por ela ter me ensinado a compreender que nesta passagem existem momentos de profunda alegria, mas que em algum momento a tristeza chega e parece ser infinita, acredito que são essas experiências que me faz ser exatamente como sou neste momento.

Minha família que por diversas questões sempre estivemos separadas fisicamente, porém nunca distante, minhas irmãs sempre presentes, principalmente nos momentos mais difíceis. Minha mãe, cabocla Tereza, mulher inspiradora sei o quanto foi e é importante na minha vida, és viva em minha memória e caminhada. Meu Pai Luiz Maia grata por ensinar a ser e o que não ser. João Francisco (Chiquinho) pai do meu filho, Belém e Célia Schier, tias amorosas e cuidadosas, minha família de coração que a vida me deu de presente, Fernando, mesmo distante sempre me incentivando.

Aos meus orientadores Prof. Dr. Khaled Omar Mohamad El Tassa, Prof. Dr. Gilmar de Carvalho Cruz, grata pela escuta, pela partilha de saberes, nos momentos mais difíceis durante esta pesquisa, e foram vários, para mim vocês representam a verdadeira essência do ser professor, de uma empatia imensurável, do nosso jeito sempre me senti segurando e segura nas mãos de vocês.

Gratidão Andriele Alves da Cruz, em seu nome agradeço a todas as minhas amigas e amigos que me acompanharam durante a pesquisa, por todos os incentivos na desconstrução e construção da realização. Andriele esteve no primeiro momento de abrir o notebook e começar a escrever as primeiras linhas desta pesquisa. Kaio Linhares atuou como atendente e mediador, gratidão por você ter atuado diretamente durante toda a parte prática da pesquisa, sei que sem a sua colaboração com certeza seria muito difícil a concretude da pesquisa da forma como ocorreu, nossas trocas de angústias, de mudanças de estratégias quando necessárias, nos momentos de alegrias e comemoração por poder presenciar as superações de nossas(os) estudantes e também as nossas. Hoje sei que você está exercendo a função de professor nesta mesma escola por merecimento, sei o quanto você é dedicado e capaz, sou grata pela partilha dos saberes.

Às professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, pelos importantes ensinamentos e valiosas contribuições que colaboraram para a realização desta pesquisa.

À banca, Professora Dr^a. Eliziane Manosso Streiechen, Professor Dr. Gilmar de Carvalho Cruz, Professor Dr. Emerson Luis Velozo, e Professora Dr^a Silvia Christina de

Oliveira Madrid, por aceitarem fazer parte da minha caminhada, pelos apontamentos. Vocês foram de extrema importância para a realização desta pesquisa, pela desconstrução e construção de conhecimento por mim conquistados.

À equipe da Direção da Escola Espaço e Vida, à Diretoria da APAE de Prudentópolis/PR, a Federação das APAEs do Paraná, também colegas de trabalho, gentilmente não mediram esforços e para que esta pesquisa pudesse ser concretizada.

À todas(os) estudantes que durante todos estes anos fizeram parte da minha construção de pessoa, principalmente de como ser professora e também não ser, continuam fazendo parte da minha história de vida, do meu aprendizado e do meu trabalho. Gratidão por terem me ensinado tanto.

Um agradecimento especial à cada estudante que fez parte desta pesquisa, que carinhosamente me incentivaram em acreditar no que observava, com vocês pude sistematizar e concretizar um novo olhar pedagógico para os conteúdos do componente curricular da Educação Física Escolar na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial – APAE. Às famílias que confiaram neste trabalho, mas principalmente confiaram na importância da participação de suas filhas e filhos, em nenhum momento me senti desconfortável mediando o processo da pesquisa, assim como procuramos também não deixar desconfortável cada estudante e familiares, nosso diálogo sempre foi muito claro e respeitoso e conduziu nossa caminhada.

Destaco dizendo que não sei o impacto que esta pesquisa terá nas vidas das pessoas com deficiência as quais considero, pessoas que estão em tempo e contexto da idade escolar, ou seja, estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial para que se efetive o processo de ensino e aprendizagem. Acredito profundamente que possa ser um começo de uma nova possibilidade de olhar, para quem se permitir enxergar a diversidade humana como a riqueza mais preciosa para a construção do ensino e aprendizado, afetivos e efetivos.

À todas(os) os(as) estudantes que durante todos estes anos fizeram parte da minha construção de pessoa, principalmente de como ser professora e também não ser, continuam fazendo parte da minha história de vida, do meu aprendizado e do meu trabalho. Gratidão por terem me ensinado tanto.

Enfim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente compartilharam seus conhecimentos e contribuíram para que essa pesquisa se concretizasse. A vocês meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O intuito dessa pesquisa é identificar e descrever as práticas corporais da Educação Física Escolar, as quais podem contribuir pedagogicamente para a autonomia e protagonismo corporal de estudantes com necessidades de suportes adaptativos especiais na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I. O público alvo desta são 31 estudantes com idades variadas entre 7 a 43 anos, com diagnóstico de deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde que demandam, do contexto escolar, práticas pedagógicas que possibilitem apoios contínuos e/ou pervasivos. Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar como ocorre o processo da efetivação de práticas corporais que possibilitam aquisição de autonomia e protagonismo do movimento corporal durante as aulas de Educação Física Escolar de estudantes que tem necessidade de Suporte Adaptativo Especial¹. Como objetivos específicos, apontam-se apresentar práticas pedagógicas que possibilitem aquisição dos domínios prático/motor, conceitual/cognitivo e social/afetivo; verificar a efetivação das práticas pedagógicas desenvolvidas na pesquisa para estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial; identificar as estratégias de mediação das práticas corporais no contexto da pesquisa, nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I, na APAE do Município de Prudentópolis/PR, Núcleo Regional de Educação e Conselho Regional das APAEs de Irati/PR. Para atingir tais objetivos, a metodologia caracteriza-se como pesquisa exploratória (Moreira; Caleffe, 2006), no contexto da pesquisa-ação (Barbier, 2002) e a análise dos dados é feito a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). Além disso, parte-se da análise de documentos oficiais (ONU, 2006; Brasil, 2008; Paraná, 2014; Paraná, 2018) de modo a compreender o contexto da Educação Especial na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, no Estado do Paraná. Como referencial teórico, aponta-se a Teoria da Complexidade de Morin (2005), associado ao contexto da escola especializada, enfatizando a diversidade humana como enriquecedora do processo de ensino e aprendizagem, Currículo Cultural (Neira 2011, Neira e Nunes, 2022) como caminho para a valorização desta diversidade, de modo a possibilitar uma Educação Física centrada na pessoa. A pesquisa apresenta resultados promissores sobre o trabalho com as práticas corporais nas aulas de Educação Física na perspectiva do Currículo Cultural, indicando que este possibilita aquisição de autonomia e protagonismo do movimento corporal de estudantes com necessidade de Suporte Adaptativo Especial. Foi possível proporcionar práticas pedagógicas que possibilitaram aquisição dos domínios prático/motor, conceitual/cognitivo, social/afetivo, bem como observar a efetivação das práticas pedagógicas desenvolvidas e as estratégias de mediação possíveis das práticas corporais para estudantes com necessidade de Suporte Adaptativo Especial, na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Escola de Educação Básica; Modalidade Educação Especial – APAE; Currículo Cultural; Estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial.

¹ Suporte Adaptativo Especial, terminologia utilizada por nós durante a pesquisa no sentido de que cada estudante necessita de suporte para aprender, no caso específico do público alvo da pesquisa, necessita ir além do convencional, esse suporte é especial por ser único e individual, possibilita retirar a culpabilização da(o) estudante pela não realização devido a deficiência, mas falta de suporte adequado que impossibilita a realização dentro da sua diversidade e característica própria de habilidade e necessidade, que não consegue realizar determinada tarefa

ABSTRACT

The aim of this research is to identify and describe the body practices of school Physical Education, which can contribute pedagogically to the autonomy and the body protagonism of students with special adaptive support needs in the Elementary School, in the Special Education Modality - Association of Parents and Friends of the Exceptional (*Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais* – APAE), in the stages of Elementary Education - initial years; and Youth and Adult Education - phase I. The target audience is 31 students aged between 7 and 43 years old, diagnosed with intellectual disability, whether or not associated with other disabilities or disorders, with significant deficits, both in intellectual functioning and in social and health relationships, who demand pedagogical practices from the school context that enable continuous and/or pervasive support. The general objective of this research is to analyze how the process of implementing body practices that enable the acquisition of autonomy and protagonism of body movement occurs during school physical education classes for students who need special adaptive support². The specific objectives are to present pedagogical practices that enable the acquisition of the practical/motor, conceptual/cognitive and social/affective domains; to verify the effectiveness of the pedagogical practices developed in the research for students in need of special adaptive support; to identify the mediation strategies of body practices in the context of the research, in the stages of Elementary School - initial years and Youth and Adult Education - phase I, in the APAE located in the Municipality of Prudentópolis, in the State of Paraná, linked to the Regional Education Center and Regional Council of the APAEs of Irati, Paraná. To achieve these objectives, the methodology is characterized as exploratory research (Moreira; Caleffe, 2006), in the context of action research (Barbier, 2002) and data analysis is based on Content Analysis (Bardin, 2016). In addition, official documents were analyzed (UN, 2006; Brazil, 2008; Paraná, 2014; Paraná, 2018) in order to understand the context of Special Education in the Elementary School, Special Education Modality - APAE, in the State of Paraná. As a theoretical reference, Morin's Complexity Theory (2005) is pointed out, associated with the context of the specialized school, emphasizing human diversity as enriching the teaching and learning process, Cultural Curriculum (Neira 2011; Neira; Nunes, 2022) as a way to value this diversity, in order to enable a person-centered Physical Education. The research shows promising results in terms of working with body practices in Physical Education classes from the perspective of the Cultural Curriculum, indicating that this enables students with special adaptive support needs to acquire autonomy and take a leading role in body movement situations. It was possible to provide pedagogical practices that enabled the acquisition of the practical/motor, conceptual/cognitive, social/affective domains, as well as to observe the effectiveness of the pedagogical practices developed and the possible mediation strategies of body practices for students in need of Special Adaptive Support, at the Basic Education School, Special Education Modality - APAE.

Keywords: School Physical Education; Elementary School; Special Education Modality - APAE; Cultural Curriculum; Students in need of special adaptive support.

² Special Adaptive Support is the terminology used by us during the research meaning that each student needs support to learn. Specifically with the target audience of the research, it needs to go beyond the conventional, this support is special because it is unique and individual, it makes it possible to retreat the blame from the student for not performing something due to disability. It is, actually, the lack of adequate support that makes it impossible for them to perform a certain task within its diversity and its own characteristics of ability and need.

LISTA DE ORGANOGRAMAS

ORGANOGRAMA 1 - Representação da Educação Infantil Paraná.....	33
ORGANOGRAMA 2 - Ensino Fundamental na Escola da APAE.....	34
ORGANOGRAMA 3 - Reorganização da Educação de Jovens e Adultos (EJA).....	35

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Músicas Utilizadas.....	105
TABELA 2 – Vídeos Utilizados.....	106

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1 - Conteúdos ofertados na Escola da APAE sob as orientações do parecer 04/2014
35
- QUADRO 2 – Aprender competências para a saúde e educação física **Erro! Indicador não definido.**3
- QUADRO 3 – Informações de habilidades do público alvo da pesquisa.84
- QUADRO 4- Informações de necessidade de suporte adaptativo especial do público-alvo da pesquisa.864
- QUADRO 5 – Categorização das turmas e calendário das aulas.91
- QUADRO 6 – Objetivos das aulas 1 e 2, realizar o mapeamento a partir dos conteúdos da disciplina de Ed. Física.95
- QUADRO 7 – Mapeamento: indicações de Suportes Adaptativos Especiais para cada estudante. **Erro! Indicador não definido.**
- QUADRO 8 – Articulação entre o real e as possibilidades a partir do mapeamento.988
- QUADRO 9 – Identificação dos conteúdos e objetivos – planos de aula103
- QUADRO 10 – Encaminhamento metodológico para todas as aulas em qualquer ambiente físico.1066

LISTA DE SIGLAS

ABA	Applied Behavior Analysis (Análise Aplicada do Comportamento)
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBI	Child Behavior Institute (Instituto voltado à Análise do Comportamento de Crianças)
CEE/BICAMERAL	Conselho Estadual de Educação/ composto por duas Câmaras ou Casas Legislativas
CEIF	Câmara da Educação Infantil e do Ensino Fundamental
CEMEP	Centro Municipal de Ensino Profissionalizante
CORDE	Coordenadoria Nacional para integração da pessoa portadora de deficiência
CNV	Comunicação Não Violenta
DEEIP	Departamento de Educação Especial e Inclusão do Paraná
DSM	Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais)
DUA	Desenho Universal para a Aprendizagem
EF	Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EQ	Escuta Qualificada
FEAPAESPR	Federações das APAES do Estado do Paraná
FENAPAES	Federação Nacional das APAES
FOCUS	Grupo de Pesquisa e Formação Profissional em Contextos Educacionais Inclusivos
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
JR	Justiça Restaurativa
PAI	Plano de Atendimento Individualizado
PCR	Práticas Circulares Restaurativas
PPP	Projeto Político Pedagógico
PSS	Processo Seletivo Simplificado
PTD	Plano de Trabalho Docente
QI	Quociente de Inteligência

RJ	Rio de Janeiro
SEED	Secretaria de Educação a Distância
SEESP	Secretaria de Educação Especial
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNIFACER	Centro Universitário Araucária

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA	16
INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO ESPECIAL NA ESCOLA ESPECIALIZADA – APAE	30
1.1 Caminhos percorridos pela APAE no Paraná.....	30
1.2 Estudantes da Educação Especial na escola especializada – APAE	38
CAPÍTULO II – DIÁLOGOS CONVERGENTES ENTRE PRÁTICA E REFERENCIAL TEÓRICO	42
2.1 Diversidade humana: a riqueza no processo ensino e aprendizado	42
2.2 Possibilidades de uma Educação Física centrada na pessoa	48
2.3 Pensamento Complexo em perspectiva da Educação Especial na escola especializada	60
CAPÍTULO III – ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS	68
3.1 Caracterização da pesquisa	68
3.2 Contexto da pesquisa	72
3.3 Instrumentos e especificidades da pesquisa	75
3.4 Sequência do processo e participantes	90
CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	93
4.1 Mapeamento e visualização do processo e possibilidades da efetivação das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar na Educação Especial na escola especializada – APAE	93
4.2 Efetivação da autonomia e protagonismo do ensino e aprendizagem nos domínios conceitual/cognitivo, social/afetivo e prático/motor	107
4.2.1 Aula 1 – mapeamento SEFA/todas as turmas – ginástica geral e dança criativa.	109
4.2.2 Aula 2 - mapeamento QP/todas as turmas - ginástica geral e dança criativa	111
4.2.3 Aulas 3, 4 e 5 – SEFA – bocha adaptada – todas as turmas	115
4.2.4 Aulas 6, 7, 8 e 9 – vôlei / brincadeiras e jogos de matrizes indígenas	116
4.2.5 Aulas 10, 11, 12, 13 e 14 – tênis de mesa / dança de matrizes africanas	119
4.3 Mediação das práticas corporais para estudantes da Educação Especial na escola especializada – APAE	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	133
ANEXO A – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE	142
Erro! Indicador não definido. B – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE	144

ANEXO C – SOLICITAÇÃO PARA A ESCOLA ESPAÇO E VIDA	146
ANEXO D – AUTORIZAÇÃO DA DIRETORIA DA APAE	147
ANEXO E – AUTORIZAÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS APAES148	148
ANEXO F – SOLICITAÇÃO PARA A ESCOLA PLATAFORMA BRASIL COMITÊ DE ÉTICA	149
APÊNDICE A - DESCRIÇÃO DAS AULAS	153

APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA

Esta pesquisa tem como ponto de partida autorreflexões, encantamentos, superações individuais e coletivas, como também não se pode deixar de falar das incertezas e desencantos que acontecem na vida de qualquer professora ou professor que é comprometido com a educação de qualidade. A vida escolar é uma rede tecida por diversas pessoas, por complexas situações e contextos que envolvem razão, emoções, sentimentos e concretude das ações, os quais não podem ser negados haja visto que estão imersos em ambas as esferas, pessoais e profissionais, dado o estabelecimento de conexões diárias das realidades e dos processos afetivos que refletem nas ações e reações que ressoam de tais esferas.

Confesso que é um misto de sentimentos em estar nessa posição de autorreflexão e autocrítica, como também na salvaguarda de pesquisadora nesta escola que me acolheu e me apresentou pessoas tão significativas para a minha vida de mulher, mãe, avó, professora, ser social, espiritual, cultural e político, que tenta paulatinamente ser melhor para si e para quem de mim precisa e de quem eu também preciso.

Nesta realidade, preciso ser compassiva com as minhas próprias habilidades e necessidades, concomitantemente às habilidades e necessidades de quem me ajuda a caminhar e aqueles que nem sempre puderam se fazer presentes neste percurso. Caminho este que me ressignificou, desnudando adjetivos que existem em mim, tais como vulnerável, cuidadosa, amorosa, remissiva, persistente e não romantizadora da realidade, são qualidades que considero essenciais para não estigmatizar as pessoas que estão junto comigo na jornada do ensino e aprendizado, principalmente das(o) estudantes. Mas confesso que nem sempre é fácil conseguir ser assim diante de tantos desafios impostos no dia a dia.

Neste sentido, considero muito pertinente e necessário para esta comunidade o presente trabalho, ainda que em paralelo me seja subtraída a presença de pessoas que são muito significativas para mim, e principalmente a presença do meu filho Rodolfo que desencarnou no processo final desta pesquisa. Ele sempre foi o maior incentivador deste trabalho, só eu sei o quanto é profundamente doloroso continuar acreditando que vale a pena e não perder a esperança no que continuo acreditar.

Desta forma, sinto-me confortável em dizer que dentro de cada pessoa existe um 'eu' verdadeiro que é bom, sábio e poderoso conectado com o mundo, e que, a partir do momento em que se vê em contato com os ambientes, sente medo, raiva, tristeza, alegria e desassossego... cá está o meu 'eu' sentindo tudo isso e também utilizando-se de estratégias e suportes para o ver, sentir, compreender o refazer a partir do que meus olhos observam e o coração diz em no

dia a dia do ambiente escolar. Acolho-me nestas estratégias para organizar e falar do processo da pesquisa em que o meu 'eu' se compromete em compreender que toda pessoa tem habilidades e necessidades distintas quando imersa na sua maneira de realização, estendendo-se, inclusive, aos leitores deste trabalho, que concordarão ou não com o exposto, mas de qualquer forma estará tudo bem comigo, este é o posicionamento a partir do olhar da outra pessoa que também precisa ser acolhido sem julgamentos.

As observações e ações pedagógicas práticas, inquietações de vivências e convivências estiveram e estão presentes na minha caminhada de 22 (vinte e dois) anos como professora de Educação Física Escolar na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos – fase I, e 7(sete) anos como professora regente responsável pela alfabetização na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais.

Sempre procurei junto aos estudantes³, por práticas pedagógicas que contemple a diversidade humana de maneira colaborativa e coletiva que envolva também as famílias e parcerias de trabalho em todo contexto escolar. Busco cuidadosamente por mediações de que possibilitem oferecer equidade, que proporcionem condições de valorização das habilidades e superação das necessidades⁴ a partir do que observo diariamente nas ações e reações de cada estudante, por meio das emoções, sentimentos, expressão corporal, através de cada tarefa realizadas ou não, através dos domínios: conceitual/cognitivo, social/afetivo e prático/motor.

Não nego a necessidade do diagnóstico da deficiência, ele é importante para que o sistema cumpra e proteja os direitos da pessoa com deficiência, dentre eles a escolha de ser matriculado na escola do Ensino Regular ou na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I.

Penso que antes da criança (pessoa) ser diagnosticada e pertencer a um contexto, existe uma leitura de ser pessoa humana em tempo e espaço diferentes, assim como eu. Sou passiva de fazer ou não determinada tarefa, de erros e acertos, ter habilidade ou não em determinada tarefa, mas é necessário que 'eu' enquanto professora tenha a habilidade de enxergar cada estudante como alguém igual a mim, porém em diferentes perspectivas de saberes, tempo,

³ Refiro-me a pessoas de idades diferentes (crianças, adolescentes, jovens, adultas e idosas) com necessidade de suportes adaptativos especiais.

⁴ Opto por usar os termos: necessidade e não dificuldade, por compreender que a dificuldade toda pessoa tem em determinados contextos, e a necessidade surge a partir do que o ambiente não proporcionou, isto é, o suporte adaptativo especial necessário para que a pessoa seja contemplada em sua diversidade humana, o que o ambiente deixou de acolher em sua especificidade.

condições de compreender e realizar as tarefas do dia a dia no ambiente escolar e fora dele, e está tudo bem ser diferente em nossa igualdade de humanidade.

Quando me refiro a cumprir direitos, não significa que seja oferecido a mesma coisa para todas as pessoas. Em determinadas situações, igualdade no todo nem sempre atende as necessidades específicas da pessoa. Igualdade de direito significa que vou proporcionar condições para que todas as pessoas sejam contempladas em sua plenitude de habilidades e também necessidades.

O proporcionar um, ou mais, suporte adaptativo especial, para que seja efetivado o seu direito de aprender a compreender e sentir ser pertencente em sua diversidade humana, em todos os contextos no mesmo ambiente. Sem a pessoa ter que se adaptar, mas que os ambientes, os cenários de ensino e aprendizados sejam oferecidos adequadamente, que os conteúdos sejam os mesmos, mas que as tarefas e os materiais pedagógicos sejam coerentes com a condição de ser realizável para todas as pessoas, que sejam direcionadas para abraçar as habilidades, abraçar e superar as necessidades por meio dos suportes adaptativos especiais recebidos.

O poder e o não poder fazer estão relacionados com o proporcionar condições de mediação da mesma atividade individual, coletiva, criativa, lúdica e colaborativa, que vislumbre o despertar e o engajar de cada estudante a querer estar no ambiente, participar, criar e resolver situações da vida diária no ambiente escolar, consequentemente criará possibilidades de ser transferível para a sua vida diária em outros ambientes e contextos.

Valorizo práticas corporais que possibilitem o autoconhecimento, a autonomia e que estudante seja protagonista da aquisição do reconhecimento do seu próprio corpo e do corpo da outra pessoa, que permita perceber que, a partir do seu querer, consegue realizar os seus desejos da vida diária de imediato, a médio e longo prazo. Além disso, que proporcione a estes que descubram a alegria, a satisfação de estar e ser pertencente, sem a preocupação do certo ou errado, mas sim que a pessoa tenha a oportunidade de realizar sua tarefa da maneira que ela consegue, escola é lugar de aprender e para aprender nem sempre acertamos, é lugar de também aprender com os desacertos. É lugar de oportunidade de compreender que pessoas são diferentes, corpos são diferentes, o aprender acontece também de maneiras diferentes, e que são os ambientes que precisam estar preparados para acolher a diversidade humana em suas habilidades e necessidades para que o ensino e aprendizado se efetive.

Os 17 (dezessete) anos trabalhados com estudantes nesta mesma escola em que se realizou a presente pesquisa, trouxeram-me pessoas que me fazem compreender melhor as minhas habilidades, as minhas necessidades, as minhas vulnerabilidades. Acredito que seja

justamente por isso que não me sinto confortável em qualificá-las por pessoas com deficiência. Deficiência ecoa para o meu 'eu' como negação das nossas trocas, nossos erros e aprendizados, de vivências e convivências do dia a dia, é anular a nossa essência de ensino, aprendizado, conhecimento e crescimento que adquirimos nas trocas de saberes.

Há pessoas que precisam aprender a aprender, segurar um copo d'água para poder suprir uma de suas necessidades básicas que é hidratar, transportar nutrientes até as células, que elimina as toxinas do próprio corpo, isso não se aplica somente a pessoa com necessidade de suporte físico. Existem pessoas que precisam de um processo pedagógico mais elaborado e potente, que possibilite compreender a realização das partes que possibilitam que se chegue ao todo da tarefa, que é fase de suprir a necessidade, que é saciar a sua própria sede tomado água.

O compreender todo o processo para a efetivação da ação está relacionado à forma da leitura conceitual para a elaboração de todo dinamismo de perceber que seu corpo está precisando de água, encontrar um copo, ir até a torneira, abrí-la, esperar encher o copo, fechar a torneira, levar até a boca e tomar a água, isto pode ser extremamente complexo para algumas pessoas. Este é um processo de ensino e aprendizado para suprir uma necessidade de extrema importância para a vida, que precisa ser pedagógico, e faz parte de todo o Componente Curricular, em todos os ambientes e faixa etária da vida.

Para a maioria das pessoas, o processo de tomar água sequer chama a atenção, chegando a se tornar algo imperceptível. No entanto, para outras, existe a necessidade de aprender a se perceber corporalmente para realizar este feito de maneira pedagógica.

O simples fato de apanhar o copo, segurá-lo, ir até a torneira, abrir a torneira, perceber o quanto do copo está cheio, levá-lo até a boca e tomar, para algumas pessoas é muito mais complexo e necessário do que compreender que o alfabeto possui vinte e seis letras. Compreender as habilidades e necessidades da pessoa, significa proporcionar a efetivação de estratégias concretas para que o ensino e aprendizado aconteça de forma afetiva e efetiva de imediato, médio e longo prazo e para todos os contextos da vida da pessoa.

Partindo do princípio de que todas as pessoas possuem habilidades e necessidades diferentes, sinto-me confortável em retirar a condição de culpabilização de que estudante com diagnóstico de não aprender de maneira pré-estabelecida, para a reflexão de como a maneira está sendo oferecida, para quem e o que se pretende. Convoco-me a enxergar as condições em que eu estou oferecendo a mediação, os ambientes, as atividades, os suportes, a comunicação, para que o processo ocorra de maneira colaborativa.

Acredito que não é o 'diagnóstico, o carimbo médico' que define ou é o impeditivo de quem a pessoa é ou pode fazer, mas a forma como 'eu' me vejo e vejo a outra pessoa, a maneira

como ‘eu’ me coloco à disposição para que juntas possamos nos encontrar presentes nas melhores estratégias de suportes adaptativos especiais para aprendermos com as nossas habilidades e necessidades de forma colaborativa.

Sair da cultura na qual só a outra pessoa tem deficiência, em que só ela precisa se adaptar à condição pré-estabelecida de certo ou errado e compreender que a condição é nossa, nós precisamos nos ver, compreender e ser compreendidas como pessoas uma para a outra, uma depende da outra para coexistir. Caso isso não ocorra “eu” no meu lugar de pessoa especialista estou sendo deficiente na maneira de compreender a outra pessoa.

Acredito que esta síntese da minha caminhada poderá contribuir para o entendimento de determinadas reflexões e posicionamentos da professora e pesquisadora, o que faz ressaltar a importância das experiências práticas neste contexto escolar, como papel fundamental na escolha da temática da pesquisa.

Em 2000, ainda na graduação em Educação Física pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, em visita pedagógica na APAE de Irati/PR, ao sair, levei o desejo de atuar como professora neste espaço escolar, o desejo se concretizou em 2001 através de estágio supervisionado na mesma instituição.

De 2004 a 2005, cursei Especialização em Educação Especial na Universidade Estadual de Ponta Grossa, neste período eu também trabalhava na APAE de Ortigueira/PR. Em 2006, volto a atuar na APAE do município de Prudentópolis/PR, local da realização desta pesquisa, via Estado por Processo Seletivo Simplificado-PSS. Já em 2007, ao assumir o concurso do município, também fui cedida para atuar com projeto de dança, 4 horas semanais e eventualmente algumas aulas de Educação Física via (PSS), até o ano de 2011.

A permanência na escola se efetivou em fevereiro de 2012, ao assumir os concursos do Estado, 20h na disciplina Educação Física e 20h de Educação Especial, atuando 40h, divididas em aulas na disciplina de Educação Física e o projeto de dança que já existia desde 2007, até o ano de 2016. Em 2016, por questões organizacionais do Estado, passei então a atuar 20h na Educação Física e 20h como professora regente alfabetizadora na mesma escola.

À medida que a imersão na nova função foi acontecendo, novas reflexões e inquietações foram se intensificando. Também emergiram conflitos frente à consciência da necessidade da procura por novas possibilidades para compreensão e aceitação do novo processo como professora alfabetizadora da Educação Especial.

A busca por novos conhecimentos já vinha se efetivando, pois antes do ano de 2016, já existia a aproximação com o Grupo de Pesquisa e Formação Profissional em Contextos Educacionais Inclusivos (FOCUS) da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná –

UNICENTRO. Nessa participação, o processo de escuta ativa para determinadas reflexões junto ao grupo permitiu ver novas possibilidades de conexão com a individualidade e totalidade do coletivo resultando novas possibilidades de práticas corporais nas aulas de Educação Física e na função de professora regente de turma.

Confesso que a dificuldade em aceitar ficar entre quatro paredes para ensinar cada estudante a ler e a escrever foi doloroso, pois não via sentido no que fazia, não aceitava, porque não me sentia preparada, não era a minha área de formação e nunca foi de atuação.

Logo, o processo de me permitir realizar os autoquestionamentos sobre o desconforto gerado pela situação conflituosa profissional, a qual já tinha afetado também a minha vida pessoal, trouxe a necessidade de entender e superar a situação de desconforto provocada pela nova realidade de professora alfabetizadora. A curiosidade me trouxe os quatro pilares da Educação do Futuro que eram definidas por Jacques Delors (1999) como: Aprender a Conhecer; Aprender a Fazer; Aprender a Conviver; e Aprender a Ser.

A curiosidade foi imediata, e o contato com os livros de Edgar Morin, ‘Os sete saberes necessários à Educação do Futuro (2000) e Introdução ao Pensamento Complexo (2005), foram apaixonantes, os quais também me impulsionaram a novos encantamentos e a busca por outros pensamentos e caminhos fora do ambiente escolar para compreender o momento real vivenciado.

Morin (2000; 2005)⁵ foi o início de mudança das perspectivas, de trocar as lentes para enxergar o real de mim e para mim e depois ser para cada estudante. As formações anteriormente citadas me levaram a ver e compreender as particularidades da individualidade e a unidade do coletivo, o que permitiu fortalecer as conexões entre todo o processo de ensino e aprendizagem (mapeamento, planejamento, plano de aula, as estratégias e suporte adaptativo especial, no coletivo em perspectiva individualizada).

Cada ponto que surge é entendido como novos elos que se conectam, o despertar para a continuidade de novos e primeiros pontos que começaram a ser delineados desde o primeiro dia em que entrei nesta escola. Todas estas conexões me trouxeram ao objeto da presente pesquisa, que é analisar como ocorre o processo da efetivação de práticas corporais nas aulas de Educação Física na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial – APAE.

⁵ As Obras de Edgar Morin (2000; 2005) permitem compreender e enfrentar as incertezas que ocorrem no dia a dia escolar e também da pessoa social, assimilando os casos imprevistos da vida cotidiana. Possibilita refletir e entender que o todo da vida é construído por pequenas partes, sendo que essa fusão entre as partes e o todo o que faz a nossa existência, resiliência e persistência ter e dar significados ao significante a partir de pequenos atos do dia a dia.

Etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos-Fase-I, para estudantes com diagnóstico de deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde que demandam do contexto escolar práticas pedagógicas que possibilitem apoios contínuos e/ou pervasivos.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem início a partir de reflexões e argumentos da construção do pensamento complexo, o Currículo Cultural da Educação Física Escolar, suas conexões e a compreensão do contexto da Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE. Desta forma, o texto é estruturado de maneira que permita perceber as urgências que o cotidiano desta escola requer, trazendo um horizonte de dentro para fora, mas que tem possibilidade ao mesmo tempo de ir além, das questões dos Componentes Curriculares somente da Educação Física Escolar.

A temática desta pesquisa, que é a efetivação do processo das práticas corporais nas aulas de Educação Física, emergiu ao questionar o seguinte problema: quais são as práticas corporais da Educação Física escolar que podem contribuir pedagogicamente para a autonomia e protagonismo da prática corporal de estudantes com necessidades de Suporte Adaptativo Especial nas escolas do contexto da pesquisa? Acreditamos que este problema é caro para docentes de Educação Física, pois não foi e não é tratado com a devida importância que este Componente Curricular proporciona neste ambiente escolar, quando a resposta reporta a educação para todas as pessoas, percebe-se uma lacuna entre o falar e o agir.

É sabido que a prática não vive sem a teoria e vice-versa, mas muitas vezes é necessário ponderar sobre a viabilidade de determinadas teorias, já que estas se tornam um tanto distantes e inaplicáveis perante a determinados cenários. No caso específico da Educação Física Escolar para o público-alvo: estudantes com diagnóstico de deficiência intelectual, associado ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde que demanda do contexto escolar práticas pedagógicas que possibilitem apoios e/ou pervasivos. Partindo de que as aulas de Educação Física Escolar ainda são respaldadas nos princípios de corpos hábeis e competitivos, torna-se bastante controversos a compreensão de práticas pedagógicas para este público de estudantes alvo da pesquisa.

Além disso, é visível que a temática não é discutida nas formações pedagógicas internas, tampouco nos debates e cenários acadêmicos, e, quando existe, é voltada ao ensino regular, e também ao esporte e competições, perpetuando, assim, o modelo de valorização do estudante com mais habilidade motora. Partindo do princípio que a base temática do componente curricular faz parte do conteúdo de linguagem, com base em Bueno *et al.* (2018), disposta nas orientações do caderno 4, Referências pedagógicas para as escolas especializadas do Estado do Paraná - RPEEP (Paraná, 2018b) para as escolas na Modalidade de Educação

Especial, que tem como base a cópia do Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações – Educação Infantil e componentes curriculares do Ensino Fundamental - RCP (Paraná, 2018a).

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar como ocorre o processo da efetivação de práticas corporais que possibilitam aquisição de autonomia e protagonismo do movimento corporal durante as aulas de Educação Física Escolar de estudantes que tem necessidade de Suporte Adaptativo Especial, Como objetivos específicos, apontam-se apresentar práticas pedagógicas que possibilitem aquisição dos domínios prático/motor, conceitual/cognitivo e social/afetivo; verificar a efetivação das práticas pedagógicas desenvolvidas na pesquisa para estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial; identificar as estratégias de mediação das práticas corporais no contexto da pesquisa, nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I,

Assim, a proposta é composta por 56 (cinquenta e seis) aulas de 50 minutos, divididas em 4 turmas em um total de 14 aulas por turma. As atividades propõem conteúdos do RCRPDO (2018) – Brincadeiras e Jogos, Danças e Esportes. Tendo como princípio norteador, além do referencial teórico, as autorreflexões de anos de experiência da prática pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar, com estudantes nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I, na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, do Município de Prudentópolis/PR, Núcleo Regional de Educação e Conselho Regional das APAEs de Irati/PR.

As interseções entre prática e reflexões se sustentam na base filosófica do pensamento complexo de Edgar Morin (2000; 2005), no Currículo Cultural de Neira (2011) que instigam e possibilitam questionar não só o ambiente escolar, mas também as próprias ações da prática do dia a dia, as mais simples, assim como as mais complexas, suas conexões com os demais contextos que se fazem presentes até o momento que viabiliza a realização da prática corporal. Com suporte para compreensão de todo o processo e suas interconexões em Rosenberg (2006) que nos convoca a compreender que toda pessoa precisa sentir-se pertencente ao espaço para que possa se acolher e acolher a outra pessoa em sua plenitude.

A maneira como a professora e pesquisadora recebe, compreende, internaliza e repassa os conteúdos, mas também às possibilidades que enxerga a forma com que cada estudantes podem se apropriar do próprio conhecimento para compreender o conteúdo a partir da sua própria condição, deve ser característica primordial da organização das escolas trabalhar com os Componentes Curriculares, levando em consideração que a vida é feita de conhecimentos ampliados em conexão com a diversidade de singularidades da vida escolar que cada estudante

traz consigo, fazendo com que cada estudante compartilhe seus saberes e tenha maiores possibilidades e capacidade de engajamento, bem como de correlacionar o aprendido com a realidade do seu dia a dia.

Acreditamos que a Educação Física Escolar transmite conhecimento prático e teórico, componentes relevantes para fortalecer a formação com foco na diversidade humana, centrada na pessoa a partir da vivência e convivências do cotidiano, como fator de construção de conhecimento e saberes diversos a partir das pessoas que coabitam a realidade dos espaços e contextos de possibilidades de escuta, mantendo a comunicação com e sobre a prática, o que é fundamental para que se afirme a validade ou não com a teoria.

O prático e teórico são contextos diferentes que fazem a luta diária, defendem a mesma causa, mas que precisam criar conexões, estreitar e fortalecer vínculos, e não criar e fortalecer lacunas e tensões. “É preciso substituir um pensamento que separa e isola por um pensamento que distingue e une” (Morin, 2001, p. 89). Na perspectiva de incentivar o diálogo entre práticas e teoria, o trabalho é dinamizado em reflexões e práticas entre a conexão com Teoria da Complexidade e o Currículo Cultural, que tem em sua proposta de trabalho colaborativo a solidariedade na valorização da diversidade humana, com olhar para os contextos internos e externos que influenciam as ações, condições do dia a dia que possibilitam ver e valorizar todo o processo para efetivação da aula prática da Educação Física Escolar pautada nas metodologias que visem o acolhimento das habilidades e necessidades individuais e coletivas como possibilidade de aquisição de autonomia e protagonismo do movimento corporal.

Segundo Morin (2005), a noção de autonomia humana é complexa, uma vez que está intrinsecamente ligada a condições culturais e sociais. Para sermos verdadeiramente nós mesmos, é necessário que aprendamos uma linguagem, uma cultura e um conjunto de conhecimentos. Além disso é fundamental que a cultura seja múltipla, permitindo a escolha entre propostas já existentes e de maneira autônoma. Portanto, a autonomia se alimenta de dependência; dependemos de uma educação, de uma linguagem e de uma cultura para redefinir constantemente a nossa própria autonomia. Já a definição de protagonismos humano não pode ser entendido isoladamente, mas sim como parte de uma rede complexa de interações sociais, culturais e ecológicas. O mesmo autor destaca a importância de compreender o ser humano dentro de um contexto sistêmico, onde a capacidade de agir e influenciar o mundo está interligada com o ambiente e as relações que estabelecemos.

Nestes pressupostos, o conceito de autonomia e protagonismo para estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial intrinsecamente pode não ter o mesmo significado, porém é possível que ele seja capaz de expressar ações próprias por meio das práticas a partir

do que foi aprendido. Diante a esta compreensão, destacaremos como autonomia e protagonismo toda e quaisquer manifestações de criação, recriação, concordância ou discordância durante as propostas das atividades e práticas corporais com ou sem Suporte Adaptativo Especial durante a pesquisa, pois acreditamos que a partir desta autonomia e protagonismo durante a pesquisa sejam transferidos para outras tarefas do dia a dia.

As reflexões sobre cada objetivo de cada aula, as diversidades de condições presentes nas turmas como, idades, comunicação, mobilidade, comportamento e cognitiva, permitem que haja uma previsibilidade, porém, para que as adequações aconteçam no momento da prática de cada proposta, isto é, no momento em que são oferecidas as atividades, podendo ser efetivadas de maneira coletiva com foco na individualidade. Acredita-se que tal articulação permite a conexão com as habilidades e necessidades específicas, como também a valorização do tempo, espaço e forma com que cada estudante consiga realizar.

Morin (2005) considera que somos seres físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, que se constroem no percurso de sua existência, que também busca e se transforma nas relações e crescimentos em conjunto.

Por ser com estudantes de diferentes idades na mesma turma, temporalidades, habilidades e necessidade de Suporte Adaptativo Especial, a perspectiva do Currículo Cultural, neste contexto escolar da pesquisa, possibilita vislumbrar estratégias com práticas pedagógicas que estabelecem princípios de que não são apenas os conteúdos que devem ser estabelecidos por ciclos e etapas de ensino, mas os objetivos que se pretende alcançar com tal conteúdo, perante habilidades e necessidades percebidas no momento do mapeamento.

O mapeamento de suporte é importante na escolha dos conteúdos para a elaboração do Plano de Trabalho Docente (PTD), de modo a alcançar determinadas práticas corporais. Após a elaboração do PTD, define-se através do plano de aula quais e como serão as práticas pedagógicas e atividades práticas para alcançar o movimento corporal de maneira coletiva com o foco na individualidade.

Plestch e Glat (2012) Destacam que não existe padrão pré-estabelecido ou uma única maneira de atender às necessidades educacionais de estudantes, porém existe a necessidade de desviar o foco da dificuldade de aprendizagem como um problema intrínseco da(o) estudante, para compreendê-la como fruto das interações sociais e pedagógicas estabelecidas em sala de aula.

O que é relevante neste trabalho são as formas que são estabelecidas e mediadas as tarefas para cada conteúdo, de cada atividade como possibilidades para as próximas aulas, a partir das ações observadas junto aos estudantes, como elas verdadeiramente acontecem, e não

como julgamentos de como foi aprendido ou deveria ser. Utilizando-se dos elementos dos conteúdos de: brincadeiras, ginásticas, danças e esportes como estratégias de suporte para alcançar os aspectos dos domínios: conceitual/cognitivo, social/afetivo e prático/motor, indiferentemente da idade e condição da turma. Diante do apresentado, Neira (2011, p. 52) considera, em relação à diversidade humana, que a educação deve ser construída como um espaço público que promova possibilidades, e como tal, deve permitir o respeito às identidades sociais democráticas.

O despertar para esta pesquisa, além da autorreflexão, também se deu através de convite para compreensão dos temas da Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla dos anos 2019, 2020, 2021 e 2022⁶. Juntamente com os temas também vieram as provocações que possibilitaram a reflexão sobre as práticas corporais e o papel dessa professora nesta escola, dos quais destacam-se duas questões: Como ocorre o processo de mediação e efetivação das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar para estudantes na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I?

A pesquisa se justifica pela urgência de discussões no caso específico sobre o Componente Curricular da Educação Física no ambiente escolar da referida pesquisa, sua contribuição no avanço prático e teórico, tanto nas questões do ensino e aprendizado nestas escolas, assim como em outros ambientes escolares que estão engajados em proporcionar formação educacional, mas também para ser e de ser pessoa de direito em todos aspectos e contextos sociais, principalmente das pessoas com necessidades de Suporte Adaptativo Especial para terem autonomia e serem protagonistas do próprio saber corporal.

Outro ponto pertinente encontrado durante a pesquisa é a escassez de referencial teórico sobre as práticas pedagógicas da Educação Física escolar neste espaço escolar da pesquisa: a modalidade da Educação Especial APAE. Destacam-se os estudos de Wszolek (2023) com a dissertação intitulada: “Práticas pedagógicas inclusivas na educação física: planejamento e desenvolvimento de intervenções numa APAE”; Hykavei Junior (2022) com a tese de doutorado: “A Educação Física escolar nas APAES paranaenses: diálogos, desafios e perspectivas”; e o artigo Cruz e Leminhka (2010) “Ambientes inclusivo e exclusivo no processo ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência mental em aulas de Educação Física”.

⁶2019, ‘Família e pessoa com deficiência, protagonistas na implementação de políticas públicas’; 2020 ‘Protagonismo Empodera e Concretiza a Inclusão Social’; 2021 ‘É tempo de transformar conhecimento em ação’; 2022 ‘Superar barreiras para garantir inclusão’.

Evidenciam-se que o Componente Curricular da Educação Física mesmo se fazendo presente há muito tempo neste ambiente, é quase inexistente no campo do debate e pesquisa.

É fundamental mencionar outro ponto muito importante que é o fato de que a Educação Física, neste espaço escolar da pesquisa, isto é, a Modalidade da Educação Especial APAE, ainda é vinculada aos mesmos vestígios da Educação Física do ensino regular. Hykavei Junior (2022) ressalta que, mesmo com a preocupação de antes em oferecer as melhores atividades práticas, para que não deixem ninguém sem participar das aulas práticas, é evidente a proximidade que a Educação Física Escolar convencional, realizada na escola comum, tem com a Educação Física na escola especializada. Ambas tentam enquadrar estudantes em um planejamento organizado de modo a homogeneizá-los. Já Wszolek (2023) evidencia a necessidade da construção do Plano de Ensino Coletivo, voltado às especificidades e demandas individuais, a fim de permitir o protagonismo para cada estudantes.

Desta maneira, a presente pesquisa traz argumentos de aproximação da Educação Física Escolar, nas contribuições práticas e teóricas, com o viés de proposta e discussão fundamentada na cultura corporal, com a perspectiva de possibilidades para autonomia e protagonismo de práticas corporais para estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial durante as aulas de Educação Física escolar Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE.

A concretude da pesquisa fundamenta-se no referencial teórico e práticas pedagógicas na perspectiva da cultura corporal. Neira (2011, 2014) destaca a valorização das identidades sociais, através do patrimônio cultural corporal, o contemplar das manifestações das origens das(os) estudantes, realidade dos locais onde serão realizadas as práticas corporais, formatos e significados distintos, tendo as relações sociais e culturais como importante contexto para o desenvolvimento humano.

Morin (2000; 2005) aponta para importância do trabalho educativo de forma transversal e transdisciplinar, a necessidade de compreender o processo da efetivação, a valorização do conhecimento por meio dos saberes que cada pessoa traz consigo, das relações e conexões como meio efetivo e afetivo com totalidade da realidade. São diversos os fatores, como a história de vida, que estão relacionados aos fenômenos culturais que contribuem para os domínios práticos/motores, conceituais/cognitivo, sociais/afetivos. Questões que não se separam no momento em que estudantes vão para a escola, elas não ficam em casa.

São diversos os contextos que transitam em todos os ambientes, pois não se separa da pessoa, segundo a AADD (2021) pessoas são constituídas de maneira multidimensional, portanto a existência dos domínios precisam estar interconectados e compreender que mudam

conforme a faixa etária, o que torna necessário dialogar entre as partes, que ocupam o todo em tempo e espaço diferentes em um único ambiente que é espaço escolar.

A comunicação, a fortalecimento de vínculo entre as relações intrapessoais e interpessoais durante o processo das práticas pedagógicas no dia a dia, da professora e pesquisadora com o referencial teórico, com estudantes e com o atendente, foram pautados em Rosenberg (2006), ressaltando a importância da Comunicação Não Violenta (CNV), que é uma forma de comunicação que leva à entrega de coração nos contextos das interações, nos lembra do que já sabemos, como devemos nos relacionar e ajudar as outras pessoas a avançar de maneira concreta por meio do conhecimento, e também nos conectando com as habilidades e necessidades de todas as pessoas.

O pensamento complexo de Edgar Morin (2000; 2005), sobre a educação, apresenta suporte para a aproximação entre a Educação Especial e o Componente Curricular da Educação Física na perspectiva do Currículo Cultural, que ressalta a cultura corporal de movimento para estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial.

A presente pesquisa está organizada em quatro capítulos. O primeiro aborda a Educação Especial na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I, abordando sobre seu histórico, delineando sua organização e funcionamento no estado do Paraná.

O segundo capítulo apresenta os diálogos que convergem entre os conceitos defendidos pelos autores Morin (2000 e 2005), Neira (2011), American Association on Intellectual and Developmental Disabilities SIS-A (2020) e SIS-C (2021), Associação Americana sobre Deficiências Intelectuais e de Desenvolvimento (2020; 2021), entre outros. O terceiro capítulo expõe as ponderações e os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, delimitando-a quanto a sua caracterização, campo, particularidades e participantes. Por fim, o quarto capítulo expõe a análise dos dados coletados e suas respectivas interpretações e fundamentações práticas e teóricas.

CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO ESPECIAL NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, MODALIDADE EDUCAÇÃO ESPECIAL – APAE

Este capítulo tem como objetivo apresentar a organização sobre o funcionamento da Escola de Educação Básica, na modalidade de Educação Especial na Escola Especializada, com oferta de Educação Infantil, Ensino Fundamental – anos iniciais, Educação de Jovens e Adultos – Fase I, a partir do início do ano letivo de 2011, conforme a Resolução nº 3.600/2011 (Paraná, 2011).

1.1 Caminhos percorridos pela APAE no Estado do Paraná

Com as mudanças e orientações internacionais na Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência (ONU, 2006), ficou reconhecido e assumido que a Educação das pessoas com necessidades de suportes adaptativos especiais deve passar por um ambiente inclusivo. No Artigo 24, parágrafo 2º diz que, para realizar o direito à Educação, os estados membros devem assegurar que:

- As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema regular de educação por motivos da sua deficiência e que as crianças com deficiência não são excluídas da educação básica obrigatória e gratuita, ou da educação secundária, por motivo da sua deficiência;
- As pessoas com deficiência possam ter acesso a uma educação primária e secundária inclusiva, de qualidade, numa base de igualdade com outras crianças da comunidade em que convivem (ONU, 2006, p. 11).

O Brasil (2008) reconhece a necessidade de acompanhar os avanços e as orientações internacionais, sendo que no decorrente ano se mobiliza a implantação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, com o objetivo de oferecer e assegurar

[...] a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. (Brasil, 2008, p. 14).

Com isso, as ações educacionais começam a se mobilizar e tomar forma organizada na maneira de ampliar e oferecer oportunidades efetivas ao acesso, permanência e aprendizado de estudantes com necessidades de suportes adaptativos especiais diversos.

O Paraná (2009) optou pela `inclusão responsável` que significa pensar não somente em adaptações de espaço físico e material pedagógico, mas oferecer ensino que garanta o aprendizado. Seria então pensar em efetivar uma Educação em ambiente e contextos que acolham de maneira respeitosa as habilidades e necessidades, de forma individualizada e coletiva.

Considera-se que existem tempos e formas diferentes de aprender para qualquer estudante, independentemente da escola que frequenta. Assim, é necessário pensar que existem estudantes que precisam de escolas especializadas, com tempo e conteúdos mais específicos que possibilitem aprendizado significativo às suas habilidades e necessidades, e que a escola do Ensino Regular não está preparada para oferecer.

Considerando que saberes e aprendizados se manifestam de diferentes maneiras, entendemos que não é a escola A ou B que define o êxito em aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Em vez disso, é essencial primeiro identificar quais são os Suportes Adaptativos Especiais necessários, a quem serão destinados, como serão oferecidos e quais objetivos serão realizados, tanto individuais quanto coletivamente. Esses elementos são textos e contextos que estão interconectados

[...] chegada a hora de admitirmos, sem nenhum constrangimento, que há deficientes para os quais a educação escolar, por mais inclusiva que possa ser, é absolutamente inviável. Esses deficientes, grave e muitas vezes multiplamente comprometidos, requerem assistência de outra natureza, que lhes assegure da melhor maneira possível as condições básicas de bem-estar físico, psicológico e social. (Omote, 2003, p. 164).

No pensamento do autor, é urgente repensar que nem todas as pessoas precisam aprender a mesma coisa, e da mesma maneira para sustentar que o ensino e aprendizado oferece em situação de igualdade, pois oferecer os mesmos conteúdos e o mesmo padrão de ensino não significa garantia de direito do aprender. Assim como a necessidade de compreender que para alguns estudantes é necessário uma escola diferente, mas que as metodologias e suportes também sejam diferentes e construídas de dentro deste espaço escolar.

Talvez precisemos aprender a ressignificar o significante do que é ensino e aprendizagem, a mediação, a efetivação dos conteúdos precisam ser significativas e úteis para a(o) estudante no momento que está aprendendo. Repensar que o não aprender também é uma forma de aprendizado, a pessoa aprendeu a não aprender, porque talvez não foi disponibilizado

suporte necessário de engajamento que potencializasse interesse e autonomia da descoberta de suas habilidades e a superação das necessidades.

A Educação Especial na escola especializada – APAE necessita estabelecer organização estruturada com estratégias flexíveis para cada etapa de ensino e aprendizado a partir de múltiplas habilidades, e também múltiplas necessidades de cada estudante. Ademais, deve possibilitar suporte que permita a participação individual e coletiva, que provoque curiosidade, questionamentos, engajamento, e que leve a descobertas de novos conhecimentos a partir do contexto da história de vida da(o) estudante,

além das adaptações institucionais e flexibilização das condições de oferta, atenção individualizada nas atividades escolares, apoio à autonomia e socialização, por meio de recursos específicos, suporte intensivo e continuado, bem como metodologias e adaptações significativas que a escola precisa ofertar, a fim de tornar-se efetivamente inclusiva (Paraná, 2014, p. 2).

Tais mudanças ficaram restritas ao debate de grupos específicos pautados em interesses dos distintos, deixando de valorizar os protagonismos de quem efetiva a concretude das práticas do cotidiano escolar, ou seja, do chão da escola, questões que poderiam ter acontecido de maneira coletiva com a participação efetiva de estudantes, professoras(es). Uma vez que a Declaração de Madri (2002) que traz a frase “Nada Sobre Pessoas com Deficiência, Sem as Pessoas com Deficiência”, e recentemente o lema é ainda mais direto em “Nada Sobre Nós, Sem Nós”, entende-se que este público está diretamente interconectado diariamente nas práticas.

Segundo Omote *et al.* (2005), em todo processo de transformação da escola, professoras(es) são ponto relevante, portanto, que precisam compreender as complexidades da Educação Especial, já que cada estudante é protagonista na efetivação do ensino e aprendizado, o papel do professor está em ouvir e entender as reais necessidades de cada aluno.

A transformação da escola implica em mudanças de vários aspectos, como edificação, mobiliário, recursos didático-pedagógicos, acervo de laboratórios e bibliotecas, currículo e principalmente a mentalidade de toda a comunidade escolar e das famílias de alunos. O meio social representado por diferentes segmentos se constitui em um dos fatores mais decisivos para a construção da educação inclusiva (Omote *et al.*, 2005, p. 1).

De acordo com a explicitação de Omote *et al.* (2005), observa-se que os autores já destacavam que a mudança também precisa começar pelas estruturas internas do dia a dia, das pessoas que estão na ponta, fazendo a mediação e a efetivação das práticas pedagógicas, que sustentam e favorecem a inclusão de cada estudante, é imprescindível que sejam oferecidos

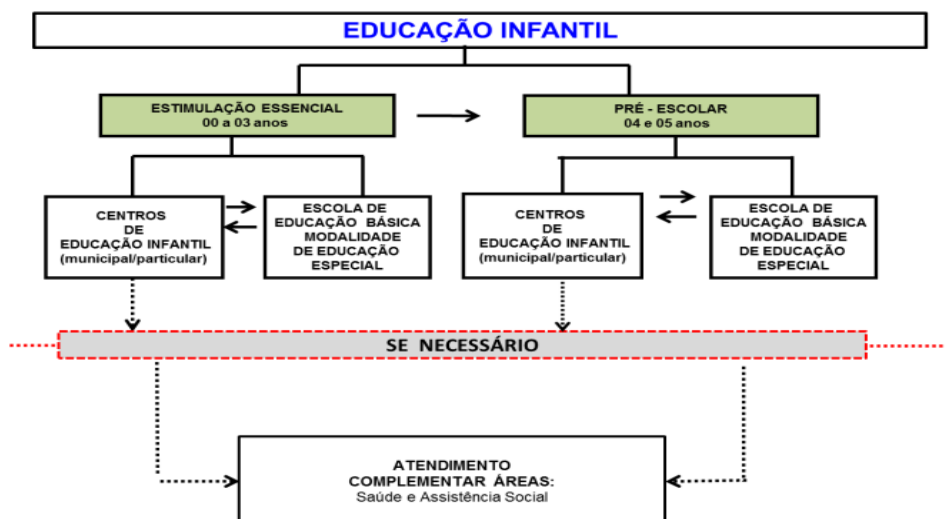
Suportes Adaptativos Especiais adequados para a superação das barreiras que os impedem de adquirir novos conhecimentos para quem está na ponta.

Nos pareceres CEE/CEIF/CEMEP 07/14; CEE/BICAMERAL n° 128/18, Paraná (2028) na avaliação da Implementação da Organização Administrativa e Pedagógica das Escolas de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial, em atendimento ao Parecer CEE/CEIF/CEMEP n° 07/14, (Paraná, 2014); Deliberação n° 02/2016 CEE/PR (Paraná, 2016), a orientação é que se deve ofertar escolarização nas etapas da Educação Infantil, Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos Fase I, tendo no seu quadro professores com especialização em Educação Especial para atender ao público específico da escola, estudantes com diagnóstico de deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde que demandam do contexto escolar práticas pedagógicas que possibilitem apoios contínuos e/ou pervasivos. A sua organização é apresentada a seguir.

As turmas tem 800 horas e 200 dias letivos, com conteúdo da Base Nacional Curricular, sendo que o diferencial é o acréscimo das áreas do desenvolvimento (cognitiva, psicomotora e socioafetiva).

Os cronogramas são construídos a partir de ações pedagógicas centradas na estimulação das áreas do desenvolvimento, são organizados de acordo com as necessidades de estimulação. A matrícula por cronograma deverá ter obrigatoriamente outra concomitante na Educação Infantil da rede municipal ou particular. Aproveitamento de adequações necessárias na Educação Infantil como: Estimulação Essencial, Educação Pré-Escolar, podem ser atendidas em turmas ou cronograma. A Educação Infantil é representada no Organograma 1.

ORGANOGRAMA 1 - Representação da Educação Infantil Paraná



Fonte: Paraná, 2018, p. 10.

O Ensino Fundamental é dividido em: 1º ciclo, com 4 etapas ou 4 (quatro) anos para sua conclusão; o 2º ciclo conta com 6 etapas correspondentes a 6 (seis) anos para sua conclusão. Desta forma, com o término do primeiro ciclo a(o) estudante passa por uma avaliação de toda a equipe multidisciplinar que, ao perceber que houve avanço, encaminha a(o) estudante para a escola do Ensino Comum, ou para o 2º ciclo na mesma escola. Para isso, a organização do Ensino Fundamental na escola da APAE segue organização conforme a imagem do Organograma 2.

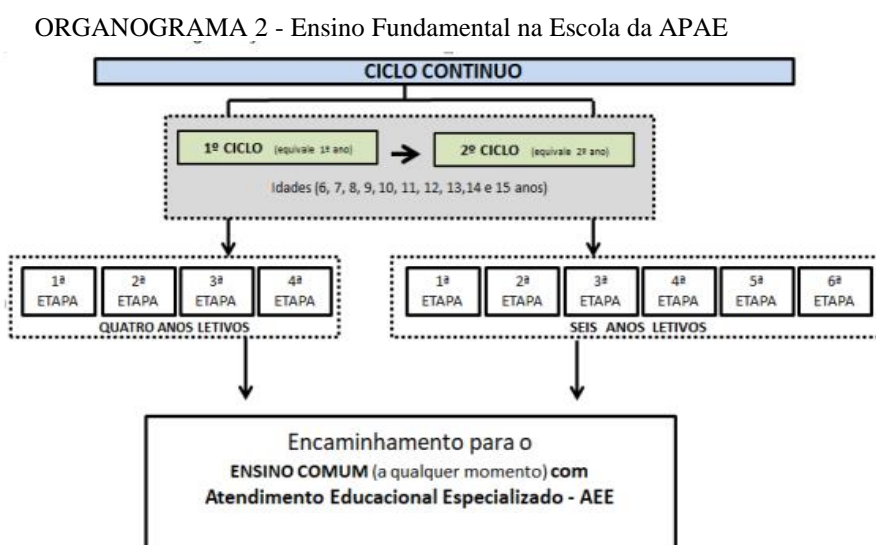


Figura elaborada pela Coordenação Pedagógica das Instituições Especializadas DEE/Seed/2018

Fonte: Paraná 2018, p. 11.

Quanto à Educação de Jovens e Adultos (EJA), os documentos oficiais da educação paranaense determinam:

Oferta de EJA – FASE I para todos os estudantes a partir dos 15 anos de idade. 2) As Unidades Ocupacionais serão articuladas à EJA, com oferta das Unidades Ocupacionais de Produção e de Formação Inicial, sendo extinta a Unidade Ocupacional de Qualidade de Vida. 3) O Atendimento, preferencialmente por cronograma, para os estudantes adultos e/ou idosos, de acordo com a tolerância destes para as atividades acadêmicas e/ou rotinas escolares. 4) A extinção do termo ‘Educação Profissional’ vinculado à EJA, haja vista que o público-alvo das escolas especiais, cujas mantenedoras são as APAES e co-irmãs, mudou muito desde os anos 80/90 até o período atual (Paraná, 2018, p. 8)

O EJA foi reorganizado Organograma 3.

ORGANOGRAMA 3 - Reorganização da EJA

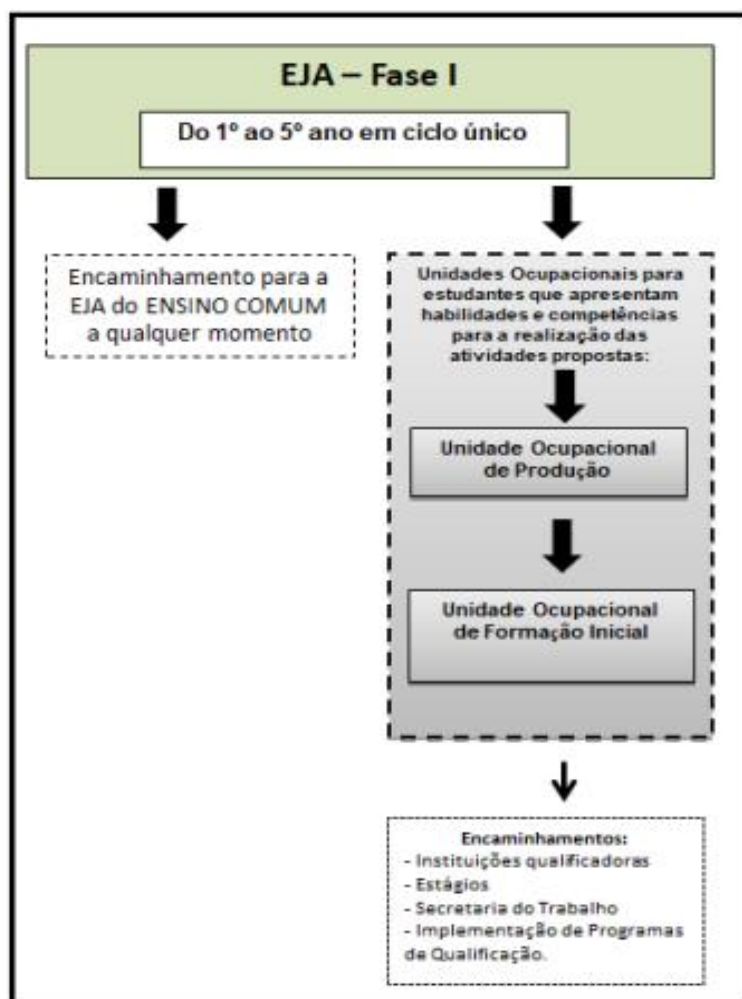


Figura elaborada pela Coordenação Pedagógica das Instituições Especializadas.

Fonte: Paraná (2018, p. 8).

Os conteúdos ofertados seguem as orientações da BNCC e são divididos conforme o ensino regular, apresentado na descrição do QUADRO 1.

QUADRO 1 - Conteúdos ofertados na Escola da APAE sob as orientações parecer 04/2014

EDUCAÇÃO INFANTIL			
Estimulação Essencial	Áreas	Nº de aulas	Nº de profs.
Cronograma – dois dias na semana 0 a 03 anos de idade Até 10 estudantes na turma	Campo de Experiência 1	15	01
Pré Escolar – Apoio Duas vezes na semana 04 a 5 anos Até 10 estudantes na turma	Campo de Experiência 1 Campo de Experiência 2	15 05	02
Pré Escolar – Turmas Cinco vezes na semana 04 a 5 anos Até 08 estudantes na turma	Campo de Experiência 1 Campo de Experiência 2 Campo de Experiência 3 Campo de Experiência 4	15 05 03 – Arte 03 – Ed. física	04

ENSINO FUNDAMENTAL – de 06 a 16 anos de idade					
Turmas		Disciplinas		Nº de aulas	Nº Profs.
1º CICLO 4 etapas - anos para concluir		Língua Portuguesa		06	04
Até		Matemática		06	
2º CICLO 6 etapas – anos para concluir		Ciências		03	
Os ciclos são separados, mas as etapas podem ser diferentes na mesma turma		História Geografia		02	
		Ensino Religioso		01	
		Arte		03	
		Ed. Física		02	
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA – a partir dos 17 anos					
Turma Cronograma	Área de Conhecimento	Disciplina	Nº de aulas	Nº profs.	
TURMA Cinco vezes na semana Até 12 estudantes CRONOGRAMA 2 vezes na semana	Linguagem	Língua Portuguesa	05	03	
	Matemática	Matemática	05		
	Ciências da Natureza	Ciências	02		
	Ciências Humanas	História	03		
	Linguagem	Geografia			
	Linguagem	Ensino Religioso	03		
		Arte	03		
		Ed. Física	02		

Fonte: organização da escola da pesquisa (2022)

Observa-se no quadro 1 ~~apresentado~~ que a organização da Educação Básica na Modalidade Educação Especial Inclusiva, a estruturação de aprendizagem está enraizada na predominância da valorização de determinados Componentes Curriculares, assim como no ensino regular, e não a partir das habilidades e necessidades de cada estudante.

Desta forma, fica evidente a valorização de metas conteudistas, o que dificulta a readequação para acolher e avançar nas habilidades, assim como oferecer suporte para superar as necessidades ~~de todas~~ das diversidades e demandas individuais e coletivas de cada turma.

A autonomia, o protagonismo tanto para estudantes como para professora ainda parecem utopia. Seguir as orientações e conteúdos propostos pelos órgãos governamentais da educação ainda torna as práticas engessadas pelas metas em repetitivos conteúdos em preenchimento de relatórios e plataformas. Há situações em que determinados conteúdos são inviáveis à condição não apenas para um estudante, mas para toda a turma, percebe-se controvérsia entre orientação do fazer pedagógico a especificidade de cada estudante, o referencial teórico do Caderno 4, o RCP Paraná, (2018a) e a realidade da prática do dia a dia torna-se um constante adaptar do que já deveria se adequado, realidade que provoca um vácuo no interpretar, recriar e efetivar, entre o que fazer, como fazer, para quem fazer e por que fazer

Há um sentimento de exclusão que se faz presente no momento de reflexões sobre as ações do Plano de Trabalho Docente – PTD, o qual é praticamente pautado e alinhado ao ensino comum, dúvida de como adaptar é muito maior do que o fazer real na prática a partir do vivenciar do dia a dia: será que realmente essa organização condiz com a realidade e prática da

escola especializada? Para responder à pergunta recorreremos ao pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2001b) que ecoa, ao mesmo tempo, como resposta e pergunta, tencionando a compreensão do discurso de direito à igualdade que diz:

As pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza”. E acrescenta: “Este é, consabidamente, um imperativo muito difícil de se atingir e manter. (Santos, 2001b, p. 10).

No pensamento desse autor, entendemos que a definição do que precisa ser trabalhado é a comunidade escolar da escola especializada. Isso também remete às orientações da Declaração de Madri (2002) que traz a frase “Nada Sobre Pessoas com Deficiência, Sem as Pessoas com Deficiência”, e recentemente o lema é ainda mais direto em “Nada Sobre Nós, Sem Nós”. A declaração também diz que todas as ações devem ser implementadas mediante diálogo e cooperação com as relevantes organizações representativas de pessoas com deficiência. Tal participação não deve estar limitada a receber informações ou endossar decisões.

Entendemos que o lema “Nada Sobre Nós, Sem Nós”, que é usado pela autodefensoria das APAEs, deve ser considerado sobre todos os contextos e para todas as pessoas que estão engajadas para oferecer a melhor condição de atendimento às pessoas com necessidade de suporte adaptativo especial, não apenas no momento de ser implementada na prática, mas principalmente no momento de definir como será e por quem será implementado, “nada sobre a prática pedagógica, sem quem oferece a prática no dia a dia da escola”.

Mendes (2019) indica que existem mudanças muito claras nas leis no contexto brasileiro, que embora as instituições especializadas tenham assumido o protagonismo na educação de estudantes com necessidade de Suporte Adaptativo Especial no Ensino Comum. A autora ressalta que existem estudantes que necessitam de atendimento mais específico, e aponta para o debate do processo de efetivação em sala de aula.

Glat (2011, p. 30) também ressalta que “os avanços da ciência são consolidados por meio das políticas públicas nos princípios da prática pedagógica em educação inclusiva, porém o que fica observado no dia a dia escolar não sofreram ressignificação significativa para quem dela necessita”.

Cruz e El Tassa (2016) chamam a atenção para a compreensão do papel e a atuação no dia a dia da cultura escolar, com a flexibilização de ações que favoreçam as conexões das relações pessoais, interpessoais que transformem habilidades e necessidades em estratégias e

ferramentas para o ensino e aprendizado. Isso requer adotar posturas de responsabilidade e respeitosa ao processo efetivo e afetivo, da chegada, da permanência e aprendizado.

Piaia, Rossetto e Almeida (2018) destacam as fragilidades na proposta pedagógica da escola especializada APAE. Ressaltando que as medidas e orientações tomadas para suprir essa necessidade vem acontecendo de forma bastante discreta e vagarosa, também aponta a necessidade de mais pesquisas na área.

É bastante notório em Mendes (2019), Piaia, Rossetto e Almeida (2018) a carência de estudos sobre o contexto da escola especializada, principalmente no que se refere à práticas pedagógicas. Glat (2009) e Glat e Estef (2021) ressaltam que, apesar das críticas às instituições especializadas, as considerações do espaço de acolhimento, sociabilização e construção de conhecimento não podem ser desconsideradas. Mas é urgente trazer para o debate as estratégias pedagógicas que correspondam à realidade, no caso específico da pesquisa, à Educação Especial na Escola Especializada – APAE.

1.2 Estudantes da Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE,

Nem sempre aprender tarefas essenciais da rotina escolar é coisa simples, pode ser algo extremamente complexo. Precisa ser pensado, repensado, planejado, quando necessário repensado replanejado pedagogicamente, com estratégias que se efetive com e no contexto real, nas múltiplas habilidades, tempo e maneira diferente de aprender, precisa compreender a(o) estudante de forma multidimensional.

A história deixa claro o quanto a pessoa com necessidade de suporte adaptativo foi estigmatizada, pelo fato de apresentar uma condição diferente do padrão pré-estabelecido como normalidade esperada. American Association on Intellectual na Developmental Disabilities (AAIDD 12°)Schalock, Luckasson e Tassé (2021) destacam que a AAIDD apresentam um novo modelo multidimensional do manual da caracterizando a deficiência intelectual como limitações significativas tanto no funcionamento intelectual quanto no adaptativo e apresenta,

Comportamento expresso em habilidades conceituais, sociais e práticas. Esta deficiência surge durante o período de desenvolvimento, que é definido operacionalmente como antes do indivíduo atingir a idade de 22 anos. (Schalock; Luckasson; Tassé, 2021, p. 1).

Desta maneira, a DI está relacionada com o funcionamento intelectual e adaptativo das pessoas, provocando dificuldades no raciocínio, singularidades nos aspectos

relacionados ao ensino e aprendizagem, habilidades sociais, comunicação e também em algumas situações nas habilidades motoras.

AAIDD (2020), atualizada por Thompson (2021), apresenta ênfase multidimensional entre 5 (cinco) dimensões, que são elas: a) habilidades intelectuais; b) comportamentos adaptativos; c) saúde; d) participação; e) contexto. Os sistemas de apoios são responsáveis pelas conexões entre as interações a cada dimensão, proporcionado as interações, a efetivação do funcionamento humano real e com objetivos centrados na pessoa.

Schalock, Luckasson e Tassé (2021) destacam que o olhar multidimensional possibilita a visão dos sistemas de apoio terem visão simples aos mais complexos e sua unidade no resultado final. Além disso, possibilita autonomia para a pessoa, adequação dos ambientes, suportes genéricos e suportes especializados.

Thompson (2021) apresenta duas escalas de avaliação: a escala de comportamento adaptativo, que avalia o padrão exigido para a criança e o que se espera no momento de vida; e a escala SIS, que avalia o padrão e intensidade de apoio nos espaços e contexto que a pessoa está inserida, define os tipos de apoios para ser planejado individualmente, geralmente é realizado pela equipe multidisciplinar para o diagnóstico da deficiência intelectual. Portanto, tanto a escala SIS-A como a escala SIS-C, destacam, que não é o que a pessoa é capaz de fazer, mas os apoios extras necessários para dar condições de participar plenamente de suas tarefas diante da real realidade.

Docentes não participam desse momento de avaliação, o que torna complexo muitas vezes com a realidade de sala de aula. Quando o estudante chega no espaço escolar, mais especificamente em sala de aula, a criança, adolescente ou jovem já passou por uma equipe de avaliação. Geralmente, esta avaliação é realizada fora do ambiente da sala de aula e sabemos que comportamentos ocorrem conforme o ambiente físico e as relações intrapessoal e interpessoal.

Comportamentos são mudados conforme o ambiente⁷, entre o contexto do ambiente de avaliação, estruturado, com pessoas que têm conhecimento das possíveis ações e reações de 1 (um) estudante diante a determinada situação, é muito diferente de um ambiente da sala de aula com 8 (oito), 10 (dez) estudantes, que muitas vezes não compreendem determinadas situações. É a diversidade humana, entre 1 e 10 estudantes para uma professora fazer a mediação, é muito complexo.

⁷ Ambiente refere-se também à pessoa, e comportamentos mudam conforme a presença e posicionamento das pessoas nos espaços.

Conhecer todas as habilidades e necessidades reais de cada estudante em sala de aula, como ponto de referência para elaboração de estratégias com suportes adaptativos especiais, é ponto fundamental, e não é fácil de ser realizado, não é algo pré-estabelecido, que seja observado e compreendido fora do contexto real.

É preciso observar e transcrever o que está sendo visto de fato, como acontece neste espaço em tempo e múltiplas situações, habilidades e necessidades, e quais os suportes que poderão ser eficazes para o coletivo com foco na individualidade em sala de aula a partir do que estudantes trazem e na percepção de quem vai oferecer.

Para que o acolhimento aconteça de forma positiva em uma turma, é fundamental desvincular o diagnóstico como determinante, é necessário compreender que são estudantes que trazem as riquezas da diversidade humana, com tempo e maneira diferente de aprender.

Portanto, o que importa não é o diagnóstico em sala de aula, mas saber que tipo de suporte adaptativo especial são necessários para que docentes possam dar condições de oferecer engajamento para cada estudante. Está relacionado com o conhecimento que cada pessoa tem de si, a autonomia de se empoderar, seja protagonista dele, para oferecer o melhor que tem para a outra pessoa.

Partindo do princípio de que o foco é centrado na pessoa, docente no momento do acolhimento e mediação das múltiplas habilidades em sala de aula, precisam desconstruir os múltiplos rótulos estabelecidos pelo carimbo do diagnóstico que acompanha cada estudante, seja trocado por novo contexto, novo ambiente, novo momento, novos saberes, que serão partilhados, é uma nova história que começa um novo recomeçar.

É necessário aprender a aprender, a conhecer, a fazer, a conviver e ser com e para o coletivo. Compreender que mediar o processo de ensino e aprendizado acontece de forma multidimensional exige trabalho colaborativo, tanto para quem ensina assim como para quem aprende.

Segundo Neira (2011), é imprescindível compreender e estabelecer que os objetivos estejam relacionados ao tempo e espaço escolarizado, é necessário remeter aos conteúdos pedagógicos que já vêm pré-estabelecidos e que os objetivos específicos a serem alcançados estão relacionados com a demanda de suporte para alcançar o aprendizado. Os quais se tornam extremamente complexos para professoras(es) receberem, compreenderem e ressignificarem para poder encontrar o significativo funcional para o coletivo e individual, uma vez que tanto a avaliação como os conteúdos já vêm estabelecidos por pessoas que nem sempre convivem com a realidade do dia a dia em sala de aula.

Assim, para que as ações sejam centradas e funcionais para cada estudante dentro da sala de aula de imediato, médio e longo prazo, a realização do mapeamento feito em conjunto por professoras(es) que irão trabalhar diretamente com a(o) estudante. É nesse momento que se estabelece a conexão entre as habilidades e necessidades, e quais os suportes adaptativos especiais que possibilitam ao estudante e também para professoras(es) estabelecer e mediar o ensino e aprendizado que seja útil às reais necessidades de quem está envolvido no processo de imediato, médio e longo prazo.

Exige de cada professora estar em constante movimento nas observações e reestruturações do planejamento, Neira e Nunes (2022) propõem com Currículo Cultural que se continue a pensar, dizer, fazer de outro modo, transgredindo os próprios limites para, assim, ser mais coerente com a própria proposta.

A partir do manual de orientações AAIDD (2021), observa-se a importância e compreensão da avaliação por meio das escalas de comportamento adaptativo e SIS-C e SIS-A. Entendemos que uma avaliação eficaz e útil para professoras(es) estabelecerem seu PTD e PA, com estratégias e suportes adequados, parte da realidade da sala em sala, a partir do que tem, para quem, e como realizar de maneira efetiva e afetiva. Uma vez que, segundo Schalock, Luckasson e Tassé (2021), o comportamento adaptativo está relacionado com as habilidades conceituais, sociais e práticas, aprendidas e executadas no dia a dia que são.

a) desenvolvimento e aumento da complexidade com a idade; b) composto por competências conceituais, sociais e práticas; c) relacionadas com as expectativas da idade e exigências de contextos particulares; a) avaliado com base no desempenho típico do indivíduo em casa, na escola, no trabalho e d) lazer, e não o seu desempenho máximo; e avaliado em referência ao ambiente comunitário típico dos pares de idade. (Schalock; Luckasson; Tassé, 2021, p. 2)

A releitura de Schalock, Luckasson e Tassé (2021) permite a elaboração de uma avaliação que seja mais específica nos detalhes e riquezas da diversidade humana, que permite compreender habilidades, necessidades e estabelecer conexões entre os saberes que cada estudante traz no seu tempo real.

Compreender a dinâmica deste contexto escolar não é tarefa simples, é preciso buscar reflexões que deem suporte para as complexidades, em detalhes que aparentemente são coisas simples e óbvias, mas que fundamentam a efetividade, tanto para docente como para estudantes. Estas reflexões são pautadas no referencial teórico apresentado na sequência.

CAPÍTULO II – DIÁLOGOS CONVERGENTES ENTRE PRÁTICA E REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse capítulo, são apresentados os conceitos que conectam o referencial teórico e as práticas pedagógicas das aulas de Educação Física escolar, sua importância e desafios para a efetivação com estudantes que possuem necessidades de suportes adaptativos especiais.

Neste cenário, a Educação Física atua como inspiradora e medidora da Educação Especializada, que possibilita o acolhimento de habilidades e necessidades como diversidades da humanidade centrada na pessoa que está em constante mudança, pautada no Currículo Cultural e na teoria da complexidade.

2.1 Diversidade humana: a riqueza no processo do ensino e aprendizado

Relembrando um dos pontos que trouxe até o presente momento, são os princípios de Delors (1998) sobre os quatro pilares da educação para o século XXI, são buscas cada vez mais necessárias pela educação e refere-se a

Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. [...] *Aprender a fazer*, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que ornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais. [...] *Aprender a viver juntos* desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz. *Aprender a ser*, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. (Delors, 1998, p. 102).

Nesta pesquisa, tratamos especificamente da Educação Física Escolar na perspectiva da cultura corporal de movimento na contemporaneidade, compreendemos que é uma rede e cada ponto se conectam ou desconectam com a prática do dia a dia. Diversos textos e contextos que anunciam e narram os significados pretendidos e entendido, trazidos por quem nela coabitam. São os discursos e práticas sociais efetivados em culturas individuais se transformando na releitura e representações multiculturais que são apresentadas, representadas e compreendidas por uma nova cultura que emerge através da releitura coletiva dos fenômenos sociais e culturais práticos.

Morin (2000) destaca o papel da cultura

é a cultura e a sociedade que garantem a realização dos indivíduos, e são as interações entre indivíduos que permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade. [...] a complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que constituem: todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer a espécie humana. (Morin, 2000, p. 54 e 55).

Candau (2008) corrobora destacando que:

Se a cultura escolar é, em geral, construída marcada pela homogeneização e por um caráter monocultural, inviabilizamos as diferenças, tendemos a apagá-las, são todos alunos, são todos iguais. No entanto, a diferença é constitutiva da ação educativa. Está no “chão”, na base dos processos educativos, mas necessita ser identificada, revelada, valorizada. Trata-se de dilatar nossa capacidade de assumi-la e trabalhá-la. (Candau, 2008, p. 25).

Neira (2011) enfatiza que os espaços escolares devem ser construídos como lugar público que promovam essas possibilidades a criação de identidades sociais democráticas”. A vivência e convivência escolar devem se dar em espaço aberto ao debate, que acolha as culturas e seja ela a propulsora da valorização das diversidades e de manifestações corporais dos variados grupos sociais. O Coletivo de Autores (1992), já destacava a necessidade das questões sociais e culturais como referencial reflexivo para a cultura corporal, os interesses de classes sociais, romper com o individualismo como ponto de afirmação e prioridade a solidariedade.

Machado e Bracht (2016) ressaltam que,

[...] a Educação Física articulada com um projeto mais amplo de escolarização, aspecto no qual reside na sua potência. (...) cujo olhar em retrospectiva nos alerta para um constante repensar do próprio processo de produção teórica no campo, (normalmente naquilo que concerne ao reconhecimento das identidades, saberes e práticas daqueles que pisam o “chão da escola”); por outro lado, de maneira ambígua, não podemos ignorar neste impacto o impulso motivacional para o alcance de novas fronteiras de “autorrealização” (Machado; Bracht, 2016, p. 859).

Nas palavras de Machado e Bracht (2016), percebe-se a necessidade de entender a complexidade do processo de receber e transmitir conhecimento, mediar a chegada no chão da escola, o que esbarra na complexidade do distanciamento entre os contextos da teoria e prática, também de quem a compreende e aplica. Reconhecer a construção da história e a partir dela enxergar novas estratégias, possibilita entendê-la dando-a continuidade com aquilo que é recriado diariamente na escola. Neira (2006) destaca a posse de determinados conhecimentos, valores, expectativas e experiências na sintonia da experiência escolar.

Por esse viés, Neira e Nunes (2009b) destacam a Educação Física respaldada na teoria pós-crítica, enquanto Silva (2007) destaca como alternativa receber a pessoa como sujeito social, pautado em uma sociedade que considere prioritário o direito em ter vida digna, que questione a ideologia de poder dominante, valoriza a história e saberes das daquelas (es) cujas vozes, quase sempre, são silenciadas.

Neira (2011, p. 52) expressa que a vida deve ser plenamente satisfeita em suas “necessidades vitais, sociais e históricas”, que haja a distribuição de riquezas, materiais simbólicos e condições justas na distribuição. O autor destaca, na perspectiva da teoria pós-crítica e do Currículo Cultural, as quais permitem que a Educação Física,

[...] desde seu planejamento, procedimentos democráticos para a decisão dos temas que serão estudados e das atividades de ensino. Valoriza a reflexão crítica sobre práticas sociais da cultura corporal do universo vivencial dos alunos para, em seguida, aprofundá-las e ampliá-las mediante o diálogo com outras vozes e outras manifestações corporais. (Neira, 2011 p. 53).

Para Neira (2011, p. 54), no Currículo Cultural, o falar através das manifestações corporais deve ocorrer pelas vozes de várias culturas, e problematizar as relações de poder explícitas e implícitas, ou seja, validar e valorizar as práticas corporais manifestadas por diversos grupos, com visão de ampliar e conquistar os espaços na sociedade. Proporciona e possibilita espaços e as condições para que

[...] as vozes e as gestualidades subjugadas possam ser reconhecidas pelos estudantes. [...] espera é a organização e desenvolvimento de encontros letivos nos quais os alunos sejam convidados a refletir sobre a própria cultura corporal, o patrimônio disponível socialmente e a bagagem veiculada por outros grupos. (Neira, 2011, p. 54).

O mesmo autor ressalta que, no Currículo Cultural, a perspectiva de docentes é estabelecer vínculos com as comunidades marginalizadas a fim de incorporar o conhecimento subordinado. Valorizar os saberes que representam a diversidade presente nos diversos grupos que constroem as, tradições, particularidades históricas, práticas sociais e culturas por vezes desacreditadas pela comunidade escolar. Portanto exige a necessidade da mudança da maneira de enxergar como a riqueza que convive e constroem o conhecimento da sociedade.

Outro aspecto digno de nota diz respeito aos conhecimentos veiculados pelo currículo cultural. Extrapolaram em muito as vivências corporais, transitando pelos campos da história, sociologia, biologia, antropologia, política etc., a fim de proporcionar aos alunos condições necessárias para ampliação das próprias leituras das práticas corporais socialmente situadas e dos seus praticantes. Como se vê, as peculiaridades são muitas, mas coloquemos um tijolo por vez. (Neira, 2011, p. 125)

Portanto, percebe-se que as aulas de Educação Física Escolar, quando apoiadas na perspectiva de um currículo que tem o compromisso com a valorização da diversidade humana,

favorecem o crescimento das pessoas, visando superar as barreiras que impedem a participação de todas(os) estudantes, tendo como suporte a própria condição para novas possibilidades de descobertas e de conhecimentos.

Segundo Neira (2011), a Educação Física escolar tem o compromisso de romper ou desconstruir os estereótipos e as distorções relacionadas à ideia de que estes estudantes, ainda marginalizados, são inábeis, pelo fato de sua diversidade humana ser diferente do padrão imaginado ou pré-estabelecido. Neira (2018) diz que,

A partir dos temas culturais, a experiência dos alunos é reconhecida e valorizada. O ponto de apego pode ser uma história narrada por um familiar, uma informação captada na mídia ou um relato pessoal. Sempre há alguém que já teve contato com a prática corporal e pode explicá-la ou demonstrá-la aos colegas. (Neira, 2018, p. 19).

Entende-se, a partir de Neira (2018), que o Currículo Cultural da Educação Física possibilita a potencialização da pedagogia da diferença, da visibilidade e das representações de diversas práticas corporais e das pessoas que participam, fazendo com que estudantes percebam as múltiplas maneiras de construir, desconstruir, dizer, fazer e afirmar sua própria identidade.

Para isso, Neira (2016b) aponta para importância de proporcionar momentos em que estudantes se posicionem sobre os acontecimentos da aula, sugerindo atividades, por exemplo. Isso facilita ver e compreender as reais necessidades de manter, ou mudar. Tais ações promovem um ambiente de reconhecimento, respeito e valorização das diferenças.

Com relação às significações produzidas pelos estudantes, as análises sugerem que o currículo cultural da Educação Física, de uma maneira geral, realiza bem a tarefa a que se propõe em auxiliar os alunos a compreenderem as práticas corporais e desconstruir os discursos que as cercam e as formam. O diálogo foi algo que se destacou na ação cotidiana da Educação Física cultural. Foi por meio dele que temas foram selecionados e situações didáticas readequadas sempre que necessário (Neira, 2019, p. 7).

Oliveira Junior e Neira (2018, p. 5) ressaltam que a “ressignificação decorre da produção cultural”, quer dizer, os esforços que são empreendidos pelos sujeitos da educação “para reconstruir a vivência das práticas corporais na escola” (Oliveira Junior; Neira, 2018, p. 5), sendo assim sujeitos público alvo da escola especializada. Isso significa que também precisamos ressignificar o Currículo Cultural da Educação Física, o qual almeja exatamente isso: que os alunos desestabilizem, modifiquem, criem e ressignifiquem as práticas corporais a partir da sua própria diversidade cultural.

Candau e Assis (2009) alertam para a universalização da cultura da igualdade e o risco da exclusão da diversidade do cotidiano da escola, fortalecendo a segregação e isolamento entre grupos nas aulas, e negação das possibilidades de ações coletivas e as conexões entre culturas.

Algumas destas implicações para os/as alunos/as (...) são: a excessiva distância entre suas experiências socioculturais e a escola, o que favorece o desenvolvimento de uma baixa autoestima, elevação dos índices de fracasso escolar e a multiplicação de manifestações de desconforto, mal-estar e agressividade com relação à escola (Candau, 2008, p. 27).

No pensamento de Candau (2008), a prática social é uma das existências da condição cultural, ou seja, na existência da realidade vivida pela comunidade. Partindo do princípio de que a disciplina de Educação Física na escola especializada está fundamentada no currículo da escola do ensino comum, ela acaba sendo abarcada por controversos contextos. Sendo os objetivos de ensino diferenciados na escola especializada, qual o significado em trazer a leitura do Currículo Cultural dentro da escola especializada? São questões que precisam ser refletidas e ressignificadas para a realidade de estudantes desta escola.

Para Neira (2011), os significados não são soltos, eles existem a partir do momento que saem do discurso e fazem parte da realidade. Os discursos influenciam a maneira de compreender a realidade, através dele podem ou não ser validadas nossas ações. No processo de ensino e aprendizagem, no ambiente escolar, são diversos os discursos, diversas as ações que precisam estar interconectadas e em consonância para que as práticas sejam efetivas e tenham sentido para as(os) estudantes.

A variedade de características existentes na diversidade humana, refere-se à ampla realidade histórica da humanidade que relaciona a cultura em diferentes aspectos e identidades. Aprender a viver e ser em conjunto representa um dos maiores desafios da educação, pois vivemos em um mundo ainda marcado pela cultura da exclusão.

Candau (2008) alerta para o primeiro passo referindo-se à necessidade de desconstrução e promoção de uma educação multicultural, e a visibilidade do universo das discriminações, preconceitos que, muitas vezes, se apresenta de maneira sutil, fluida e difusa nas relações sociais. Moreira e Candau (2003) ressaltam que,

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto abrir espaço para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar (Moreira, Candau, 2003, p. 161).

Conforme citação a cima, não podemos negar que a escola do contexto da pesquisa faz parte deste contexto. E a atualidade das questões culturais não podem ser ignoradas. Segundo Moreira e Candau (2008, p. 16) as questões que professoras(es) ignoram correm o risco de que a “escola cada vez se distancie mais dos universos simbólicos, das mentalidades e das inquietudes das crianças e jovens de hoje”.

Morin (2000) ressalta que a sociedade se valida por meio das interações entre as pessoas e, uma vez produzida, ela retroage sobre elas. Segundo ele, “se não houvesse a sociedade e sua cultura, linguagem, um saber adquirido, não seríamos indivíduos humanos. Ou seja, os indivíduos produzem a sociedade que produz: os indivíduos somos ao mesmo tempo produtos e produtores” (Morin, 2005b, p. 74). O mesmo autor ressalta que a diversidade de cultura é característica fundamental da humanidade e enfatiza a importância da valorização e respeito às diferentes culturas que não podem ser consideradas em explicação simplista. Existem múltiplos contextos⁸ nos quais ocorrem as interações e interconexões, em diferentes níveis.

Morin (2000 e 2005) destaca a diversidade humana como tema complexo que apresenta variedades de características enraizadas em aspectos profundos e interconectados com a cultura, a história e a sociedade. Ressalta também a importância de compreender como parte fundamental para a evolução cultural e social, possibilitando assim a construção, a troca e as conexões com novos conhecimentos e aponta os desafios e conflitos quando não é compreendida e respeitada como algo natural da humanidade. O autor convida ao exercício de compreender a diversidade na perspectiva da complexidade pelo viés transdisciplinar, permitindo percorrer caminhos que se conectam e libertam para a maneira de vê-la e compreendê-la em suas diferentes formas quando expressas dentro das convivências, assim nos libertando da fragmentação do ensino e aprendizagem.

Diante do pensamento de Morin (2000 e 2005), viver e conviver com a diversidade humana, respeitando as origens, o gênero, a cultura, a religião, a política, os níveis de renda, as idades, habilidades e necessidades, trazem a riqueza que alimenta a nossa existência humana singular, pois são fatores que possibilitam enriquecer profundamente as nossas vidas de maneira individualizada, coletiva e colaborativa, que promovem a inovação, criatividade, mediação de conflitos, celebração da vida inclusiva para todas as pessoas e a efetivação da justiça social.

Neves e Neira (2019) apontam que:

O reconhecimento da cultura corporal da comunidade contribui para pensar a organização das práticas corporais que comporão o currículo durante os anos de escolarização. Essa opção política permite que os saberes das culturas que habitam a escola possam ser contemplados e mobilizados durante as atividades de ensino, além de propiciar uma sintonia com a cultura de chegada dos estudantes, um patrimônio historicamente subordinado. Esse princípio também garante que os saberes acessados nas experiências paralelas à escolarização adentrem ao currículo escolar e façam parte dos conhecimentos abordados. Na prática, significa compor o currículo com outras

⁸ Morin (2000, p. 36) “é preciso situar a informação e os dados contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido a palavra necessita de texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto que se anuncia”.

cores, sons e discursos provenientes das mais variadas culturas (Neves; Neira, 2019, p. 109).

O pensamento de Neves e Neira (2019) e Morin (2000) considera que as incertezas e as contradições como condição da vida humana indicam a necessidade da solidariedade, a colaboração e a ética como conexão entre os saberes e as pessoas como algo fundamental. Também pontam que a Educação do Futuro exige esforços transdisciplinares capazes de unir ciência e humanidade, rompendo a oposição entre natureza e cultura.

Neste sentido, as atividades precisam ser significantes aos estudantes, inclusive para estudantes que frequentam as escolas especializadas e que têm necessidades de suportes adaptativos especiais. Dito isso, a Educação Física na organização do trabalho pedagógico na perspectiva da cultura corporal, no pensamento complexo, vislumbra perspectivas de conexão. Por conseguinte, isso significa a transformação de cultura, é acreditar que o conhecimento é o ensino e o aprendizado, pois não se materializa por meio de normativas no papel, precisa ser acreditado que acontece através do chão da escola da realidade.

2.2 Possibilidades de uma Educação Física centrada na pessoa

Estar no todo não significa pertencer ao todo, a garantia do direito de estar, de ser pertencente ao todo, significa receber suportes específicos que possibilitem dar condições de aquisição de autoconhecimento, conhecimento que possibilite avançar com autonomia nas habilidades e acolher as necessidades da pessoa.

Chicon (2016) explica que quando a criança se relaciona com o conteúdo na perspectiva do Currículo Cultural, este a possibilita ressignificar e se relacionar com o mundo. Entender que as tarefas são realizadas de maneiras diferentes e não melhores ou piores, de maior ou menor valor, certo ou errado, permite construir consciência de que são pessoas humanas e diversas, que realizam tarefas iguais, de maneiras diferentes, mas que cada uma tem a sua condição e jeito de desempenhar a mesma tarefa.

No caso específico da Educação Física, Simões *et al.* (2018) destacam que,

um grande desafio é ir além de uma adequação material, ambiental e metodológica para a vivência das práticas corporais. É preciso desafiar os sujeitos envolvidos perante uma reorganização da aula, de forma de objetivos, conteúdos, métodos e recursos possam ser experimentados e explicados de acordo com os limites e possibilidades pessoais e grupais (Simões *et al.*, 2018, p. 45).

Diante da crença de Simões e demais colaboradores (2018), fica evidente que ainda precisamos entender a complexidade para que possamos avançar no processo que envolve a

escolarização no espaço da escola especializada, e suas diversidades, principalmente na forma como compreendemos o processo de proporcionar as práticas corporais nas aulas de Educação Física escolar para pessoas com necessidade de suportes adaptativos especiais.

Hykavei Junior (2022, p. 47) ressalta que estudantes com necessidades adaptativas especiais “possuem especificidades e diferenças, assim o planejamento educacional deve ser adaptado de forma que atenda às necessidades”. A disciplina de Educação Física, tradicionalmente, valoriza o corpo e o movimento corporal a partir de um certo padrão, entretanto, estudantes podem não se encaixar no padrão pré-estabelecido.

Greguol, Malagodi e Carraro (2018), com relação às ações de professoras(es) para incluir estudantes com necessidades de suporte adaptativos especiais, concluem em sua pesquisa que estas são frequentemente contraditórias, pois, ao mesmo tempo que têm certo medo de possuir falta de formação e competência para lidar com tais alunos, demonstram conhecer os benefícios de tais ações.

Percebe-se as mais diversas contradições com relação à efetivação das práticas pedagógicas da Educação Física Escolar para o público-alvo da educação especial no ensino comum. E, ao adentrarmos a Educação Especial na escola especializada, é praticamente inexistente, ao considerar que essas práticas já ocorrem há muitos anos.

Rodrigues e Rodrigues (2017) evidenciam a expressividade da Educação Física com argumentos que possibilitam promover aquisição de novas habilidades e superar dificuldades, a disciplina é receptível a programas diferenciados, apresenta o fator lúdico que contribui na interação social, participa da criação de laços de pertença, solidariedade, cooperação e construção coletiva. Além de mobilizar ações de práticas corporais para o desenvolvimento motor, também possibilita respostas nas áreas cognitivas, sociais, emocionais e afetivas. Essa dimensão de alcance da Educação Física possibilita contribuir para o desenvolvimento humano como um todo.

São desafios que segundo Rodrigues e Rodrigues (2017) pertence à Educação Física em sua missão:

[...] usar a experiência corporal para que a criança se sinta à vontade e feliz no seu corpo. Cada formador e professores deve pensar seriamente em quais opções de formação (modelos, conteúdos, experiências, etc.) deve assumir para que essas experiências sejam desenvolvidas por todos os futuros professores, para que sintam mais seguros e capazes de lecionar de forma não discriminatória. [...] Esse é um desafio que vale a pena enfrentar para que a Educação Física represente um espaço em que seja promovida a aventura da aprendizagem, prazer da partilha e a alegria do movimento (Rodrigues; Rodrigues, 2017, p. 331).

Para complementar, Rodrigues e Rodrigues (2017) e também Duboc (2019) ponderam que as aulas de Educação Física possibilitam a articulação e a superação de arquétipos, mesmo quando são apreendidos no interior da própria sociedade, estabelecem novas formas de convivência fundamentadas na cooperação e na solidariedade. Enquanto que Simões (2018) destaca que cada ser é único, aprende em tempo e maneira diferente, traz consigo sua história e todo ser humano precisa participar da Educação para compreender o mundo e modificá-lo, libertando-se assim de padrões estabelecidos. Portanto, entendemos que os ambientes precisam se adaptar às necessidades e habilidade de cada pessoa e não o contrário.

[...] ser, sendo diferente na perspectiva da diversidade humana, em todos os diversos e possíveis espaços de vivência e convivência social. As diferenças, hoje, devem ser encaradas como positivas e de fundamental importância na construção da identidade social dos seres humanos, pois é fator muito significativo para uma vida de respeito, aceitação, acolhimento, companheirismo, solidariedade e reconhecimento (Gaio; Porto, 2006, p. 14).

Pessoas são significativas, conforme o significante dos olhos de quem vê, a leitura está relacionada conforme os saberes de quem vê, e de como os saberes foram construídos ao longo da sua vivência e convivência, pode ser que nem sempre represente todos os significados que a linguagem corporal esteja transmitindo.

[...] por considerar os seres humanos como corpos [...] não podemos negar a presença de corpos que, em sua estrutura biológica, se apresentam incompletos, aqueles que desde o início da história da humanidade até os dias atuais são denominados de deficientes (Gaio; Porto, 2006, p. 120)

A mudança na maneira de pensar o corpo e de pensar a pessoa com necessidades de suportes adaptativos especiais aos poucos foram acontecendo, à medida que novos conceitos da maneira de ver o corpo, a vida humana, a natureza, como algo mais complexo, tendo influência na mudança de várias ciências, inclusive as sociais. Existem vários momentos na história que buscam trazer o debate sobre a realidade das pessoas com necessidades de suportes adaptativos especiais, os corpos deficientes.

Evoluir é necessário, mas esse processo não acontece de maneira programada, nem sempre segue o curso imaginário, muitas das vezes são apenas acontecimentos ocasionais, mas entender que mudamos o processo, assim como somos mudados por ele, é uma luz para entender que estamos evoluindo. Morin (2005b, p. 81) destaca, que toda evolução é fruto do desvio bem sucedido, assim como transforma o sistema onde nasceu, podendo organizar ou desorganizar tendo em vista que “o surgimento do novo não pode ser visto como novo, o surgimento de uma criação não pode ser conhecido por antecipação”. Nessa perspectiva, as

peças não evoluem por antecipação, só podem evoluir e transformar quando passam pelo processo de evolução interna e as colocam em prática.

Moreira (2012) enfatiza que os processos pedagógicos, no contexto escolar, foram induzidos a ações práticas de reprodução passivas de conteúdos, ou seja, a cabeça como sendo o centro do aprendizado e o corpo como acessório. Segundo Moreira e Santos (2021), isso provoca desafios, conflitos e incertezas para a educação escolar.

[...] faz-se necessário o reconhecimento de uma visão mais complexa sobre esse fenômeno a partir do corpo. Talvez, uma das formas seja pelo distanciamento desse modelo reducionista, através da busca pelo acolhimento da corporeidade. Prevalecendo, assim, a dimensão humana e a ética do cuidado com o outro, lutando contra a desumanização, intolerância e rejeição. (Moreira; Santos, 2021, p. 3).

Segundo Moreira e Santos (2021), falar sobre o corpo é adentrar num universo complexo e requer a necessidade de olhar e ver a pessoa humana, a sua essência, o que gera desafios, conflitos e incertezas, quando o assunto está relacionado à educação a partir do corpo, já que tradicionalmente ainda se baseia nos aspectos instrutivos, intelectuais e descontextualizados.

É assustador, porque este corpo, este processo, infelizmente, também se faz presente nas escolas de Educação Especial para pessoas com necessidades de suportes adaptativos especiais. Moreira e Santos (2021, p. 15) consideram que as percepções sobre corpo “foram incorporadas no ambiente escolar, em especial aquelas que consideram o corpo da criança como um objeto que pode ser facilmente mensurável, manipulado e controlado”.

Fontana, Cruz e Paula (2019) destacam que,

[...] independente da deficiência, é necessário reconhecer o potencial do desenvolvimento humano, para isso é preciso criar possibilidades para o aluno se desenvolver. A inclusão escolar não pode ser restrita apenas ao ato de incluir um aluno com deficiência na sala de aula com direito de igualdade, mas garantir uma efetivação do processo de ensino e aprendizagem, principal finalidade do ensino escolar (Fontana; Cruz; Paula, 2019, p. 129).

Segundo Fontana, Cruz e Paula (2019), percebemos que nem sempre estar em um espaço escolarizado significa ser pertencente a ele ou que este acolhe todas as diversidades. Ainda precisamos repensar e talvez ressignificar de maneira contextualizada ‘igualdade e efetivação’ no espaço escolar para a equidade, considerando que ainda temos pouquíssimo referencial teórico sobre as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I.

Neira e Nunes (2014) destacam as mudanças nos debates sobre as práticas corporais nas aulas da Educação Física Escolar como o estudo de gestos/movimentos sem adjetivação de certo ou errado, sem o foco da quantidade ou qualidade e a melhoria técnica, mas a busca por um diálogo que tematize as representações de cada cultura corporal e o gesto/movimento individualmente e para o grupo. E que essas práticas sejam construídas coletivamente junto com alunos(as).

Bueno (2018) aponta os avanços do processo da prática corporal nas aulas de Educação Física Escolar na perspectiva do Currículo Cultural, com ações que possibilitam problematizar discursos sobre as práticas corporais, as diversidades corporais, os diálogos entre professoras(es) e alunas(os),

[...] processos didático-pedagógicos empregados pelos docentes que priorizaram um constante movimento pela produção das diferenças e, não menos importante, uma ampliação do repertório cultural corporal dos/das estudantes, qualificando-os à leitura da ocorrência social das práticas corporais e sua reconstrução crítica. Tais situações didáticas potencializaram a produção de brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas e, ao menos por alguns momentos, rupturas e sublevações que impulsionaram ações a favor da diferença, configurando uma Educação Física da multiplicidade. (Bueno, 2018, p. 141).

Tomar consciência da própria prática nas aulas de Educação Física é entender que nunca estaremos no lugar da(o) estudante, mas, é compreender que precisamos oferecer condições a partir da possível perspectiva dela(e). Nem sempre as manifestações podem ser verbalizadas, mas elas estão a todo instante se manifestando através do próprio corpo, é preciso internalizar que o corpo se comunica. Em acordo com Hykavei Junior (2022), fica evidente a falta de pesquisa da Educação Física nesta comunidade escolar, que as pesquisas estão relacionadas a grupos de estudantes com características comuns, de acordo com ele,

[...] cabe destacar que a lacuna existente quando se trata do debate acadêmico sobre organização de ambientes de aprendizagem em aulas de Educação Física nas APAEs pode fragilizar tanto esse atendimento educacional específico, que se pretende especializado, quanto a ressignificação das APAEs para a interlocução com as demais instituições de nossas redes de ensino (Hykavei Junior, 2022, p. 51).

Afinal de contas, também é necessário que professoras(es) compreendam as bases teóricas de desenvolvimento do ensino e aprendizagem para perceber e compreender como se efetivam as práticas que favorecem estudantes deste contexto escolar especializado. Hykavei Junior *et al.* (2021) apontam para a elaboração de instrumentos, experimentação criteriosa e crítica de modo que sejam partilhadas e destacam o distanciamento entre o ambiente acadêmico e de preparação de profissionais com olhar para as diferenças existentes no espaço escolar.

Diante do princípio de que o ensino e aprendizagem é constante e inacabado, e os apontamentos citados acima, o distanciamento se faz pelo ciclo que começa a partir do momento em que cada estudante adentra ao espaço escolar, ficando evidente em sua formação acadêmica, e reflete quando retorna ao espaço escolar na posição de quem vai ensinar, reproduzindo todo o ciclo de ensino e aprendizagem, perpetuando o engodo e a permanência do status quo.

Wszolek (2023) deixa evidente que a participação direta de professoras(es) é fundamental no processo ensino e aprendizagem do coletivo, e garantia da participação da(o) estudante, portanto professoras(es) são de referência fundamental para estabelecer o engajamento de estudantes na efetivação das suas práticas.

Morin (2000) destaca a tomada de consciência, de libertação de prever o destino, o futuro é imprevisível e incerto, ninguém avança sem correr o risco de errar. Toda evolução é fruto de um erro bem sucedido que provoca, desorganiza e reorganiza, é preciso saber interpretar a realidade antes de reconhecer onde está o realismo. “O conhecimento é, pois, uma aventura incerta que comporta em si, permanente, o risco de ilusão e de erro” (Morin, 2000, 86).

Para Duboc (2019), as aulas de Educação Física contestam alguns dos padrões pré-estabelecidos, mesmo quando são apreendidos no interior da própria sociedade, estabelecem novas formas de vivências e convivência fundamentadas na cooperação e na solidariedade.

Santos e Moreira (2020) acreditam que a corporeidade vai à escola, porém é necessária a sensibilidade de professoras em especial, sobre a importância de pensar e agir, junto com estudantes como ser fenomenológico, não apenas no modelo de educação centrada apenas na cognição. Também destacam que professoras de outros componentes deveriam adentrar nas aulas de aulas de Educação Física escolar para perceberem os aspectos sensíveis e expressivos de corporeidade, de forma que esta pudesse contribuir para novas reflexões sobre o corpo e o movimento, buscando superar a objetivação do corpo imposta pelas regras e pela cultura do silenciamento sentados.

A beleza, o saber, a habilidade, a necessidade são únicas de cada estudante. Assim como em qualquer espaço, as pessoas do espaço escolar têm que compreender suas habilidades e necessidades, e enxergar que também precisam de suporte para superar as barreiras que são impostas por diversos fatores, podendo ser estes nos domínios conceitual/cognitivo, social/comunicação e adaptativo/prático. A diferença está em saber qual e quando precisa de suporte para poder compreender quando e como oferecer suporte.

A escola deve ser o local onde estudantes tenham possibilidades de experimentar, errar, acertar, entrar em contato com os mais diversos saberes, só vivenciando, experimentando consegue se perceber sua própria autonomia, expressar-se nos contextos que pertence, familiar, escolar e comunidade. É papel fundamental de professoras(es) criar mecanismos que provoquem a curiosidade e o engajamento aos novos desafios, ao movimento corporal.

Para isso, Neira (2011) aponta primeiramente o mapeamento individualizado das habilidades e necessidades de cada estudante como fundamental, visto que possibilita identificar e valorizar o conhecimento que traz consigo, pois os mesmos devem fazer parte do momento da elaboração do planejamento dos conteúdos, das atividades individualizadas e do coletivo de forma contextualizada.

A partir do mapeamento do patrimônio cultural corporal da comunidade, os educadores investigam e recuperam as experiências dos estudantes, analisando seus saberes sobre as práticas corporais e as formas com as quais suas identidades se inter-relacionam com essas manifesta ações. A intenção é trabalhar pedagogicamente esses conhecimentos de tal maneira que as identidades culturais dos grupos que frequentam a escola possam ser legitimadas na instituição e, conseqüentemente, na sociedade (Neira, 2011, p. 190).

Para estudantes com necessidades de Suporte Adaptativo Especial na escola da pesquisa, não é diferente. É necessário conhecer, compreender, considerar as habilidades, necessidades e preferências que cada estudante traz consigo, sua cultura, sua religião, seu contexto social, isto é, sua história de vida e a valorização disso, no contexto escolar, é fundamental para alcançar o sucesso. Neira e Nunes (2022, p.1455), o mapeamento é a representação dos dados obtidos através da observação direta das práticas corporais no campo. Essa representação revela algo que sempre esteve presente, aguardando para ser descoberto, capturando a essência verdadeira da realidade na qual a prática pedagógica se desenvolve.

Diversas são as experiências que apontam para a importância da Educação Física na vida de estudantes com necessidades de suportes adaptativos especiais. Santos e Moreira (2021) convidam para

voltarmos nosso olhar para a corporeidade no cenário da educação escolar, perceberemos que ainda há fortes indícios de processos educativos enraizados numa perspectiva de querer educar os corpos para serem ágeis, fortes, belos, saudáveis e inteligentes, esquecendo da sensibilidade de olhar o ser humano como um sujeito de corpo inteiro (Santos; Moreira, 2021, p. 18).

Neira e Nunes (2014) destacam a Educação Física escolar, na perspectiva da cultura corporal, como o estudo de gestos sem adjetivação de certo ou errado, sem o foco da quantidade, qualidade ou melhoria técnica, mas a busca por um diálogo das representações que cada cultura representa, o gesto, o que significa expressar por meio das brincadeiras, das danças, das

ginásticas, das lutas, dos esportes, das artes circenses e dos esportes de aventuras, para que cada docente possua autonomia para elaborar seu currículo e metodologias que se adaptem à realidade da sua escola e de cada estudante. Pontos importantes que devem ser registrados com propósitos de avaliar as ações e reorganizar quando for necessário.

Não considera que as diferenças sejam impeditivas nem que os diferentes sejam vítimas a quem é preciso diagnosticar, dominar, controlar, regularizar e normalizar. Muito pelo contrário, nessa perspectiva a diversidade é bem-vinda. Pois em seu entendimento, as diferenças funcionam como pontos de partida para a prática pedagógica. Sensível à diversidade, o currículo cultural escuta o que os diferentes têm a dizer e presta atenção ao repertório cultural que os identifica. (Neira, 2011, p. 190).

Segundo Neira (2011) as diferenças são as riquezas do espaço escolar, são diferenças que a trocas dos saberes se acontecem a efetivação do ensino e aprendizagem. Também Bracht e Almeida (2019) contribuem afirmando que a:

percepção humana, assim, é fundada em nossas disposições em movimentos físicos intencionais, em uma pré-reflexiva intencionalidade do corpo. São capacidades, os hábitos e os meios de o corpo compreender o meio que formam o “background” para a intencionalidade. O corpo é, desde modo, a estrutura entre o organismo e o meio ambiente, o que é próprio dos seres humanos. (Bracht; Almeida, 2019, p. 11).

Conforme as citações acima, é fundamental que docentes se utilizem da sua autonomia no momento do mapeamento individual e do coletivo, estabeleçam planejamento das ações didáticas, que precisam ser pensadas, repensadas e elaboradas a partir das subjetividades do dia a dia, com e nas práticas que se efetivam em espaço físico, repensado e adequado à realidade e necessidade da demanda do público-alvo, com ou sem materiais didáticos, com especificidade individual perante o coletivo e que todas(os) precisam ser contempladas(os) no mesmo processo educacional.

Bracht e Almeida (2019) destacam que

o professor desempenharia o papel crítico de problematizar a validade normativa dos novos núcleos de sentido assim formados e os já existentes, transformando-os em instrumentos de justiça e do progresso social. Ele estaria preocupado em problematizar se são eles mais “democráticos” e inclusivos, se fomentam afetos de alegria ou tristeza, uma educação repressiva ou sensível, etc. (Bracht; Almeida, 2019, p. 11).

Em reflexão à citação de Bracht e Almeida (2019), as especificidades da demanda que cada estudante traz consigo, através do compreender, do ver, do escutar, do comunicar, da mobilidade sejam acolhido de maneira sensível no contexto que já existe, deste espaço escolar adequado, faz com que o ensino e aprendizado seja significativo e respeitoso, valorizando os conhecimentos a partir de quem nele está inserida(o). De acordo com Rosemberg (2006),

significa enxergar a pessoa em sua totalidade, oferecer a igualdade na perspectiva da diversidade coletiva com o foco na individualidade.

Na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I, colocar o geral como o igual que é oferecido no ensino regular para dentro do espaço desta escola como sinônimo de igualdade, para que estudante que necessita de suporte adaptativo especial se adapte, pode ser uma leitura simplista e desconectada da leitura do contexto real.

Fazer uma releitura a partir do próprio contexto, elaborar ações partindo da situação real, pode favorecer e estabelecer ações imediatas, de médio e longo prazo a partir do que é proposto de forma geral, é algo complexo, extremamente desafiador. Rosemberg (2006) nos convida para trocar as lentes, para enxergar o que nem sempre está visível aos olhos, precisamos buscar enxergar e efetivar as ações também com os olhos do coração.

Hykavei Junior (2022, p. 69) destaca em sua pesquisa, por meio de falas de docentes de Educação Física das escolas de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I.

A realidade da prática da Educação Física é citada pelos professores como um obstáculo a ser superado na elaboração dos planejamentos. Muitos destacam que os materiais apresentados para a utilização estão muito desconexos com as aulas.

Ainda, o mesmo autor destaca que o modo como é entendida a estruturação das práticas pedagógicas do Componente Curricular da Educação Física com a realidade, pode frustrar, não só estudantes, mas também professoras(es).

A participação efetiva de todos os alunos nas aulas de educação física deve ser pensada até na instituição especializada, pois temos alunos com diferentes deficiências nas turmas e o professor deve apresentar atividades e conteúdos onde todos possam participar. Materiais diversos, espaço adequado e professores capacitados são parte de um conjunto de fatores que têm como objetivo desenvolver alunos com deficiência. A Educação Física tem papel fundamental para esses alunos, principalmente aqueles que possuem idade mais avançada, pois a maior oportunidade que eles têm em participar de atividades coletivas, exercendo uma interação com os colegas é na escola. (Hykavei Junior, 2022, p. 93)

O pesquisador também destaca que a Educação Física geralmente é lembrada como área que apenas contribui no esporte. Contudo, ela deve ser pensada também como disciplina que, em sua área de conhecimento, proporciona ao estudante a participação efetiva em atividades básicas do dia a dia na escola, casa e comunidade.

Não podemos oferecer espaço escolarizado e ações pedagógicas baseadas no cumprimento de preenchimento de relatórios para cumprir demanda de plataformas, que muitas vezes se torna repetitiva e impede a adaptação de material e atividades que acolha as demandas

da turma. No que diz respeito às metodologias da disciplina de Educação Física na escola da pesquisa, Hykavei Junior (2022) destaca que a forma tradicional muitas vezes continua sendo perpetuada, com o estudante se adaptando à forma de organização pedagógica que é trazida do Ensino Regular.

Hykavei Junior (2022, p. 88) em sua pesquisa, mostra falas de docentes que descrevem a realidade dos 28 conselhos apresentados, pois todos reverberam uma insatisfação em relação às documentações exigidas e impede a melhor organização de material pedagógico e preparação das aulas. Mudanças são necessárias com urgência, e devem ser melhoradas a partir da própria organização da escola, conforme a própria realidade, conhecimento e autonomia de docentes no momento da elaboração PTD.

Omote (2018) ressalta que a humanidade está constantemente e naturalmente em evolução, o que gerará mudanças, novas demandas e necessidades, exigindo habilidades variadas das pessoas, no conceito específico à diversidade humana. Quando não acompanham o processo, muitas pessoas podem enfrentar obstáculos ou até mesmo impedimentos. Conseqüentemente, novas formas de exclusão podem surgir, pois a humanidade nunca estará concluída ou completa.

Em vista disso, o ensino e aprendizado são a conexão entre conhecimento adquirido e a adequação com os novos que surgem ao longo dos diferentes caminhos percorridos, assim como as formas de adquirir e transmitir também mudam. O ensino e aprendizado não é estático, assim como as particularidades da diversidade humana, são coisas indissociáveis. A maneira com que é visto pode ser algo complexo e difícil, assim como a riqueza potencializadora do espaço escolar. Para Morin (2000), significa a valorização da cultura, da família e comunidade no cotidiano em seus saberes construídos, transformados e ressignificados em novos conhecimentos.

Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos. [...] Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese. [...] Não só leva a situar um acontecimento em seu contexto, mas também incita a perceber como este o modifica ou explica de outra maneira. Um tal pensamento torna-se, inevitavelmente, um pensamento do complexo, pois não basta inscrever todas as coisas ou acontecimentos em um 'quadro' ou uma 'perspectiva'. Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, em meio à unidade humana. (Morin, 2003, p. 24-25).

São reflexões que despertam dúvidas, mas que também despertam novas possibilidades de compreender o próprio espaço de pertencimento a partir do próprio saber cotidiano. Para Morin (2000) significa entender a pessoa humana na própria objetividade e subjetividade, na razão e no sentimento. São contextos de ensino e aprendizado que se convergem para o resultado na formação humana (Rosemberg, 2006). Saberes que possibilitam compreender todas as dimensões das relações da vida real e da própria existência humana. No caso específico, saberes a partir da dimensão da corporeidade.

A dimensão de uma educação para a existência humana, via corporeidade, requer ver-se a si próprio para melhor ver fora de si, pois aqui está a linha de ruptura possível entre o pensamento mutilado/mutilador e o pensamento complexo. O “eu” é, ao mesmo tempo, expulso (da reflexão) e arrogante (heliocêntrico) no pensamento mutilado/mutilador. Já o conhecimento complexo exige que nos situemos na situação, nos compreendamos na compreensão e nos conheçamos aos conhecermos. Daí a difícil arte de pensar, mesmo porque não há receitas para pensar bem. Pensar é um problema vital (Moreira *et al.*, 2006, p. 42).

Diante de Moreira et al (2006) significa tomar consciência do próprio corpo, e existência do corpo da outra pessoa e cada um com a sua corporeidade, como linguagem única, que pode ser aprendida, mudada a todo instante conforme somos inseridos nos ambientes, sendo corpo parte do ambiente que muda e é mudado perante os estímulos recebidos. Para Freitas e Dantas (2012) ressalta como,

[...] fundamental que se abra um espaço para a construção de representações do corpo e dos valores que a ele se atribui. É importante perceber esse espaço como lugar privilegiado para refletir sobre a formação dos sujeitos, desmistificando estigmas, estereótipos, valores e atitudes, buscando assim, humanizar a prática pedagógica. (Freitas; Dantas, 2012, p. 149)

Essa visão de espaço escolar como formação do sujeito proporciona uma educação múltipla, considera o corpo que constrói a pessoa e sua história, sua cultura, com que está sendo oferecido e a sua volta, ao mesmo tempo que busca aprender mais sobre os outros que estão à sua volta, sendo imprescindível considerar a existência humana como base para o aprendizado escolar (Nista-Piccolo; Moreira (2012)). Por essa razão, estudantes precisam de um modelo de educação flexível que respeite a complexidade de seu corpo, sob a ótica também da corporeidade.

Também Sobreira, Nista-Piccolo e Moreira (2016) ressalta para

Educar tendo como princípio a corporeidade, significa acreditar na explicitação das relações homem/mundo/sociedade/cultura. Para isto há que se alterar valores, rechaçar modismos, explicitar a importância da existência, dedicar esforço na busca do ser mais, buscar transcendência, caminhar na direção do conhecimento contextualizado que englobe outros e mundo. (Sobreira; Nista-Piccolo; Moreira, 2016, p. 72)

Nesta visão, podemos ressaltar Morin (2000, p. 52) que diz que o ser humano é “plenamente biológico e cultural, que traz em si a unidade originária”. O que é aprendido, conservado e transmitido, incorpora e comporta normas e princípios de aquisição da cultura acumulada. Valorizar a cultura da corporeidade no espaço escolar possibilitará ressignificar o ensino e aprendizado, com autonomia e protagonismo do autoconhecimento, a partir das manifestações corporais.

A tarefa de compreender a linguagem corporal é complexa, caso contrário não seria uma das tarefas do espaço escolarizado fazer essa mediação. Cabe destacar que a Educação Física, a partir do Currículo Cultural, possui princípios que oferecem suportes para a leitura do movimento corporal a partir da valorização com que cada estudante traz consigo, entendendo como algo que precisa ser valorizado, a partir das reflexões e ações responsáveis respeitosa à diversidade humana, dos diferentes saberes que cada estudante traz para a construção dos novos saberes, individual e coletivo, proporcionando autonomia de professoras(es) na elaboração de didáticas no momento da realização das práticas corporais a partir da tematização junto com estudantes que necessitam de Suportes Adaptativos Especiais, e que traz profundo sentimento do ‘eu’ ser importante e de pertença ao ambiente.

A compreensão de que docentes não são heroínas e nem heróis é fundamental, existem diversos fatores que precisam ser contextualizados antes da efetivação, a prática no dia a dia só é uma parte do todo, é o momento tão ou mais importante do todo, o início para aprender a aprender está além dos muros da escola.

Segundo Soares (2017, p. 43), Documento Norteador: Educação Física, Desporto e Lazer – APAE BRASIL, a Educação Física Escolar está relacionada com o contexto sociocultural e evidencia como uma cultura corporal. Sendo a cultura o conjunto de símbolos e significados reconhecíveis pelo grupo que são formados desde a infância, valores que gradativamente são incorporados na vida diária e adulta. Entende-se cultura incorporada pela educação Física por meio dos conteúdos: jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas. Tendo como representação comum entre os conteúdos a ludicidade como características que possibilitam benefícios fisiológicos, psicológicos e instrumentos de comunicação.

Ainda segundo Soares (2017) além da idade cronológica nas diferentes etapas educacionais, é importante considerar o padrão funcional, a capacidade de compreensão dos estímulos e a execução dos movimentos. Docentes precisam conhecer as habilidades e necessidades básicas de cada estudante, assim como diferentes aspectos do desenvolvimento

humano, incluindo os aspectos biológicos - físicos, sensoriais, neurológicos; cognitivos, motores, interação social e afetivos.

É tarefa da Educação Física Escolar a referência de oportunizar à totalidade para cada estudante, respeitando suas particularidades e potencialidades, garantindo a prática da cultura corporal, e não o alto rendimento. Soares (2017, p. 43), deve-se evitar movimentos que exigem certas destrezas e habilidades específicas, priorizando, em vez disso, reflexões e práticas dentro de cada componente que possibilite a prática corporal. Isso deve ser feito de maneira que permita a realização com autonomia, promovendo a inclusão social e cultural de forma significativa.

2.3 Pensamento Complexo em perspectiva da Educação Especial na escola especializada

Dando continuidade às reflexões já realizadas, concordamos com Morin (2000) para que haja a correlação da aquisição de conhecimento, é necessária a mobilização entre um conjunto de saberes para aquisição de habilidades específicas e gerais, os quais são fundamentais na orientação da educação do presente para o futuro e devem ser tratados como algo presente “em toda sociedade e em toda cultura, sem exclusividade e rejeição” (Morin, 2000, p. 13).

Assumir a perspectiva do pensamento complexo é compreender que precisamos repensar a educação do mundo real, a partir da prática que vivemos em ambientes e contextos construídos por conflitos e superações com diversas perspectivas que estão relacionada às necessidades, pensamentos e atitudes.

Para sistematizar e dar vida às reflexões e compreender os desafios enfrentados no processo de efetivação, as práticas corporais nas aulas de Educação Física são extremamente complexas. Busca-se no pensamento complexo de Morin (2005b) entender o contexto real e as subjetividades do dia a dia interno e externo, que também são complexos e fazem parte da comunidade escolar da APAE. Assim,

a um primeiro olhar, a complexidade é um conjunto de tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenômeno. Mas então a complexidade se apresenta com traços inquietantes do amaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza...por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar... Mas tais operações necessárias à ambiguidade, correm o risco de provocar a cegueira, se

elas eliminam os outros aspectos do *complexus*; e efetivamente como eu indiquei elas nos deixaram cegos (Morin, 2005b, p. 13-14).

O pensamento complexo possibilita buscar o entendimento a partir do que realmente acontece, sem negar ou reduzir os saberes diversos de quem está inserido, tão pouco nega a fragmentação do conhecimento, a qual pode gerar dificuldades de compreensão. Não é a salvação da educação, porém proporciona espaço de diálogo e entendimento entre a necessidade de compreender o real interno, e proposições externas. Possibilita compreender os processos que propõem a reconexão dos saberes e entre os saberes que são vistos e compartilhados de forma compartimentada.

O pensamento complexo permite reconhecer que precisamos avançar na inclusão dos saberes, de conectar às áreas de conhecimento e perceber a realidade como mecanismo de construção e ressignificação de saberes. Trata-se de uma crítica à fragmentação dos saberes, acolhe as incertezas como algo que é capaz conhecer a organização por meio da contextualização, ao mesmo tempo que globaliza, reconhece que o singular, o individual, é concreto. Petraglia (2008) destaca que,

Edgar Morin é um pensador contemporâneo transdisciplinar. Intitula-se “um contrabandista dos saberes” por transgredir, perpassando as diversas áreas e por estabelecer diálogo entre as ciências e as humanidades. Tece, como numa tapeçaria de vários fios, as relações entre os múltiplos tipos de pensamentos (Petraglia, 2008, p. 17).

O processo de escolarização tem sua complexidade individualizada e coletiva, assim como as particularidades dos saberes e suas complementaridades. Além disso, compreende questões culturais, sociais, religiosas e outras mais que sejam importantes e necessárias para o pleno desenvolvimento humano. Deve fazer sentido para cada estudantes, de modo que descubram seu próprio conhecimento, habilidades e necessidades, e a partir do seu corpo, do seu movimento, consigam ser protagonistas da transferência do conhecimento para diversas ações, novas habilidades e superação de barreiras do dia a dia, com autonomia. Para Morin (2005),

A noção de autonomia humana é complexa, já que ela depende de condições culturais e sociais. Para sermos nós mesmos precisamos aprender. uma linguagem, uma cultura, um saber, e é preciso que essa própria cultura seja bastante variada para que possamos escolher no estoque das ideias existentes e refletir de maneira autônoma. Portanto, essa autonomia se alimenta de dependência; nós dependemos de uma educação, de uma linguagem, de uma cultura, de uma sociedade, dependemos claro de um cérebro, ele mesmo produto de um programa genético, e dependemos também de nossos genes. [...] graças a esses genes somos capazes de ter um cérebro, de ter uma mente, de poder assumir numa cultura os elementos que nos interessam e desenvolver nossas próprias ideias. (Morin, 2005, 66).

Assim como Morin (2005) destaca a complexidade da autonomia humana, é necessário oferecer meios para o desenvolvimento da autonomia das pessoas que necessitam de suportes adaptativos especiais a partir do suporte adaptativo especial é oferecido para dar condições de ser capaz de ser realizável. Entendemos que a autonomia e protagonismos a partir do pensamento de Morin (2005), caminham de mãos dadas. uma e consequência da outra, no caso específico desta pesquisa é compreender que a autonomia e protagonismo está sendo entendido para cada estudante práticas corporais durante a pesquisa nos domínios conceitual/cognitivo, social/afetivo e prático/motor.

A escola contemporânea é plural e deve ser capaz de proporcionar a condição de autonomia para todas as pessoas. Petraglia e Arone (2015) chamam a atenção para

lembrar que as demandas da contemporaneidade geraram diferenciadas necessidades e surgiu um novo perfil de sujeito na escola. Despontou também um conjunto de potencialidade e desafios, marcado pela modernização econômica, pelo fortalecimento dos direitos da cidadania, pela revolução digital e pela sociedade do conhecimento, em que educação e formação passam a ter papel significativo e mais abrangente. (Petraglia; Arone, 2015, p. 19).

Segundo Petraglia (2011), a teoria da complexidade é formada por estudos ao longo da vida de Morin, que destaca a palavra complexidade sozinha. Para o senso comum, ela se relaciona a situações complicadas ou difíceis de ser compreendidas ou resolvidas. As reflexões e construções epistemológicas e filosóficas de Morin permitem o entendimento e a importância de conectar as pesquisas atuais em educação com a complexidade, sem esquecer os princípios da formação social e cultural.

A Educação Especial na escola especializada, na perspectiva da complexidade, é uma desconstrução de pensamento focado nos desafios, que aponta possibilidade de transformar o desafio real em possibilidade para docentes que acreditam na transformação dos fenômenos sociais por meio das pequenas e grandes ações na educação no dia a dia, no chão da escola, em conexão com as decisões tomadas fora da escola.

Morin (2005) pontua que a palavra vem do latim *complexus* dizendo que significa que é aulido que é tecido em conjunto.

A estrutura do pensamento de Morin é pautada numa epistemologia da complexidade que compreende quantidades de unidades, interações diversas e adversas, incertezas, indeterminações e fenômenos aleatórios. Seu trabalho consiste na sistematização da crítica aos princípios, objetivos, hipóteses e conclusões de um saber fragmentado. [...] A complexidade, cerne do pensamento de Morin, traz em seu bojo a tarefa de ligar tudo que está disjunto (Petraglia, 2011, p. 52)

Este pensamento nos faz reconhecer que ainda precisamos avançar e conectar os saberes. Segundo Morin (2000), é um pensamento que trata das incertezas como algo que é capaz de conhecer a organização. É o pensamento apto a reunir, contextualizar, globalizar, mas, ao mesmo tempo, reconhecer o singular, o individual, o concreto. Sendo assim, percebemos que saberes são diversos e são complexos, porém precisam estar entrelaçados em sua completude, saberes isolados e fragmentados se distanciam da possibilidade de superação das nossas necessidades. Em relação ao pensamento de Morin, Petraglia (2011) ressalta que

As crianças aprendem a história, a geografia, a química e a física dentro de categorias isoladas, sem saber, ao mesmo tempo, que a história sempre se situa dentro de espaços geográficos e que cada paisagem geográfica é fruto de uma história terrestre; sem saber que a química e a microfísica têm o mesmo objeto, porém, em escalas diferentes. As crianças aprendem a conhecer os objetos isolando-os, quando seria preciso, também, recolocá-los em seu meio ambiente para melhor conhecê-los, sabendo que todo ser vivo só pode ser conhecido na sua relação com o meio que o cerca, onde vai buscar energia e organização (Petraglia, 2011, p. 78).

Entendemos Petraglia (2011) e Petraglia e Arone (2015) não como crítica à autonomia das disciplinas, mas é a maneira como são divididas sem a interconexão de conteúdos, por meio do rigor das regras que o ensino e aprendizado acontece, desconsiderando os saberes e sua completude com e para com outros saberes.

Para isso, Morin (2000) destaca os “Sete Saberes necessários para a Educação do Futuro” que aponta para:

Primeiro saber: “as cegueiras do conhecimento” (Morin, 2000, p. 19). Segundo o autor, “a educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão” (Morin, 2000, p. 19). Este saber está relacionado com os avanços tecnológicos e como estes avanços vêm contribuindo para o bem estar da humanidade. Morin (2000) acredita que o sentido de desenvolvimento tecnológico precisa ser pensado junto com as relações sociais e com o verdadeiro sentido crítico da relação ciência, tecnologia, e o que isso representa para toda comunidade escolar, pois não podemos negar que à medida que os avanços da tecnologia acontecem, também acontece o distanciamento entre quem tem acesso e aos que deles são excluídos.

Segundo saber: “os princípios do conhecimento pertinente” (Morin, 2000, p. 35). Está relacionado com ter acesso às informações globais e também das partes e às complexidades que as determinam. Reconhecer e conhecer as questões paradigmáticas e não programáticas, é fundamental para a educação e sua forma de organizar o conhecimento. O conhecimento isolado é dado insuficiente, é necessário que as informações sejam contextualizadas para formar sentido.

Terceiro saber: “ensinar a condição humana” (Morin, 2000, p. 47). Este nos traz para o centro do conhecer o ‘eu’, reconhecer-se como humanidade comum ao mesmo tempo que se reconhece que as diversidades culturais são inerentes a tudo que é humano. Faz com que se situe, unido ao universo e não como alguém separado e fora dele. Para Morin (2000, p. 47) “todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. ‘Quem somos?’ é inseparável de ‘Onde estamos?’ ‘De onde viemos?’ ‘Para onde vamos?’”. Somos questionados e, ao mesmo tempo, questionamos. Exige compreender o ser humano imergido em seu cotidiano, tanto na objetividade como na subjetividade, na razão assim como na emoção.

Quarto saber: “ensinar a identidade terrena” (Morin, 2000, 63). É preciso compreender tanto a condição humana no mundo como a condição do mundo humano, que, ao longo da história moderna, tornou-se condição da era planetária. O autor relaciona o ensinar à identidade terrena e está relacionado com outro saber da complexidade, o reconhecimento da pessoa humana que habita e convive na dimensão terrena, com as relações, com sua cultura, e todos os seres vivos.

Quinto saber: “enfrentar as incertezas” (Morin, 2000, p. 79). O autor também reconhece nas diferenças os pontos de encontro para poder construir a identidade terrena. Destaca a totalidade como um conjunto de possibilidades, de percepções e discursos. Tomar consciência para enfrentar as incertezas, possibilita entender que a vida foi, e continuará sendo uma aventura desconhecida, um futuro aberto e imprevisível. Acolher as dúvidas, medos e projeções futuras são características importantes para o século XXI. Morin (2005b) as aponta como características humanas profundas, pois mesmo que projetemos estratégias adequadas, não teremos todas as respostas desejadas, mas salienta que o inesperado nos surpreende.

Sexto saber: “ensinar a compreensão” (Morin, 2000, p. 93). Sinaliza com urgência que a organização de estratégia possibilite aprender o cuidado com a outra pessoa e com o planeta, ou seja, estratégias de autoproteção e proteção de todas as formas de vida. Portanto, compreender que somos seres individuais e coletivos, dependemos uns dos outros é fundamental para o ensino e aprendizado. Assim como é necessário conhecimento que desperte sentimento de solidariedade, respeito as diversidades como princípios necessários para evolução de qualquer espécie de vida. Morin (2000, p. 93) traz que “o problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E por esse motivo, deve ser umas das finalidades da educação do futuro”.

Sétimo saber: “a ética do gênero humano” (Morin, 2000, p. 105). Relaciona a concepção complexa do gênero humano que comporta a tríade indivíduo/sociedade/espécie. Os indivíduos são mais do que produtos do processo reprodutor da espécie humana, mas o mesmo

processo é reproduzido por indivíduos a cada geração. É neste saber que a ética é fundamental para a existência da espécie humana.

Diante dos sete saberes expostos por Morin (2000), percebemos que existem questões complexas na Educação, especificamente na Educação Especial em ambiente da escola especializada. Questões de como compreender o significado e significante do que é conhecimento, autonomia e protagonismo para a pessoa com necessidade de suporte adaptativo especial estão presente nas reflexões.

Entender que essa casa planetária é de todas as pessoas e saberes, que ensinam e aprendem ao mesmo tempo através das relações com os princípios do conhecimento pertinente, como Morin (2000) aponta e questiona ao mesmo tempo.

O conhecimento do mundo como o mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital. É problema universal de todo cidadão do novo milênio: como ter acesso às informações sobre o mundo e como ter de articula-las e organiza-las? Como perceber e conhecer o Contexto, o Global (relação todo/partes), multidimensional, o Complexo? Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento. Entretanto, esta reforma é paradigmática e, não programática: é a questão fundamental da educação, já que se refere à nossa aptidão para organizar o conhecimento (Morin, 2000, p. 35).

Portanto, o fragmento anteriormente citado se relaciona com a maneira como compreendemos, vivemos a prática no dia a dia, como recebemos, interpretamos e transmitimos o conhecimento. Isso reflete diretamente na estruturação de estratégias e organização da prática, são fenômenos complexos, que precisam ser abordados a partir da e com a realidade, que são interconectados e interdependentes. Portanto, é necessário compreender os fatores e as dimensões que envolvem os textos e contextos dos fatos, assim como possibilitar ensino e aprendizado, sendo professora mediadora que constroem junto com estudantes o conhecimento, ambas motivadas(os) com autonomia e sendo protagonistas para criar e recriar saberes, que mudam e são mudados diariamente em suas próprias vidas.

Morin (2000) destaca que a diversidade humana é como a animalidade e a humanidade que juntas constituem a nossa condição humana. Segundo ele, a “importância da humanização é primordial à educação voltada para a condição humana” (Morin, 2000, p. 50). É compreender a unidade entre as diversidades, pois elas estão interconectadas, para que ambas existam e para que sejamos pessoas humanas em plenitude.

A Educação do Futuro (Morin, 2000) provoca e convoca ao mesmo tempo a imersão que também nos traz para a emergência dos saberes que são: a cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; a ética do gênero humano.

Morin (2005) diz que somos dependentes de condições internas e externas para alcançar a nossa verdadeira autonomia, pois precisamos nos conectar com diversos saberes. A educação escolarizada é universal, e não pode ser reduzida a conhecimentos isolados, sem respeitar as especificidades presentes nesta realidade. Está relacionado com a desorganização, auto-organização, coletividade, individualidade, relações interpessoais e formas de ensino-aprendizagem criativa.

Ao mesmo tempo que ensina, é ensinada, assim acontece o processo inverso. É importante que cada pessoa exerça no coletivo, das partes da educação em cada contexto que se faz o todo da educação para todas(os) a partir de diálogos verdadeiros, de que existem estudantes (crianças, adolescentes, jovens, adultas, idosas) que têm maior comprometimento e que precisam de uma escola que ofereça suporte de ensino e aprendizado com equipe multidisciplinar especializada. Este pensar deve ser entendido, possibilitando a existência de um espaço que ofereça suporte para que cada estudante, para que tenha acesso e permanências para desenvolver suas habilidades para superar as dificuldades por meio da prática pedagógica coerente.

Os conteúdos não podem ser mediados e desconectados da realidade, pois ela é mudada assim como nós somos mudadas por ela. Precisam ser pautados no propósito de ver e escutar sensivelmente as especificidades individuais e coletivas. Rosenberg (2006) detalha, complementando que os conteúdos também precisam ser obtidos no diálogo autêntico, na cooperação, na instauração da confiança entre a turma, no respeito por si mesmo, pelos colegas e pelas opiniões diferentes, na tolerância, na tomada de decisões, nas soluções de conflitos junto com o coletivo, na aceitação das responsabilidades próprias e alheias. É dessa atmosfera que percebemos a nossa realidade e novas maneiras de seguir em frente.

Ainda, Morin (2000) destaca que para o conhecimento ser pertinente e a educação apropriada e efetiva é necessário evidência, o contexto, o global, o multidimensional, e o complexo com a realidade.

contexto: conhecimento das informações ou dos dados isolados, [...] **global:** é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo inter-retroativo ou organizacional. [...] o todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes se estiverem isoladas. [...] é preciso efetivamente recompor o todo para conhecer as partes. [...] **multidimensional:** as unidades complexas, como o ser humano ou a sociedade, são multidimensionais: dessa forma o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. a sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa, [...] **complexo:** o conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis construtivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo, e

inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e o seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes entre si (Morin, 2000, p. 36, 37, 38). (Grifo nosso)

Do mesmo modo, no complexo, podem-se encontrar as partes que possibilitam a clareza, a ação, a ordem, a desordem e a estratégia que fazem parte do todo voltado à descoberta do conhecimento para dar sequência em casos aleatórios sem que seja o determinismo para novas descobertas, haja visto que casos inesperados e incertos acontecem e também são importantes em determinadas descobertas de conhecimentos.

O pensamento simples resolve problemas simples sem problemas de pensamento. O pensamento complexo não resolve por si só os problemas, mas se constitui numa ajuda à estratégia que pode resolve-los. Ele nos diz: “Ajuda-te, o pensamento complexo te ajudará”. [...] O que o pensamento complexo pode fazer é dar, a cada um, um momento, um lembrete, avisando: Não esqueça que a realidade é mutante, não esqueça que o novo pode surgir e, de todo modo, vai surgir. [...] A complexidade situa-se num ponto de partida para uma ação mais rica, menos mutiladora (Morin, 2005b, p. 83).

Nem o pensamento simples nem o complexo se tratam de receitas prontas e previsíveis, tratam-se do que nos coloca em alerta para o inesperado sem desespero, com possíveis percalços de toda ação. Faz-se entender que são todas as partes de todos os contextos que transformam o todo, assim o todo é a unidade das partes. A maneira de interpretar e mediar o conhecimento em ensino e aprendizagem possibilita conduzir para a autodescoberta.

Nesta interpretação do ensino e aprendizagem em sua plenitude de simplicidade e complexidade, vamos fracionar em partes para encontrar caminhos de mediação emancipatória e responsável, ao ensino e aprendizagem, respeitoso, prazeroso, efetivo e afetivo do processo das práticas do movimento corporal nas aulas de Educação Física escolar.

CAPÍTULO III – ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse capítulo, apresentam-se os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa. Inicia com a sua caracterização, expondo o campo, suas especificidades e participantes. Em conexão aos objetivos e à problemática da pesquisa, com intuito de auxiliar, reconhecer e validar as estratégias escolhidas para cada procedimento que foi realizado durante as intervenções práticas.

O presente contexto e momento da pesquisa é buscar junto cada estudantes uma proposta para a solução de um problema, mesmo que não consigamos a resposta tão desejada que se faz por meio de reflexões e questionamentos a partir da realidade. Segundo Barbier (2002), a busca por práticas no contexto da educação permite a efetiva participação de professoras(es), estudantes e outras pessoas envolvidas de forma colaborativa, identifica o problema e implementa mudanças.

Assim, compreendemos a importância do trabalho docente enquanto pesquisadora, alguém que busca a melhoria, de forma contínua, do seu trabalho e a possibilidade de transformação da sua realidade (Gil, 2010).

3.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa apresenta critérios na totalidade do processo para a efetivação das práticas pedagógicas de movimento corporal nas aulas de Educação Física, com possibilidade de resolver uma demanda necessária. Segundo Moreira e Caleffe (2006, p. 71) “a intenção é resolver um problema e desenvolver um novo processo e/ou produto”.

Em acordo com os objetivos propostos, caracteriza-se em pesquisa exploratória, pois, segundo Moreira e Caleffe (2006, p. 70) a preocupação principal é identificar os fatores que contribuem e determinam os acontecimentos dos fatos. É um tipo de pesquisa que se aprofunda nos fatos da realidade, explica a razão e os porquês de os fenômenos acontecerem.

Segundo Barbier (2002), a pesquisa deve permitir aos participantes expressarem a percepção que têm da realidade do objeto de sua luta ou de sua emancipação. Um modelo aberto e dialético que situa e organiza pessoas de um determinado problema como participantes na resolução dos problemas, servindo de guia para o pesquisador como instrumento de ação transformadora da realidade das pessoas em sociedade e da sua própria posição enquanto pessoa ativa dessa mudança.

O estudo da realidade em seu movimento, analisa as partes em constante relação com a totalidade. Isso permite utilizar a abordagem qualitativa. Moreira e Caleffe (2006, p. 73) dizem que tal formato de estudo “explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente”. Existem os mais diferentes significados e especificações para esta metodologia de investigação, pois é naturalmente fácil de compreendê-la como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas, ator social, fenômenos da realidade ou ainda para descoberta dos aspectos que corroboram ou que determinam a ocorrência dos fatos.

A escolha do método ocorreu especialmente devido ao fato de a pesquisadora ser professora frente à realidade da escola, o envolvimento com alunas(os), a funcionalidade de todos os instrumentos e contextos, respectivamente para aplicar e explicar os fenômenos de forma mais coerente possível com a realidade.

As estratégias adotadas para a realização da estruturação de conceitos e às práticas da pesquisa foram em acordo com os princípios do referencial teórico, como artigos científicos relacionados à temática. Os procedimentos, por estarem relacionados à investigação coparticipativa, têm como característica a pesquisa-ação.

[...] a pesquisa-ação adota um encaminhamento oposto pela sua finalidade: servir de instrumento de mudança social. Ela está mais interessada no conhecimento prático do que no conhecimento teórico. Os membros de um grupo estão em melhores condições de conhecer sua realidade do que as pessoas que não pertencem ao grupo. (Barbier, 2002, p. 53).

Portanto, a pesquisa busca articular a intervenção das práticas em conexão com os autores do referencial teórico para analisar e compreender as ações do cotidiano pedagógico de maneira individual e coletiva. Desta forma, poderá contribuir com os avanços nos debates da realidade da Educação Física na escola especializada-APAE.

Esta percepção trata-se de compreender a(o) estudante como pessoa individual e coletiva, que em seus saberes, desejos e frustrações, seja protagonista, contribuindo e possibilitando sua participação solidária no coletivo com autonomia.

Não há pesquisa-ação sem participação coletiva. É preciso entender aqui o termo ‘participação’ epistemologicamente em seu mais amplo sentido: nada se pode conhecer do que nos interessa (o mundo afetivo) sem que sejamos parte integrante, “actantes” na pesquisa, sem que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência, na integralidade de nossa vida emocional, sensorial, imaginativa, racional. É o reconhecimento de outrem como sujeito de desejo, de estratégia, de intencionalidade, de possibilidade solidária (Barbier, 2002, p. 70-71).

Portanto, de acordo com Barbier (2002), a pesquisa-ação é um modelo dialético, que organiza a situa as pessoas pertencentes a uma realidade que se colocam à disposição na

resolução dos problemas, e serve como mecanismo que possibilita ação transformadora da realidade e das pessoas envolvidas no contexto. Desta maneira, fica evidenciada a opção por uma abordagem qualitativa, segundo Moreira e Caleffe, (2006), além de explorar as características das pessoas, os cenários que não podem ser mensurados numericamente, também aborda os significados, os detalhes dos fatos e da realidade social do grupo.

A pesquisa é qualitativa, utilizou-se de anotações, gravações de vídeos, imagens das práticas pedagógicas durante as aulas de Educação Física, posteriormente, análises a partir da abordagem do referencial teórico e metodológico da análise de conteúdo. Segundo Bardin (2016), os conteúdos seguem uma sequência que possibilita compreender os resultados, a partir da pré-análise por meio da sistematização de ideias, as hipóteses, objetivos definidos, as leituras, presume-se favorecer as reflexões e a busca por solução do problema de pesquisa e objetivos evidenciados para o estudo.

A categorização do material ocorre por meio da exploração e aborda a pesquisa por meio dos arquivos da prática. Os recortes validam a pesquisa por meio dos registros, as interferências e interpretações, tem foco a construção criativa, colaborativa e flexível de todas e todas participantes da pesquisa, sendo a professora/pesquisadora a disparadora de conteúdos e estratégias, proposta a partir de observações das habilidades, necessidades de suporte adaptativo especial e também engajamento da turma. É importante também ressaltar a flexibilização do tempo, no início da coleta de dados nas aulas prática houve necessidade de prorrogação, afastamento por atestado médico em dois momentos, rompimento parcial do tendão de Aquiles da professora//pesquisadora, organização da agenda dos jogos escolares, no momento de análise dos resultados dos dados novamente dois afastamentos médicos para realização da cirurgia no tendão de Aquiles e na sequência cirurgia no joelho. Mesmo com os afastamentos a pesquisa se manteve fiel na coleta e análises dos resultados.

Gil (2008) destaca que é uma forma de interpretar os resultados, a pesquisadora precisa ir além tão somente da leitura de dados visto aos olhos, precisa enxergar e incluir fatores subjetivos, que têm sentido mais amplo. Porém, a análise e interpretação dos dados possui critérios que potencializam o aspecto qualitativo da pesquisa, como a comunicação, as emoções, os sentimentos, as relações interpessoais, as crenças, a cultura etc., busca entender as pessoas de maneira multidimensional e o ambiente que a acolhe. Franco (2012, p. 12) ressalta que “o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, figurativa, documental ou diretamente provocada”.

Os dados coletados foram discutidos na perspectiva da Análise de Conteúdo de Bardin (2016) que ressalta as fases distintas da organização dos conteúdos: a) pré-análise; b)

categorização e exploração do material; c) tratamento dos resultados a inferência e a interpretação do material, a partir de um roteiro estruturado, flexível e específico.

a) A pré-análise: é a fase de organização, de preparar e sistematizar todos os procedimentos necessários para iniciar a pesquisa (escolhas de documentos norteadores, formulação de problemas, objetivos e possibilidades da investigação;

b) Categorização e exploração de material: momento da efetivação da prática em conexão com os objetivos;

c) Tratamento dos resultados a inferência e a interpretação do material: é a essência da pesquisa, trata-se dos resultados.

Para Bardin (2016), os critérios abordados cuidadosamente visam garantir uma dimensão de categorias, adequação com os objetivos da atividade, agrupamento das informações em elementos comuns em uma categoria. Pautadas no problema, nos objetivos, nas possibilidades, na efetivação das práticas, reflexões com as leituras de referencial teórico. A junção e conexão de todos os contextos, permitem garantir toda dimensão, com maior adequação das categorias em análise.

a) Mapeamento: visualização do processo e possibilidades da efetivação das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar;

b) Efetivação da autonomia e protagonismo do ensino e aprendizagem nos domínios conceitual/cognitivo, social/afetivo e prático/motor durante as aulas práticas da pesquisa;

c) Mediação das práticas corporais nas aulas de Educação Física na Escola de Educação Básica, Modalidade de Educação Especial – APAE, Ensino Fundamental -anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos -Fase I.

Segundo Bardin (2016), os conteúdos seguem uma sequência que possibilita compreender os resultados, a partir da pré-análise por meio da sistematização de ideias, as hipóteses, objetivos definidos, as leituras, presume-se favorecer as reflexões e a busca por solução do problema de pesquisa e objetivos evidenciados para o estudo.

A categorização do material ocorre por meio da exploração e aborda a pesquisa por meio dos arquivos da prática. Os recortes validam a pesquisa por meio dos registros, as interferências e interpretações, tem foco a construção criativa, colaborativa e flexível de todas e todas participantes da pesquisa, sendo a professora/pesquisadora a disparadora de conteúdos e estratégias, proposta a partir de observações das habilidades, necessidades de suporte adaptativo especial e também engajamento da turma.

As categorias são propostas e pensadas a partir do pensamento complexo de Morin (2000 e 2005), com as práticas pedagógicas da Educação Física Escolar na perspectiva do Currículo

Cultural (Neira, 2011), com princípio do entendimento da mediação em Rosenberg (2006) por meio da compreensão da necessidade da habilidade e necessidade, da razão e emoção de cada participante da pesquisa. Busca-se por entendimento de o que o ambiente real apresenta, sem hipervalorizar saberes. Também procura ser empática na conexão com as demais áreas de conhecimento de maneira transdisciplinar, além de, tão somente, o conhecimento pedagógico do espaço escolarizado, mas também compreender os fatores internos e externos que estão além dos muros da escola. Fatores estes que afetam toda a sociedade, conseqüentemente reverberam no dia a dia escolar.

Por se tratar de um contexto com pouquíssima pesquisa, há grande preocupação com a não romantização e a não estigmatização destes estudantes que necessitam de Suporte Adaptativo Especial. As reflexões e os autoquestionamentos acompanharam todo o percurso da pesquisa, exigindo avanços, recuos, mudanças de percursos, assim como no dia a dia das práticas pedagógicas no ambiente escolarizado. Exigindo assim um tempo maior de aprofundamento entre o referencial teórico e a prática.

3.2 Contexto da pesquisa

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP), de 2021, da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Prudentópolis/PR, ela foi fundada em 14 de novembro de 1984, reconhecida como de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº 561 de 29/11/1985 (Prudentópolis, 1985); de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 8.577 de 22/10/1987 (Paraná, 1987); e de Utilidade Pública Federal pelo Processo M.J. nº 12921/89-69 de 03/06/1991 (Brasil, 1991).

Em 2011, atendendo às exigências de um novo modelo de orientações, no dia 31 de dezembro do mesmo ano foram cessadas as atividades da Escola de Recuperação do Excepcional. No dia 02 de janeiro de 2012, aproveitando a mesma estrutura física existente, iniciaram-se as atividades da Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial, amparada pelo Parecer CEE/CEIF/CEMEP nº 07/2014 (Paraná, 2014).

A partir de então, passou a ofertar escolarização, nas etapas da Educação Infantil, Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos – Fase I, docentes especializadas(os) metodologias específicas, adaptações curriculares significativas e ampliação do tempo escolar adotando o nome de Escola Espaço e Vida.

A escola possui espaços para a realização das aulas práticas de Educação Física, uma quadra poliesportiva coberta, uma piscina aquecida e coberta, uma sala adaptada de Educação

Física, um campo de golf-7 de grama natural, um pátio aberto e amplo. Os treinamentos esportivos são realizados em contraturno. Esta possui também um auditório e uma sala de informática, além do atendimento à Educação com 24 turmas frequentadas por um total de 185 (cento e oitenta e cinco) estudantes.

Até o momento desta pesquisa, ela possui em seu quadro equipe multidisciplinar composta por profissionais da área da educação, da saúde, da assistência social, atendentes e auxiliares de turma, de serviços gerais, administrativos e motoristas. funcionárias(os), são mantidas(os) pelo convênio com a prefeitura (FUNDEB), SEED/PR convênio financeiro, professoras QPM. Os profissionais da saúde e as assistências são mantidos pelo SUS.

A pesquisa ocorreu com 31 estudantes, entre 7 e 43 anos de idade, do Ensino Fundamental anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos – Fase I, o público alvo são estudantes com diagnóstico de deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde que demandam do contexto escolar práticas pedagógicas que possibilitem apoios contínuos e/ou pervasivos, uma professora/pesquisadora e um atendente que será identificado pelo seu primeiro nome Kaio o mesmo tem formação em pedagogia.

No quadro são apresentadas as turmas, cada estudantes e os Suportes Adaptativos Especial, individualmente e no coletivo de cada turma.

QUADRO 2 – Mapeamento: indicações de Suportes Adaptativos Especiais para cada estudante.

Nome	Idade	Ens. F.	Ciclo	Etapa	Suporte Volante	Suporte Constante						
Eder	7	T: A	1º	1ª	12/6-8-11	1-2-3-4-5-7						
João	7	T: A	1º	1ª	12/4-6-9	1-2-3-5-7-8						
Pedro	8	T: A	1º	2ª	12/1-2-3-4-8	7						
Daniel	8	T: A	1º	2ª	12/2-3-6-8-11	1-4-5-7						
Guilherme - C	8	T: A	1º	2ª	Todos	Todos						
Michele	8	T: A	1º	2ª	12/3-4-5-6-8	1-2-7						
Quantidade de suporte adaptativo especial na turma no momento das práticas corporais de mapeamento												
Suportes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Total	6	6	5	6	6	5	6	6	1	1	2	6
Identidade da turma: 2 estudantes com autismo nível 1 e 2 de suporte, 1 estudante cadeirante/PC totalmente dependente, 1 estudante com dificuldade de dicção com linguagem materna ucraniana oralidade silábica, 2 estudantes sem linguagem oral, 1 com dificuldade na dicção.												
Nome	Idade	Ens. F.	Ciclo	Etapa	Suporte Volante	Suporte Constante						
Juliano	13	T: B	2º	3ª	12/3-5-6-8	1-2-4-7						
Carine	13	T: B	2º	6ª	12/1-3-4-5-6-8	7						
Ellen	14	T: B	2º	6ª	12/1-3-4-5-6-9	7-8						
Gabriel	14	T: B	2º	6ª	12/3-4-5-6-9	7						
Luiz G	13	T: B	2º	6ª	12/1-2-3-6-8	7						
Luiz R	13	T: B	2º	6ª	12/1-2-3-4-5-6-8	7						
Quantidade de suporte adaptativo especial na turma no momento das práticas corporais de mapeamento												
Suportes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Total S.	5	3	6	5	6	6	6	5	9	-	-	6

Identidade da turma: 1 estudante hiperativo, 1 estudante anã, 1 estudante de linguagem materna ucraniana muita dificuldade na dicção, oralidade silábica, todas(os) andante, 5 com oralidade.

Nome	Idade	EJA	Suporte Volante	Suporte Constante
Andryel	17	T: C	12/1-3-4-5-6-8	2-7
Alais – C	18	T: C	12/1-3-4-5-6-8	7
Divonzir	19	T: C	12/1-5-8	7
João M.	18	T: C	12/2-3-4	1-5-6-7-8
John	26	T: C	12/1-2-3-4-5-6-8	7
Josenei	31	T: C	12/1-3-5-6-8	2-7
Jonas – C	25	T: C	12/10-11	1-2-3-4-5-6-7-8-9
Keli	45	T: C	12/1-2-3-6-8-9	4-5-7
Luiz P.	23	T: C	12/1-3-5-6-8	2-7
Tatiane	20	T: C	12/1-3-7	2
Vanessa	26	T: C	12/3-5-6-9	1-2-4-7-8
Zélia	28	T: C	12/1-3-4-5-6-8-11	2-7

Quantidade de suporte adaptativo especial na turma no momento das práticas corporais de mapeamento

Suportes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Total	11	9	10	2	3	3	3	2	2	-	-	11

Identidade da turma: 4 estudantes com síndrome de Down, 5 estudantes com dificuldade na dicção/linguagem oral, 1 estudante não verbal, 2 estudantes com dificuldades de equilíbrio, 2 estudantes obesos, 1 estudante com baixa visão, 2 estudantes atletas do tênis de mesa, 2 estudantes atletas de atletismo.

Nome	Idade	EJA	Suporte Volante	Suporte Constante
Adelar	18	T: D	12/5-6-9	1-2-3-4-7-8
Elaiane	26	T: D	12/2-4	1-3-5-6-7-8-9
Jean	24	T: D	12/4-10	1-2-3-5-6-7-8-9
Luciana -C	36	T: D	12/2-10-11	1-3-4-5-6-7-8-9
Mariana	35	T: D	12/1-5-6-10	2-3-4-7-8-9
Suzana	40	T: D	12/1-4-5-6-9	2-3-7
Zenábio	43	T: D	12/2-4-5-6-10	1-3-7-8-9

Quantidade de suporte adaptativo especial na turma no momento das práticas corporais de mapeamento

Suportes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Total	7	7	7	7	7	7	7	7	7	3	1	7

Identidade da turma: 2 estudantes com baixa visão, 1 cega, 2 estudantes com dificuldade de equilíbrio, 3 estudantes com dificuldades de manipulação, 3 estudantes com dificuldade de locomoção, 1 cadeirante.

Fonte: elaborado pela autora, 2024. Releitura da Escala de Comportamento Adaptativos e Escalas SIS-A e SIS-C AAIDD (2016 e 2021) no dia a dia em sala de aula. A letra C na frente do nome da(o) estudante significa que participou em 1 aula por cronograma.

Neira (2011) destaca a importância do reconhecer e valorizar as diferentes formas de comunicação, tanto a verbal quanto a não verbal das(os) estudantes, pois as aulas são ambientes de oportunidades de reflexão sobre cultura corporal pertencente à comunidade escolar.

Portanto, no quadro abaixo, é apresentado o resultado do mapeamento realizado através de duas aulas: uma na SEFA e outra na QP, de forma coletiva e individual, por meio dos conteúdos Ginástica Geral e Dança Criativa.

Neves e Neira (2019) destacam que o mapeamento permite reconhecer e valorizar as práticas corporais presentes na comunidade, é possível planejar melhor as atividades corporais incluídas no currículo, a partir da própria cultura local, além de possibilitar conexões mais

harmoniosas entre a cultura das(os) estudantes e a cultura dominante historicamente presente no ambiente escolar.

Entendemos que o mapeamento também é um dos suportes adaptativos especiais para professoras(es), sendo que as(os) estudantes que oferecem direcionamento suficiente para validar a elaboração do planejamento coletivo com foco no individual.

3.3 Instrumentos e especificidades da pesquisa

Quando falamos de Educação Especial em Escola de Educação Básica, Modalidade de Educação Especial – APAE, Ensino Fundamental -anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos -Fase I, nos referimos a estudantes com diagnóstico de deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde que demandam do contexto escolar práticas pedagógicas que possibilitem apoios contínuos e/ou pervasivos.

O manual AAIDD (2021) orienta que as intervenções precisam ser centradas na pessoa e que atenda às suas necessidades, contribuindo com a sistematização e entendimento das necessidades de apoio. Apresenta escalas de avaliação SIS-A (2020) para jovens e adultos acima de 16 anos, SIS-C (2021) para crianças e adolescentes de até 16 anos, ambas apresentam itens e subitens das necessidades a serem avaliadas.

A SIS-A (2020) é um instrumento que identifica e avalia os apoios necessários para que pessoas com incapacidade intelectual e desenvolvimento possam participar nas atividades cotidianas da vida em sociedade. Ele é especialmente útil em situações onde há uma discrepância entre a competência pessoal dessas pessoas e as exigências das tarefas.

A SIS-C (2021), segundo Rocha e Castro (2023), diz respeito a apoios médicos e comportamentais, atividades da vida doméstica, atividades de participação escolar, atividades de saúde e segurança, atividades sociais, atividades de auto advocacia.

É notória a importância das escalas SIS-A e SIS-C, na fase do mapeamento para conhecer habilidades e necessidades, porém, percebe-se que é uma avaliação realizada antes da chegada da(o) estudante na sala de aula, a qual docentes geralmente não participam. A própria orientação da SIS-A (2021, p. 3) aponta uma demanda de tempo para a conversa de em torno de duas ou três horas com estudante e familiares, ou seja, é muito difícil para docentes sozinha, acolher todas as habilidades e necessidades da turma de até 10 estudantes. Precisaria da participação coletiva de todas as pessoas que atendem a turma, pois cada pessoa em seu objetivo

específico tem o objeto em comum que é o ensino e aprendizado do seu componente curricular para cada estudante.

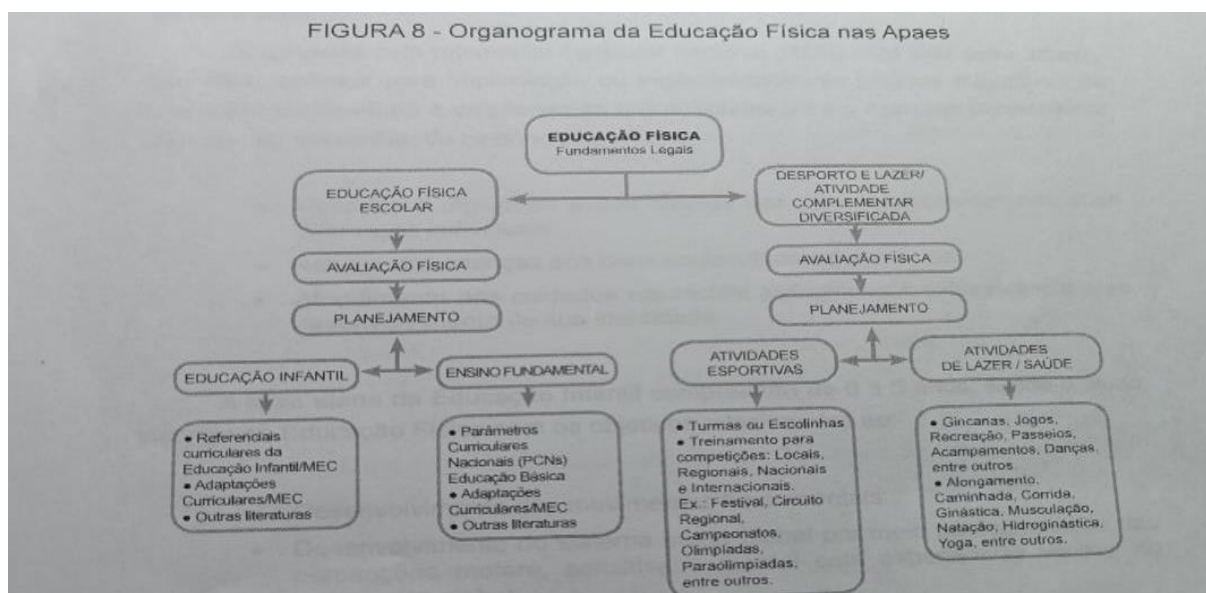
Outra questão observada, tanto na SIS-A quanto na SIS-C, é a dificuldade para compreender e aplicar, apoio, suporte, intensidade, quantidade, escalas, tempo necessários, porém estes acontecem em outro momento e situações de avaliações. Ou seja, é a avaliação para definir se o estudante é ou não da Educação Especial. Isto é, na sala de aula ele já passou pelo processo que é bastante moroso de refazer a avaliação, que chega até a(o) docente para uma releitura para o contexto da sala de aula parece distante.

É necessário apresentar instrumentos de avaliação em que a(o) própria docente, dialogue diretamente da realidade do dia a dia, sendo os instrumentos de sua apropriação considerando a perspectiva em sala de aula, a fim de possibilitar a leitura real de Suportes Adaptativos Especiais são necessários para oferecer a cada estudante no sentido de que possa avançar nas suas habilidades, superando r as necessidades e as barreiras com o coletivo e individualmente.

As intervenções precisam ser focadas na pessoa, no local real do momento da prática pedagógica diária, articuladas também com as demandas que são do coletivo e individual, com as orientações de cada componente curricular. São questões relevantes que interferem diretamente na habilidade e na necessidade, assim, cada demanda possibilita conhecer quais os tipos de suportes adaptativo especial, quando são necessários oferecer para coletivo e individualmente, tendo em mente por que precisa, quando precisa e aonde pretende chegar.

Na sequência, o quadro apresenta a organização da Educação Física proposta nas APAEs

Quadro 3 – Organograma da Educação Física nas APAEs



Fonte: Soares (2017)

Considerando que a organização da Educação Física Escolar das APAEs já está pautada nos documentos legais do MEC, conseqüentemente no Paraná, temos também os documentos norteadores, nos quais contêm os objetos de conhecimento e os objetivos de aprendizagem da Educação Física, organizados a partir das unidades temáticas e considerando o aprendizado necessário para cada ano do Ensino Fundamental. O objetivo é contribuir para a reorganização e reelaboração das Propostas Pedagógicas Curriculares da Educação Básica nas redes de ensino do estado do Paraná. Além do organizador curricular, o documento inclui um glossário de termos e um quadro sugestivo de conteúdos específicos relacionados aos objetos de conhecimento, que são:



Unidades Temáticas/Ano	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	8.º	9.º
Brincadeiras e Jogos	Brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário local e regional	Brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário local e regional	Brincadeiras e jogos de matrizes Indígena e Africana	Brincadeiras e jogos populares e tradicionais do Brasil	Brincadeiras e jogos populares e tradicionais do Mundo	Jogos de tabuleiro	Jogos eletrônicos/Jogos eletrônicos de movimento	Jogos dramáticos	Jogos cooperativos
Esportes	Jogos esportivos de precisão	Jogos esportivos de marca	Jogos esportivos de campo e taco	Jogos esportivos de rede/paredo	Jogos esportivos de invasão	Esportes de marca Esportes de precisão	Esportes técnico-combinatórios Esportes de invasão	Esportes de rede/paredo Esportes de invasão	Esportes de campo e taco Esportes de combate
Ginásticas	Ginástica Geral e o reconhecimento do corpo	Ginástica Geral e o reconhecimento do corpo	Ginástica Geral	Ginástica Geral	Ginástica Geral	Ginástica circense	Ginástica de condicionamento físico	Ginástica de conscientização corporal	Ginástica de conscientização corporal
Danças	Brincadeiras cantadas e cantigas de roda	Danças do contexto comunitário local e regional	Danças do Brasil	Danças de matrizes Indígena e Africana	Danças do Mundo	Danças criativas	Danças urbanas	Danças circulares	Danças de salão
Lutas			Jogos de luta	Lutas do contexto comunitário local e regional	Lutas de matrizes Indígena e Africana	Lutas do Brasil	Lutas do Mundo	Lutas do Mundo	
Práticas corporais de aventura			Jogos de aventura	Jogos de aventura	Jogos de aventura	Práticas corporais de aventura urbanas	Práticas corporais de aventura urbanas		Práticas corporais de aventura na natureza

Fonte: Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações (Paraná 2018, p.359)

Além do Referencial Curricular do Paraná, as orientações norteadoras das APAEs, também temos a organização das Referências Pedagógicas (Paraná, 2018) as Escolas Especializadas do Estado do Paraná – Caderno 4 (Paraná, 2018b). Tais orientações em determinadas situações se torna repetitivas e até mesmo controversas com a realidade do contexto das turmas no dia a dia.

A fase escolar da idade de nossos estudantes na escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial na APAE é diferente da idade de estudantes do Ensino Regular, e nós ainda seguimos as orientações, organização cronológica dos conteúdos conforme o Ensino Regular. O que dificulta até mesmo a autonomia de docentes no momento de organizar o planejamento conforme as habilidades e necessidades da turma, no coletivo assim como individual. A maioria das turmas dificilmente é possível trabalhar uma modalidade coletiva em sua essência.

O primeiro e segundo ciclo temos estudantes a partir de 7 anos de idade até 16 anos, assim como o EJA que é a partir dos 16 anos de idade e não tem limite de idade. Existe uma diferença cronológica dentro das próprias turmas bastante significativa. Outra questão que é bastante evidente nas turmas são as diversidades de habilidades motoras, cognitiva, comunicação, interação social.

No caderno 4, Objetivo Geral da Educação Física na Educação Infantil: Proporcionar ao aluno o conhecimento, a sistematização, a reflexão e a ressignificação das práticas de movimentação do seu corpo. No 1º Ciclo – 1ª à 4ª etapa, 2º Ciclo – 1ª à 6ª etapa, são os mesmos conteúdos e objetivos: Brincadeiras e jogos - Brincadeiras e Jogos da Cultura Popular (Presentes no Contexto Comunitário Local e Regional); Esportes - Jogos Esportivos de Precisão; Ginástica Ginástica Geral e reconhecimento do corpo.

Objetivo Geral da Educação Física na EJA: Desenvolver atividades físicas/corporais, por meio de brincadeiras, jogos, esportes, ginásticas, danças e lutas a fim de proporcionar a assimilação das lógicas intrínsecas nestas práticas, tais como: regras, códigos, rituais, organização, táticas e socialização, visando a promoção do desenvolvimento global do estudante. Brincadeiras e jogos - Brincadeiras e Jogos populares e tradicionais do Brasil; Esportes - Jogos esportivos de campo e taco Jogos Esportivos de rede/parede; Ginástica - Ginástica Geral; Dança - Danças do Brasil e matrizes culturais; Lutas - Jogos de Lutas; práticas corporais de aventura - Jogos de aventura.

Percebe-se que existe uma tentativa de encontrar um norte para o Componente Curricular da Educação Física Escolar na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial nas APAEs, que ainda não foi discutida no chão da escola, apesar da tão referida

importância das aulas de Educação Física para pessoas com deficiência, nos mais de 17 anos de atuação dentro desta comunidade escolar, apenas em um momento de formação pedagógica foi discutido a importância o papel da Educação Física.

Assim como existe estudos e planejamentos de estratégias e métodos de ensino e aprendizagem, não se discute a especificidade do Componente Curricular, a importância é sempre dada ao ler e escrever, o que não foge do ensino comum.

Considerando o manual da AAIDD (2021) que apresenta ênfase multidimensional entre 5 (cinco) dimensões, que são elas: a) habilidades intelectuais; b) comportamentos adaptativos; c) saúde; d) participação; e) contexto. Entendemos que são importantes e necessárias as orientações, porém é prudente fazer uma releitura delas, alguns itens podem ser transferidos para o dia a dia e realidade da rotina de sala de aula.

A proposta de releitura da tabela SIS-C e SIS-A para uma tabela que direcione o mapeamento por docentes em tempo real da sala de aula, tanto do individual assim como do coletivo, possibilita perceber, compreender as habilidades e necessidade de Suporte Adaptativo Especial que seja familiar, flexível ao contexto real e aplicável por docentes que estão diretamente no dia a dia em sala de aula.

Acreditamos que o mapeamento do ambiente real por docentes quais são os Suportes Adaptativos Especiais serão necessários tanto para estuantes, assim como para as(os) docentes. Este proporciona as conexões sem julgamento do que é certo ou errado entre cada dimensão multidimensional do funcionamento humano que são: funcionamento intelectual, comportamento adaptativo, saúde, participação e contexto. São dimensões que ocorre em qualquer faixa etária, para todas as pessoas, independente da sua condição. Ressaltamos que em algum momento da vida precisamos de um ou mais Suporte Adaptativo Especial para realizar determinada tarefa.

Sobre perspectiva na qual os objetivos do ensino e aprendizagem são centrados na pessoa, Schalock, Luckasson, Tassé (2021) destacam que o olhar multidimensional possibilita a visão dos sistemas de apoio terem visão simples aos mais complexos e sua unidade no resultado final, à autonomia da pessoa nos ambientes, suportes genéricos e suportes especializados nas diferentes habilidades. Portanto, no momento que estudantes chegam na turma, é necessário um tempo de observação em diversos contextos e ambientes por todas as pessoas que irão trabalhar diretamente com ele.

Realizar o mapeamento, compreender e definir o tipo de suporte adaptativo especial com a perspectiva do que fazer de imediato, médio e longo prazo, que são conceitos variáveis

para estudante do contexto escolar da pesquisa, uma vez que tempo e espaço, para muitos estudantes, são bastante abstratos.

Para docentes significa saber acolher todos os saberes que cada estudantes traz, partilhar, estabelecer e fortalecer conexões, quais são os suportes adaptativos especiais necessários para trabalhar cada conhecimento pertinente. Devem ser interconectados e multidimensionais, a partir dos níveis de habilidades e necessidades, em acordo com a realidade do contexto, da tarefa específica do dia a dia.

Zutião, Boueri e Almeida (2016) ressaltam a importância de avaliar o comportamento adaptativo, que auxilia nas escolhas e proposta das atividades a serem ensinadas. No caso específico, a estratégia utilizada pela professora/pesquisadora, na proposta da pesquisa, para avaliar as competências pessoal e adaptativa, foi o mapeamento por meio da releitura das escalas SIS-A, SIS-C, da leitura e experiência da professora/pesquisadora no próprio contexto escolar. Segundo Neira (2011), mapeamento significa identificar quais as manifestações corporais estão disponíveis aos estudantes, e também as que não se fazem presentes, mas estão em torno da escola e do universo cultural mais amplo de cada estudante.

Mapear também significa levantar os conhecimentos que os alunos possuem sobre uma determinada prática corporal. Não há um padrão ou roteiro obrigatório a ser seguido, durante o mapeamento, os professores empreendem variadas atividades. (Neira, 2011, p. 107)

Entende-se, segundo o autor acima citado, que o mapeamento é realizado diretamente através das observações de habilidades e necessidades, ações e reações durante as aulas, em diversas atividades nos espaços da escola, diálogo com estudantes sobre suas preferências, relatos de membros da família, com professoras(es), atendentes, com objetivo de proporcionar atendimento de imediato, médio e longo prazo com a(o) estudante.

Ainda, Neira (2022) diz que são os primeiros registros que compõem o diário de campo, relatório ou portfólio de professoras(es) e também da(o) estudante. É uma avaliação diagnóstica, ou seja, a coleta oferece informações sobre a realidade e possibilita estabelecer, escolher e organizar estratégias que atendam às necessidades de forma imediata, ou em médio e longo prazo, a partir das informações trazidas por estudantes.

Neira e Nunes (2022, p. 1455) ressaltam que o mapeamento é o registro dos dados coletados das observações de campo acerca das práticas corporais, ele descreve o que está presente desde sempre à espera de ser mapeado, dito como a verdadeira essência da realidade em que as práticas pedagógicas se efetivam. No escopo do mapeamento das práticas corporais, existe todo o processo que é necessário e possibilita a efetivação, que também necessita da

avalição de todas as partes envolvidas no processo. Ainda, Neira e Nunes (2022, p. 1461) destacam que, como a constituição por etapas definidas, na sondagem se verifica a existência de pré-requisitos necessários à aprendizagem.

O objetivo do mapeamento é perceber o que já existe e não estabelecer comparativos, estabelece o que já existe, em termos de habilidades e necessidades de cada estudante com ele mesmo. Entendemos que a proposta possibilita compreender quem é a(o) estudante e seus saberes, quais suportes adaptativos especiais precisa, levando em conta para onde se pretende chegar. Nesse sentido, através do autoconhecimento e com autonomia deve ser protagonista de suas ações, as quais devem ser úteis na sua vida diária, no espaço escolarizado e familiar; imediato, médio e longo prazo.

a) Atendimento imediato: são os objetivos traçados para trabalhar os conteúdos específicos que sejam úteis para atender às necessidades urgentes de adaptação, ou seja, na elaboração dos planos de aula, os suportes adaptativos especiais serão oferecidos por todas as pessoas que têm atendimento direto com a(o) estudante, pode ser semanal, quinzenal ou mensal, também pode ser feito a partir das intercorrências internas e externas que afetam o dia a dia da(o) estudante, à medida que superar, novos objetivos serão inseridos para médio prazo,

b) Atendimento a médio prazo: considera o bimestre letivo para cada disciplina, ou irá trabalhar conforme os seus objetivos específicos elaborados em acordo com os suportes que valorizam e permitem avançar nas habilidades e superar as necessidades, à medida que superar, novos objetivos serão inseridos a longo prazo.

c) Atendimento a longo prazo: pode ser o semestre ou todo ano letivo, é considerada a demanda e probabilidade possível de conhecimento que estudantes poderão alcançar, em conexão com os conteúdos específicos da etapa. Sem perder o foco das necessidades reais, os suportes adaptativos especiais individualizados e coletivos, do planejamento imediato e médio prazo. Foco na mediação flexível, colaborativa entre e para as(os) estudantes, assim como para todas as pessoas que estão envolvidas com o trabalho direto com a turma. Deve haver reestruturação e readaptação dos suportes sempre que se fizer necessário.

Segundo Schalock, Luckasson e Tassé (2021), os objetivos da avaliação precisam ser centrados na pessoa, permitindo aumentar a precisão, a validação, a compreensão e comunicação entre as pessoas envolvidas diretamente. Para isso, é necessário compreender que todas as pessoas envolvidas para oferecer os suportes adaptativos especiais também possuem habilidades e necessidades diferentes, que também precisam de suportes adequados e todas as pessoas e suportes adaptativos especiais precisam estar alinhados.

A conexão e alinhamento por meio da comunicação clara entre as pessoas é o elo que permite conhecer e elaborar o plano de ação adequado para cada estudante. Segundo Rosenberg (2006), a comunicação permite a conexão entre o que sabemos, como compreendemos e o que precisamos aprender. Permite trocar as lentes do ver apenas o ato visível aos olhos, mas enxergar os fatos que aconteceram antes do ato. Ajuda-nos a viver de maneira que sejam evidentes nossas habilidades e necessidades, para que possamos ter e oferecer os suportes adaptativos especiais de maneira correta, permitindo um reforço positivo e não negativo para cada estudante.

Portanto, a quantidade e o tipo de suporte podem ser variáveis, sendo eles: constante ou volante. O que determina é a(o) própria(o) estudante, por meio das habilidades, as necessidades observadas durante o mapeamento, o grau de complexidade, o contexto que se realiza a atividade individualizada ou coletiva. Ressaltando que o suporte constante também pode ser feito durante a pesquisa e, conforme a(o) estudante supera suas barreiras, ele pode ser mudado para volante ou até mesmo ser extinto.

As diversidades humanas em sala de aula, devem ser a preciosidade e facilitadora da condição possibilitadora de cada estudante para se expressar, entender as pessoas que se relaciona, os ambientes e contextos que frequenta. É prudente ressaltar que para o processo da efetivação das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, exige o amparo, não apenas na condição do domínio das habilidades motoras, mas também a compreensão de outros fatores relevantes como domínios das habilidades cognitiva, relações afetivas intrapessoal e interpessoal e a comunicação.

Existe a necessidade de compreender que qualquer estudante tem condições de realizar sua tarefa através da valorização e exploração das habilidades, também é primordial que as necessidades sejam evidenciadas, entendemos que são dois fatores que andam juntos e determinam o plano de trabalho docente com o coletivo e individual. Ambos irão definir quais os suportes adaptativos especiais que serão funcionais para cada estudante e também para o coletivo, quando e como serão oferecidos suporte constante ou volante.

Funcional, segundo Suplino (2009), refere-se a maneira como os objetivos educacionais são escolhidos para a(o) estudante, que o aprendizado tenha utilidade para sua vida a curto, médio prazo, sem esquecer da leitura do texto e contexto da realidade do ambiente.

A partir da percepção da professora/pesquisadora, o Suporte Adaptativo Especial constante, a(o) estudante precisa receber em todas as atividades, e a medida que adquirir autonomia pode ser retirado ou se tornar um volante.

O Suporte Adaptativo Especial volante é aquele que em algum momento ou em alguma determinada atividade, em transição de atividade simples para mais complexa, a(o) estudante irá precisar de um ou mais tipos de suporte, poder ser o mesmo sempre, ou mudar em atividades diferentes, pode ser um ou mais suporte ao mesmo tempo.

No mapeamento, docentes visualizam informações suficientes para elaborar o Plano de Trabalho Docente, planos de aula coerentemente com a realidade da turma, quais atividades e tarefas serão propostas, possibilita saber quais serão os Suportes Adaptativos Especiais constantes e volante para o coletivo com o foco no individual.

Mesmo compreendendo que os comportamentos adaptativos são centrados na pessoa, o mapeamento funcional, os suportes adaptativos especiais, são bases norteadoras para o planejamento e aplicabilidade das estratégias. Percebemos que a concretude da efetivação envolve todo o processo, a prática no dia a dia é só uma parte de todo processo que precisam estar interconectados.

A maneira como é compreendida o contexto da realidade de cada estudante, da vida escolar também interfere na prática. O repensar, não é apenas do planejamento, existem situações em que se precisa de mudanças, não é apenas do planejamento ou da maneira de docente trabalhar, está relacionada também com as condições de estrutura no entorno da efetivação. Todas as pessoas envolvidas nos ambientes interno e externo das ações de suportes adaptativos especiais precisam estar em sintonia.

Com os dados em mãos, o professor planeja as atividades adequadas ao desenvolvimento do aluno e faz o retrospecto do que o aluno fez, informando-o o que aprendeu e como aprendeu. Essa etapa facilita o ajuste do currículo, pois averigua em que grau os conhecimentos prévios foram acionados e o que se deve fazer para superar as dificuldades encontradas, tornando-as necessidades, logo, objetivos. (Neira; Nunes, 2022, p. 1461)

No caso específico dos objetivos do mapeamento, foram para avaliar as competências pessoais de cada estudante com ele mesmo. A estratégia para a coleta de dados foi por meio das observações da pesquisadora, dos diálogos diretamente com estudantes participantes da pesquisa e demais docentes que atuam nas turmas.

Devido ao acesso, vivências e convivências com as(os) estudantes aos familiares, conhecimento da realidade, foi optado por conversar apenas com familiares da turma A, e das demais turmas foi coletado diretamente com cada estudantes e demais docentes que atuam nas turmas.

O mapeamento foi realizado no segundo bimestre do ano letivo de 2022, com intuito de perceber habilidades, necessidades e suporte adaptativo especial para a escolha de conteúdo,

elaboração de estratégias da prática no segundo semestre. Estão elencadas para o presente estudo (Quadro 3 – habilidades, Quadro 4 – necessidades).

QUADRO 4 – Informações de habilidades do público alvo da pesquisa.

Autonomia Parcial	<p>Estudante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Expressa e entende por meio da oralidade; ✓ Faz leitura de placas na escola e comunidade em que vive; ✓ Escreve e faz leitura de pequenos textos; ✓ Realiza suas atividades/tarefas na escola e casa por meio de orientação oral; ✓ Planeja, cria e recria atividades a partir de uma orientação; ✓ Se responsabiliza pelos seus pertences e de colegas; ✓ Identifica espaço e situação de perigo e segurança pessoal e de colegas; ✓ Identifica e participa dos espaços de vivência e convivência na casa, escola e comunidade; ✓ Identifica tempo e espaço (manhã, tarde, noite, perto, longe, dentro, fora, baixo, alto, grande, pequeno.); ✓ Identifica e circula entre os ambientes escolar, em sua comunidade; ✓ Na escola vai aos lugares de orientação e volta ao ponto de referência da partida; ✓ Circula pelos os espaços de maior acesso da escola - sala da direção, secretaria, sala de orientação pedagógica, área da saúde, refeitório, banheiros, quadra poliesportiva, parque, piscina, campo de golf, horta, estacionamentos dos carros, auditório, sala de Educação Física adaptada, (os espaços precisam ser definidos conforme a realidade de cada escola) ✓ Recebe e repassa recados simples; ✓ Tem iniciativa de colaboração;
Comunicação	<p>Estudante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Expressa e entendem através da linguagem oral (palavras, frases, pequenos contos); ✓ Expressa através da linguagem oral (sons, balbucios, letras e palavras com significado particular, comunicação materna); ✓ Expressa e entendem através da linguagem oral e corporal; ✓ Expressa através da linguagem corporal (gestos, expressões e posições corporais – olhares, apontar, sorrir, chorar); ✓ Expressa e entende através de imagens; ✓ Entende e precisa de todas linguagens jutas (sensibilidade de oferece o suporte com o tempo e espaço necessário para oferecer o estímulo);
Visão	<p>Estudante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Enxerga, com baixa visão, faz uso de óculos, é cega; ✓ Faz uso de bengala ou andador; ✓ Precisa da outra pessoa como suporte no deslocamento;
Audição	<p>Estudante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Escuta, com baixa audição; ✓ Faz uso de aparelho auditivo;
Cognitivo	<p>Estudante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Recebe, compreende e retém orientações a curto; médio e longo prazo; Curto prazo (relembra de situações, de conteúdo do dia anterior, da semana, um mês); Médio prazo (relembra de situações, de conteúdo a partir de um mês, até seis meses); Longo Prazo (relembra de situações conteúdos trabalhados durante o ano); ✓ Cria, planeja e executa atividades (brincar, movimento corporal, organização de pertences, higiene, alimentação); ✓ Recria atividades com orientações (brincar, movimento corporal, organização de pertences, higiene, alimentação); ✓ Realiza atividades com orientações direta (brincar, movimento corporal, organização de pertences, higiene, alimentação); ✓ Realiza atividade acadêmica (leitura de letras, de rases, de pequenos textos, escreve, cola, pinta, adição, subtração, divide); ✓ Realiza atividade acadêmica por meio de atividade e material concreto; ✓ Realiza atividade acadêmica por meio de atividade e material concreto e suporte constante;

Atenção Concentração	<p>Estudante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Presta atenção, se engaja, mantem o foco e sustenta o de tempo na atividade com orientação verbal; ✓ Presta atenção, se engaja, mantem o foco e sustenta o de tempo na atividade com orientação verbal e suportes mutantes; ✓ Presta atenção, se engaja, mantem o foco e sustenta o de tempo na atividade com orientação verbal e suporte constante;
Movimento corporal	<p>Estudante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Realiza os movimentos solicitados verbalmente com autonomia; ✓ Realiza os movimentos solicitados verbalmente, precisa de demonstração (fazer para ver como faz); ✓ Realiza os movimentos solicitados verbalmente, precisa de demonstração (falar e fazer junto o passo a passo da execução do movimento); ✓ Realiza os movimentos solicitados verbalmente, precisa de suporte físico parcial (falar e fazer para ver, na sequência junto com a orientação dar o suporte para que realize o movimento com o máximo de autonomia); ✓ Realiza os movimentos solicitados verbalmente, precisa de suporte físico total (falar e fazer para ver, na sequência orienta o que juntos irão fazer, ao pegar no corpo vai dizendo o que estão fazendo, precisa totalmente da outra pessoa para realizar o movimento); <p>Observações: toda vez que for pegar no corpo da(o) estudante é importante ter o cuidado em avisar o que irá fazer e por que precisa fazer, cuidado com o pegar em determinadas regiões do corpo, pode causar constrangimento. Ter o pensamento que o corpo da outra pessoa é sagrado o que em mim pode, talvez para ela não pode.</p>
Locomoção	<p>Estudante andante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Corre, salta, caminha, ✓ Caminha com suporte (bengala, andador); ✓ Caminha com suporte de outra pessoa; <p>Estudante cadeirante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Com autonomia parcial de locomoção (dentro da sala de aula ou deslocamentos curtos); ✓ Com necessidade de suporte total da outra pessoa; ✓ Em 4 apoio, 2 apoios de joelho, em pé com apoio total da outra pessoa em ambientes específico e seguro.
Equilíbrio	<p>Estudante andante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Com controle corporal parado e em movimento; ✓ Flexionar o tronco, que para em um pé só; ✓ Sentado sem segurar em nada, sentados na cadeira segurando em um suporte fixo, ✓ Senta e levantam da cadeira com autonomia; ✓ Senta e levanta do chão com autonomia; ✓ Senta e levanta na cadeira e no chão com suporte físico parcial; ✓ Senta e levanta na cadeira e no chão com suporte físico total; <p>Estudante cadeirante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Fica sentado na cadeira de rodas com autonomia, sustenta e controla o tronco, ✓ Levanta e senta em outra cadeira, no chão com suporte físico parcial da outra pessoa; ✓ Levanta e senta em outra cadeira, no chão com suporte físico total da outra pessoa ✓ Fica sentado com cinto no quadril, controle de tronco; ✓ Fica sentado com cinto cruzado no peito dificuldade de controle de tronco; ✓ Fica sentado com cinto cruzado no peito, dificuldade de controle de tronco, suporte na cabeça (laterais ou testa) dificuldade de controle da cabeça; ✓ Fica sentado com cinto cruzado no peito, dificuldade de controle de tronco, suporte na cabeça, dificuldade de controle da cabeça e com espasmos no pescoço, membros superiores e inferiores; ✓ Fica em cadeira adaptada deitado com cinto cruzado no peito, no quadril, dificuldade de controle de tronco, suporte na cabeça, com espasmos no pescoço, membros superiores e inferiores;
Manipulação	<p>Estudante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Recebe objetos em movimento, segura, manipula todo tipo de objetos (bola quica e segura) arremessa; ✓ Recebe objeto parado, segura, manipula e repassa todo tipo de objeto, ✓ Recebe objeto parado, segura, manipula só objetos pequenos, ✓ Recebe objeto, segura só objetos grandes;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Recebe e segura objetos diversos; ✓ Recebe qualquer objeto e deixa cair.
Sociabilização	<p>Estudante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Estabelece e mantém o diálogo em diversos temas de interesses próprio ou da outra pessoa; ✓ Estabelece e mantém o diálogo sobre temas de interesses próprio; ✓ Estabelece e mantém o diálogo quando estimulado por outra mediadora; ✓ Estabelece e mantém o diálogo apenas em responder o que é perguntado; ✓ Estabelece e mantém o diálogo em temas desconexos com o texto e contexto do momento; ✓ Estabelece e mantém o diálogo por meio de expressões corporais (interagem realizado as atividades, sorrindo, se movimenta euforicamente, se afasta ou vira o rosto); ✓ É importante destacar, para que se estabeleça uma sociabilização entre duas ou mais pessoas é necessário que exista uma conexão entre as afinidades, segurança e fortalecimento de vínculo, são questões importantes para toda e qualquer pessoa, nem sempre nos simpatizamos com determinadas pessoas ou assunto.
Comportamento	<p>Estudante que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Identifica e expressa emoções, sentimentos, se auto-organiza em situações de (alegria extrema, raiva/frustrações, tristeza, medo, ciúme, ansiedade, repulsa); ✓ Expressa emoções, sentimentos, dificuldade de auto-organiza em situações de (alegria extrema, raiva/frustrações, tristeza, medo, ciúme, ansiedade, repulsa), precisa de outra pessoa para oferecer suporte para a percepção do que está sentindo, ✓ Inflexibilidade de troca de rotina e tarefa diferente, movimentos estereotipados e repetitivos, ✓ Disruptivo autolesão, heterolesão destruição de propriedade.

Fonte: elaborado pela autora a partir da releitura da Escala de Comportamento Adaptativos e Escala SIS - AAIDD (2020 e 2021)

Portanto, toda forma de realizar movimento, ou qualquer atividade, é necessário considerar a habilidade de conhecimento que a(o) estudante traz consigo sobre o que está sendo oferecido. Inclusive o não saber fazer faz parte do saber, aprendeu a não fazer.

Ao detectar as necessidades durante o mapeamento, automaticamente, saberemos qual o Suporte Adaptativo Especial precisa ser oferecido para a realização de determinada tarefa, possibilitando, assim, a superação da necessidade, o aumento do repertório de conhecimento e habilidades. Portanto, tanto o suporte volante como o suporte constante podem mudar ou diminuir, a mudança acontece devido aos estímulos recebido e provavelmente aumentar as possibilidades de avançar no ensino e aprendizagem.

Os suportes adaptativos especiais recebem a definição de acordo com o que é detalhado e exposto no quadro 4.

QUADRO 5- Informações de necessidade de suporte adaptativo especial do público-alvo da pesquisa.

Observações	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Todos os suportes precisam, primeiramente, serem acordados e compreendido qual a melhor maneira de ser oferecido e aceito pela(o) estudante; ✓ Repassada para o maior número de pessoas que convivem com ela(e) (professoras(es), colegas de turma, atendentes, equipe pedagógica, equipe de serviços gerais, familiares, equipe da saúde e outros); ✓ Estudantes são responsabilidade da escola.
Suporte1 Autonomia parcial	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Realizar tarefas, domiciliar, acadêmica; ✓ Indicações espacial e temporal; ✓ Indicações de situações de perigo; ✓ Indicações de sociabilização;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Indicações de rotina.
Suporte2 Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Expressar linguagem oral – para aprender expressar, identificar desejos, fazer pedidos, dizer sim, dizer não, participar em tarefas individual e com o coletivo; ✓ Compreender linguagem oral, identificar desejos, entender pedidos, entender sim, entender e aceitar não, participar em tarefas individual e com o coletivo ✓ Expressar linguagem alternativa – para aprender expressar, identificar desejos, fazer pedidos, dizer sim dizer não, participar em tarefas individual e com o coletivo - imagem, apontar, sons distintos e específicos (gritos, silêncio, choro, gargalhadas), letras palavras, balbucios, expressão facial (sorriso, cara fechada), ✓ Compreender linguagem alternativa – para compreender, identificar desejos, entender pedidos, entender sim, entender e aceitar não, participar em tarefas individual e com o coletivo - imagem, apontar, sons distintos e específicos (gritos, silêncio), letras palavras, balbucios, expressão corporal, (facial sorriso, cara fechada), ✓ O que precisa ficar claro é a compreensão de que a comunicação alternativa não é apenas para a criança com a necessidade específica, são para todas as pessoas envolvidas no ensino e aprendizado, assim como para os demais colegas de turma, ✓ As estratégias de suporte, os combinados são específicas da turma para que possam compreender que ensinar o aprender acontece simultaneamente entre as pessoas envolvidas no processo dentro e fora da escola; ✓ Acolher, atender a necessidade de comunicação que proporcione o desejo de participar, faz parte do processo que possibilita novas descobertas; ✓ Identificar e entender os próprios pedidos, ✓ Identificar e entender os pedidos da outra pessoa, ✓ Saber expressar pedidos; ✓ Saber escutar pedidos da outra pessoa; ✓ Saber observar emoções, sentimentos; ✓ É fundamental compreender que todas as pessoas da turma fazem parte da comunicação alternativa, todas precisam saber entender e expressar através dela. Todas as pessoas envolvidas no processo da medição do ensino e aprendizado precisam aprender a aprender a nova linguagem, mediar entre toda turma, caso contrário ela não servirá para nada, e exclusão se perpetua.
Suporte3 Pistas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Linguagem oral ou alternativa; ✓ Entende ou se orienta oralmente, o que é, como é para ser feito a tarefa, repetir mais vez a orientação quando necessário, estudante não fez, ✓ Aproxima orienta oralmente, de pistas gestuais apontando para assimilar o que é para ser feito, repete mais uma vez quando necessário, estudante não fez; ✓ Estabeleça e fortaleça conexão entre ambas as partes (pegar, tocar no corpo, tom de voz, se posicionar no espaço que deixa ela(e) confortável, usar um objeto de preferência), conseguiu conexão fortaleça o engajamento, irão fazer junto, conseguiu fazer; ✓ Retoma orienta verbalmente, aponta o que é para ser feito, não fez, faz junto oferecendo o suporte físico necessário; ✓ Aprendeu, continua dando suporte incentivando verbalmente seu esforço; ✓ O fazer com, pode facilitar o engajamento e continuidade na atividade, ao perceber que pegou que entendeu, a(o) estudante tentar descobrir o seu melhor jeito de fazer e continua dando estímulo de sua preferência para continuar fazendo.
Suporte4 Sociabilização	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Linguagem oral ou alternativa; ✓ Mediação entre duas ou mais pessoa, (criança, adolescente, jovem ou adulta); para estabelecer contato com outra pessoa; ✓ Precisa da outra pessoa com estratégias, assuntos de interesses, objeto, atividades de sua preferência que facilite o processo de engajamento e de fortalecimento de vínculo com colegas de turma ou qualquer outra pessoa; ✓ Precisa da outra pessoa com habilidade para mediar o permanecer, manter a conexão e interação entre as pessoas; ✓ A vivência e convivência entre todas as pessoas é fundamental para que a sociabilização se estabeleça, portanto, todas as pessoas precisam se acolher, acolher a outra pessoa e também sentir-se acolhida;

Suporte5 Atenção	<p>Linguagem oral ou alternativa;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Orientação precisa ser direcionada a ela(e) - (chamar pelo nome, pequeno toque físico para que possa perceber o que está sendo pedido, prestar atenção, compreender o que está sendo solicitado, acompanhar a realização); ✓ Sentar em lugar específico, com a professora ou colega de maior afinidade; ✓ Deixar algo de afinidade próximo que de segurança; ✓ Pista (gestual, sons, cores diferenciadas, objetos ou brinquedo da sua preferência) para dar início ao engajamento e continuidade na atividade; ✓ Retirar estímulos que desvia a atenção da tarefa solicitada.
Suporte6 Sonoro	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Linguagem oral ou alternativa; ✓ Tom de voz baixo/alto, ✓ Som específico familiar de reconhecimento da(o) estudante; ✓ Dois ou mais estímulos que possibilita obter a atenção, cores intensas, expressão facial, expressão corporal ampla da professora, fortaleça sua percepção, engajamento e permanência na tarefa.
Suporte7 Recursos pedagógicos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Linguagem oral ou alternativa; ✓ Materiais pedagógicos adequados para a realização de movimentos e atividades; ✓ Tarefas em acordo com a condição motora específica ; Objetos adequados - tamanhos, texturas, pesos, cores, barulhos, formatos diferenciados, objetos que transmitam segurança e engajamento.
Suporte8 Espacial e Temporal	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Linguagem oral ou alternativa; ✓ Reconhecer início, durante e final da tarefa; ✓ Reconhecer o direcionamento dos ambientes onde a aulas são realizadas; ✓ Reconhecer o direcionamento onde a tarefa está localizada no ambiente para ser realizada; ✓ Fazer varredura do ambiente, eliminar os obstáculos físicos que possam impedir ou dispersar participação, ✓ Posicionamento corporal confortável que possa ter acesso visual e auditivo de aproximação motora facilitado entre estudante e professora.
Suporte9 Físico parcial	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Linguagem oral ou alternativa; ✓ Alcançar objetos, algumas atividades e movimentos específicos; ✓ Segurar em determinada parte do corpo na realização de determinados movimentos e atividades específicas; ✓ Mudar de lugar e posição do corpo; ✓ Organizar posicionamento corporal para que tenha segurança (ficar perto na frente ou nas laterais, sentado, em pé, deitado, perto da professora/atendente); ✓ Quem vai dar o suporte precisa fazer uma varredura visual no espaço físico/segurança, ✓ Avisar o que vai fazer (ex. vou pegar no seu braço, vou pegar na sua mão, vou arrumar sua posição na cadeira, vamos fazer o movimento juntos, vou tirar você da cadeira, vou colocar você na cadeira); ✓ Pedir para a(o) estudante ajudar, dizendo o que ela terá que fazer para ser ajudada, ✓ Sentir motivada(o) e seguro para engajar, continuar a querer realizar a tarefa e movimentos do seu jeito.
Suporte10 Físico total	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Linguagem oral ou alternativa; ✓ Locomoção, realização de todos os movimentos e tarefas motoras, ✓ Quem vai dar o suporte precisa fazer uma varredura visual no espaço físico/segurança, ✓ Avisar o que vai fazer (ex. vou pegar no se braço, vou pegar na sua mão, vou arrumar sua posição, vamos fazer o movimento juntos, vou tirar você da cadeira, vou colocar você na cadeira), ✓ Sentir motivada(o) e segura(o) para engajar e continuar a querer realizar movimentos e atividades do seu jeito junto com quem está dando o suporte.
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Linguagem oral ou alternativa; ✓ Prevenção de comportamentos disruptivos ou crises (rigidez/inflexibilização de

<p style="text-align: center;">Suporte11 Contingência</p>	<p>rotina),</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Negação em fazer ou trocar de atividade, mudar de ambiente; ✓ Descobrir o antecedente que está provocando o comportamento, organizar a rotina, o ambiente, as tarefas que substitua o comportamento inadequado; ✓ Protocolo de prevenção e segurança de crise de autoagressão, heteroagressão e destruição de propriedade – (protocolo aplicado em todos os contextos e equipe que estejam oferecendo atendimento); ✓ Saber avaliar o que leva a ter o determinado comportamento (perceber e compreender as situações que provocam o comportamento inapropriado com antecedência, o que gera a desregulação, ✓ Trocar as possíveis situações que provoca comportamentos inapropriados, ou seja, evitar, trocando por nova situação para criar e gerar novo foco, novo comportamento, isto é, situação/atividade nova que possa engajar em um comportamento apropriado desejado, antes que a crise aconteça; ✓ Desregular entra em crise – a pessoa que tem maior controle técnico, emocional e mais afetividade com a(o) estudante geralmente deve ser professora, professor, irá direciona os comandos necessários para dar o suporte do protocolo de intervenção física para eliminar os riscos de machucar a si, quem está em crise, quem está ajudando no suporte e quem está próximo; ✓ O protocolo deve ser de conhecimento de todas as pessoas, não pode eliminar ou movimento da(o) estudante, mas os riscos de se ferir e não pode ser demorado; ✓ Quando a crise persistir, é preciso reavaliar os suportes que estão oferecidos e se necessário trocar também quem está fazendo a intervenção; ✓ Ao perceber que a(o) estudante se acalmou deve inserir na mesma atividade ou outra que seja mais adequada para o momento; ✓ Oferecer água, acolhimento que seja possível ser oferecido em qualquer contexto e lugar. deixar claro que está tudo bem, está ali para proteger (ficar junto em silêncio, contar uma história, cantar, usar tom de voz claro e calmo, fazer carinho massagem quando aceitar) – cada caso e específico;
<p style="text-align: center;">Suporte12 Volante</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Linguagem oral ou alternativa; ✓ Conforme o contexto ou situação específicas da tarefa, atividades individuais ou coletivas, precisa de algum tipo de suporte; ✓ São os suportes de 1 a 11, ✓ Geralmente são oferecidos na transição de um movimento, em atividade simples para mais complexa, na inserção de movimentos e atividades novas/diferentes; ✓ Quando a(o) estudante precisar do suporte12, precisa colocar também o suporte volante. <p>Exemplo de identificação</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ SP8 - significa que a(o) estudante precisa deste suporte em todos os contextos, tarefas e atividade coletiva e individual no ambiente escolarizado; ✓ SP12/8 – significa que a(o) estudante precisa do suporte adaptativo especial 8 em algumas atividade ou momento específicos de maior complexidade.
<p style="text-align: center;">Dicas a considerar</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ São estudantes– crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, e podem não aceitar o contato físico, ou até mesmo não gostar do que é oferecido, de quem está oferecendo e não querer participar, assim como qualquer outra(o) estudante. ✓ A comunicação respeitosa e amorosa é fundamental para manter e fortalecer vínculos – precisa de duas ou mais pessoas para acontecer, deve ser clara para quem faz o pedido e também para quem escuta o pedido, ✓ Afetividade é fundamental no processo da construção da situação de segurança e confiança; ✓ Tocar no corpo da outra pessoa exige permissão de quem está sendo tocado; ✓ Essas não são questões que o que envolve só a pessoa com necessidades de suporte adaptativo especial, são para todas as pessoas, pode ser que não goste de ser tocada ou não ter afeto por determinadas pessoas; ✓ Toda pessoa tem emoções e sentimentos, umas sabem como identificar e lidar com eles, outras não; ✓ Nem sempre queremos fazer tudo que nos é oferecido, está tudo bem, o importe é identificar, o que está levando a recusa em realizar a tarefa, talvez é necessário mudar a estratégia, oferecer suporte diferente;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A leitura dos textos e contextos está relacionada como ‘eu’ vejo a minha habilidade e necessidade de compreender a situação, a habilidade e necessidade da outra pessoa sem julgamento de certo e errado; ✓ Toda vez que algo será oferecido precisa fazer a releitura de significado e significante para quem vai receber a informação ou tarefa; ✓ Todas as pessoas precisam ser respeitadas em suas ações a partir do lugar de onde vem, como ela enxerga e compreende a proposta, considerando sempre as múltiplas habilidades e dimensões. ✓ Estabelecer e manter conexão com a(o) estudante não significa manter contato visual, pode acontecer de diversas maneiras como: contato físico, por estar ao lado, de frente, do silêncio, de uma música, de um objeto de sua preferência, do movimento, um sorriso, um abraço, caminhar com, entre outras. Precisamos nos permitir em apenas ser presença para a outra pessoa. ✓ É importante ter um ambiente de referência para as intervenções, geralmente é o ambiente que tem mais familiaridade (sala de aula). Caso esteja fora da sala de aula – ter um ambiente de referência seguro o mais próximo possível para levar a criança quando está em crise, evitar a exposição tanto de quem está em crise, assim como de quem está realizando o protocolo de segurança; ✓ Evitar que as demais crianças presenciem a situação de contenção – pode causar medo ou aversão de quem está realizando o protocolo, ✓ Nunca deixe as crianças sozinhas, certifique que tem alguém com elas, ✓ Caso esteja dentro da sala de aula – permaneça em sala com quem está em crise, peça para alguém dar suporte para demais estudantes, dar uma volta, ir ao parque, não deixar presenciar a intervenção; ✓ Segurança coletiva – primeiro a segurança de quem irá dar o suporte, retirar demais estudante da situação de risco, dar suporte de segurança para quem está em crise, orientar as ações de quem vai ajudar na intervenção e organização de suportes para sair da crise.
--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2023. Releitura da Escala de Comportamento Adaptativos e Escalas SIS-A e SIS-C AAIDD (2016 e 2021).

Tanto o quadro 3 como o quadro 4 são percebidos como um mapeamento das características de estudantes público alvo da pesquisa no dia a dia no contexto escolar. Neira e Neves (2022) destacam o mapeamento como uma avaliação diagnóstica que não faz comparação, mas trata da realidade do dia a dia transcrita em diário ou registro em portfólio.

3.4 Sequência do processo e participantes

Cada estudantes participantes da pesquisa são identificadas(os) pelo primeiro nome, características, idade, turma, ciclo e etapa. A responsabilização pela identificação do primeiro nome é justamente pelo fato de a pesquisa reconhecer e valorizar a autonomia, o protagonismo de cada estudante com necessidade de suporte adaptativo especial. Como algo pertencente a diversidade humana, que enriquece o ambiente escolarizado, compreendemos que as vivências e convivências respeitadas, acolhem saberes, habilidades e necessidades que todas(os) trazem e contribui para a riqueza do aprendizado que é a diversidade humana.

Mainardes e Carvalho (2019) destacam que,

A autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa é a manifestação escrita pela qual o próprio pesquisador explicita os princípios, os procedimentos e as demais questões éticas envolvidas no processo de pesquisa. Constitui-se em um exercício de explicitação, de reflexividade e de vigilância sobre as questões éticas. A autodeclaração não substitui a revisão ética do projeto de pesquisa, realizada por Comitês ou Comissões de Ética (Mainardes; Carvalho, 2019, p. 129).

Considerando os dilemas relevantes às questões éticas, a importância que a pesquisa traz para a Educação Física, para a comunidade da Educação Especial na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, procuramos seguir todas as orientações e éticas em todo o processo da pesquisa.

Segundo Vilela e Londero (2023), as questões éticas perpassam e se conectam entre todo o processo da pesquisa, a escolha do tema até os instrumentos que serão utilizados para a coleta de dados, a relação entre pesquisadora e as(os) participantes. Diante dessa reflexão, os caminhos percorridos pela professora se fazem presentes na vida da pesquisadora desde que entrou na escola da pesquisa.

O recorte para o momento da pesquisa, primeiramente em 2020, o primeiro diálogo com a direção sobre o desejo e a possível proposta, com a manifestação de apoio, a busca por aprovação do projeto. Ao ser aprovado em 2021, aplicabilidade para as faixas etárias independente da condição apresentada, sendo duas turmas do fundamental e duas da EJA. Escolhas com perfil bastante específicos e com demandas diferenciadas, possibilitavam o acolhimento, praticamente, de todas as faixas etárias, a representatividade de perfil da maioria da organização das turmas. Outro motivo da escolha das turmas se deu por fazer parte das turmas que a professora/pesquisadora tinha aula.

Na sequência, foram convidadas as famílias para a apresentação do projeto e solicitar a aprovação, em concomitância também foi apresentado aos estudantes, tendo aprovação concedida (anexo A e B). Também foi apresentado e solicitada autorização para a equipe diretiva da Escola Espaço e Vida, aprovado (anexo C). Apresentado e solicitado autorização para a Diretoria da Instituição APAE, aprovado (anexo D). Enviado ofício para o presidente da Federação das APAEs do Paraná, apresentando o projeto e solicitando autorização, aprovado (anexo E). Submetida e aprovada na Plataforma Brasil, conforme o Parecer n. 5.316.408.

No quadro 6, é apresentado como foi organizada a sequência das aulas, os conteúdos, as turmas, as datas e local de realização das aulas práticas.

QUADRO 6 – Categorização das turmas e calendário das aulas.

Categorização das turmas		
Turma: A	Ensino fundamental - Ciclo: 1º	Etapas: 1ª e 2ª
Turma: B	Ensino fundamental - Ciclo: 2º	Etapas: 3ª e 6ª
Turma: C	EJA	

Turma: D		EJA			
Calendário aulas					
Aulas	Conteúdos	Turma: A	Turma: B	Turma: C	Turma: D
1	Ginast. Geral - dança criativa	28/06 SEFA	27/6 SEFA	27/06 SEFA	27/06 SEFA
2	Ginast. Geral - dança criativa	05/7 QP	04/7 QP	04/7 QP	04/07 QP
3	Bocha adaptada	29/7 SEFA	28/7 SEFA	25/7 SEFA	25/7 SEFA
4	Bocha adaptada	02/8 SEFA	01/8 SEFA	05/8 SEFA	01/8 SEFA
5	Bocha adaptada	09/8 SEFA	08/8 SEFA	12/8 SEFA	08/8 SEFA
6	Vôlei / Brin. e jog, matr. Ind.	16/8 SEFA	15/8 SEFA	15/8 SEFA	15/8 SEFA
7	Vôlei / Brin. e jog, matr. Ind.	19/8 QP	18/8 QP	19/8 QP	18/8 QP
8	Vôlei / Brin. e jog, matr. Ind.	30/8 QP	29/8 QP	29/8 QP	29/8 QP
9	Vôlei / Brin. e jog, matr. Ind.	01/9 QP	01//9 QP	02/9 QP	01/9 QP
10	Ten. de mesa/Dan. Mat. Afric.	04/10 SEFA	29/9 SEFA	03/10 SEFA	29/9 SEFA
11	Ten. de mesa/Dan. Mat. Afric.	07/10 QP	03/10 QP	07/10 QP	03/10 QP
12	Ten. de mesa/Dan. Mat. Afric.	18/10 QP	06/10 QP	21/10 QP	6/10 QP
13	Ten. de mesa/Dan. Mat. Afric.	25/10 QP	17/10 QP	24/10 QP	17/10 QP
14	Ten. de mesa/Dan. Mat. Afric.	28/10 QP	24/10 QP	28/10 QP	24/10 QP
TOTAL DE AULAS PRÁTICAS DA PESQUISA = 56					

Fonte: Elaborado pela autora, 2023. Quadra Poliesportiva (QP); Sala de Educação Física Adaptada (SEFA).

São duas turmas do Ensino Fundamental – EF, sendo que uma delas é do primeiro ciclo e outra do segundo ciclo, três meninas e nove meninos (crianças, pré-adolescente e adolescente), total de 12 (doze). Duas turmas da Educação de Jovens e Adultos - EJA fase I, sendo oito meninas, dez meninos (adolescentes, jovens e adultas), total de 18 (dezoito). O total de estudantes participantes da pesquisa são 31 (trinta e um), que residem na zona urbana e zona rural, participaram de 14 aulas por turma, total de 56 aulas práticas de 50 minutos cada aula.

CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresenta a análise dos dados, a partir da organização do mapeamento, organização e escolha de conteúdos e atividades práticas, por meio das gravações de vídeos, diário descritivo das ações e reações de todas(os) participantes da pesquisa.

Todas as aulas práticas foram pré-estabelecidas parcialmente pela professora/pesquisadora, a partir do mapeamento, do planejamento e cuidadosamente elaboradas no plano de aula, a partir do interesse e engajamento observado na turma, com possibilidades de valorizar e avançar nas habilidades, com suportes adaptativos especiais para superar as necessidades individuais e coletivas para todas as turmas, conforme o Apêndice A.

4.1 Mapeamento: visualização do processo e possibilidades da efetivação das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar

A primeira categoria se relaciona com o pré-conhecimento da diversidade do contexto da pesquisa, dos saberes que cada estudante traz consigo, e também suas habilidades e necessidade. Portanto, é o momento de enxergar e ouvir cada estudantes em sua totalidade, que em sua condição seja possível enxergar e oferecer Suporte Adaptativo Especial com intuito de oferecer as mesmas condições de ter acesso ao ensino e aprendizagem de forma igualitária.

Rosenberg (2006) destaca que quando enxergamos e ouvimos as nossas necessidades mais profundas e as da outra pessoa, damos novos sentidos aos pedidos e possibilidades de relacionamentos com novos enfoques. Portanto entendemos que o mapeamento é princípio base para que o ensino e aprendizagem seja efetivo, existe todo um processo composto por diversas partes complexas, são contextos e momentos diferentes, mas estão interconectados, ambos dependem um do outro para que o ciclo do processo seja flexível e coeso, entendê-lo é fundamental para a efetivação das práticas pedagógicas no espaço de escolarização.

Neira (2011) o mapeamento oferece compreender o público-alvo que irá ser trabalhado. É a base para começar a pensar na organização, isto é, quais os conteúdos poderão ser trabalhados, como planejar a partir do que é vivenciado junto com as turmas, oferecer Suporte Adaptativo Especial para que cada estudante tenha suas próprias estratégias necessárias para a compreensão mais ampla da sua própria prática corporal e de seu colega de turma. Entendemos que o mapeamento se estabelece em 3 momentos distintos:

- 1) Observação e registros: das habilidades, necessidades e definição do Suporte Adaptativo Especial no coletivo e individual no momento real da atividade de mapeamento;

2) Planejamento: escolhas de conteúdos que sejam significativos e adequados para todas as turmas a partir da realidade;

3) Plano de aula coletivo com foco no individual: definir as possibilidades de atividade, material pedagógico, local adequado, estratégia que permita estímulo e engajamento e permanência na atividade.

Partindo do Princípio que compreendemos que um dos objetivos principais da prática pedagógica das aulas de Educação Física escolar é a prática corporal de movimento, o caso específico desta pesquisa tem como intuito promover autonomia e protagonismos nos domínios: prático/motor, conceitual/cognitivo, comunicação/afetivo. Portanto o plano de aula é coletivo, com ressalva para habilidade e necessidade de Suportes Adaptativos Especiais individual para que consiga realizar as mesmas atividades de movimento corporal sua maneira.

Neira e Nunes (2022) apresentam o mapeamento como registro dos dados coletados das observações de campo acerca das práticas corporais; é a descrição de algo que estava desde sempre ali a espera de ser mapeado, denotando a verdadeira essência da realidade em que a prática pedagógica ocorre, como avaliação diagnóstica, o diário de campo, foco no que acontece para tomar decisões em acordo com a realidade.

Ao realizar o mapeamento, é possível verificar a previsibilidade do que poderá ser trabalhado de forma geral e para o específico, levando em conta os conteúdos do Componente Curricular da Educação Física Escolar que melhor se adeque ao momento e ao maior número de pessoas que serão beneficiadas na respectiva prática pedagógica.

Sobre a escolha das turmas, a diferença de idade é proposital, pois tem como objetivo verificar que não é a idade, e nem a condição que define se a(o) estudante pode ou não participar, mas a maneira de oferecer e mediar os suportes adaptativos especiais que irão definir a participação ou não nas atividades. Portanto, consideramos que quaisquer conteúdos podem ser oferecidos, desde que o significado do que está sendo oferecido seja respeitoso ao significante que a(o) estudante tem sobre a tarefa proposta.

É algo que precisa ser familiar, concreto, no momento real que esteja fazendo, precisa fazer sentido à sua realidade, que traga conforto. A tomada de consciência, de se permitir experimentar, é algo legal que traz alegria, mesmo que isso no momento não faça sentido. Mas que a satisfação de fazer possibilita autonomia, que seja protagonista do querer fazer outras vezes, experimentar, criar e recriar outras possibilidades e propostas no futuro.

Portanto o significado de autonomia e protagonismo se faz durante as atividades pedagógicas das práticas corporais da pesquisa, a qual acreditamos que existe possibilidades de se estender para outras atividades da vida diária em outros contextos.

Nesta pesquisa, utilizamos os conteúdos das danças, jogos e brincadeiras, esportes e ginásticas. Entendemos que a proposta é uma releitura dos conteúdos, sem perder a essência, partindo da perspectiva do Currículo Cultural, que, segundo Neira (2011), possibilita o acolhimento dos saberes e condições reais cada estudante traz consigo, a não preocupação de que existe o certo ou errado, ou deficiência como determinante, mas sim, uma realidade que precisa ser respeitada e compartilhada sem adjetivação.

Essa maneira de compreender, reinterpretar, reorganizar e rerepresentar cada modalidade, na perspectiva do Currículo Cultural, segundo Neira e Nunes (2022), apresenta-se como categoria ampla e flexível, como um conjunto de atividades físicas, desfocada dos modelos tradicionais. Portanto, entendemos nesta pesquisa, para estes estudantes, que é possível uma releitura de práticas corporais através dos elementos de cada modalidade como jogos, danças, esportes, exercícios ginásticos, artes marciais e outras formas de expressão física através dos fundamentos que cada categoria apresenta.

Esta releitura possibilita contemplar não só a forma com que cada modalidade é praticada, mas as possibilidades de reaprender e apresentar outras possibilidades de serem realizadas sem deixar de dar a oportunidade para a(o) estudante de conhecer e aprender diferentes formas de praticar a modalidade através da sua condição de movimento corporal, assim como praticar o mais próximo possível da maneira real da modalidade para quem consegue realizar. Não é sobre certo ou errado, mas como recebe suporte adaptativo especial para conseguir realizar a prática do movimento corporal.

Além disso, possibilita despertar nas(os) estudantes a cultura de sua própria prática corporal, como cultura e identidade corporal, do seu próprio movimento, no momento real, em condições da sua própria realidade. Está tudo bem participar de outras maneiras, não é errado participar e praticar através da sua maneira diferente, porque pessoas são diferentes uma da outra.

Para o mapeamento, foram utilizados os conteúdos Ginástica e Dança em duas aulas, em ambientes diferentes, conforme a descrição no quadro abaixo. Tendo como objetivo conhecer as especificidades das turmas como coletivo e também as particularidades individualizadas de cada estudante. Foi uma opção da pesquisadora por compreender que é um conteúdo que apresenta maiores possibilidades de participação em criar e recriar atividades e movimentos em todas as faixas etárias, independente da condição que apresenta.

QUADRO 7 – Objetivos das aulas 1 e 2, realizar o mapeamento a partir dos conteúdos da disciplina de Ed. Física.

CONTEÚDOS: GINÁSTICA E DANÇA	AULAS: 1 - 2
-------------------------------------	---------------------

<p>Objetivo geral das aulas de Educação Física: Proporcionar uma diversidade de objetos de conhecimento a serem tematizados pela Educação Física na escola, visando à democratização do acesso às diferentes manifestações da Cultura Corporal. Experienciadas a partir da atribuição de sentidos e significados enquanto princípios básicos para as aulas, justificadas nos conhecimentos das manifestações corporais como elementos construtivos historicamente acumulados pela humanidade, respeitando e acolhendo as diferenças. bem como aos sujeitos que delas participam (RCP, 2018, p. 341-343).</p> <p>Nesta pesquisa, os conteúdos estão organizados em quatro unidades temáticas que são abordadas no Ensino Fundamental, conforme a BNCC (BRASIL, 2017), ginásticas, danças, brincadeiras e jogos, esportes, por meio de estratégias readaptadas, recreativas com objetivos de potencializar as habilidades e oferecer suporte de acolhimento e superação das necessidades individuais e coletivas.</p>	
Geral e reconhecimento do corpo	Dança/criativa
<p>*Conhecer a modalidade por meio da vivência prática através jogo e brincadeiras;</p> <p>*(EF12EF08) Planejar e utilizar estratégias para a execução de diferentes elementos básicos da individuais e de desempenho corporal.</p>	<p>*Conhecer a modalidade por meio da vivência prática através jogo e brincadeiras;</p> <p>*(EF67EF12) Planejar, utilizar e experimentar estratégias para aprender elementos constitutivos das</p>
<p>ginástica, da ginástica geral e do movimento humano;</p> <p>*(EF12EF07) Experimentar, fruir e identificar diferentes elementos básicos da ginástica da ginástica geral e do movimento humano, de forma individual e em pequenos grupos, adotando procedimentos de segurança.</p> <p>*(EF12EF09) Participar da ginástica geral, identificando e vivenciando as potencialidades e os limites do corpo, e respeitando as diferenças (RCP, 2018, p. 363).</p>	<p>danças criativas, possibilitando a expressão livre dos movimentos e a (re)criação coreográfica.</p> <p>*(EF67EF11) Experimentar, fruir, (re)criar e (re)significar movimentos por meio das danças criativas, ampliando seu repertório de movimentos e enfatizando a manifestação do lúdico.</p> <p>*(Re)significar e (re)criar movimentos, levando em conta os fatores tempo, espaço, fluência e diversidade humana. (RCP, 2018, p. 375).</p>
Objetivos do funcionamento adaptativo	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Vivenciar na prática o funcionamento adaptativo dos domínios: conceitual, social e prático; ✓ Experimentar habilidade do autoconhecimento, comunicação, interpretação, internalização, organização, sociabilização e colaboração; ✓ Expressar autonomia de recriar atividade tarefa a partir do que foi apresentado; ✓ Ser protagonista na realização dos elementos da ginástica e dança, através do próprio movimento corporal. 	
Objetivos e organização das aulas	Aulas: 1 – 2
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Receber a turma no local da realização da aula (professora); ✓ Realizar o check-in – acolhimento livre interação com o espaço físico, pessoas, contar como estão chegando na aula, ✓ Estimular a manifestação de ideias/desejos, habilidades e necessidades; ✓ Observar as habilidades e necessidades de suporte adaptativo especial (mapeamento); <p>Apresentar e conhecer os conteúdos: ginástica e dança livre;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Vivenciar a prática de diferentes maneiras de realizar os movimentos corporal, através dos elementos da ginastica e dança livre (com ou sem suporte adaptativo especial); ✓ Estimular a percepção corporal por meio por meio da locomoção, equilíbrio, movimento amplos de braços, pernas, andar, correr para frente; inclinar para frente, saltar, rolar, virar cambalhotas, tempo e espaço, foco e sustentação de tempo na tarefa; ✓ Realizar o check-out – perguntar como foi a aula; ✓ Retorno da turma para a sala de aula (atendente). 	
Recursos pedagógico	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Data show, caixa de som, vídeos, músicas, pula-pula, colchões, bambolês, bolas, etc; <p>Vídeos - Músicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ <u>1 – Olá como vai</u> ✓ <u>2 - Bambolê</u> ✓ <u>3 - Estátua diferente</u> 	

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No momento em que foram colocadas as ações pretendidas cuidadosamente, em evidência, percebem-se que isso provoca percepções e questionamentos internos que nem sempre são colocados em prática por diversos fatores, um deles é sair da zona de conforto.

Mudanças internas que precisam ser repensadas, rerepresentadas, externalizadas através da comunicação consigo mesmo e com as pessoas que estão em volta, de forma empática, por meio das ações práticas.

É importante ressaltar que a professora pesquisadora tem contato com as turmas do Ensino fundamental do 1º ciclo desde do ano 2018, no 2º ciclo nesta formação de turma, com estas(es) estuantes já há 4 anos, estudantes das turmas da EJA conhece e dá aulas há mais de 10 anos.

Assim, a professora/pesquisadora foi a mediadora de cada participante da pesquisa, nas de diversas formas de linguagens para que nosso diálogo fosse efetivo entre cada participantes da pesquisa. Os recursos foram diversos por meio da linguagem oral e corporal (balbucios, sorrisos, choro, silêncio, sons específicos e particulares, expressões faciais, olhares, apontar, toque, imitação, participação, recusas, movimentos particulares). Rosenberg (2006) destaca a comunicação como ponto principal da conexão entre quem faz o pedido e quem o recebe, ela se concretiza por meio da: observação, sentimento, necessidades e pedido. Compreender estas características significa promover a conexão entre o contexto coletivo com foco na individualidade de cada estudante, professora/pesquisadora, atendente e demais pessoas que estão diretamente oferecendo suporte adaptativo para cada turma.

Na sequência, a partir do planejamento dos conteúdos, saberá quais as possibilidades de atividades que poderão ser elaboradas, para quem, como serão oferecidos, quais estratégias pedagógicas e os suportes adaptativos especiais são necessários, serão evidenciados no plano de aula para a efetivação da prática.

Estudantes que necessitam de suporte constante estarão sempre em todas as atividades, para quem necessita dos suportes volantes, são possibilidade de fazer uso, porém, a efetivação só é visível e possível no momento de realizar a tarefa ou o movimento, significa que professoras(es) devem estar preparadas(os) também para mudanças espontâneas trazidas pela(o) estudante no momento da participação prática. São situações que surgem da maneira de ver e interpretar no contexto real das habilidades e necessidades para poder realizar as práticas corporais.

A participação é considerada como: total; parcial; não participa: a) participação total – realiza o que está sendo solicitado, manifesta interesse em participar do que está sendo solicitado, aceita suporte para realizar, criar e recriar novas tarefas a partir do estímulo oferecido através do próprio saber; b) participação parcial – realiza da maneira que consegue, precisa de suporte adaptativo especial para manifestar interesse em participar do que está sendo pedido, dispersa da atividade, procura outros objetos e interesses, dificuldade de aceitar suporte para

continuar na atividade, dificuldade em criar e recriar atividades; c) recusa participar da atividade, recusa o suporte oferecido, é apático a diversos estímulos oferecidos, busca sempre outra coisa para fazer.

Segundo Neira (2011), é fundamental fazer a leitura do mapeamento e verificar as possibilidades trazidas pelos estudantes para a elaboração do planejamento, compreender como colocar os mesmos conteúdos em práticas de maneira diferente. Acolher e avançar nas habilidades, acolher e dar suporte para avançar nas necessidades, para cada turma e faixa etária.

O mesmo conteúdo é aplicado com objetivos e formas diferentes, ações diferentes, com foco nas especificidades individuais e coletivas. Parece complexo, porém, é transformação da diversidade humana em estratégias que agilizam e dinamizam o dia a dia da prática escolar nos domínios cognitivo, comunicação/afetivo, prático/motor. Abaixo são apresentadas as percepções e os resultados tidos diante do momento do mapeamento através dos conteúdos propostos: Ginástica Geral e Dança Criativa, conforme disponibilizado no Apêndice A.

QUADRO 8: Articulação entre o real e as possibilidades a partir do mapeamento.

Turma: A	<i>Percepção do real e possíveis estratégias pedagógicas a serem utilizadas 2 aulas SEFA e QP</i>
<i>Percepção do real</i>	
<i>1º Momento - chegada da turma no ambiente da aula: todos são curiosos, percebem os materiais disponíveis, gostam de chegar e ir manipular os materiais e criar situações de formas de usar, não enxergam a professora no ambiente; começa a aula e querem ir ao banheiro efeito cascata;</i>	
<i>2ª Momento – durante a propostas das práticas corporais: diversas maneiras de comunicação entre a turma; 1 aluna com muita dificuldade na dicção e linguagem oral materna ucraniana, pouca dificuldade motora no coletivo, são rápidos, curiosos, criativos, perdem o foco rápido, dificuldade de manter tempo na mesma atividade, dificuldade de realizar atividade em dupla ou no coletivo, dificuldade interação e ajuda mutua entre a turma.</i>	
<i>3ª Momento - término da aula, retorno para sala de aula: dificuldade de compreender o término da aula, recusa em guardar os materiais pedagógicos/organizar o ambiente, dificuldade de voltar à calma;</i>	
<i>Possíveis estratégias pedagógicas a serem utilizadas</i>	
<i>1º Momento - professora esperar a turma no local da aula, ser presente e se fazer visível em lugar estratégico para o acolhimento, na chegada cumprimentar com um bate na mão, um beijo na cabeça, um abraço, outra coisa rápida, a escolha parte sempre da deixa da(o) estudante, deixar claro que está feliz com a sua chegada, deixar explorar o material pedagógico entre 1 a 3 minutos se sentir necessidade, na quadra deixar visível a delimitação do espaço da aula e onde está o material para uso durante a aula. No acolhimento para perto da professora, sentados no chão ou cadeiras, deitados, em pé e dizer como estão chegando, se estão preparados para atividades, quando quiser fazer outra atividade contar para a professora que toda turma possa também participar. Isso possibilita colocar todas(os) no ambiente em conexão com a professora e colegas, se preparar para o engajamento nas atividades, realizar combinados (fazer perguntas, escutar quando alguém está falando, realizar as atividades quando a professora e atendente solicitarem, quando não estiver bem, contar para a professora ou o atendente,</i>	
<i>2º Momento – professora, a mediadora da comunicação oral e gestual entre a turma, proporcionar ambiente e material pedagógico adequado nas atividades, movimentos que sejam compreensíveis e possíveis de serem realizados para a faixa etária com o foco na diversidade da turma, oferecer variedades de atividades com menos tempo e complexidade de realização, orientar o atendente em como estar e ser presente para auxiliá-la na turma de maneira colaborativa e coletiva com foco individualizado, compreender e orientar cada estudante</i>	

sua maneira de compreender seu próprio corpo e da(o) colega, oferecer os suportes adaptativos especiais para realizar as atividades nas práticas corporais; trazer e manter a turma engajada nas atividades individuais e coletivas, a partir da riqueza criativa que cada estudante traz para realizar a proposta da professora. Valorizar a criação de prática corporal individual, incentivar as(os) estudantes, imitando o movimento do colega. Quando estão muito focadas(os) em algo que não faz parte do contexto da aula, principalmente na QP, combinar que no final da aula poderão fazer o que desejam, mas antes precisam participar da aula junto com a professora e atendente.

3º Momento – mais ou menos entre 7 a 10 minutos ‘depende dos combinados no início da aula’ a professora avisar que a aula vai acabar, ‘vamos terminar as atividades’ que estão sendo realizadas, quando tiver combinados de atividade extra no final da aula, usar parte deste tempo para realizar de forma livre e com supervisão do atendente e da professora que faz a chamada, atividade extra depois que organizar o ambiente/guardar material utilizado. Professora quando termina a aula ‘venham para perto de mim – gostaram da aula’ tempinho de resposta – ‘até a próxima aula’. Deixar claro que vai estar esperando a turma, ‘vai ser diferente e muito legal a próxima aula’, fica em lugar estratégico para despedir dando bate na mão, abraço ou beijo na cabeça, conforme a escolha da(o) estudante. Professora e atendente organizam a turma para entrega-la para a professora regente que é acompanhada pelo atendente até a sala.

Observação: *para todas as turmas combinar com professoras(es) regentes que estão na sala, cinco minutos antes da saída, preparar a turma, se tiver calor tirar as blusas, ir ao banheiro, tomar água, o atendente irá buscar, a professora que irá assumir a turma pegar a turma no local da aula. São combinados que precisam ficar claros e com a ciência e apoio da equipe diretiva e pedagógica e professoras(es) em momentos de formação.*

B	Percepção do real e possíveis estratégias pedagógicas a serem utilizadas 2 aulas SEFA e QP
----------	---

Percepção do real

1º Momento - chegada da turma no ambiente da aula: 1 aluno curioso gosta de manusear os materiais disponíveis, bastante falante, questionador e se deixar fica o tempo todo abraçado no pescoço da professora, perde o foco muito rápido da atividade, no ambiente uma dupla de meninos conversando, uma dupla de meninas conversando, 1 aluno fica sozinho, a turma com pouca iniciativa de interação;

2ª Momento – durante a proposta das práticas corporais: diversas maneiras de comunicação entre a turma; 1 aluno com muita dificuldade na dicção e linguagem oral materna ucraniana, pouca dificuldade motora no coletivo, antes de começar as práticas corporais apresentam desinteressados nas atividades, resistência em trocar os pares de afinidades, contato físico. Dificuldade na ajuda mutua, realização de atividades em pares, trios e coletivo que necessita de qualquer contato físico entre a turma, de permanecer a conexão entre a turma, de iniciativa para criar/recriar atividades individual e coletiva, sempre ficam na espera de ser convidado/incentivada para participa da aula;

3ª Momento - término da aula retorno para sala de aula: recusa de compreender que ao término da aula é necessário que todas(os) precisam colaborar no guardar o material pedagógico e deixar o ambiente organizado para a próxima turma;

Possíveis estratégias pedagógicas a serem utilizadas

1º Momento - professora esperar a turma no local da aula, ser presente e se fazer visível em lugar estratégico para o acolhimento, na chegada cumprimentar com um bate na mão, um abraço, outra coisa rápida, a escolha parte sempre da deixa da(o) estudante, deixar claro que está feliz com a sua chegada, deixar explorar o material pedagógico entre 1 a 2 minutos se sentir necessidade, na quadra deixar visível a delimitação do espaço da aula e onde está o material para uso durante a aula. No acolhimento para perto da professora, sentados no chão ou cadeiras, deitados, em pé e dizer como estão chegando, se estão preparados para atividades, quando quiser fazer outra atividade contar para a professora que toda turma possa também participar. Isso possibilita colocar todas(os) no ambiente em conexão com a professora e colegas, se preparar para o engajamento nas atividades, realizar combinados (fazer perguntas, escutar quando alguém está falando, realizar as atividades quando a professora e atendente solicitar, quando não estiver bem contar para a professora ou o atendente;

2º Momento – professora, a mediadora da comunicação oral e gestual entre a turma, proporcionar ambiente e material pedagógico adequado nas atividades, movimentos que sejam compreensíveis e possíveis de serem

realizados para a faixa etária com o foco na diversidade da turma, oferecer menos atividade e com maior complexidade, em pares, trios, coletivo que proporcione possibilidade colaboração do colega, orientar o atendente em como estar e ser presente para auxiliá-la na turma de maneira colaborativa e coletiva com foco individualizado, compreender e orientar cada estudante sua maneira de compreender seu próprio corpo e da(o) colega, oferecer os suportes adaptativos especiais para realizar as atividades nas práticas corporais; trazer e manter a turma engajada nas atividades individuais e coletivas, a partir da riqueza criativa que cada estudante traz para realizar a proposta da professora. Valorizar a criação de prática corporal diferente de cada estudante, incentivar as(os) imitando o movimento do colega.

3º Momento – mais ou menos entre 5 a 8 minutos ‘depende dos combinados no início da aula’, professora avisar que a aula vai acabar, ‘vamos terminar as atividades’ que estão sendo realizadas, quando tiver combinados de atividade extra no final da aula, usar parte deste tempo para realizar de forma livre e com supervisão do atendente e da professora que faz a chamada, atividade extra depois que organizar o ambiente/guardar material utilizado. Professora termina a aula ‘venham para perto de mim – gostaram da aula ‘tempinho de resposta – até a próxima aula. Deixar claro que vai estar esperando a turma, vai ser diferente e muito legal a próxima aula’, fica em lugar estratégico para despedir dando bate na mão ou abraço conforme a escolha da(o) estudante. Professora e atendente organizam a turma para entregá-la para a professora regente que é acompanhada pelo atendente até a sala;

C	Percepção do real e possíveis estratégias pedagógicas a serem utilizadas 2 aulas SEFA e QP
----------	---

Percepção do real

1º Momento - chegada da turma no ambiente da aula: 1 casal de estudante precisa sentar, a turma é grande, chegam e se organizam em pares trios de afinidades dispersos, outras(os) ficam isoladas(os); 2 dispensam da turma principalmente na quadra procuram bolas para chutar ao gol.

2º Momento – durante a propostas das práticas corporais: diversas maneiras de comunicação entre a turma; 5 alunos com muita dificuldade na dicção, desses 5, 3 são de linguagem materna ucraniana, 1 casal de estudantes com dificuldade motora equilíbrio e movimentos lentos, 1 com baixa visão, antes de começar as práticas corporais apresentam desinteressados nas atividades, resistência em trocar os pares de afinidades, contato físico. Dificuldade na ajuda mútua, realização de atividades em pares, trios e coletivo que necessita de qualquer contato físico entre a turma, de conexão entre a turma, ficam na espera de ser convidado/incentivada para participa da aula; precisa de estímulo verbal da professora para criar/recriar atividades individual e coletiva,

3º Momento - término da aula retorno para sala de aula: alguns recusa compreender que ao término da aula é necessário que todas(os) precisem colaborar no guardar o material pedagógico e deixar o ambiente organizado para a próxima turma;

Possíveis estratégias pedagógicas a serem utilizadas

1º Momento - professora esperar a turma no local da aula, ser presente e se fazer visível em lugar estratégico para o acolhimento, na chegada cumprimentar com um bate na mão, outra coisa rápida, a escolha parte sempre da deixa da(o) estudante, deixar claro que está feliz com a sua chegada, deixar explorar o material pedagógico o ambiente entre 1 a 2 minutos se sentir necessidade, na quadra deixar visível a delimitação do espaço da aula e onde está o material para uso durante a aula. No acolhimento para perto da professora, sentados ou em pé em círculos, dizer como estão chegando, se estão preparados para atividades, quando quiser fazer outra atividade contar para a professora que toda turma possa também participar. Isso possibilita colocar todas(os) no ambiente em conexão com a professora e colegas, se preparar para o engajamento nas atividades, realizar combinados (fazer perguntas, escutar quando alguém está falando), realizar as atividades quando a professora e atendente solicitar, quando não estiver bem contar para a professora ou o atendente;

2º Momento - professora a mediadora da comunicação oral e gestual entre a turma, proporcionar ambiente e matéria pedagógico adequado nas atividades, movimentos que sejam compreensíveis e possíveis de serem realizados para a faixa etária com o foco na diversidade da turma, oferecer menos atividade e com maior complexidade, em pares, trios, coletivo que proporcione possibilidade colaboração do colega, orientar o atendente em como estar e ser presente para auxiliá-la na turma de maneira colaborativa e coletiva com foco individualizado, compreender e orientar cada estudante sua maneira de compreender seu próprio corpo e da(o) colega, oferecer os suportes adaptativos especiais para realizar as atividades nas práticas corporais; trazer e manter a turma engajada nas atividades individuais e coletivas, a partir da riqueza criativa que cada estudante

traz para realizar a proposta da professora. Valorizar a criação de prática corporal diferente de cada estudante, incentivar as(os) imitando o movimento do colega.

3º Momento – mais ou menos entre 5 a 8 minutos ‘depende dos combinados no início da aula’, professora avisar que a aula vai acabar, ‘vamos terminar as atividades’ que estão sendo realizadas, quando tiver combinados de atividade extra no final da aula, usar parte deste tempo para realizar de forma livre e com supervisão do atendente e da professora que faz a chamada, atividade extra depois que organizar o ambiente/guardar material utilizado. Professora termina a aula ‘venham para perto de mim – gostaram da aula ‘tempinho de resposta – até a próxima aula. Deixar claro que vai estar esperando a turma, vai ser diferente e muito legal a próxima aula’, fica em lugar estratégico para despedir dando bate na mão ou abraço conforme a escolha da(o) estudante. Professora e atendente organizam a turma para entrega-la para a professora regente que é acompanhada pelo atendente até a sala;

D	Percepção do real e possíveis estratégias pedagógicas a serem utilizadas 2 aulas SEFA e QP
----------	---

Percepção do real

1º Momento - chegada da turma no ambiente da aula: 1 aluno curioso gosta de manuseia os materiais disponíveis, bastante falante, questionador e se deixar fica o tempo todo abraçado no pescoço da professora, perde o foco muito rápido da atividade, no ambiente uma dupla de meninos conversando, uma dupla de meninas conversando, 1 aluno fica sozinho, a turma com pouca iniciativa de interação;

2ª Momento – durante a propostas das práticas corporais: diversas maneiras de comunicação entre a turma; 1 aluno com muita dificuldade na dicção e linguagem oral materna ucraniana, pouca dificuldade motora no coletivo, antes de começar as práticas corporais apresentam desinteressados nas atividades, resistência em trocar os pares de afinidades, contato físico. Dificuldade na ajuda mútua, realização de atividades em pares, trios e coletivo que necessita de qualquer contato físico entre a turma, de permanecer a conexão entre a turma, de iniciativa para criar/recriar atividades individual e coletiva, sempre ficam na espera de ser convidado/incentivada para participa da aula;

3ª Momento - término da aula retorno para sala de aula: recusa de compreender que ao término da aula é necessário que todas(os) precisam colaborar no guardar o material pedagógico e deixar o ambiente organizado para a próxima turma;

Possíveis estratégias pedagógicas a serem utilizadas

1º Momento - professora esperar a turma no local da aula, ser presente e se fazer visível em lugar estratégico para o acolhimento, na chegada cumprimentar com um bate na mão, um abraço, outra coisa rápida, a escolha parte sempre da deixa da(o) estudante, deixar claro que está feliz com a sua chegada, dar suporte para deixar sentado em lugar confortável/seguro, que tenha visualização das(os) colegas, da professora e atendente, dar um tempo para dizer como está chegando na aula;

2º Momento - professora a mediadora da comunicação oral e gestual entre a turma, proporcionar ambiente e matéria pedagógico adequado nas atividades, movimentos que sejam compreensíveis e possíveis de serem realizados para a faixa etária com o foco na diversidade da turma, oferecer menos atividade e com pouca complexidade, em pares, trios, coletivo que proporcione possibilidade colaboração do colega, a maioria das práticas corporais são realizadas sentadas, quando em pé ou em mobilidade é necessário ter o suporte da professora ou atendente junto. Orientar o atendente em como estar e ser presente para auxilia-la na turma de maneira colaborativa e coletiva com foco individualizado, compreender e orientar cada estudante sua maneira de compreender seu próprio corpo e da(o) colega, oferecer os suportes adaptativos especiais para realizar as atividades nas práticas corporais; trazer e manter a turma engajada nas atividades individuais e coletivas, a partir da riqueza criativa que cada estudante traz para realizar a proposta da professora. Valorizar a criação de prática corporal diferente de cada estudante, incentivar as(os) imitando o movimento do colega.

3º Momento – mais ou menos entre 7 a 10 minutos ‘depende dos combinados no início da aula’, professora avisar que a aula vai acabar, ‘vamos terminar as atividades’ que estão sendo realizadas, quando tiver combinados de atividade extra no final da aula, usar parte deste tempo para realizar de forma livre e com supervisão do atendente e da professora que faz a chamada, atividade extra depois que organizar o ambiente/guardar material utilizado. Professora termina a aula organizando a turma de forma que todas(os) a vejam, ‘gostaram da aula ‘tempinho de resposta – até a próxima aula. Deixar claro que vai estar esperando a turma, vai ser diferente e muito legal a próxima aula’, fica em lugar estratégico para despedir dando bate na

mão ou abraço conforme a escolha da(o) estudante. Professora e atendente organizam a turma para entregála para a professora regente que é acompanhada pelo atendente até a sala;

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Ao analisar o mapeamento das quatro turmas, identifica-se que existem infinitas possibilidades de alcançar os objetivos do Componente Curricular de Educação Física, por meio das mais diversas formas da maneira com que cada professora e professor compreende, organiza e reapresenta as práticas corporais para as(os) estudantes, respeitando as formas com que cada um pode contribuir e participar a partir da diversidade humana através da perspectiva do Currículo Cultural.

Não podemos negar a complexidade que existe na Modalidade de Educação na Escola Especializada – APAE. Ainda assim, as respostas obtidas através das práticas corporais das(os) estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial, partindo dos princípios do Currículo Cultural, junto com a fundamentação teórica, demonstram possibilidades de compreensão entre o simples e complexo como um conjunto de interpretação deste contexto escolar na perspectiva da neurodiversidades humana. Sendo o simples e despercebido para uma pessoa como algo extremamente necessário e complexo para outra pessoa.

Morin (2005) considera que somos seres físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais em construção, que nos construímos no percurso da nossa existência, que também buscamos transformar as relações e crescer em conjunto. Entendemos que exige maturidade para compreender as diferentes comunicações entre o contexto deste espaço escolar, nas vivências e convivências das práticas corporais, assim como a compreensão do referencial teórico que contemple os significados e significantes que coabitam o alcance desta pesquisa.

Rosenberg (2006) destaca como ponto principal coexistir a comunicação como ponto principal de conexão entre quem faz o pedido e quem o recebe. Nesse sentido, ficou evidente que precisava de uma comunicação que fosse efetiva, não apenas para a pesquisadora e estudante, mas que também fosse a mediadora do apresentar para todas(os), que essa linguagem ficasse evidente e entendível, conforme a identidade de cada turma, porém com foco nas particularidades individuais, conforme descrições das aulas 1 e 2, disponíveis também no Apêndice A.

A definição dos conteúdos, a seguir, tem como base o detalhamento do mapeamento, no Referencial Curricular do Paraná (RCP, 2018), para o Ensino Fundamental anos iniciais e finais, apresentando uma releitura, a partir das diversidades das turmas e individualidades. São apresentados o objetivo geral das aulas de Educação Física; objetivo dos conteúdos, objetivos do funcionamento adaptativo, objetivos da organização das aulas e recursos pedagógicos.

A partir deste momento, o quadro subsequente apresentará a definição dos conteúdos detalhados, com base no Referencial Curricular do Paraná (RCP, 2018).

QUADRO 9 – Identificação dos conteúdos e objetivos – planos de aula

CONTEÚDOS: ESPORTES – BRINCADEIRAS E JOGOS		AULAS: 3-
COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO - BOCHA ADAPTADA		
<p>Objetivo geral: Lançar as bolas coloridas 6 azuis, 6 vermelhas o mais perto possível de uma branca (bola alvo). Uma modalidade pouco conhecida, não está no referencial curricular do Paraná e nem no caderno 4 da educação especial de 2018. No Brasil quem rege a bocha é a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE). Atletas do bocha competem em cadeira de rodas, na classificação funcional, eles são divididos em quatro classes de acordo com o grau da deficiência e da necessidade de suporte ou não de outra pessoa, atletas com maior grau de comprometimento, é permitido o uso de uma calha, tetraplégicos que não conseguem movimentar os braços ou as pernas, usam uma faixa ou capacete na cabeça com uma agulha na ponta. Apesar da modalidade ter chegado ao Brasil desde a década de 1970, conquistar medalha de ouro e prata em 2016 nas Olimpíadas do Rio, bronze em Toronto (CPB,2023).</p>		
Bocha adaptada	De matrizes Indígenas	
<ul style="list-style-type: none"> *Conhecer a modalidade paralímpica, vivenciar na prática a modalidade através de jogos recreativos; *Planejar e utilizar de estratégias para a participação dos elementos básicos da modalidade bocha adaptada; *Experenciar diferentes situações de coordenação motora, força, consciência corporal; *Favorecer o senso de planejamento e estratégias para acertar o alvo; *Despertar o trabalho individualizado e coletivo. 	<ul style="list-style-type: none"> *(EF35EF02) Planejar e utilizar estratégias para possibilitar a interação, a socialização e a participação segura de todos os estudantes em brincadeiras e jogos populares e tradicionais de matrizes Indígena e Africana. *(EF35EF01) Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares e tradicionais de matrizes Indígena e Africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural. (RCP, 2018, p. 370). 	
Objetivos do funcionamento adaptativo		
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Vivenciar na prática o funcionamento adaptativo dos domínios: conceitual, social e prático; ✓ Experimentar habilidade do autoconhecimento, comunicação, interpretação, internalização, organização, sociabilização e colaboração; ✓ Expressar autonomia de recriar atividade tarefa a partir do que foi apresentado; ✓ Ser protagonista na realização dos elementos do bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes africana. 		
Objetivos e organização das aulas		
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Receber a turma no local da realização da aula (professora); ✓ Realizar o check-in – acolhimento livre interação com o espaço físico, pessoas, contar como estão chegando na aula, ✓ Estimular a manifestação de ideias/desejos, habilidades e necessidades; ✓ Conhecer os conteúdos: bocha adaptado, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas; ✓ Vivenciar a prática de diferentes maneiras de realizar os movimentos corporal, através dos elementos do bocha adaptado, brincadeiras e jogos de matrizes africana (com ou sem suporte adaptativo especial); ✓ Estimular a percepção corporal por meio por meio do equilíbrio, manipulação, arremesso, movimento de braços, foco e sustentação de tempo na tarefa (com ou sem suporte adaptativo especial); ✓ Realizar o check-out – perguntar como foi a aula; ✓ Retorno da turma para a sala de aula (atendente). 		
Recursos pedagógicos		
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Data <i>show</i>, caixa de som, vídeos, músicas, jogo de bola do bocha adaptado, bolas diversas, etc. <p>Músicas</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ <u>1 – Olá como vai;</u> ✓ <u>4 - Música indígena brasileira.</u> <p>Vídeos</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ <u>1 - Brincadeiras indígenas</u> ✓ <u>2 - Bocha na educação física escolar</u> ✓ <u>3 - Bocha Adaptada</u> 		
CONTEÚDO: ESPORTES DE REDE/PAREDE - BRINCADEIRAS E JOGOS		QUANTIDADE DE AULAS: 4
Voleibol	De matrizes indígenas	
*(EF89EF01) Experimentar e fruir diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) nos esportes de rede/parede, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo, permitindo múltiplas	*(EF35EF02) Planejar e utilizar estratégias para possibilitar a interação, a socialização e a participação segura de todos os	

<p>experiências e o desenvolvimento de uma atitude crítica, reconhecendo e respeitando a pluralidade de ideias e a diversidade cultural humana.</p> <p>*(EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos nos esportes de rede/parede e nos esportes de invasão por meio das nas modalidades esportivas escolhidas como conteúdo específico, adaptando/criando coletivamente novas regras adequadas às necessidades dos estudantes e à realidade na qual a escola está inserida. (RCP, 2018, p. 383).</p>	<p>estudantes em brincadeiras e jogos populares e tradicionais de matrizes Indígena e Africana.</p> <p>*(EF35EF01) Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares e tradicionais de matrizes Indígena e Africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural. (RCP, 2018, p. 362).</p>
<p>Observação: o conteúdo jogos e brincadeiras de matrizes indígenas estavam programados para serem trabalhados nas primeiras aulas, devido a demanda do conteúdo da festa junina na escola, não foi possível dar conta, por isso continua para ser trabalhados junto com o conteúdo voleibol.</p>	
<p>Objetivos do funcionamento adaptativo</p>	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Vivenciar na prática o funcionamento adaptativo dos domínios: conceitual, social e prático; ✓ Experimentar habilidade do autoconhecimento, comunicação, interpretação, internalização, organização, sociabilização e colaboração; ✓ Expressar autonomia de recriar atividade tarefa a partir do que foi apresentado; ✓ Ser protagonista na realização dos elementos do voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes africanas; 	
<p>Objetivos e organização das aulas</p>	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Receber a turma no local da realização da aula (professora); ✓ Realizar o check-in – acolhimento livre interação com o espaço físico, pessoas, contar como estão chegando na aula, ✓ Estimular a manifestação de ideias/desejos, habilidades e necessidades; ✓ Conhecer os conteúdos: voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas; ✓ Vivenciar a prática de diferentes maneiras de realizar os movimentos corporal, através dos elementos do voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas (com ou sem suporte adaptativo especial); ✓ Estimular a percepção corporal por meio por meio do equilíbrio, manipulação, segurar, bater, rebater arremesso, movimento de braços, espaço temporal, foco e sustentação de tempo na tarefa (com ou sem suporte adaptativo especial); ✓ Realizar o check-out – perguntar como foi a aula; ✓ Retorno da turma para a sala de aula (atendente). 	
<p>Recursos pedagógicos</p>	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Data <i>show</i>, vídeos, músicas, caixa de som, bolas de diferentes texturas e tamanho, etc. <p>Músicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ <u>4 - Música indígena brasileira</u> <p>Vídeos</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ <u>4 -Brincadeiras e Jogos Indígenas</u>, expressões corporais, corrida do saci, peteca, cama de gato, cabo de guerra, arranca mandioca, tobdaé, mãe galinha, o gavião e os passarinhos, peixe pacu; ✓ <u>5 – Melhores momentos do vôlei masculino</u> ✓ <u>6 - Conheça o Vôlei sentado</u> 	
<p>Turma: A</p>	
<p>CONTEUDO: ESPORTES DE REDE/PAREDE – DANÇAS</p>	
<p>Tênis de mesa</p>	<p>Dança de matrizes Africanas</p>
<p>*(EF89EF01) Experimentar e fruir diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) nos esportes de rede/parede, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo, permitindo múltiplas experiências e o desenvolvimento de uma atitude crítica, reconhecendo e respeitando a pluralidade de ideias e a diversidade cultural humana.</p> <p>*(EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos nos esportes de rede/parede por meio das nas modalidades esportivas escolhidas como conteúdo específico, adaptando/criando coletivamente novas regras adequadas às necessidades dos estudantes e à realidade na qual a escola está inserida. (RCP, 2018, p. 383).</p>	<p>EF35EF09) Experimentar, (re)criar e fruir atividades rítmicas e expressivas, danças de matrizes Africana, valorizando e respeitando os diferentes sentidos e significados dessas danças em suas culturas de origem.</p> <p>(EF35EF11) Formular e utilizar estratégias para a execução de elementos constitutivos das danças de matrizes Africana.</p> <p>(EF35EF12) Compreender o movimento rítmico como forma de expressão corporal e de representação social e, ainda, identificar situações de injustiça e preconceito geradas e/ou presentes no contexto das danças e demais práticas corporais, discutindo alternativas para superá-las e desenvolvendo uma consciência crítica e reflexiva sobre seus significados, valorizando as diversas manifestações culturais. (RCP, 2018, p. 368).</p>

Objetivos do funcionamento adaptativo
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Vivenciar na prática o funcionamento adaptativo dos domínios: conceitual, social e prático; ✓ Experimentar habilidade do autoconhecimento, comunicação, interpretação, internalização, organização, sociabilização e colaboração; ✓ Expressar autonomia de recriar atividade tarefa a partir do que foi apresentado; ✓ Ser protagonista na realização dos elementos do tênis de mesa, dança de matrizes africana.
Objetivos e organização das aulas
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Receber a turma no local da realização da aula (professora); ✓ Realizar o check-in – acolhimento livre interação com o espaço físico, pessoas, contar como estão chegando na aula, ✓ Estimular a manifestação de ideias/desejos, habilidades e necessidades; ✓ Conhecer os conteúdos: tênis de mesa e dança de matrizes africana; ✓ Vivenciar a prática de diferentes maneiras de realizar os movimentos corporal, através dos elementos do tênis de mesa, dança de matrizes africana (com ou sem suporte adaptativo especial); ✓ Estimular a percepção corporal por meio por meio da manipulação, segurar, bater, rebater, movimento de braços, pernas deslocamento para frente-para trás, laterais, espaço temporal, foco e sustentação de tempo na tarefa (com ou sem suporte adaptativo especial); ✓ Realizar o check-out – perguntar como foi a aula; Retorno da turma para a sala de aula (atendente).
Recursos pedagógicos
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Data <i>show</i>, vídeos, músicas, caixa de som, bolas diferentes, mesa de tênis, raquetes diversas, etc <p>Vídeos</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ 7 - Jerusalema los 10 mejores bailes ✓ 8 - Masaka Kids Africana Performs ✓ 9 - Você Sabia? Paraolimpíadas Raquetes ✓ 10 – Aula de tênis de mesa adaptador – Educação Física inclusiva.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A fim de organizar e descrever de modo coerente, funcional e sem deixar de respeitar a normalização compatível e disponibilizada pela Associação de Normas Técnicas Brasileiras (ABNT), foi criada a Tabela 1 com a padronização e a parcial referenciação das respectivas músicas utilizadas, assim como foram também tabulados os vídeos que se fizeram necessários para o desenvolvimento da presente pesquisa, os quais seguiram o mesmo formato parcial de referenciação, tabulando-se assim a Tabela 2. Sendo assim, tal numeração utilizada como forma de sinalizar tanto músicas como vídeos, foram acrescentados ao longo das descrições das aulas junto aos seus respectivos *hiperlinks*.

TABELA 1 – Músicas Utilizadas

Número Convencionado	Música	Responsabilidade
1	Olá, Como Vai? Canção de bom dia, boa tarde com movimento	SERRALVA, Marcelo
2	Bambolê	XUXA
3	Estátua Diferente	CARVALHO, Alenilda
4	Música indígena brasileira	PIOVESAN, Kaique
5	Música de Quadrilha (Instrumental/Original)	SOUZA, Michael Ventura de
6	Música Festa Junina - Pula Fogueira	GOMES, Annah
7	Xô Preguiça	VEVO, Eliana
8	Paxuá e Paramim	BROWN, Carlinhos

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

TABELA 2 – Vídeos Utilizados

Número Convencional	Vídeo	Responsabilidade
1	Brincadeiras indígenas	GUERARDI, Márcia
2	BOCHA - bocha na educação física escolar. Vivendo a Educação Física	CAVALCANTE, Kalu
3	Bocha Adaptada	TVSENTIDOS
4	Brincadeiras e Jogos Indígenas	PIRES, Eliane
5	Melhores momentos do vôlei masculino Obs: Na época em que a pesquisa estava sendo colocada em prática o vídeo estava no ar, no entanto, agora em 2023 o vídeo não está mais no ar. Assim, embora atualmente o vídeo não possa ser acessado mais, ele fez parte de vários momentos do presente estudo.	https://www.youtube.com/watch?v=U3pLH-pF13
6	Conheça o Vôlei Sentado	CANALGOV
7	Jerusalem los 10 mejores bailes	PACOPOLI2
8	Masaka Kids Africana Performs “Mood”	PRINCE, Mr.Masaka
9	Você Sabia? Paraolimpíadas Raquetes	TV CÂMARA
10	Aula de tênis de mesa adaptado - Educação Física Inclusiva	RABELO, Lorena

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O quadro abaixo apresenta orientação metodológica e didática de sustentação para todas as aulas, estejam elas ocorrendo em qualquer idade e espaços físicos.

QUADRO 10 – Encaminhamento metodológico para todas as aulas em qualquer ambiente físico.

<ul style="list-style-type: none"> ➤ Comunicação: Linguagem oral e alternativa, nos princípios da (CNV) como base para a conexão entre a turma (estudantes, professoras(es) atendentes) na realização das tarefas, (pedidos claros, simples e tom de voz adequado as especificidades da turma e para cada estudante); ➤ Criar acordos de forma coletiva, colaborativa e que seja realizável por todas(os), isso facilita as interconectividades entre a turma (é necessário fazer junto com a turma e não fazer para a turma); toda vez que algo acontecer fora dos acordos, terão a chance de refletir baseado no que foi construído pela turma; ➤ Quando algum desconforto, desentendimento acontecer, resolver por meio do diálogo, se possível no momento em que a situação acontece, e juntas(os) encontrar a melhor solução para resolver a questão, questões individuais procurar não espalhar para o coletivo, questões coletivas resolver no coletivo da turma, caso não resolva, leva para a equipe pedagógica ou diretiva, (evitar a exposição da(o) estudante a situações que deixe ainda mais constrangida(O)) ➤ Mediar o acesso as atividades de maneira segura, que desperte a confiança, a curiosidade, que desafie as potencialidades e também a superação de obstáculos, aumente o repertório de habilidades conceitual, social e prática. ➤ Possibilitar estratégias estruturadas e flexíveis a partir da diversidade humana, da autodescoberta, que viabilize a o engajamento individual e coletivo, nos princípios da educação para todas as pessoas – (aprender a aprender, (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser com autonomia); ➤ Ofertar práticas de movimento corporal flexíveis e gradativas em seu grau de complexidade na perspectiva do currículo cultural; ➤ Oferecer suporte adequado quando necessário; ➤ Facilitar suporte que mantenha o foco e permanência na atividade; ➤ Disponibilizar material pedagógico e espaço físico adequado as habilidades e necessidades da turma; ➤ Elogiar, agradecer e valorizar a participação das(os) estudantes durante e término da atividade; ➤ Explicar demonstrando o movimento que está sendo solicitado, deixar claro que cada um tem à sua maneira de realizar o seu próprio movimento; ➤ Posicionar na visão de todas(os), porém quem tem maior dificuldade de engajamento, manter o foco, baixa visão, é necessário permanecer em lugares estratégicos e no campo de visão e escuta e próximo da professora; ➤ Atividade individuais/duplas/trio/coletivas; lúdicas e recreativas; ➤ As práticas corporais devem ser adequadas à diversidade da turma, para que alunas(os) sintam-se
--

- motivadas(os) e seguras(os) em participar na sua maneira de realizar o seu movimento (em pé, sentada, deitada, com suporte adaptativo, que pode ser – professora – atendente e também de colegas de turma com supervisão de prof.);
- Quem é cego ou baixa visão procurar ficar na frente ou laterais (orientação sonora); cores fortes, contrastante com a cor do ambiente-chão;
 - É muito importante que professora, professor, participe realizado junto as atividades ou um colega de turma pode ser a referência – a referência e motivação para o engajamento;
 - Quando a turma tem aluna(o) cadeirante ou com maior necessidade de suporte para mobilidade, precisa de maior atenção na organização na dinâmica da turma, é fundamental ter suporte constante do atendente na turma;
 - Enquanto uma pessoa dá suporte para estudante cadeirante, a outra organiza os andantes, o ambiente, material pedagógico, mantendo a turma junto e engajada na atividade, isso também serve para estudante com necessidade de suporte para manter o foco, sustentar tempo na atividade e comunicação alternativa,
 - Caso não tenha atendente, primeiro organizar estudante cadeirante ou com maior necessidade de suporte, enquanto isso vai orientando os demais na auto-organização, peça ajuda para estudantes com maior autonomia.
 - O corpo de quem está mediado no momento da tarefa é suporte adaptativo especial - recurso pedagógico, também precisa estar bem para poder dar o suporte necessário com segurança e auxiliar no movimento;
- Lembrete importante:** é fundamental ter sempre o suporte de atendente para auxiliar, enquanto a professora explicar/mostrar como as tarefas, os movimentos serão realizados, atendente dá o suporte necessário para que realizar os movimentos; (alcançar/segurar material pedagógico, tanto para a professora quanto para estudantes realizar o movimento e manter o engajamento e foco na tarefa).

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Todas as aulas práticas são baseadas na releitura do manual da AAIDD (2021) que se refere ao conceito multidimensional entre as cinco dimensões: a) habilidades intelectuais; b) comportamentos adaptativos; c) saúde, e) participação; f) contexto, com os objetivos de trabalhar os domínios conceitual/cognitivo, comunicação/afetividade, prático/motor, são os mesmos, permanecem conforme a reinterpretação das habilidades e necessidades de suportes adaptativos especiais da pesquisadora.

O que muda são os objetivos específicos dos elementos de cada modalidade, a maneira de adaptar às tarefas das atividades, em acordo com a identidade coletiva, com foco individualizado de cada turma e estudante em realizar sua própria prática corporal real, apresentada na categoria a seguir.

4.2 Efetivação do conhecimento, autonomia e protagonismo do ensino e aprendizagem nos domínios conceitual/cognitivo, social/afetivo e prático/motor durante as aulas práticas da pesquisa

Na segunda categoria, é o momento de colocar em prática a primeira categoria, dar continuidade no processo. Este é o momento no qual podemos colocar em prática as possibilidades de interpretações e compreensões das realidades nos mais diversos contextos e complexidades. É a oportunidade de oferecer o suporte adaptativo especial para possibilitar da voz à autonomia e ao protagonismo de cada participante direto e indireto da pesquisa.

A professora/pesquisadora é a protagonista e desempenha um papel fundamental na mediação entre seu conhecimento, a mediação entre os saberes das pessoas participantes e aplicação das práticas corporais, utilizando os saberes trazidos por cada turma com foco individualizado. Morin (2000; 2005) enfatiza a importância de uma abordagem educativa transversal e transdisciplinar, que valorize o conhecimento através dos saberes individuais, relações e conexões efetivas na totalidade da realidade.

É por meio da releitura da professora/pesquisadora, sobre o referencial teórico, das orientações e avaliação das escalas SIS-A e SIS-C da AAIDD (2020; 2021), que possibilita-se compreender o processo pedagógico das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar, a partir do autoquestionamento, observações e análises do dia a dia. Primeiramente, faz-se necessário compreender o papel da professora pesquisadora neste espaço de escolarização, como suas ações impactam as vidas das(os) estudantes em suas habilidades e necessidades de suporte adaptativo especial. Cruz e El Tassa (2016) chamam a atenção para a compreensão do papel e a atuação no dia a dia da cultura escolar, com a flexibilização de ações que favoreçam as conexões das relações pessoais, interpessoais que transformem habilidades e necessidades em estratégias e ferramentas para o ensino e aprendizado.

De acordo com Plestch e Glat (2012), não existe um padrão pré-estabelecido, porém existe a necessidade de desviar o foco na dificuldade de aprendizagem como um problema intrínseco do aluno, para compreendê-la como fruto das interações sociais e pedagógicas estabelecidas em sala de aula.

Portanto, a professora se torna mediadora do processo de ensino e aprendizagem, tendo como suporte a primeira atividade para atingir os objetivos das habilidades conceitual/cognitiva, social/comunicação e prática/motor por meio das práticas corporais.

Todas as vezes em que uma tarefa ou movimento foi criado pelos estudantes, a professora/pesquisadora deixou claro para a turma quem foi que criou, reforça como está sendo feito, é a referência da tarefa/movimento para que demais imitem a(o) colega. Valorizar e potencializar o conhecimento que estudantes trazem consigo aumenta a probabilidade de engajamento e participação nas atividades imediatas e futuras durante as aulas.

Neira (2011) destaca que é primordial que as vozes e as expressões corporais que foram historicamente subjugadas sejam legitimadas e valorizadas, para tanto é necessário oferecer oportunidade de auto reconhecimento e autovalorização de ser também protagonista da própria condição humana. Considera-se, nesta pesquisa, o imitar como toda e qualquer manifestação que identifique entendimento e interesse do que foi solicitado, como realizar sozinho, tentar realizar sozinho, aceitar o suporte para continuar realizando sua atividade.

Entendemos a necessidade de perceber e compreender, tanto na participação parcial, em não participar, qual é o motivo que está levando a ter essa atitude. É prudente antes de qualquer conclusão sobre o não participar, é saber o porquê da não participação, precisa primeiro compreender o porquê da dificuldade ou recusa.

A manifestação de não querer participar, pode ser uma forma de expressar outras questões, posicionamento corporal, material pedagógico inapropriado, não chamou a sua atenção, não fez sentido, não está bem de saúde física ou emocional, ou simplesmente não quer participar. Isso não é característica só de estudante com necessidades de suporte adaptativo especial. Em algum momento da vida, já recusamos em fazer algo por diversos fatores.

É importante compreender que toda e quaisquer formas de manifestação precisam ser acolhidas sem pré-julgamento de certo ou errado. Segundo Neira (2011), é algo que precisa ser compreendido como indicação de que algo precisa ser feito para mudar ou até mesmo permanecer como está. Para que o processo se efetive, precisamos ser empáticos com as habilidades e necessidades de quem pede e de quem escuta.

A análise dos resultados busca dar novos significantes aos significados para as práticas pedagógicas no dia a dia nas aulas de Educação Física Escolar na escola especializada na perspectiva do que já existe a partir do olhar quem faz e quem recebe o pedido. Entendemos que ensino e aprendizado se concretizam através de duas vias, vai e volta, aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo. São saberes de tempo e condições diferentes que se conectam com a realidade e juntos encontram a possibilidade da terceira via.

Neste contexto, para a análise, é feita a compreensão de como os significados e significantes se realizam a partir do entendimento da necessidade de suporte adaptativo especial de cada estudante. A professora/pesquisadora através do seu conhecimento tem autonomia dos próprios signos, se desconstrói para se refazer protagonista a partir dos signos e possibilidades com e para o coletivo com vistas a individualidade, a continuidade é a apresentação, está relacionada com a efetivação das aulas práticas.

4.2.1 Aula 1 - mapeamento SEFA/todas as turmas - ginástica geral e dança criativa – imagens em anexo

A professora/pesquisadora oportuniza e encoraja o processo do engajamento através do observar, escutar e falar por meio da dinâmica de dizer como estão chegando, segundo Rosenberg (2006), isso permite expressar o que estão sentindo e também permite a compreensão de quem está observando e ouvindo. Neste primeiro momento, cada participante

expressou como estavam, tendo início e exemplo pela professora/pesquisadora em se colocar à disposição para participar da aula.

Durante as práticas corporais, cada estudante esteve disposto e realizou os pedidos da professora, recriaram variações e formas de realizar, assim como imitaram as práticas corporais da professora e das(os) colegas com e sem suporte da professora e do atendente Kaio. Segundo Neira (2011), professoras(es) são mediadoras(es) que oportunizam o processo criativo a partir do que cada estudante traz consigo.

Turma A: trouxeram citações de personagens de desenhos animados, sons e imitações animais, chamaram atenção da professora para mostra o que conseguiam realizar, ficando claro a interpretação do contexto da faixa etária, de suas vivências e convivência no dia a dia no ambiente familiar para as práticas corporais, mesmo o aluno que apresenta maior dificuldade na mobilidade, sempre foi incentivado e aceitou realizar movimentos para que seus colegas pudessem acompanhá-lo.

Turma B, C e D: também trouxeram citações das referências sobre o tema festa junina já vivenciadas no ambiente escolar, comunidade e do convívio familiar. “Um estudante se aproxima da professora e diz ‘é dança de forró né’. Professora: ‘você gosta de forró?’ Aluno: ‘só de música de Deus’. Professora descontraindo: ‘quem falou que essa música não é de Deus?’ Aluno não responde. Professora olha para ele e diz: ‘todas músicas são histórias contadas, cada pessoa escolhe escutar o que gosta, está tudo bem’.

O diálogo acontece naturalmente demais colegas observam atentamente e espontaneamente concordam com a professora sem serem questionadas(os) e a aula segue normalmente. Morin (2000) ressalta que todo conhecimento é uma interpretação e uma recriação, originada de sinais, signos e símbolos, manifestados através de representações, conceitos, teorias e discursos. Portanto, neste contexto, o conhecimento pressupõe tanto na separação quanto na conexão, na análise e na síntese do simples e do complexo.

Todas(os) realizaram as práticas corporais, tendo a música/dança e ginástica geral como referência de estratégias para a criação e recriação, imitação de prática corporal de acordo com a faixa etária e condições de realizar o próprio movimento, a partir da atividade engajadora de referência trazida pela professora. Morin (2000) destaca contexto como conhecimento das informações ou dos dados isolados, contexto global como conjunto das diversas partes em conexão, de modo organizacional e total. Ainda, destaca que pessoas são unidades e sociedades complexas são multidimensionais, dessa forma, o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional, comportado por dimensões histórica, econômica, sociológica e religiosa.

Ressaltamos a importância de compreender as particularidades existentes da demanda que cada estudante apresenta, por meio da observação e da escuta sensível dentro do ambiente escolar. Isso torna o processo de ensino e aprendizagem mais significativo e valoriza os conhecimentos a partir quem estão envolvidos nele.

Nos acordos de guardar e organizar o ambiente para deixar para a próxima turma, todas(os) entenderam a dinâmica do momento através da ação e estímulos verbais da professora/pesquisadora ou do atendente Kaio. Rosenberg (2006) diz que o pedido realizado de maneira clara, representa o pedido de uma necessidade de quem pede, a forma com que cada ação é realizada representa o encorajamento para o engajamento no pedido.

Destacamos ambiente da sala de Educação Física Adaptada como ambiente fundamental para a disponibilidade de acesso ao conteúdo, material pedagógico, facilitador da comunicação, o pedir, escutar e visualizar possibilitou e fortaleceu a conectividade com cada estudante no momento em que estava realizando as atividades, interagindo com o ambiente e colegas,

4.2.2 Aula 2 - mapeamento QP/todas as turmas - ginástica geral e dança criativa – descrição e imagens das aulas em apêndice

De modo geral, cada estudante da pesquisa participou das atividades propostas, porém ressaltamos uma imensa dificuldade de conexão entre professora e estudantes, entre colegas de todas as turmas. Um dos pontos de maior dificuldade na QP é a comunicação, a acústica é muito ruim, o espaço amplo propicia a dispersão das turmas, quando chove, o barulho no telhado-é quase que impossível a comunicação, assim como quando tem outra turma em que estudantes são maiores, geralmente os maiores gritam o que é normal acontecer durante jogos em quadra, também tem o ponto de tensão e medo geralmente de uma bola bater em alguém com maior fragilidade, alguém maior correndo bater nos menores, até mesmo fugir da quadra sem que alguém veja.

Os recursos, como materiais pedagógicos em espaços pré-estabelecidos, visível e de fácil acesso para todos, mesmo a sala onde ficam os matérias sendo dentro da quadra é bastante complicado deixar determinadas turmas sozinha e ir até a sala, a turma sai do campo de visão da professora/pesquisadora, ou até mesmo dificulta a dinâmica da turma poder ajudar devido a questão da rampa, de mobilidade e localização espacial. O espaço amplo a turma tende a se dispersar, delimitar e mostrar os espaços onde aula vai acontecer é fundamental. Também existem diversos distratores visuais na quadra que não fazem parte da aula, o ambiente amplo

dificulta bastante manter o tempo e foco na atividade proposta, principalmente para as turmas de menor idade.

Turma A: curiosos, exploradores, tudo é novidade, tudo dispersa sua atenção, exige mais engajamento da professora e atendente em trazer e manter o foco da atividade, porém, ao descobrir o sentido da atividade proposta também exige mais atenção, variedades de atividades e material disponível, tempo menor de cada proposta, o processo criativo é rápido, exige cuidado para mediar o que se pede e o que desejam fazer livremente. O espaço amplo possibilita o tempo todo o interesse de estudantes saírem da atividade e na sequência outros colegas seguirem o colega explorador, é importante que a professora compreenda o que é criativo dentro da proposta e o que tira o foco da proposta. Os combinados precisam ficar claros no início da aula e ser revisado durante a aula sempre que for necessário.

Ao final da aula na atividade combinada livre na cama elástica, dois colegas na espera de quem estava pulando na cama elástica ao brincarem de correr um atrás do outro para pegar se desentenderam, quando um deles se negou a continuar correndo, o outro empurrou e o colega que caiu de costas e imediatamente começou a chorar.

Professora/pesquisadora vai até o local ao se aproximar para acolher e entender o que aconteceu e diz – me conta o que aconteceu, sem resposta, quem caiu continua chorando, quem empurrou estava bravo falando algo que não dava para entender.

Professora/pesquisadora verifica se quem caiu está bem, se direciona a quem empurrou e diz – me conte por quê empurrou seu amigo - não respondeu e continua bravo, sai correndo e entra embaixo da mesa de tênis, é percebido na situação o início de desregulação de ambos os alunos envolvidos na situação, e a movimentação da turma uns querendo ajudar o colega que caiu e outros tentando pegar o colega que empurrou.

Professora/pesquisadora chama a turma - venham, fiquem perto de mim, vieram, menos o aluno que empurrou o colega que permaneceu longe e embaixo da mesa de tênis. Orienta a turma para ficarem calmos e sentados, Kaio vai fazer uma atividade bem legal com vocês.

Professora/pesquisadora sai andando em direção a mesa de tênis, o estudante ao perceber sua aproximação, sai correndo, e sempre que tenta se aproximar onde está sai correndo, a dar conta percebe que toda turma está correndo atrás do estudante. Novamente organiza a turma sentados na arquibancada e diz – ficam sentados.

Professora/pesquisadora percebe que o estudante está com uma bolinha na mão, vagarosamente vai até a mesa, se abaixa e diz – oi (nome do estudante) está tudo bem, vamos brincar de jogar bolinha, joga para mim, senta de frente e repete – joga a bolinha e estende as mãos, joga que eu pego – ele joga ficam no joga e pega por um pequeno tempo e convida, ‘Vamos! A aula acabou.’ e estende a mão em sua direção, repete mais duas vezes, na terceira, ele pega na sua mão e vão em direção à turma de mãos dadas e sentam junto com a turma. O aluno que caiu começa chorar, orienta Kaio acalme ele.

Professora/pesquisadora diz para o aluno que empurrou – você pode me contar porque empurrou o seu amigo – responde bravo, não deu para entender – acalma respire e fale novamente, o estudante diz – o (nome do colega) não queria correr para eu pegar. Ao ser ouvido ficou entendido que o estudante não sabe pedir, o seu empurrar foi a maneira de expressar brinque comigo.

Professora/pesquisadora diz – quando você quiser precisa pedir – vamos brincar, não pode empurrar isso machuca. Você pode pedir desculpas, se nega dizendo algo não entendível, novamente é incentivado a pedir desculpa, se nega, mas se aproxima do colega. A aula é encaminhada para ser finalizada. Pergunta para a turma – vocês gostaram da aula – responderam sim abraçando a professora que diz a próxima aula será mais legal espero vocês. Os dois estudantes envolvidos na situação de desentendimento saíram de mãos dadas.

Ao ser dado a oportunidade do estudante se expressar ficou evidenciado o não saber pedir, constatando que necessidade de oferecer suporte na comunicação, saber expressar seus desejos e necessidades, no caso específico quem empurrou queria que seu colega continuasse a correr com ele, e a maneira de pedir foi empurrando.

Turma B e C: é necessário maior atenção na dispersão da chega no local da aula, fazem as duplas, trios disperso em conversas fora do foco da aula, exige maior engajamento da professora para trazer a turma para o foco da aula, precisa estar junto, dando os comandos, incentivando e fazendo junto com a turma, quando inicia as atividades, desperta interesse à participação, a interação ocorre durante toda aula com a mediação da professora.

Turma D: atenção constante desde a saída da sala de aula até a entrega novamente, na chegada para dar segurança e deixá-los em segurança, pois o risco de queda é muito grande. A maior parte do tempo da aula é realizada sentado ou no chão, quando em movimento precisa

do suporte físico total ou parcial para todos. Exige muita atenção, são participativos com incentivo, porém tem estudantes que tem dificuldade de perceber situações de perigo.

Em todas as turmas foi percebido que é necessário ter claro o local da aula, material pedagógico a ser utilizado, atividade inicial disparadora para o engajamento, diferentes possibilidades de serem criadas e recriadas atividades/movimentos a partir das(os) estudantes, delimitar o espaço da aula na quadra, deixar claro e acesso fácil dos materiais pedagógicos que fazem parte da aula, deixar claro entre os acordos no início da aula o que vamos fazer, ser flexível para algumas demandas/mudanças que surgirem durante as aulas, diversas estratégias para deixar todas as turmas em atividade e não perder o foco dos objetivos das atividades propostas. a diversidade de materiais, espaços apropriados docentes preparados formam um conjunto fundamental de elementos voltados para o desenvolvimento de estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial.

Destacamos como ponto fundamental o espaço da sala de Educação Física Adaptada adequado, é nesse local que temos a oportunidade de apresentar antecipadamente os conteúdos de forma concreta, estudantes neste ambiente organizado e com recursos didáticos apropriado, ambiente reduzido, organização de materiais pedagógicos visível, possibilita o engajamento, provocar estímulo de criação e recriação, a acústica favorece a comunicação, caixa de som, data show, espelhos para se verem corporalmente em movimento, é fundamental para se apropriar da concretude do conhecimento colorido, das diversas possibilidades de ser protagonista do fazer e refazer por meio da própria autonomia corporal.

Não queremos negar os espaços pré-estabelecidos para práticas esportivas como a quadra, mas sim queremos ressaltar que precisamos de outros espaços que de condições para estudantes que não tem condições de se apropriar do seu próprio corpo para realizar atividades que exigem práticas corporais de movimentos nestes espaços, por diversas questões, como apropriação do domínio cognitivo, social/afetivo, prático/motor. É importante ressaltar que pedagogicamente a maioria das(os) estudantes desta escola possuem grande dificuldade de apropriação da assimilação do conhecimento, o que dificulta a apropriação de autonomia e seja protagonista nas habilidades, cognitiva, motora, comunicação, socialização e contato físico entre pares.

Portanto, a Educação Física, em seus objetivos, desempenha papel essencial nesse processo, especialmente para estudantes que possui menos e mais idade, para a maioria, as aulas de Educação Física talvez possa ser o único momento de práticas corporais de movimento de maneira organizada, flexível, coletiva e monitorada.

4.2.3 Aulas 3, 4 e 5 – SEFA – bocha adaptada – todas as turmas - descrição e imagens das aulas em apêndice

Primeiramente, é apresentado a modalidade, atletas de diversas condições motoras jogando, materiais utilizados durante o jogo, as regras, material da arbitragem, quadra de jogo, possibilidades de adaptações para que cada estudante possa participar, incentivo de criação e recriação de cada estudante dentro da sua condição de prática corporal. Quanto maior o repertório oferecido de possibilidades de realização de gestos e movimentos sem o foco da quantidade, qualidade ou melhoria técnica, mas a busca por um diálogo das representações que cada cultura representa, o gesto, o que significa expressar por meio das brincadeiras e jogos, das danças, das ginásticas, das lutas, dos esportes, das artes circenses e dos esportes de aventuras.

A primeira proposta de atividades e práticas corporais são oferecidas de maneira mais lúdica, de forma mais livre, sempre com engajamento da professora incentivando, orientando e direcionando a modalidade, questionando e fazendo junto, valorizando o que sabem fazer. Isso possibilita observar e estar preparada para oferecer, criar e recriar novas possibilidades. Em nosso entendimento destacamos as diferentes formas de realizar as práticas corporais são fundamentais para recriar novas prática pedagógica. Sensível à diversidade, o Currículo Cultural escuta o que os diferentes têm a dizer e presta atenção a cada repertório e o que cada um que dizer.

Turma A e D: foi percebido que é um conteúdo novo, não fazia parte do conhecimento das turmas, exigiu maior engajamento da professora para apresentar o conteúdo e os materiais pedagógicos, fazer com que cada um descobrisse o seu jeito de jogar e o significado e prazer para si em participar das atividades. Segundo Bracht e Almeida (2019), compreender a percepção humana tem suas bases nas disposições e movimentos físicos intencionais que gradualmente vão sendo apresentados e o corpo atua como canal de conexão entre o organismo e meio ambiente, experiência e peculiaridade das experiências humanas.

Turma B e C: estas turmas já tinham conhecimento da modalidade, inclusive da presença de estudante atletas na escola que joga, atletas que participam de outras modalidades em jogos e já presenciaram a participação do aluno atleta de bocha em jogos. Esse conhecimento prévio facilitou a apresentação e também a contribuição de estudantes nos questionamentos sobre o jogo, despertou a curiosidade em saber mais sobre a maneira de jogar e as novas possibilidades na hora de jogar. Ressaltamos a importância da compreensão das especificidades da demanda que cada estudante traz consigo, através do ver e do escutar de

maneira sensível a contextualização do conhecimento prévio, fazendo com que o ensino e aprendizado sejam significativos e respeitosos, valorizando os conhecimentos a partir de quem nela está inserida(o).

Foi neste momento que ficou clara a necessidade de inserir uma estratégia nova para manter o foco no jogo. Cada turma precisava da mesma estratégia, porém de maneiras diferentes de serem realizadas. Durante o jogo, foi distribuído por rotatividades de função, sendo uns atletas, outros árbitros, outros anotadores, pares sendo divididos por grau de habilidades e necessidades, onde um pudesse colaborar auxiliando e mostrando o que deve ser feito a partir da orientação da professora. Essa movimentação fez com que todas(os) passassem por todos os momentos do jogo.

A participação em cada fase se destacou na base de como cada um interpretou a partir do que foi apresentado nos vídeos, atividades recreativas e orientações feitas pela professora, respeitando sua própria condição motora. Para cada estudantes que tinha dificuldade visual a professora iniciaram explicando que iria fazer um barulho, mostrando ‘batendo com um cabo de vassoura no chão’, e diz ‘ao escutar o barulho irá jogar a bola na direção, para tentar bater a bola de vocês na bola branca’, na sequência os próprios colegas faziam o barulho auxiliando a colega a realizar a sua tarefa.

Destacamos a naturalidade com que a turma entendeu de auxiliar a colega cega a jogar, o que gerou mudanças, novas demandas e necessidades, exigindo habilidades variadas das pessoas, no conceito específico da diversidade humana foi a possibilidade de experimentar e valorizar o diferente como algo legar de ser feito. O fazer diferente foi a situação engajadora, estímulo a compreender como esse contexto o influencia ou o torna compreensível de outra maneira. Busca entender cada detalhe das partes para compreender a totalidade complexa, como relações recíprocas que são afetadas, sendo necessário reconhecer a unidade dentro da diversidade, assim como a diversidade dentro da unidade.

4.2.4 Aulas 6, 7, 8 e 9 – vôlei / brincadeiras e jogos de matrizes indígenas - descrição e imagens das aulas em apêndice

A chegada no local da aula, o engajamento e organização do espaço já está fluido, é algo que acontece com naturalidade. Neira (2011) destaca a posse de determinados conhecimentos, valores, expectativas e experiências na sintonia da experiência escolar. Ou seja,

os combinados já fazem parte da dinâmica da aula para todas as turmas, chegada, espera, participação e retorno.

Os conteúdos foram apresentados para todas as turmas de maneira concreta através de vídeos e atividades recreativas na sala de Educação Física Adaptada, na sexta aula foi percebido maior afinidade com o conteúdo, mais curiosidade, perguntas e comentários sobre o jogo de voleibol, voleibol sentado e as brincadeiras. Machado e Bracht (2016) percebem a necessidade de entender a complexidade do processo de receber e transmitir conhecimento, mediar os contextos da teoria e prática, também de quem a compreende e aplica. Reconhecer a construção da história e a partir dela enxergar novas estratégias, possibilita entendê-la, dando-a continuidade com aquilo que é recriado diariamente na escola.

Após assistirem ao vídeo 1 – brincadeiras e jogos de matrizes indígenas, a professora questiona ‘qual brincadeira gostaram mais?’ A maioria das turmas afirmou que foi a da ‘galinha, peixe e gavião’. No vídeo 2 – jogo de voleibol, questiona: ‘o vôlei é jogado com os pés ou mãos?’ A maioria mostra a mão como resposta. ‘O que divide a quadra de jogo?’ A maioria respondeu rede. ‘A bola passa por baixo ou por cima da rede?’ – nesta resposta, a turma A teve mais dificuldade de responder, as turmas B, C e D, em sua maioria, responderam ‘por cima’. A importância de proporcionar momentos em que estudantes se posicionem sobre os acontecimentos da aula, sugerir atividades, isso facilita ver e compreender as reais necessidades de manter, ou mudar. Tais ações promovem ambiente de reconhecimento, respeito e valorização das diferenças.

No vídeo 3, ao iniciar, 1 estudante diz ‘são cadeirantes’ professora responde que ‘sim’. Ao terminar o vídeo, a professora questiona as turmas B e C ‘quem joga sentado à altura da rede é a mesma de quem joga em pé?’ respostas da maioria ‘é mais baixa’. A professora explica que qualquer pessoa pode jogar, porém de maneiras diferentes, por isso usa materiais e espaços diferentes para que todas(os) possam participar. Hykavei Junior (2022) destaca que a forma tradicional, muitas vezes, continua sendo perpetuada, com estudante se adaptando à forma de organização pedagógica que é trazida do Ensino Regular, também diz que mudanças são necessárias com urgência, e devem ser melhoradas a partir da própria organização da escola, conforme a própria realidade, conhecimento e autonomia de professoras(es).

Com o passar do tempo as aulas 7, 8 e 9 na QP ficaram mais fluidas, as turmas já tinham como ponto de referência o local da aula onde a professora estava, que fazia o acolhimento e permaneciam juntos com a professora que já faz o check-in de chegada e pergunta se lembram das brincadeiras do vídeo, as respostas aconteceram de maneira espontânea e cada turma respondeu de diversas formas. Envolvidos pela música indígena e

movimentos da professora, os movimentos corporais foram surgindo espontaneamente de maneira cadenciada por cada um, quando um fazia o movimento e demais imitavam, a troca se efetivava no convite da professora dizendo ‘trocou, alguém vai para a roda’, espontaneamente, quem estava saía, até que todas(os) passassem pelo centro, recriando o seu próprio movimento. Enfatizamos que para sermos nós mesmos precisamos aprender a aprender, uma cultura, um saber, e é preciso que essa própria cultura seja bastante variada para que possamos escolher no repertório já existente refletir de maneira autônoma novas possibilidades.

A atividade do peixe e do gavião aconteceu de forma fluida, a auto organização e criação ficou evidente a partir da releitura apresentada pela professora da atividade vista no vídeo. Um estudante da turma A, na 8ª aula, espontaneamente, pegou a vara de pescar com a bola presa por um barbante e se direcionou para o local delimitado da quadra de vôlei com a mesma representatividade de rio e os demais colegas o seguiram. Também na atividade do ‘gavião vai pegar’, os próprios estudantes começaram a dizer nome de outros animais e representar seus respectivos sons, correndo ou engatinhado.

Um estudante da turma B disse que o barbante preso no bastão e na bola estava muito comprido, era difícil acertar no peixe/colega, sugerindo deixar o barbante mais curto os demais colegas concordaram e o ajudaram a deixar o barbante mais curto, ele disse ‘agora sim ficou legal, é mais fácil pescar peixe com esse mais curto’.

A turma C mudou a dinâmica da atividade, perceberam que os colegas estavam saindo da demarcação, resolveram colocar cadeiras fora do círculo no centro da quadra e passar um barbante para os peixes/colegas não saírem do rio.

Na turma D, todos sentados em círculo, com o suporte da professora ou do Kaio um estudante vai até a frente do colega e tenta encostar a bola no colega sentado, um estudante disse que era muito difícil, a professora mudou para fechar mais o círculo e todos sentados, o estudante que estava segurando a vara diz o nome do colega que vai pescar e tenta colocar a bola na sua frente que tem que bater na bola. A professora e Kaio dão suporte, cada um com um estudante ‘pescador e o peixe’. Quem foi pescado pega a vara passa ser o pescador, até que todos passam pelo processo de pescar e ser pescado. Cruz e El Tassa (2016) chamam a atenção para a compreensão do papel e a atuação no dia a dia da cultura escolar, com a flexibilização de ações que favoreçam as conexões das relações pessoais, interpessoais, que ações transformem habilidades e necessidades em estratégias e ferramentas para o ensino e aprendizado. Isso requer adotar posturas de corresponsabilidade respeitosa ao processo efetivo e afetivo, da chegada, da permanência e aprendizado com autonomia a partir do próprio protagonismo.

Na atividade de Voleibol, na turma C, uma estudante diz que queria ser árbitra, outra diz que queria ficar sentada, surgindo a ideia de fazer anotações da pontuação de cada dupla, sendo essa proposta incorporada para todas as turmas, cada estudante realizando suas anotações a sua maneira, professora e Kaio dando suporte um na mesa de anotações outro na arbitragem. Todas(os) estudantes passaram pelo processo de rodízios da prática corporal e discussões dos resultados das pontuações quem fez mais ou menos pontos. De acordo com Neira (2011, p. 52) a “educação deve ser construída como um espaço público que promova essa possibilidade e como um local em que se forjem identidades sociais democráticas”. A vivência e convivência escolar são espaços abertos ao debate, que acolhe as culturas e é para ela a propulsora da valorização das diversidades e de manifestações corporais dos variados grupos sociais.

Machado e Bracht (2016) dizem que a Educação Física, quando compreendida no ambiente de escolarização, revela sua potência em diversos aspectos, isso implica reconhecer as identidades, saberes e práticas daqueles que estão envolvidos no ambiente escolar. Com olhar crítico, nos alerta para a importância de reconhecer e valorizar as diversas experiências e conhecimentos das(os) estudantes, professoras(es) e demais atores que compartilham o espaço educacional.

4.2.5 Aulas 10, 11, 12, 13 e 14 – tênis de mesa / dança de matrizes africanas - descrição e imagens das aulas em apêndice

Todas as turmas tem mais afinidade com o tênis de mesa, pois existe o projeto de treinamento na escola, logo, as mesas sempre estão dispostas na quadra com estudantes jogando. Quem tem acesso mais restrito são as turmas A, por serem menores, e a D por terem maior comprometimento físico.

Na aula 10 da turma A, dois colegas da turma B são apresentados já no início da aula e são bem acolhidos pela turma. Ao se perceberem na sombra do telão, começaram a fazer movimentos para se perceberem corporalmente em movimentos.

O vídeo 8, grupo de dança africana Massaka Kids, fala da alegria das crianças dançando e a dificuldade de acesso à escola, e também da importância da escola na vida da criança. No vídeo 9, o tênis de mesa é jogado por atletas andantes e cadeirantes.

Na atividade de bater as bolinhas na raquete, um estudante diz que gostou, outro questiona por que o colega da outra turma consegue bater na bolinha e ele não, professora explica “ele é maior e já treina, são fases do aprendizado, você precisa treinar” e continuam batendo primeiro em bexigas na sequência em bolinhas de diversos tamanhos e texturas. A

espontaneidade na forma de proporcionar momentos em que estudantes se posicionem sobre os acontecimentos da aula e algo fundamental. A Educação Física escolar tem este facilitador em que estudantes se desestabilizem, modifiquem, criem e ressignifiquem as práticas corporais a partir da sua própria diversidade cultural. Nas demais aulas na QP, a participação exigiu mais engajamento da professora para manter o foco e dar sequência das atividades, porém todos apresentaram interesse e entendimento da proposta. Na aula 13 um aluno se nega a bater bolinha na mesa, está bastante agitado andando de um lado para o outro na quadra.

Professora/pesquisadora se aproxima e diz – me conta o que quer fazer, responde - quero escrever.

Professora/pesquisadora diz, você pode ser o árbitro do jogo, assim você pode escrever os pontos, vamos! De mãos dadas acompanhou a até a mesa de tênis, sentou próximo a mesa, pegou o caderno o apito, o mesmo passou a fazer suas anotações do seu jeito e passou a orientar seus colegas que estavam jogando, e o jogo fluiu entre eles a professora/pesquisadora respondia/interviu apenas quando era que era perguntado algo.

Na turma B, um aluno da turma A, participa da aula, são apresentados cada um diz o seu nome, assistem aos vídeos 8 e 9, são questionadas(os) pela professora/pesquisadora sobre quem pode jogar tênis de mesa e um aluno responde “cadeirante andante”, o aluno da outra turma responde, eu posso jogar tênis, um conta que dois colegas irão participar dos jogos. Nas respostas, percebe-se que existe uma apropriação de conhecimento maior desta modalidade pelas(os) estudantes. Porém, apesar de conhecerem a modalidade, tem dificuldades de jogar, e insistem em jogar da forma como é visto no dia a dia, dificultando a sequência pedagógica da proposta nas duas primeiras aulas. Neira (2011) salienta que os significados não são soltos, influenciam a maneira de compreender a realidade, através dele podem ou não ser validadas nossas ações, eles existem a partir do momento que saem do discurso e faça parte da realidade.

A turma C tem maior afinidade com a modalidade, pois tem 3 atletas na turma que jogam, e os demais estudantes já conhecem bem o jogo na maneira tradicional de jogar com atletas andantes, porém a maioria não sabe jogar de outra maneira. Mesmo com a apresentação do vídeo 9, há dificuldade em inserir uma nova maneira de aprender jogar diferente, sempre tentam reproduzir o que é visto no dia a dia, exigindo maior engajamento da professora em apresentar e dar significado à nova maneira de jogar o tênis de mesa para a turma.

A enfrenta desafios em lidar com a diversidade e a pluralidade, muitas vezes opta por silenciá-las em vez de confrontá-las, a tendência é a continuidade do já existente, situações de acomodações já arraigada na busca da homogeneização e a padronização, o que proporciona uma sensação de conforto e controle.

Já a turma D, após assistirem o vídeo 9, apresentaram curiosidade e vontade de aprender, quando questionados sobre quem pode jogar foi respondido “que iriam tentar”, compreenderam que cadeirantes também jogam, apresentaram preocupação com o poder enxergar a bolinha, sendo a turma tranquilizada pela professora que disse “vamos jogar diferente, cada um joga do seu jeito e eu vou adaptar material para o jogo”, dois alunos disseram “muito obrigada professora vamos jogar”.

Reconhecer a disposição da professora os impulsionou a participar. A confiança de que a professora dará um jeito de fazer com que todas(os) pudessem participar é fundamental, tanto no engajamento da professora como no da(o) estudante. A estudante cadeirante sempre apresentou resistência em aceitar novas propostas, o medo de não conseguir era evidente, porém com o engajamento e suporte da professora direto, possibilitava novas descobertas o que era muito satisfatório em ver o quando ela se dedicava para supera as dificuldades montaras, ficava evidente sua felicidade em mostrar para a professora a sua superação e participar, mesmo sendo resistente em aceitar fazer algo diferentes, movimentos diferentes, ao descobrir que podia, engajava-se até conseguir da forma que se sentisse confortável em realizar. Chicon (2016) explica que quando estudantes se relacionam com o conteúdo na perspectiva do Currículo Cultural, há a possibilidade de ressignificar e se relacionar com o mundo. Entender que as tarefas são realizadas de maneiras diferentes e não melhores ou piores, de maior ou menor valor, certo ou errado, permite construir consciência de que são pessoas humanas e diversas, que realizam tarefas iguais, de maneiras diferentes, mas que cada uma tem a sua condição e jeito de desempenhar a mesma tarefa.

Simões *et al.* (2018) destacam que as adaptações transcendem as meras adaptações metodológicas e de ambientes, para a verdadeira efetivação é necessário se envolver na reorganização da estrutura da aula de forma que seja flexível e possível de transcender limites, é possibilitar que cada estudante descubra sua autonomia e seja protagonista de seu próprio conhecimento e de suas práticas corporais.

Na semana da aula 14, o atendente Kaio foi substituído por outros atendente, foi muito difícil oferecer suporte, orientar a atendente substituta a dar suporte adequado, principalmente para as turmas A e D, nas quais o grau de dificuldade é maior e exige mais suporte adaptativo especial. As turmas, professora e atendente já estavam em sintonia, a conexão se efetivava por

pequenos gestos olhares entre todas(os). Rosenberg (2006) destaca esta conexão como o saber observar os sentimentos, saber das necessidades e saber fazer pedidos, e para que isso aconteça é necessário conhecer.

Destacamos que, nas turmas A e C, tinha um aluno em cada turma com necessidade de suporte adaptativo especial bastante elevado, e que ambos participavam por cronograma, e ambos eram bastante faltosos, mesmo assim, quando participavam, eram contemplados nas atividades, mas exigiam um engajamento da professora que precisava estar constantemente oferecendo suporte. Não existia uma constante organização e sequência nas práticas pedagógicas corporais nas atividades devido às faltas, mesmo assim foi possível envolver cada estudante no realizar as atividades com o colega com mais dificuldade, foi trabalhado em dupla com a mediação e suporte da professora.

Neves e Neira (2019) destacam que o reconhecimento da cultura corporal da comunidade contribui para pensar a organização das práticas corporais que compõem o currículo durante os anos de escolarização. Os saberes das culturas que habitam a escola podem ser contemplados e mobilizados durante as atividades de ensino, além de propiciar uma sintonia com a cultura de chegada dos estudantes. Na prática, significa compor o currículo com outras cores, sons e discursos provenientes das mais variadas culturas.

As práticas corporais, na perspectiva do Currículo Cultural, para estudantes com diagnóstico de deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde que demandam do contexto escolar práticas pedagógicas que possibilitem apoios contínuos e/ou pervasivos, na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, enriquecem e propiciam o processo de ensino e aprendizagem nos domínios prático/motor, conceitual/cognitivo e comunicação/afetividade, possibilitando evidenciar como o conjunto de cada fase é enriquecedora na unidade da concretude, tornando o complexo visível em suas peculiaridades da simplicidade do dia a dia a partir do real que cada estudante apresenta.

A disposição de quantidade das aulas por conteúdo não foi proposital, mas esta foi uma situação que foi percebido, a forma como foram distribuídas as quantidades de 2 aulas no mapeamento para a professora/pesquisadora, que já conhecia o perfil de cada estudante, foi o suficiente, porém, para uma pessoa que chega de fora para observar e coletar as informações, talvez possa ser insuficiente, precisaria no mínimo de mais 2 aulas para as turmas B e C e 3 aulas nas turmas A e D. outra situação que não foi proposital, mas que destacamos, é que 3 aulas apresentam pouco tempo para trabalhar a sequência e internalização do conteúdo, 4 seria

o mínimo e 5 aulas foi o tempo que ficou mais evidente a apropriação do conhecimento autonomia e protagonismo.

Outra questão a ser destacada é a necessidade do espaço adequado, o qual possibilita apresentação concreta e apropriação do conteúdo, pois a visualização facilita o feedback, quando a professora faz questionamentos sobre a temática as(os) estudantes tem em sua memória uma referência significativa para si, por mais simples que ela possa parecer é algo que precisa ser considerado como apropriação e conhecimento do conteúdo. Não podemos esquecer que o tempo e espaço para cada estudante deste contexto escolar é diferente.

Sendo assim, é perceptível a necessidade de promover conhecimentos e mudanças efetivas e afetivas por todas as pessoas envolvidas diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Isso significa valorizar todos os saberes que cada pessoa, principalmente de cada estudante, como algo fundamental e poderoso na inclusão, não apenas no espaço escolar, mas também que ser transferido na sociedade como um todo.

Na próxima categoria, apresenta-se as estratégias de mediação entre a prática corporal, o referencial teórico e cada participante da pesquisa (estudantes, professora/pesquisadora e atendente Kaio).

4.3 Mediação das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar para estudantes na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE

Tomando como base a experiência da prática o referencial teórico que dá subsídio a esta pesquisa, em especial o que trata do Currículo Cultural, da cultura corporal e das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar (Morin, 2000, 2005^a 2005b; Neira 2011; Neira e Nunes, 2022; Rosemberg 2006, Simões *et al.*, 2018), é possível relacionar ao horizonte prático e encontrar as estratégias que podem ser empreendidas. Nesse sentido, esta seção aborda as estratégias adotadas pela professora mediadora no contexto da escola especializada – APAE que levam em conta as especificidades das turmas e das(os) estudantes.

Ao realizar o mapeamento das habilidades e necessidade de suporte adaptativo especial das(os) estudantes, a professora mediadora pode pensar de maneira mais profunda a metodologia que seria adotada para trabalhar os conteúdos do Componente Curricular. Sendo estes conteúdos pensados especificamente sobre as práticas corporais: esporte, dança e ginástica, foi necessário levar em conta a diversidade de estudantes que compunham cada turma, de modo que as atividades pudessem contemplar todas as pessoas.

De modo geral, uma estratégia de mediação das práticas corporais é importante, para o sucesso das atividades foi apresentar em vídeos o que eles deveriam fazer. Assim, eles puderam observar outras pessoas fazendo a atividade, por exemplo, os esportes como a bocha adaptada e o vôlei sentado, as escolhas dos jogos de matrizes indígenas o que fez com que o entendimento da atividade ficasse mais claro.

Além disso, a atitude da professora mediadora em mostrar o que deveria ser feito para que eles a imitassem, e da participação do atendente Kaio atuando diretamente no suporte adaptativo especial, foi uma estratégia fundamental que contribuiu para contemplar mais estudantes, também a professora. A clareza na explicação verbal, complementada pela explicação corporal, faz com que mais estudantes compreendam a atividade e possam realizá-la de maneira autônoma. Com isso, todos puderam participar de todas as atividades, cada um à sua maneira, e com o respeito e o apoio da professora mediadora e do atendente.

Outra estratégia é a adaptação das atividades, o material adequado, isto é, a adequação dos acordos durante a prática da atividade. Esta flexibilidade é necessária para que a professora mediadora da atividade não perca tempo tentando fazer o planejado dar certo, quando as(os) estudantes não estão conseguindo realizar. Então, analisar o andamento da atividade e atualizar os acordos conforme as habilidades e necessidades individuais e coletivas da turma é de suma importância para que as atividades que envolvem práticas corporais sejam de fato efetivas e equitativas.

Ademais, a mediação na percepção dos objetos das atividades para promover uma melhor percepção das práticas corporais nas atividades é importante para que as(os) estudantes percebam a prática corporal através do esporte, danças, jogos e brincadeiras de acordo com suas habilidades e necessidades. Sobre o tênis de mesa: “Prof. apresenta as bolinhas e as raquetes de tênis de mesa, ‘sintam a texturas, troque com o colega para ver que uma é diferente da outra’ mostra as diversas maneiras de segurar e fazer o movimento de braço segurando a raquete” (APÊNDICE A).

No jogo de bocha adaptada, a separação das equipes por cores facilitou a identificação de quem era da sua equipe e quem era da outra equipe. Isso constrói um melhor entendimento para as(os) estudantes a respeito do estilo do jogo, fazendo com que estes percebam melhor os acordos/regras e o que devem fazer; para as pessoas cegas ou com baixa visão a explicação verbal e as orientações sonoras são estratégias importantes para garantir que estas tenham tal entendimento. Além disso, colocar as bolas na cadeira ao lado de cada jogador, na altura que cada um pudesse pegar, não somete para aquelas(es) que só poderiam realizar desta forma, mas para todas(os), promove autonomia para todos eles, fazendo com que a atividade não precise

ser diferente para uns em relação a outros. Essa compreensão da cultura corporal e das habilidades e necessidades de suporte de cada um faz com que todos possam ter uma experiência comum, sem julgamentos e adjetivações.

Além disso, permitir que cada um testasse cada bolinha e percebesse qual é melhor para si, fez com que estes compreendessem que é possível realizar uma mesma atividade de maneiras diferentes e com materiais diferentes. Ao experienciar a autonomia na escolha do material, eles podem estabelecer uma relação mais tranquila com as atividades que envolvem prática corporal, até mesmo de dizer que conseguem fazer algumas coisas desde que estejam de acordo com suas habilidades e necessidades.

Ainda, apresentar as danças de outras culturas se mostra como uma estratégia eficiente para a percepção das práticas corporais. Observar que existem diferentes culturas, com diferentes corpos e que promovem práticas corporais de maneiras diversas, faz com que eles se sintam mais à vontade para experimentar os movimentos. O caso dos meninos que ficaram dançando na sombra do *data show* evidencia que a dança, ainda mais quando trabalhada de forma mais livre, pode contribuir para a percepção de seus corpos.

Também, atividades que favoreçam a percepção da força e noções de direção, a partir da mediação da professora mediadora e do atendente, é de suma importância para o sucesso das práticas corporais. Nesse sentido, os jogos que exigem essa percepção são essenciais, pois promovem conhecimento sobre as potencialidades corporais de cada um, efetivando uma melhor percepção de si.

É crucial que docentes deem suporte adaptativo especial adicional sempre que necessário, fazendo com que todos possam participar das atividades. A professora mediadora e o atendente prestaram apoio e adaptaram as atividades sempre que foi necessário, o que garantiu a participação plena de cada estudante nas atividades propostas.

Por fim, não mais e nem menos importante que as demais estratégias, mas a forma como apresentou e deu início de familiarização das(os) estudantes com cada conteúdo no espaço adequado foi fundamental na apropriação do conhecimento. Precisamos compreender que nem sempre estar em uma quadra poliesportiva significa dar condições e acesso à participação de cada estudante estudantes.

Cada estudante público da Educação Especial na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, possui diagnóstico de deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde que demandam do contexto escolar práticas pedagógicas que possibilitem apoios contínuos e/ou pervasivos. E que talvez

as aulas de Educação Física Escolar ainda, seja o único momento de participação planejada, flexível e coletivamente com o foco no individual que proporcione práticas corporais de movimentos. É extremamente importante que esse tempo e espaço sejam de inclusão e que proporcione autonomia e protagonismos de maneira efetiva e afetiva.

Ainda existem estudantes que, devido a sua condição motora, cognitiva, social, comunicação, e faixa etária, precisam ir mais além nas adaptações, material e práticas pedagógicas específicas, para estes estudante o espaço físico adequado é fundamental, pois nem sempre uma quadra pole esportiva acolhe as demandas de estudante com necessidade suporte adaptativo especial mais específico, como proteção no chão, realizar atividade deitado, sentado, acesso ao material facilitado, espaço mais seguro e menor, possibilita que não fiquem excluídos das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Múltiplas e relevantes são as ações que têm possibilitado avanços na EE, nos ambientes escolares, principalmente quando nos reportamos às últimas leis. Desde o ponto de vista de que são pessoas de direito, neste caso específico, são pessoas em uma faixa etária com direito a frequentar um ambiente de escolarização que possui sua legislação vigente, que diz em suas orientações que a Educação é para todas(os). Que o sistema e os ambientes sejam comprometidos e ofereçam condições de fácil acesso, permanência com o ensino e aprendizado que reconheça e abrace a diversidade humana como riqueza do processo evolutivo.

Apesar das orientações, as rotas da EE são diversas. No que se refere à Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial – APAE, que oferece atendimento nas etapas da Educação Infantil, Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I. Cujo público desta escola são estudantes com diagnóstico de deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde que demandam do contexto escolar práticas pedagógicas que possibilitem apoios contínuos e/ou pervasivos.

Suas rotas são amplas e ainda apresentam estar na pedra fundamental, no que se refere a prática e teoria. Apesar disso, os caminhos para uma educação para todas(os) são extensos e diversos, mas precisam estar conectados com objetivos que é o de oferecer suporte adaptativo especial para cada estudante ser, pertencer a esta escola e poder fazer uso do ensino e aprendizado além dela no seu dia a dia.

Os desafios enfrentados por docentes que se dedicam ao ensino com estudantes público-alvo da Educação Especial neste ambiente escolarizado, apresentam ainda ser maiores no que se refere tão somente à formação acadêmica, a pluralidade deste ambiente aparentemente ainda apresenta desconforto no meio acadêmico, haja visto a pouca existência de pesquisa referente à Educação Física Escolar neste ambiente da pesquisa.

Compreendemos ser também de responsabilidade das instituições de ensino formadores de profissionais da área da Educação oferecer subsídios necessários para dar condições de conhecimento sobre a diversidade humana deste contexto escolar, para que possam compreender que existem outras formas de aprender a aprender.

Existem maneiras específicas de ensinar para estudantes que aprendem diferente do padrão pré-estabelecido como igualdade. Que igualdade não descaracteriza as diferenças, assim como as diferenças não são motivo para não ter direito de acessar os ambientes adequados às suas necessidades de suporte adaptativo especial.

Quando nos deparamos com o recorte específico das Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, vemos que esta fica ainda mais invisibilizada no contexto das suas práticas pedagógicas de maneira geral, porém quando nos reportamos ao Componente Curricular da Educação Física Escolar é ainda menos discutido. A possibilidade e de isso ocorrer possa ser que nossa formação ainda é pautada em corpos habilidosos, ágeis e preparados para a prática de atividade física ou modalidades esportivas. Tudo bem, corpos habilidosos e prática esportivas, não é este o ponto, o que não podemos esquecer que nem todos os corpos atende a este padrão, porém todos precisam ser acolhidos.

Existe o discurso e algumas pesquisas que mencionam a importância da atividade física na qualidade de vida de pessoas com deficiência, assim como a valorização da Educação Física para práticas esportiva, competições, também dentro da Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial – APAE, ou seja, a mesma cultura também faz parte deste ambiente escolar, da valorização de corpos de estudantes mais habilidosos.

Percebemos que a situação de entendimento não está em quem precisa receber a suporte adaptativo especial, mas a maneira como nós docentes aprendemos a enxergar que apenas a outra pessoa possui dificuldade e necessita de suporte adaptativo especial, e não a nossa dificuldade de compreender que também temos limitações em enxergar a outra pessoa como igual, porém o que nos diferencia é a condição é a forma como aprendemos e realizamos nossas tarefas do dia a dia, que em algum momento precisamos de suporte adaptativo especial.

Da mesma forma, Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial – APAE, apesar da sua longa caminhada, ainda é muito acanhada nas orientações pedagógicas que que abracem e ofereçam suporte adaptativo especial nos domínios básicos e necessários: prático/motor, conceitual/cognitivo e social/afetivo não só dentro da escola, mas que ultrapassem os muros da escola.

Essa escassez de orientação impede que nós docentes estejamos preparadas(os) para enxergar o nosso pertencimento ao processo de mudança deste espaço de escolarização, reinterpretá-lo para oferecer os suportes adaptativos especiais para cada estudante, levando em consideração as características coletivas, sem deixar de perder o foco das características individualizadas. É essencial proporcionar conhecimento de acesso, engajamento, permanência e aprendizado nos âmbitos prático/motor, conceitual/cognitivo social/afetivo com autonomia e protagonismo das próprias ações.

Para isso, não são suficientes apenas ações práticas de docentes, mas também carecemos das instituições em diversas instâncias, diferentes metodologias, comunicação, adaptação de material e ambientes, autoavaliação e reavaliação constantes das próprias práticas,

significa estar em movimento constante, estar disponível para manter o planejamento com objetivos dinâmicos e flexíveis.

Os objetivos foram abrangentes e claros, tiveram como foco compreender todo o processo que precisa ser estabelecido para a efetivação da prática corporal, os desafios que perpassam pelos instrumentos para realizar o mapeamento e releitura destes, o planejamento que seja dinâmico e flexível e contemple o maior número de turmas, o adaptar as estratégias que contemple as habilidades e necessidades específicas de cada turma com foco o maior número possível de estudantes.

Isso envolve a utilização de diferentes metodologias de ensino para alcançar o mesmo objetivo, materiais didáticos adaptados e suporte adicional sempre que necessário. Ao manter um planejamento dinâmico e flexível, docentes podem promover um ambiente de aprendizado mais eficaz e inclusivo para cada estudantes.

Esta pesquisa representou uma investigação acerca dos autoquestionamentos e preocupações da professora/pesquisadora sobre os desafios da vivência e convivência de longos anos sobre o processo da efetivação das práticas pedagógicas com a prática corporal de estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial com diversos estudantes em diversas faixas etária, na Escola de Educação Básica, Modalidade Educação Especial-APAE. Com estudantes nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I.

Considerando a relação do primeiro objetivo e a primeira categoria em análise, os principais resultados demonstram, para que o trabalho com as práticas corporais nas aulas de Educação Física na escola da referida pesquisa se efetivem, professora e atendentes devem: fazer pedidos claros, simples e tom de voz adequado às especificidades da turma e para cada estudante; criar acordos de forma coletiva, colaborativa e que seja realizável por todas(os); quando algum desconforto, desentendimento acontecer, resolver por meio do diálogo, se possível no momento em que a situação acontece, e juntas(os) encontrar a melhor solução para resolver a questão; mediar o acesso às atividades de maneira segura, que desperte a confiança, a curiosidade, que desafie as potencialidades e também a superação de obstáculos, aumente o repertório de habilidades conceitual, social e prática; possibilitar estratégias estruturadas e flexíveis a partir da diversidade humana, da autodescoberta; ofertar práticas de movimento corporal flexíveis e gradativas em seu grau de complexidade na perspectiva do Currículo Cultural; oferecer suporte adaptativo especial adequado quando necessário; facilitar suporte que mantenha o foco e permanência na atividade; disponibilizar material pedagógico e espaço físico adequado as habilidades e necessidades da turma; elogiar, agradecer e valorizar a participação

de cada estudantes durante e término da atividade; apresentação concreta do conteúdo a ser trabalhado, explicar demonstrando fazendo junto o movimento que está sendo solicitado, deixar claro que cada um tem à sua maneira de realizar o seu próprio movimento; posicionar na visão de todas(os), porém se manter próximo de quem tem maior dificuldade de engajamento, manter o foco, baixa visão, é necessário permanecer em lugares estratégicos e no campo de visão e escuta e próximo da professora; atividade individuais/duplas/trio/coletivas; lúdicas e recreativas; as práticas corporais devem ser adequadas à diversidade da turma; quem é cego ou baixa visão procurar ficar na frente ou laterais (orientação sonora), cores fortes, contrastante com a cor do ambiente-chão; é muito importante que professora, professor, participe realizando junto as atividades ou um colega de turma pode ser a referência – a referência e motivação para o engajamento; quando a turma tem aluna(o) cadeirante ou com maior necessidade de suporte motor para mobilidade, precisa de maior atenção na organização na dinâmica da turma, é fundamental ter suporte constante do atendente na turma; enquanto uma pessoa dá suporte para estudante cadeirante, a outra organizam os andantes, o ambiente, material pedagógico, mantendo a turma junto e engajada na atividade, isso também serve para estudante com necessidade de suporte para manter o foco, sustentar tempo na atividade e comunicação alternativa; caso não tenha atendente, primeiro organizar estudante cadeirante ou com maior necessidade de suporte, enquanto isso vai orientando os demais na auto-organização, peça ajuda para estudantes com maior autonomia.

Sobre esta primeira categoria, também ressaltamos que a autonomia da consciência corporal da pessoa mediadora da atividade é fundamental, estar bem para oferecer o suporte necessário de forma segura. Ademais, a presença do atendente é de suma importância para que esse suporte seja efetivo, de modo que todas(os) possam participar e manter-se engajadas(os) na atividade.

A respeito da segunda categoria, conclui-se efetivar as práticas corporais que proporcione a aquisição de autonomia e seja protagonista nos domínios prático/motor, conceitual/cognitivo, social/afetivo na perspectiva do Currículo Cultural é bastante enriquecedora. Contudo, salientamos que, no caso desta pesquisa, em que a professora mediadora já conhecia cada estudante muito tempo o que facilitou oferecer as propostas das atividades práticas.

Em relação à terceira categoria, as estratégias de mediação, de modo geral, envolveram a clareza das informações a respeito das atividades; a adaptação e diversidade das atividades, e material pedagógico, levando em conta as especificidades das turmas, garantindo para cada estudantes suporte adaptativo especial que permitissem a participação plena nas atividades; o

suporte adaptativo durante as aulas, sempre que necessário; o incentivo à autonomia e ao protagonismo em cada atividade, garantindo por meio da percepção dos materiais oferecidos e das potencialidades de seus corpos, que pudessem realizar todas as atividades de forma autônoma.

Em suma, esta pesquisa conclui que o trabalho das práticas corporais nas aulas de Educação Física na perspectiva do Currículo Cultural, possibilitou durante a pesquisa aquisição de conhecimento, autonomia e protagonismo do movimento corporal de estudantes com necessidade de Suporte Adaptativo Especial. Além disso, foi possível proporcionar práticas pedagógicas que possibilitaram aquisição dos domínios prático/motor, conceitual/cognitivo, social/afetivo durante as atividades propostas, bem como observar a efetivação das práticas pedagógicas desenvolvidas e estratégias de mediação possíveis das práticas corporais destas(es) estudantes.

A pesquisa também destacou a importância de promover conhecimentos e mudanças efetivas e afetivas para todas as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. Valorizar os saberes trazidos por todas a pessoa participante, principalmente de cada estudante, como fundamental para promover um ambiente inclusivo é essencial para o sucesso das práticas pedagógicas.

Em resumo, esta pesquisa conclui que as práticas corporais nas aulas de Educação Física na escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE, seguindo a perspectiva do Currículo Cultural, a forma de enxergar e agir em situações e complexas promoveu a autonomia e o protagonismo de cada estudante com necessidade de suporte adaptativo especial durante toda a pesquisa.

O que permiti acreditar que as possibilidades destes conhecimentos adquiridos a partir da autonomia e protagonistas do processo de criação e recriação terem continuidade e serem transferidos para as atividades do dia a dia além da escola é bem promissora. Além disso, as práticas pedagógicas implementadas permitiram a aquisição de habilidades nos domínios prático/motor, conceitual/cognitivo, social/afetivo durante todas as aulas, evidenciando a eficácia das estratégias de mediação utilizadas a partir das reflexões das teorias da complexidade e do Currículo Cultural.

É essencial a continuidade de pesquisa a partir desses apontamentos para que possamos fortalecer a aplicabilidade do Currículo Cultural neste ambiente escolar que proporcionou horizontes promissores na compreensão do processo da efetivação das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação

Especial-APAE para estudantes nas etapas do Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Fase I.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITY (AAIDD). **Escala de Intensidade de Apoios**: versão para adulto (SIS-A): Manual do Utilizador. (Adaptado por: LOPES-DOS-SANTOS, P.; SANTOS, M. A.; SANCHES-FERREIRA, M., SILVEIRA-MAIA, M.; MARTINS, S.; ALVES, S.; SANTOS, S.). Coimbra: FORMEM, 2020.
- AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITY (AAIDD). **Escala SIS-C de Evaluación de las Necesidades de Apoyo para niños y adolescentes con discapacidades intelectuales y del desarrollo**. Salamanca: Instituto Universitario de Integración en la Comunidad, 2021.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATISTA, M. L. A. (org.). **Organização Administrativa e pedagógica das escolas especializadas do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED. 2018a. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/ed_especial/organizacao_administrativa_pedagogica_escolas_especializadas.pdf Acesso em: 11 set. 2023.
- BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Pedagogia crítica da Educação Física: dilemas e desafios na atualidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25068, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.96196>
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BROWN, C. **Paxuá e Paramim**. 2016. 1 música (2 min. e 40 seg.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YqA1_laSPI0 Acesso em: 3 set. 2023.
- BUENO, J. G. S; BRAGHINI, K. M. Z; MUNAKATA, K; MELETTI, S. M. F. **A produção do conhecimento no campo da Educação Especial**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2018.
- CANALGOV. **Conheça o Vôlei Sentado**. 2016. 1 vídeo (2 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qpA_VsLPhA8 Acesso em: 3 set. 2023.
- CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. *In*: CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. (org.). **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-37.
- CARVALHO, A. **Estátua Diferente**. 2021. 1 música (4 min. 23 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MhS7o87oLEk>. Acesso em: 3 set. 2023
- CHICON, J. F. *et al.* Educação Física e Inclusão: a mediação pedagógica do professor na brinquedoteca. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 279-292, jan./mar. 2016. DOI:

<https://doi.org/10.22456/1982-8918.56302>. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/56302> Acesso em: 20 nov. 2020.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CRUZ, G. C.; LEMISHKA, I. Ambiente inclusivo e exclusivo no processo ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência mental em aulas de educação física. **Rev. Educação Especial**, Santa Maria, v. 23, n. 37, p. 315-326, mai./ago. 2010. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X2118>. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/2118>. Acesso em: 01 jul. 2021.

CRUZ, G. C.; EL TASSA, K. O. M. Inclusão e diferença na escola: o legado da formação de professores de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 36, n. 2, p. S877-S890, abr./jun. 2014. Disponível em:
<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2175/1131> Acesso em: Acesso em: 11 fev. 2022

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca: Espanha, 1994.

DELORS, J. *et al.* **Educação um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Ed. Cortez, 1998.

DUBOC, T. O. **Percepção dos estudantes acerca dos alunos com deficiências nas aulas de educação física**. 2019. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em:
<http://saberaberto.uneb.br:8080/jspui/bitstream/20.500.11896/925/1/Thais%20Duboc.disserta%C3%A7%C3%A3o.corrigida.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.

ELIANA VEVO. **Xô Preguiça**. 2013. 1 vídeo (4 min. 3 seg.). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=aUle89w0XR8>. Acesso em: 03 set. 2023.

ESTEF, S.; GLAT, R. Avaliação flexibilizada para alunos com necessidades educacionais especiais: uma prática pedagógica inclusiva. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.24.19708.096>. Disponível em:
<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/19708> Acesso em: 07 set. 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES (FENAPAES). **Manual de Fundação das Apaes**. Brasília: Fnapaes, 2014.

FONTANA, E. C.; CRUZ, G. C.; PAULA, L. A. Plano Educacional Individualizado: uma estratégia de inclusão e aprendizagem nas aulas de Educação Física. **Da investigação às Práticas**, Lisboa, v. 9, n. 2, p. 118-131, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.25757/invep.v9i2.188>. Disponível: <https://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/view/188> Acesso em: 03 nov. 2020.

FRANCO, M. A. S. Entre a lógica da formação e a lógica das práticas: a mediação dos saberes pedagógicos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 109-126, jan./abr. 2008.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022008000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/R7rKK8P8CxC8jFXgbq6fYtm/?lang=pt> Acesso em: 03. nov. 2020.

FREIRE, I. M.; DANTAS, M. Educação e corporeidade: um novo olhar sobre o corpo. **HOLOS**, v. 4, p. 148-157. 2012. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2012.729>. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/729/578>. Acesso em: 20 jan. 2020.

GAIO, R.; PORTO, E. Educação Física e Pedagogia do Movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças. *In*: DE MARCO, A. (org.). **Educação Física: cultura e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLAT, R. **Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. 2.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2009.

GLAT, R. Educação Inclusiva para alunos com necessidades especiais: processos educacionais e diversidade. *In*: LONGHINI, M. D. (org.). **O uno e o diverso na Educação**. Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 75-92.

GOMES, A. **Música Festa Junina - Pula Fogueira**. 2012. 1 música (4 min. 22 seg.) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EG_OUh9rm-Y Acesso em: 3 set. 2023.

GRAMORELLI, L. C.; NEIRA, M. G. Dez anos de parâmetros curriculares nacionais: a prática da Educação Física na visão dos seus autores. **Movimento**. Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 107-126, out./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.6863>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/6863/6948>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GREGUOL, M; MALAGODI, B. M.; CARRARO, A. Inclusão de Alunos com Deficiência nas Aulas de Educação Física: Atitudes de Professores nas Escolas Regulares. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 24, n. 1, p. 33-44, jan./mar., 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/HWcyz3zrkHLwYRMMCHT9j6D/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 20 mar. 2020.

GUERARDI, M. **Brincadeiras indígenas**. 2021. 1 vídeo (2 min. 10 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8EkfuGRnIno> Acesso em: 3 set. 2023.

HYKAVEI JUNIOR, P. **A Educação Física Escolar nas Apaes paranaenses: diálogos, desafios e perspectivas**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

HYKAVEI JUNIOR, P. *et. al.* Entre a escola especial e a escola inclusiva: Produção de ambiente particular de aprendizagens na educação física. / Between special school and inclusive school: Production of particular learning environment in physical education. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 110292–110305, 2021. DOI:

10.34117/bjdv7n12-017. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/40460>. Acesso em: 03 set. 2024.

MACHADO, T. S.; BRACHT, V. O impacto do movimento renovador da educação física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth.

Movimento. Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 849–860, jul./set. 2016. DOI:

<https://doi.org/10.22456/1982-8918.60228>. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/60228> Acesso em: 22 mar. 2020.

MAINARDES, J.; CARVALHO, I. C. M. Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa em Educação. *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. (org.). **Ética e pesquisa em Educação**: subsídios. v. 1. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. p. 129-132.

MENDES, E. G. A Política de Educação Inclusiva e o Futuro das Instituições Especializadas no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**. v. 27, n. 22, 2019. DOI:

<https://doi.org/10.14507/epaa.27.3167>. Disponível em:

<https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3167> Acesso em: 22 mar. 2020.

MOREIRA, H.; CALLEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOREIRA, W. W. *et al.* Corporeidade aprendente: complexidade do aprender viver. *In*: MOREIRA, W. W. (org.). **Século XXI**: a era do corpo ativo. Campinas: Papirus, 2006.

MOREIRA, A. F. **Multiculturalismo**: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF; UNESCO, 2000.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil., 2003.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulinas, 2005b.

NEIRA, M. G. **Educação Física: desenvolvendo competências**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, M. G. Educação Física cultural: carta de navegação. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 82-103, jul./dez. 2016. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/11149> Acesso em: 20 mar. 2020.

NEIRA, M. G. **Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica**. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

NEIRA, M. G. **O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva dos seus autores**, 2011. Tese (Livre-Docente em Metodologia do Ensino de Educação Física) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F.; LIMA, M. A. (org.). **Educação Física e Culturas: ensaios sobre a prática**. Volume 2. São Paulo: FEUSP, 2014.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Currículo cultural, linguagem, códigos e representação. *In: Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física*. São Paulo: FEUSP, 2022.

NEVES, M. R.; NEIRA, M. G. O currículo cultural de Educação Física: princípios, procedimentos e diferenciações. **Rev. Inter. de Formação de Professores (RIFP)**, v. 4, n. 3, p. 108-124, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/1616>. Acesso em: 20 jan. 2021.

NISTA-PICOLLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Corpo em movimento na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2012.

OMOTE, S. A formação do professor de Educação Especial na perspectiva da inclusão. *In: Barbosa, R.L.L. (Org) Formação dos Educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 153-169.

OMOTE, S. Atitudes Sociais em Relação à Inclusão: Recentes Avanços em Pesquisa. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, p. 21-32, out./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000400003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/VKFFLxSr5GW6LKq9P7crnFt/abstract/?lang=pt> Acesso em 20 jan. 2021.

OMOTE, S. *et al.* Mudanças de atitudes sociais em relação a inclusão. **Rev. Paidéia**, v. 15, n. 32, p. 387-398, dez. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paideia/article/view/6244/7775>. Acesso em: 28 jan. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em dezembro de 2006. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/onu.php> Acesso em: 17 mai. 2024.

PACOPOLI2. **Jerusalema los 10 mejores bailes**. 2020. 1 vídeo (6 min. 54 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M5uUUvynO08> Acesso em: 07 set. 2023.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Parecer nº 108/2010**. Pedido para alteração de denominação das Escolas de Educação Especial. Curitiba: CEE/CEB, 2010. Disponível em:

https://www.cee.pr.gov.br/sites/cee/arquivos_restritos/files/migrados/File/pdf/Pareceres2010/CEB/pa_ceb_108_10.pdf Acesso em: 10 set. 2023.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Parecer nº 07/2014**. Pedido de análise e parecer da Proposta de Ajustes na Organização das Escolas de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial, para oferta da Educação Infantil, do Ensino Fundamental – Anos iniciais (1º e 2º anos), da Educação de Jovens e Adultos – Fase I e da Educação Profissional, aprovada pelo Parecer CEE/CEB nº 108/10, de 11/02/10. Curitiba: CEE\CEIF\CEMEP, 2014. Disponível em:

https://www.cee.pr.gov.br/sites/cee/arquivos_restritos/files/migrados/File/pdf/Pareceres_2014/Bicameral/pa_bicameral_07_14.pdf Acesso em: 10 set. 2023.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação nº 02/2003**. Normas para a Educação Especial, modalidade da Educação Básica para alunos com necessidades educacionais especiais, no sistema de Ensino do Estado do Paraná. Curitiba: CEE, 2003. Disponível em:

https://www.nre.seed.pr.gov.br/arquivos/File/toledo/ed_especial/legislacao/deliberacao_02_03.PDF Acesso em 11 set. 2023.

PARANÁ. Departamento de Educação Especial e Inclusão Educacional. **Política Estadual de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão**. Curitiba: DEEIN, 2009. Disponível em:

https://www.nre.seed.pr.gov.br/arquivos/File/toledo/ed_especial/legislacao/politica__estadual.pdf Acesso em: 11 set. 2023.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação o nº 002/2016**. Normas para a Modalidade Educação Especial no Sistema Estadual de Ensino do Paraná. Curitiba: CEE, 2016. Disponível em:

https://www.cee.pr.gov.br/sites/cee/arquivos_restritos/files/migrados/File/pdf/Deliberacoes/2016/Del_02_16.pdf Acesso em: 11 set. 2023.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Resolução nº 3.600/2011**. Autoriza a alteração na denominação das Escolas de Educação Especial para Escolas de Educação Básica, na modalidade de Educação Especial. Curitiba: SEED/PR, 2011. Disponível em:

https://www.nre.seed.pr.gov.br/arquivos/File/toledo/ed_especial/legislacao/resolucao_3600_11.pdf Acesso em: 11 set. 2023.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações – Educação Infantil e componentes curriculares do Ensino Fundamental**. Curitiba: SEED/PR. 2018b. Disponível em:

https://fep.if.usp.br/~profis/arquivo/docs_curriculares/PR/Parana_Referencial_Curricular_2018_CEE.pdf Acesso em: 11 set. 2023.

PETRAGLIA, I. Educação complexa para uma nova política de civilização. **Rev. Educar**. Curitiba, n. 32, p. 29-41, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602008000200004>.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/jXbN7PJqByfpGMBsp5R36Wp/?lang=pt> Acesso em 20 jan. 2020.

PETRAGLIA, I. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

PETRAGLIA, I.; ARONE, M. Organizações Complexas de Aprendizagem e Autoformação Docente para a Transdisciplinaridade. **Revista Interciente**, v. 2, p. 17-28, 2015. Disponível em: <http://publicacoes.ufabc.edu.br/interciento/wp-content/uploads/2015/01/Artigo-Interciente-Izabel-Petraglia-e-Mariang%C3%A9lica-Arone.pdf> Acesso em: 25 mai. 2024.

PIAIA, M. T.; ROSSETO, E.; ALMEIDA, L. F. G. A escola de Educação Básica na Modalidade Educação Especial: o estado do Paraná. **Rev. Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 2, p. 516-529, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2209/694>. Acesso em: 17 mai. 2024.

PIOVESAN, K. **Música indígena brasileira**. 2017. 1 música (6 min. 40 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uZS4SwrFAdc> Acesso em: 03 set. 2023.

PORTO, E. T. R. Corpo-Movimento-Vida: ser "diferente-deficiente". **Rev. Corpoconsciência**, Santo André, n. 6, p. 53-68, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/3917/2720>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PIRES, E. **Brincadeiras e Jogos Indígenas**. 2020. 1 vídeo (5 min. 20 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gd4IXud8VyU> Acesso em: 03 set. 2023.

PLETSCH, M. D; GLAT, R. Plano Educacional Individualizado (PEI): um diálogo entre práticas curriculares e processos de avaliação escolar. *In*: R., GLAT; M. D., PLETSCH. (org.). **Estratégias Educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 17-34.

MASAKA KIDS AFRIKANA. **Masaka Kids Africana Performs “Mood”**. 2022. 1 vídeo (3 min. 22 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NWiQHh6MypY> Acesso em: 07 set. 2023.

RABELO, L. **Aula de tênis de mesa adaptado - Educação Física inclusiva**. 2021. 1 vídeo (1 min. 54 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WAcCcGGzeII> Acesso em: 07 set. 2023.

RODRIGUES, D.; RODRIGUES, L. L. Educação Física: formação de professores e inclusão. **Rev. Práxis Educativa**, v. 12, n. 2, p. 317–333, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.12i2.0002>. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/9812>. Acesso em: 02 jan. 2020.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação Não Violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS, B. S. Para uma Concepção Multicultural dos Direitos Humanos. **Contexto Internacional**, v. 23, n. 1, p. 07-34, jan./jun. 2001a.

SANTOS, B. S. As tensões da Modernidade. **Fórum Social Mundial**, Biblioteca das alternativas, 2001b.

SANTOS, J.; MOREIRA, W. W. O corpo em cena: reflexões para a educação escolar. **Rev. Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v24.59483>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/59483>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SCHALOCK, R. L.; LUCKASSON, R.; TASSÉ, M. J. **Intellectual disability: Definition, diagnosis, classification, and systems of supports**. 12. ed. Washington, DC: American Association on Intellectual and Developmental Disabilities, 2021.

SERRALVA, M. **Olá, Como Vai?** Canção de bom dia, boa tarde com movimento. CANÇÕES FÁCEIS PARA CRIANÇAS. 2018. 1 música (2 min. 4 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gf-rC0hGRQM>. Acesso em: 03 set. 2021.

SIMÕES, A. S. *et al.* A Educação Física e o trabalho educativo inclusivo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 35-48, jan./mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.73009>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/73009/47792>. Acesso em: jan. 2020.

SOBREIRA, V.; NISTA-PICCOLO, V.; MOREIRA, W. W. Do corpo à corporeidade: uma possibilidade educativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. 3, p. 68–77, dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v23n3p68-77>. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/5799>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SOUZA, M. V. **Música de Quadrilha (Instrumental/Original)**. 2014. 1 música (2 min. 54 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mOeoYmkPxK8> Acesso em: 03 set. 2023.

SUPLINO, M. Inclusão Escolar de alunos com autismo. **Revista Internacional em Políticas, Currículo, Práticas e Gestão da Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 122-137. 2009. DOI: <https://doi.org/10.29327/235555>. Disponível em: <https://revistasalaoito.com.br/article/10.29327/235555.1.2-8/pdf/wwwsalaoito-1-2-122.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2024.

THOMPSON, C. E. M. Autoavaliação nos Cursos de Graduação. *In*: OLIVEIRA, I. C. P.; GONÇALVES FILHO, C. A. P.; CANTO, J. P. (org.). **E-book Desafios da Autoavaliação Institucional: cursos, programas de pandemia**. Recife: EDUFRPE, 2021. Disponível em: <http://cpa.ufrpe.br/sites/cpa.ufrpe.br/files/E-book%20-%20Desafios%20da%20Autoavalia%C3%A7%C3%A3o%20Institucional%20-%20Cursos,%20Programas%20&%20Pandemia.pdf#page=38>. Acesso em: 22 mai. 2024.

TV CÂMARA CAMPINAS. **Você Sabia? Paraolimpíadas Raquetes**. 2021. 1 vídeo (2 min. 16 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTS5jRl3GQg&t=17s>. Acesso em 07 set. 2023.

TVSENTIDOS. **Bocha Adaptada**. 2010. 1 vídeo (3 min. 54 seg.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a03_IUPgRtU Acesso em: 03 set. 2023.

VILELA, L. Z. L.; LONDERO, L. Ética na Pesquisa em Educação em Ciências: Análise da Política Editorial de Periódicos Brasileiros. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 23, p. 1–29, jan./dez. 2023. DOI: 10.28976/1984-2686rbpec2023u271299.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/40283>. Acesso em: 10 mai. 2024.

VIVENDO A EDUCAÇÃO FÍSICA. **BOCHA – bocha na educação física escolar**.2017. 1 vídeo (3 min. 11 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Z7bP5j13QE> Acesso em: 3 set. 2023.

WSZOLEK, L. Práticas Pedagógicas Inclusivas na Educação Física: planejamento e desenvolvimento de intervenções numa APAE. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2023. Disponível em: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/2039> Acesso em: 30 abr. 2023.

XUXA. **Bambolê**. 2011. 1 música (2 min. 13 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZAlZsize6cE> Acesso em: 03 set. 2023.

ZUTIÃO, P.; BOUERI, I. Z.; ALMEIDA, M. A. A avaliação das áreas adaptativas de jovens e adultos com Deficiência Intelectual. **Educação**, Batatais, v. 6, n. 3, p. 25-49, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://web-api-claretiano-edu-br.s3.amazonaws.com/cms/biblioteca/revistas/edicoes/6059fe20c0ce6055c496d14b/605b362e83fe107cbc9757e9.pdf> Acesso em: 20 jan. 2020.

ANEXO A – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – COMEP****Termo de assentimento para criança e adolescente (maiores de 6 anos e menores de 18 anos)**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa. AUTONOMIA E EMPODERAMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA COPORAL. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos Compreender como as práticas corporais nas aulas de Educação Física escolar na perspectiva da Cultura Corporal contribuem para o conhecimento, autonomia e empoderamento do movimento de alunas e alunos com Deficiência Intelectual e Múltiplas; Identificar as práticas corporais que proporcionam o desenvolvimento da Cultura Corporal; Conhecer o processo de mediação do movimento corporal em atividade individual e coletiva; Definir as práticas corporais que contribuem para o conhecimento, autonomia e empoderamento do movimento do indivíduo com Deficiência Intelectual e Múltiplas.

As pessoas que irão participar desta pesquisa têm de 12 a 43 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita no/a Escola Espaço e Vida - APAE, Prudentópolis, onde as crianças, irão participar de práticas corporais nas aulas de Educação Física, horário normal da programação escolar e da turma, duas vezes na semana para Turma: A, e duas vezes na semana para a Turma: C, com o tempo de 50 minutos. Total de 16 intervenções para cada turma, totalizando 32 intervenções. As atividades das práticas corporais (Brincadeiras e jogos: cooperativos e pré-desportivos com bolas), acontecerão a partir da primeira semana do mês de maio e término na penúltima semana do mês de junho.

Para isso, será usado/a nas aulas equipamentos “câmera fotográfica, celular” para gravação de vídeos, de áudios imagens, bolas, salas de Educação Física, quadra poliesportiva.

O uso dos equipamentos “câmera fotográfica, celular”, sala de educação física, quadra poliesportiva, é considerado(a) seguro (a), mas é possível ocorrer de cair, tropeçar, a bola bater no rosto ou qualquer outra parte do corpo. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones (42-99926-81.41) do/a pesquisador/a Benedita Lurdes da Silva.

Mas há coisas boas que podem acontecer como: Compreender como as práticas corporais nas aulas de Educação Física escolar na perspectiva da Cultura Corporal contribuem para o conhecimento, autonomia e empoderamento do movimento de alunas e alunos com Deficiência Intelectual e Múltipla; Identificar as práticas corporais que proporcionam o desenvolvimento da Cultura Corporal; Conhecer o processo de mediação do movimento corporal em atividade individual e coletiva; Definir as práticas corporais que contribuem para o conhecimento, autonomia e empoderamento do movimento do indivíduo com Deficiência Intelectual e Múltiplas.

Alunas e alunos participante da pesquisa irão usar o transporte escolar em horário normal do seu período escolar. As mães/pais ou responsáveis, quando necessário também irão fazer uso do transporte escolar da instituição do local da pesquisa.

Ninguém além das pessoas envolvidas com o processo da pesquisa saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar de aluna e alunos que participaram.

Quando terminarmos a pesquisa primeiramente será apresentado para alunas e alunos participantes juntamente com seus familiares, comunidade escolar, publicação de artigos em revista pertinente ao objeto da pesquisa, oficinas pedagógicas para a comunidade escolar.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa, AUTONOMIA E EMPODRAMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA COPORAL. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Prudentópolis, 20 de abril de 2022.

Assinatura do menor

Pesquisadora: Benedita Lurdes da Silva

ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – COMEP****MODELO****Termo de assentimento para criança e adolescente (maiores de 6 anos e menores de 18 anos)**

O termo de assentimento não elimina a necessidade de fazer o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor de 18 anos ou legalmente incapaz.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa. AUTONOMIA E EMPODRAMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA COPORAL, Seus pais permitiram que você participe.

Queremos saber (Compreender como a didáticas nas práticas corporais nas aulas de Educação Física escolar em suas ações por meio na Educação Básica na Modalidade de Educação Especial contribui com a autonomia e empoderamento da Cultura Corporal de Movimento de aluna, aluno com Deficiência Intelectual e Múltipla).

As crianças que irão participar desta pesquisa têm de (12) a (43) anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita no/a Escola Espaço e Vida - APAE, Prudentópolis, onde as crianças irão participar e práticas corporais nas aulas de Educação Física, horário normal da programação escolar e da turma, duas vezes na semana para turmas: A e C com o tempo de 50 minutos. Total de 16 intervenções para cada turma, totalizando 32 intervenções. As atividades das práticas corporais (brincadeiras e jogos, cooperativos e pré desportivos com bolas), acontecerão a partir da primeira semana do mês de maio e término na penúltima semana do mês de junho.

Para isso, será usado nas aulas equipamentos “câmeras fotográficas, celular” para gravação de vídeos, de áudios e imagens, bolas, salas de Educação Física, quadra poliesportiva.

O uso dos equipamentos “câmeras fotográficas, celular” bolas, salas de Educação Física, quadra poliesportiva, são considerados seguros, mas é possível correr cair, tropeçar, a bola bater no rosto ou qualquer outra parte do corpo. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone (42 – 9 9926-81-41) da pesquisadora Benedita Lurdes da Silva.

Mas há coisas boas que podem acontecer como: Compreender como as práticas corporais nas aulas de Educação Física escolar na perspectiva da Cultura Corporal contribuem para o conhecimento, autonomia e empoderamento do movimento de alunas e alunos com Deficiência Intelectual e múltipla: Identificar as práticas corporais que proporcionas o desenvolvimento a da cultura corporal ; Conhecer o processo de mediação do movimento corporal em atividade individual e coletiva; Definir as práticas corporais que contribuem para o conhecimento, autonomia e empoderamento do movimento do indivíduo com deficiência intelectual e múltipla.

Alunas e alunos participantes da pesquisa irão usar o transporte escolar em horário normal do seu período escolar. As mãe/pais ou responsáveis, quando necessário também irão fazer uso do

Ninguém além das pessoas envolvidas com o processo da pesquisa saberá que você está

participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados vão ser publicados, mas sem a identificação de alunas e alunos que participaram.

Quando terminarmos a pesquisa primeiramente será apresentado para alunas e alunos participantes juntamente com seus familiares, comunidade escolar, publicação de artigos em revista pertinente ao objeto da pesquisa, oficinas pedagógicas para a comunidade escolar.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa (AUTONOMIA E EMPODRAMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA COPORAL). Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Irati, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

ANEXO C – SOLICITAÇÃO PARA A ESCOLA ESPAÇO E VIDA



ESCOLA ESPAÇO E VIDA, EDUCAÇÃO INFANTIL, E ENSINO FUNDAMENTAL NA
MODALIDADE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
Entidade Mantenedora
ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE PRUDENTÓPOLIS
CNPJ/Nº nº 78.599.484/0001-30 - Fundação 1431184
Rua João Sztarkowski Sobrinho, nº 188 - Bairro Ronda - Caixa Postal nº 52 - CEP 84.400-808
TEL.: (042) 3446-1023 - FAX: 3446-1023 - PRUDENTÓPOLIS-PR
E - mail: graduatopolis@apaepr.org.br
Home-page: www.prudentopolis.apaepr.org.br

CARTA DE AUTORIZAÇÃO/ANUÊNCIA

Eu, Wilson Bini Junior, Diretor da Escola Espaço e Vida – Educação Básica, Modalidade de Educação Especial – APAE, Educação Infantil: Estimulação Essencial e Pré-Escolar e Ensino Fundamental Educação de Jovens e Adultos - EJA – Fase I (equivale ao 1º ao 5º ano). Tenho ciência e autoceizo a realização da pesquisa intitulada: AUTONOMIA E EMPODERAMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA COPORAL. Em duas turmas: sendo a Turma: A – do 2º Ciclo – 3ª e 6ª Etapas; Turma: C - Educação de Jovens e Adultos – EJA/Fase I, ambas são no período da manhã, sob responsabilidade da professora pesquisadora Benedita Lurdes da Silva, RG: 4.800.463-6, do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE, da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, tendo como orientador o professor Dr. Gilmar de Carvalho da Cruz, na Escola Espaço e Vida, cuja mantenedora é Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Prudentópolis – Educação Básica na Modalidade de Educação Especial no Município de Prudentópolis-PR. Para isto, serão disponibilizados a pesquisadora, alunas e alunos, espaço físico, material pedagógicos necessário para a realização das práticas nas aulas de Educação Física com alunas e alunos, e transportes para familiares conforme a programação de dois momentos: o primeiro no início para apresentar a pesquisa e autorização das famílias, no segundo apresentar os resultados da pesquisa para familiares e comunidade escolar.

Prudentópolis, 14 fevereiro 2022.

Diretor da Escola Espaço e Vida
Wilson Bini Junior

ESCOLA ESPAÇO E VIDA
EDUCAÇÃO INFANTIL, ENSINO FUNDAMENTAL
NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
RUA JOÃO SZTARKOWSKI SOBRINHO, 188
RONDA 84400-808 PRUDENTÓPOLIS PR

Reg. do Estatuto/Processo do MPJ nº 174 de 14/03/00 - P.º nº 107/00 - P.º nº 4446 - Ronda 84400-808 - P.º nº 10000-010000-07/00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000
Cart. de Escola de Prudentópolis - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000
Instituição de Ensino de Prudentópolis - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000
Instituição de Ensino de Prudentópolis - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000 - P.º nº 10000-010000-00-00000

ANEXO E – AUTORIZAÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS APAES

Federação das APAEs do Estado do Paraná
Avenida Silva Jardim, 4326 – Seminário - Curitiba – Paraná – CEP 80240-021
Portal: www.apaepr.org.br - Email: federacao@apaepr.org.br
Fone: |41| 3343-2640
CNPJ: 00.106.307/0001-71



Curitiba, 31 de março de 2022.

Ofício nº 050/2022

Ilmo Senhor
Dr. Gilmar de Carvalho da Cruz
Departamento de Educação Física
UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro/Oeste

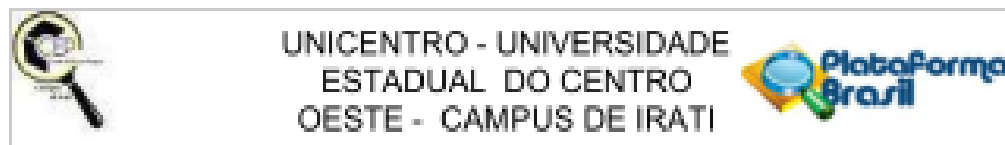
Prezado Senhor,

A Federação das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais do Estado do PR - FEAPAES, autoriza a realização da pesquisa **"AUTONOMIA E EMPODERAMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL"**, da Profª Benedita Lurdes da Silva, aluna matriculada no Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE, conforme apresentado no projeto e solicitado no ofício de 15 de fevereiro de 2022.

Atenciosamente,

Alexandre Augusto Botareli Cesar
Presidente Feapaes PR

ANEXO F – SOLICITAÇÃO PARA A ESCOLA PLATAFORMA BRASIL COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AUTONOMIA E EMPODERAMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL

Pesquisador: BENEDITA LURDES DA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58497522.1.0000.8987

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Centro Oeste - Campus de Irati

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.316.408

Apresentação do Projeto:

Trata-se da apreciação do projeto de pesquisa intitulado AUTONOMIA E EMPODERAMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E MÚLTIPLAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL, de interesse e responsabilidade do(a) proponente BENEDITA LURDES DA SILVA. Para realizar a pesquisa, os dados serão coletados durante as atividades na disciplina de Educação Física escolar, mediante as práticas corporais em didáticas, baseadas na Cultura Corporal como meio de proporcionar autonomia e empoderamento de alunas (as) com deficiência intelectual e múltiplas, na escola de Educação Básica Especializada (nesta pesquisa será tratado do ambiente inclusivo-exclusivo cuja a mantenedora é a Instituição – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE), contará com 15 (quinze) participantes com idades entre 12 a 43 anos.

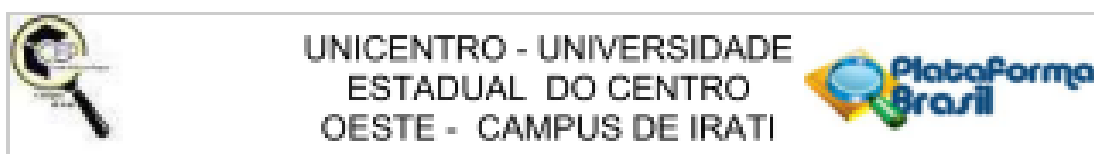
Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como as práticas corporais nas aulas de Educação Física escolar na perspectiva da Cultura Corporal contribuem para o conhecimento, autonomia e empoderamento do movimento de alunas e alunos com Deficiência Intelectual e Múltiplas.

Objetivo Secundário:

Endereço: PR 153 Km 07 - Prédio principal, térreo (jardim de inverno da antiga biblioteca)
Bairro: Riozinho **CEP:** 84.505-477
UF: PR **Município:** IRATI
Telefone: (42)3421-3081 **Fax:** (42)3421-3000 **E-mail:** cep_irati@unicentro.br



Continuação do Parecer: 0.270.488

Identificar as práticas corporais que proporcionam o desenvolvimento da Cultura Corporal;
 Conhecer o processo de mediação do movimento corporal em atividade individual e coletiva;
 Definir as práticas corporais que contribuem para o conhecimento, autonomia e empoderamento do movimento do indivíduo com Deficiência Intelectual e Múltiplas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora, os riscos são mínimos relacionados a possíveis desconfortos e pesquisadora ressalta que "acredita-se que as intervenções durante as práticas corporais nas aulas de Educação Física por se tratar da rotina entre alunas, alunos com a professora/pesquisadora não trará desconforto como: timidez, vergonha constrangimento, o tipo de atividade apresenta risco mínimo de desconforto, pois faz parte da rotina no dia a dia das aulas de Educação Física."

Os benefícios, conforme a pesquisadora, estão relacionados à promoção das alunas, alunos, e colaboradoras (res), comunidade escolar "à reflexão, à compreensão sobre os desafios e possibilidades vivenciadas nas aulas de Educação Física Escolar e como a mesma colabora com o conhecimento, autonomia e empoderamento da Cultura Corporal de Movimento do público-alvo que são alunas e alunos com Deficiente Intelectual e Múltipla da Educação

Básica, Modalidade de Educação Especial na escola especializada-APAE, como também a possibilidade de enxergar/ouvir o conhecimentos, protagonismos por meio das ações de todas as pessoas envolvidas nas práticas educacionais."

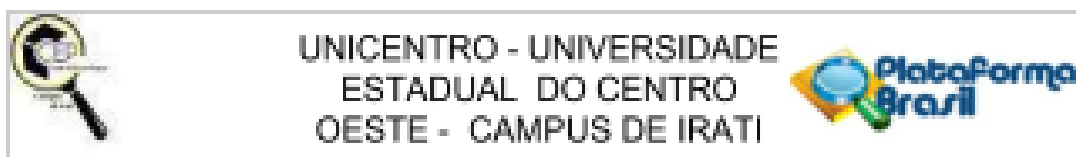
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa contará com 14 participantes, sendo realizada em dois grupos e contando com 32 intervenções no total. A pesquisa tem em sua proposta a construção, coletiva, colaborativa, a partir da movimentação individual e coletiva da turma para dar continuidade na elaboração das próximas intervenções. Também será assegurado o direito da escuta sensível, do diálogo, de acordos firmados entre as/os participantes, a confidencialidade, a divulgação, a privacidade das informações coletadas, serão garantidos que as mesmas serão utilizadas apenas com fins pedagógicos que venha enriquecer o conhecimento e contribuir com a prática no dia a dia das pessoas envolvidas com o processo de escolarização e principalmente contribuir para autonomia e empoderamento da pessoa com deficiência.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1) Folha de rosto com campos preenchidos e com carimbo identificador e assinada pela

Endereço: PR 153 Km 07 - Prédio principal, térreo (jardim de inverno da antiga biblioteca)
 Bairro: Riozinho CEP: 84.505-477
 UF: PR Município: IRATI
 Telefone: (42)3421-3061 Fax: (42)3421-3000 E-mail: cep_irati@unicentro.br



Continuação do Parecer: 5.376.489

coordenadora do Mestrado em Educação da UNICENTRO Poliana F. Cardoso;

2) Carta de anuência/autorização do Presidente da APAE de Prudentópolis, Miriam dos Santos Marconato, assinada por Elizângela M. dos Santos;

3) Carta de anuência/autorização da Direção da Escola Espaço e Vida, Wilson Bini Junior, assinada e carimbada pelo responsável da instituição);

4) TCLE -familiares (termo de consentimento livre e esclarecido), em modelo atualizado, disponibilizado na página do COMEP;

4.1) TALE (Termo de Assentimento para menores de idade ou incapazes);

5) Projeto de pesquisa completo (anexado pelo pesquisador);

6) Cronograma do projeto completo e da Plataforma completos e atualizados. A vigência da pesquisa é de 03/2022 a 03/2023, o início da coleta de dados será realizado nos meses de maio a junho de 2022;

7)- Orçamento detalhado no projeto completo e na Plataforma.

Recomendações:

Recomenda-se que o pesquisador apresente assinatura e carimbo do responsável pela APAE na Carta de Anuência para a aprovação do presente projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

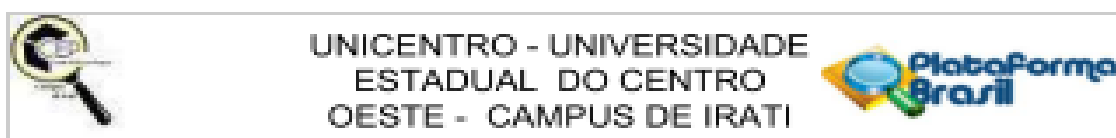
Lista de Inadequações:

1) Anexar Carta de Anuência da APAE com assinatura e carimbo do responsável pela instituição.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1896137.pdf	07/03/2022 18:43:44		Aceito
Projeto Detalhado	Projeto_brochura.docx	07/03/2022	BENEDITA LURDES	Aceito

Endereço: PR 153 Km 07 - Prédio principal, térreo (jardim de dentro da antiga biblioteca)
Bairro: Riosinho **CEP:** 84.505-077
UF: PR **Município:** IRATI
Telefone: (42)3421-3051 **Fax:** (42)3421-3000 **E-mail:** cep_irati@unicentro.br



Continuação do Parecer: 0.270.480

/ Brochura Investigador	Projeto_brochura.docx	18:38:25	DA SILVA	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto.docx	07/03/2022 18:32:22	BENEDITA LURDES DA SILVA	Aceito
Outros	Anuencia_Diretoria.PDF	16/02/2022 20:51:43	BENEDITA LURDES DA SILVA	Aceito
Outros	Anuencia_escola.PDF	16/02/2022 20:49:33	BENEDITA LURDES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MENOR.pdf	14/02/2022 22:13:43	BENEDITA LURDES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_FAMILIARES.pdf	14/02/2022 22:13:23	BENEDITA LURDES DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto.PDF	14/02/2022 22:02:53	BENEDITA LURDES DA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	09/02/2022 16:18:26	BENEDITA LURDES DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:


Não





IRATI, 28 de Março de 2022


Assinado por:
Cristiana Magni
(Coordenador(a))

Endereço: PR 153 90s 07 - Prédio principal, térreo (jardim de inverno da antiga biblioteca)
Bairro: Ricosinho **CEP:** 34.505-077
UF: PR **Município:** IRATI
Telefone: (42)3421-3051 **Fax:** (42)3421-3000 **E-mail:** csp_irati@unicentro.br

APÊNDICE A - DESCRIÇÃO DAS AULAS

Turma: A	Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª	Aula: 1	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: data <i>show</i> , vídeos, caixa de som, pula-pula, colchões, bambolês, bolinhas, bolas, músicas: <u>1</u> , <u>2</u> , <u>3</u> , etc.			
Como foram realizadas as tarefas - ginástica e dança			
1ª Tarefa - professora <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – 1 começa chutar a bola bobath, 1 pula no colchão, 1 pula no pula-pula, 1 pega bambolê – Prof. aos poucos orienta para deixar o material, e aos poucos juntos formam uma roda e sentam; ○ Daniel está agitado, Prof. “está tudo bem”, “doente”, responde não deu para entender o que disse, demais respondem cada um do seu jeito, prof. percebeu que estavam bem, inclusive Daniel; ○ Prof. “quem sabe cantar, nós vamos cantar, usar mãos, cabeça e pé”, orienta e mostra como faz, cantando, batendo palmas (palma – palma, cabeça, pé – assim que diz a parte do corpo pega nela); ○ Prof. “agora vamos fazer juntos” em seguida “é vez de vocês” todos tentaram realizar a tarefa igual a prof.; ○ Exceto Daniel – que começa esfregar a palma mão direita no dorso da mão esquerda na frente do rosto (dizendo é assim e esfregando) demais o imitaram; 1ª - Variação <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “vamos imitar animais” Pedro imita foca - deita no chão imita o barulho, batendo palma movimentando o corpo e diz “ela vive na água”, imita um lobo bonzinho uivando, ○ Daniel imita macaco – movimento circular no chão em 4 apoios com a cabeça no chão tentando pular jogando as pernas para trás; Michele galinha – de cócoras bate os braços (asas); Eder gatinho – 4 apoios, começa a correr para todos os lados da sala; ○ Pedro sai andando pela sala, imita o Sonic correndo com braços para trás, se joga no colchão – prof. “vocês correm, pulam no colchão e saem pela lateral onde eu estou”; ○ Eder pula no pula-pula – Prof. “vocês correm, sobem no pula-pula e pulam no colchão, virando cambalhota”; ○ Michele pega o bambolê e tenta bambolear – prof. coloca 3 bambolês no chão “vocês correm pulando dentro de cada bambolê, sobe no pula- pula, cai no colchão”; <ul style="list-style-type: none"> ○ O Prof. sentada segura o bambolê “vocês correm, sobe no pula-pula, se joga por dentro do bambolê e cai no colchão”; ○ O Prof. sentada segura o bambolê “vocês correm, sobe no pula-pula, se joga por dentro do bambolê, cai no colchão virando cambalhota”; ○ O Prof. sentada segura o bambolê “vocês correm, sobe no banco, pula no pula-pula e vira cambalhota no colchão”. 			
Observações: <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª - Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem e agitada, segurança no ambiente; ✚ Ficaram curiosos com a câmera na sala, Pedro veio na frente da câmera, falar, imitando vídeos da internet – “assista, compartilha, de um like”; ✚ Eder também veio, tentou imitar, fazendo os movimentos do colega; ✚ 1ª – Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Todos ajudaram a organizar os materiais, cada um do seu jeito; ✚ Professora agradece e elogia, diz que estão de parabéns, (ganha abraço coletivo e beijo), pergunta – “gostaram da aula” respondem “siiimmm” mostrando joinha com o dedo. 			
Ausentes		Guilherme e João	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: B	Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª	Aula: 1	Local: SEFA

<p>Recursos pedagógicos: data <i>show</i>, vídeos, caixa de som, pula-pula, colchões, bambolês, bolinhas, bolas, músicas: <u>1</u>, <u>2</u>, <u>3</u>, etc.</p> <p>Improviso</p> <p>✓ Solicitação da equipe pedagógica, trabalhar com tema festa junina na próxima semana na escola;</p> <p>Músicas</p> <p>✓ <u>6</u> - Pula Fogueira;</p> <p>✓ <u>5</u> - Quadrilha – Instrumental</p>			
Como foram realizadas as tarefas - ginástica e dança			
<p>1ª – Tarefa – professora</p> <p>○ <i>Check-in</i> – Walter vai até a janela e diz que está um lindo dia – os demais o acompanham olhando para fora, e Luiz G. vem abraçar, prof. orienta para a auto-organização e círculo, coloca a música 1, começa a dançar, a turma acompanha, ao terminar prof. “como vocês estão” todas(os) expressam que estão bem;</p> <p>1ª – Variação</p> <p>○ Prof. “semana que vem tem festa junina na escola” - coloca a música <u>5</u>, “vamos dançar”, orienta;</p> <p>○ Em dupla de mãos dadas – “olha o túnel” – passar por dentro;</p> <p>○ A grande roda – de mãos dadas;</p> <p>○ Prof. “um vai dentro da roda, faz movimento de dança os demais na roda imitam quem está dentro”;</p> <p>○ Prof. “quem lembra o que tem na festa junina”; todas(os) responderam com uma brincadeira ou falando uma comida;</p> <p>○ Prof. coloca uma almofada no chão (fogueira) “vamos nos preparar para o dia da festa, treinar as brincadeiras, correr e pular por cima da fogueira, livre, como sabe”;</p> <p>○ Prof. “parado em frente a fogueira pular com os dois pés juntos por cima da fogueira”;</p> <p>○ Correm em um pé e pulam por cima da fogueira;</p> <p>○ Em frente a fogueira pular com as pernas abertas por cima da fogueira;</p> <p>○ Correr se joga no colchão e sai na lateral,</p> <p>○ Correr, virar cambalhota no colchão e sair na lateral;</p> <p>○ Prof. “vamos treinar para a boca do palhaço, arremessar bolinha no alvo (dentro do bambolê)”;</p> <p>○ Prof. divide a sala em duas partes e a turma em duas equipes, uma de cada lado e arremessar a maior quantidade de bolinhas na quadra da outra equipe, catar, contar e guardar as bolinhas.</p>			
(Continuação)			
<p>Observações:</p> <p>✚ 1ª – Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;</p> <p>✚ Ficaram empolgados com a festa na escola,</p> <p>✚ 1ª- Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;</p> <p>✚ Assim que acabou a música <u>1</u>, toca uma música “junina”, Luiz G. aproxima da prof. e diz “é dança de forró né”, prof. “você gosta de forró”: “só de música de Deus” prof. descontraidamente “quem falou que essa música não é de Deus”, Luiz sai, prof. pega no braço, olha pra ele e diz “toda música é de Deus, é história contada cantando, cada pessoa escolhe escutar o que gosta”. O diálogo acontece na roda e todas(os) observam atentamente e concordam com a prof., segue a aula;</p> <p>✚ No momento de transição de tarefa a turma tende a dispersar;</p> <p>✚ Todos participaram das tarefas propostas, colaboram na organização da sala;</p> <p>✚ Prof. agradece, elogia, diz que estão de parabéns, pergunta “gostaram da aula” Respondem que siiimm”.</p>			
Ausentes		Guilherme e João	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: C	EJA	Aula: 1	Local: SEFA
<p>Recursos pedagógicos: data <i>show</i>, vídeos, caixa de som, pula-pula, colchões, bambolês, bolinhas, bolas, músicas: <u>1</u>, <u>2</u>, <u>3</u>, etc.</p>			





Improviso ✓ Solicitação da equipe pedagógica, trabalhar com tema festa junina na próxima semana na escola; Musica ✓ <u>5</u> .			
Como foram realizadas as tarefas - ginástica e dança			
1ª – Tarefa – professora <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – conversando entre a turma, prof. orienta na auto-organização do círculo; convida para dançar a <u>música 1</u>, ao terminar “você estão bem” percebe-se pelas respostas que sim; ○ Prof. “vamos dançar para ficar espertos, tem que realizar os movimentos que a música vai pedir”, coloca música <u>2</u> e <u>3</u>, dançando e dando ênfase na realização dos movimentos que as músicas pedem; ○ Prof. “semana que vem vamos ter festa na escola, qual festa vai ter na escola” “junina” responde Zélia e Divonzir; ○ Prof. “o que temos na festa junina” respondem “dança, comida, brincadeiras, quentão”; 1ª – Variação <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. coloca as músicas <u>5</u> e <u>6</u> “vamos dançar”, começa a auto-organização da coreografia de dança junina, prof. “olha a grande roda, de mão dadas, ao centro, voltou, rodou, olha a cobra, é mentira, olha chuva, já passou, olha o túnel, voltou a grande roda”; ○ Prof. “agora um vai ao centro e dança, nós vamos imitar o movimento do colega que está no centro em seguida troca, quem começa” Alais “eu”; ○ Prof. “agora vamos treinar as brincadeiras para o dia da festa, primeiro a boca do palhaço, arremessar bolinhas dentro do círculo”; ○ Prof. “vamos pular fogueira” (almofada), auto-organização um atrás do outro e pulam livre; ○ Prof. “agora em frente a fogueira parado, pula com os dois pés juntos”; ○ Correm pulando em um pé, e pulam a fogueira; ○ Em frente a fogueira pulam com as pernas abertas por cima da fogueira; 			
Observações <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª – Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Cada um respondeu uma ou duas coisas que tem em festa junina; ✚ 1ª – Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ As tarefas foram realizadas ao som das músicas juninas; ✚ Todos participaram das tarefas colaboraram na organização da sala e material pedagógico, ✚ Prof. elogia, agradece a participação e pergunta; <p>O aluno Jonas de cronograma sai antes da aula, 15 minutos – transportes escolares saem antes.</p>			
Ausentes		Josenei, Jhon, Tatiane, Vanessa,	
Imagens da realização das tarefas			
			
Turma: D	EJA	Aula: 1	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: data <i>show</i> , vídeos, caixa de som, pula-pula, colchões, bambolês, bolinhas, bolas, músicas: <u>1</u> , <u>2</u> , <u>3</u> , etc.			
Improviso ✓ Solicitação da equipe pedagógica, trabalhar com tema festa junina na próxima semana na escola; Musicas ✓ <u>5</u>			
Como foram realizadas as tarefas - ginástica e dança			
1ª Tarefa - professora <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – na sala de aula prof. verifica se na aula estão bem – aluna Marina mostra que está usando uma bota igual da prof. que dá atenção mostrando a bota para turma dizendo “é quentinha”; ○ Prof. “a aula será gravada, tudo bem, vamos marcar o tempo que levamos até a sala de Ed. Física, tudo bem”, concordam; deslocamento com suporte de 4 pessoas mais o atendente gravando; 			

- Na sala de aula prof. e atendente da suporte na auto-organização em círculo, sentado de diferentes maneiras;
- Prof. “vamos dançar” coloca musica 1, ao terminar pergunta “como está”, dizendo nome de cada aluna(o), percebe-se que estão bem pelas respostas;
- Prof. entrega 1 bambolê para cada aluna(o), “vamos dançar” coloca a música 3; começa a se mexer, a turma começa a imitar;
- Gabriel vai para o colchão e deita; prof. tenta trazer para aula, não aceitou;
- Prof. coloca música 5 “viva São João”, começa dançar segurando o bambolê, “atrás de mim, me segue”; fazendo vários movimentos, prof. e atendente dançando de par passando por todas(os) individualmente;
- Prof. fala da festa junina que vai ter na escola “você gostam de festa” manifestações que sim; “na festa junina tem brincadeiras, dança, comidas, vamos treinar para o dia”;
- Turma sentada no chão, prof. “vamos treinar para arremessar a bola na boca do palhaço” passa por cada aluna(o) segurando um bambolê na frente

Observações:

- ✚ **1ª Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Neste dia foi marcado o tempo de deslocamento da sala de aula até colocar a turma em segurança na SEFA, tempo de 12 minutos;
- ✚ Sentadas(os) em cadeiras, no chão, puff e bola bobath, escolhas como sentir confortável;

- ✚ **1ª Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;
- ✚ Todos criaram adaptação do seu movimento, aceitaram suportes e participaram das tarefas propostas pela prof.; colaboram na organização da sala, colocando as bolas dentro da bacia;
- ✚ Professora agradece e elogia, diz que estão de parabéns pela participação, até a próxima aula; ganha abraço da Mariana e Suzana;
- ✚ A turma tem necessidade de 3 ou mais pessoas no suporte para deslocamento; neste dia 5 pessoas deram suporte.

Ausente	Adelar		
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: A	Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª – 2ª	Aula: 2	Local: QP

Recursos pedagógicos: caixa de som, bambolês, bolinhas, tecidos; musicas: 1, 2, 4, 5, etc.

Como foram realizadas as tarefas – ginástica e dança

1ª – Tarefa

- Receber a turma na QP;
- *Check-in* – tempo de interação livre com ambiente, colegas, prof. e atendente;
- Relembrar as tarefas da aula passada;

1ª – Tarefa – professora

- *Check-in* – chegaram na quadra cumprimentam a prof. com bate na mão e cada um foi para um lado diferentes, aos poucos calmamente ao ser chamados pela, prof. e suporte do atendente, forma voltando para perto da professora com abraços, brincando e gritando;
- Prof. “vamos dançar”, música 1, começa a se mexer dando ênfase dizendo e fazendo o movimento que pede a música, a turma segue acompanhado imitando, em seguida começa a música 4, prof. “vamos dançar como canguru – passinhos curtos, braços em juntinho ao corpo e pra frente;
- **1ª – Variação**
- Prof. “vamos imitar animais” Daniel sai em passinhos curtos e a turma segue atrás; Pedro passa na frente pulandinho e a turma continua seguindo;
- Prof. “um gatinho 4 apoios miau-mil”, música 5, prof. “o balão vai subindo, mãos pra cima – Pedro começar rodar, prof. chega perto “Pedro pega no braço e traz de volta para o movimento junto a turma”;
- Daniel “assim” sair mexendo braços nas laterais “passarinho” para cima e para baixo em volta da mesa de tênis;

- Michele – sai com um pé levantado estendido na frente e fazendo pulinhos e demais acompanha;
 - Pedro – chama e sai dançando em direção ao banco de equilíbrio e passar por cima, os demais acompanha, passa novamente andando de costa, Dani passa andando de lado, girando ao final salta;
 - João M. – passa pelo banco a primeira vez com suporte e depois continua sozinho;
 - Pedro sai do banco correndo e sobem na arquibancada Daniel e Michele o segue, prof. e João ficam dançado embaixo, faz gestos e diz “aqui descem aqui e mostra junto comigo) todos descem e andam atrás da prof.
 - Prof. “vamos pular fogueira” coloca um pano vermelho no chão (fogueira), Pedro vem e pula demais o segue; prof. “cuidado para não se queimar”, sequência;
 - Prof. orienta e mostra – parada em frente a fogueira “pular com os dois pés juntos; (todos apresentaram dificuldades e começaram a dispersar da tarefa,
 - Prof. traz de volta começam a inventar maneiras diferente de passar pela fogueira), Daniel passa virando cambalhotas (mão no chão e joga as pernas por cima das fogueiras” e demais dispersa;
 - Prof. “vamos treinar para jogar bolinha na boca do palhaço” várias bolinhas em uma bacia, pegar e jogar dentro de um balde;
 - Uma bacia no centro, cada aluno com seu bambolê em um tecido, com bolinhas dentro, Prof. “presta atenção, explicar e mostra como é para fazer”, cada aluno juto ao bambolê com bolinhas ao sinal, pega a bolinha e joga dentro da bacia;
 - Quando todos estiverem jogados todas a bolinhas, retira a bolinha da bacia e coloca no bambolê de volta.
- ✚ Foi necessário deixar um tempo da aula para pular na cama elástica e nessa espera, dois alunos começam a brincar de pega-pega e esconde-esconde embaixo das mesas, foi quando um deles se recusou em brincar mais, o outro o empurrou, caiu e o choro começou, o desconforto entre toda turma foi inevitável e todos se dispersaram pela quadra; uma coleguinha muito preocupada com o coleguinha que caiu, enquanto outro colega foi pra cima tirar satisfação com quem empurrou;
 - ✚ Prof. verificou se estava machucado fez o acolhimento, na sequência foi conversar com o aluno que empurrou, estava correndo, recusava parar para conversar;
 - ✚ Prof. senta chama toda turma para conversar, e esperar o aluno que empurrou parar correr;
 - ✚ Atendente trouxe o aluno junto a turma, prof. acolheu;
 - ✚ Explicou a necessidade do respeito quando o colega não quer brincar, não pode bater, empurrar, isso pode machucar, prof. “é certo fazer isso” os demais colegas responderam que não;
 - ✚ Explicou também que os colegas não podem sair querendo bater só porque aconteceu algo, é preciso conversar, foi quando a prof. perguntou “você concordam” responderam que sim;
 - ✚ Quem empurrou não queria pedir desculpas e o que caiu não queria aceitar – foi dado um tempinho junto com a turma e logo se entenderam, os dois por si só se entenderam e saíram de mãos dadas de volta para sala de aula.

Ausente

Eder e Guilherme

Imagens da realização das tarefas



Turma: B

Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª – 6ª

Aula: 2


Local: QP


Recursos pedagógicos: caixa de som, bambolês, bolinhas, tecidos, músicas: 1, 4, 5, 6, etc.

Como foram realizadas as tarefas – ginástica e dança

1ª – Tarefa – Professora

- Receber a turma na QP;
- *Check-in* – tempo de interação livre com ambiente e colegas, prof. e atendente;
- Relembrar as tarefas da aula passada.
- *Check-in* – chegaram e ficaram sentados na arquibancada conversando;
- Não foi possível realizar as tarefas com música (muita chuva, muito barulho na quadra);
- Um aluno de outra turma participando da aula;
- Prof. levanta e começa a balançar os braços, andar em diferentes movimentos e posicionamentos do corpo é orientando para fazer igual; em pé de frente para a turma, alonga membros superiores e inferiores;

<ul style="list-style-type: none"> ○ Senta de frente para a turma e continua alongando, nomeando lados, exigindo o suporte do atendente para 3 alunos (dificuldades de lateralidade); ○ Com a bola dentro de uma rede, presa em um barbante e pendurada, rebater a bola em movimento (deslocamento); ○ Rodízio de lugar, de bola e de raquete, ○ Cada dupla foi jogar na mesa em que mais se adaptava, e com seus próprios combinados. 			
Observações: <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª – Tarefa: acolhimento, percebe-se que estão bem; segurança no ambiente; ✚ Lembraram das tarefas da aula anterior; ✚ 1ª-Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, orientação espacial, tempo, ritmo, altura, distância, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Com o barulho da chuva ficou muito difícil a comunicação na quadra; ✚ Prof. agradece e elogia, e até a próxima aula, outra turma já esperando na porta para entrar. 			
Ausente		Ellen e Luiz G, Walter foi transferido para o Ensino Regular	
Imagens da realização das tarefas			
			
Turma: C		EJA	
		Aula: 2	
		Local: QP	
Recursos pedagógicos: caixa de som, bambolês, bolinhas, tecidos; Músicas: <u>1</u> , <u>4</u> , <u>5</u> , <u>6</u> , etc.			
Como foram realizadas as tarefas – ginástica e dança			
1ª – Tarefa – Professora <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – chegaram e ficaram sentados na arquibancada, uns quietinhos outras(os) conversando, prof. pergunta como estão, 4 respondem que “bem”, os demais falaram nada; ○ Prof. convida para fazer uma roda e foram se auto-organizando, começando a dançar a música <u>1</u>. Todas(os) participam realizando o que a música pede; ○ 1ª – Variação ○ Prof. coloca música <u>4</u> e na sequência <u>6</u> que a “vamos fazer uma grande roda” todas(os) se auto-organizam, um pegando nas mãos dos outros; prof. “vamos fechar a roda, abriu”. ○ Prof. “um vai ao centro e dança, nós vamos imitar” todas(os), realizaram a tarefa proposta; ○ Prof. “vamos treinar para atividade boca do palhaço”, mostra e explica, pegando o bambolê com tecido amarrado e bolinhas dentro, levando até a mesa e jogando para derrubar os pinos em cima da mesa de tênis; ○ Todos arremessaram dentro do bambolê segurado pelo atendente; ○ Prof. “agora correr, pular a fogueira (pano vermelho) passar pela tabua de equilíbrio, voltar correndo e ficar atrás na fila” enquanto explica o atendente faz o percurso da tarefa; 			
Observações: <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª – Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente, ✚ 1ª – Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, orientação espacial, tempo, ritmo, altura, distância, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ No momento de arremessar as bolas nos pinos – todas(os) colaboraram apanhando as bolas que caíram no chão, entregando-as para a(o) colega; ✚ Todos participaram das tarefas propostas e colaboraram na organização do material; ✚ Professora agradece e elogia, dizendo que todos estão de parabéns, até a próxima aula. 			
Ausente		Tatiane	
Imagens da realização das tarefas			

			
Turma: D	EJA	Aula: 2	Local: QP
Recursos pedagógicos: Caixa de som, bambolês, bolinhas, tecidos. ✓ Músicas: <u>1</u> , <u>4</u> e <u>6</u>			
Como foram realizadas as tarefas - ginástica e dança			
<p>1ª Tarefa - professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Receber a turma na QP; ○ <i>Check-in</i> – tempo de interação livre com ambiente, colegas, prof. e atendente; ○ Lembrar as tarefas da aula passada; ○ <i>Check-in</i> – chegaram e ficaram sentados na arquibancada; ○ Prof. “tudo bem”, manifestaram que sim, “vamos dançar” começar em pares com a prof. e atendente passando por todas(os); <p>1ª – Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. de frente para a turma “vamos dançar e fazer estátua” todos realizaram os movimentos da música <u>3</u>, e, imitando a estátua da professora (dançar, parar, bater palma, pular, mão na cabeça, mão na barriga, sentar) ○ De frente para a turma sentada prof. explica e mostra: pegar bolinha colocar dentro do pano amarrado no bambolê, em dupla levar até a mesa e jogar no alvo (pinos); ○ Prof. “vamos pular fogueira” mostra a fogueira (pano vermelho), vai até o banco de equilíbrio, passa por cima, volta ao ponto de saída; ○ Aluna Luciana cadeirante: realizou o circuito na cadeira e a tabua de equilíbrio ficou entre as rodas grandes de trás e as pequenas da frente levantadas, orientando a aluna que estava passando por cima, o corpo em posição diferente elevada e inclinado para trás; ○ Turma sentada na arquibancada, atendente de frente para a turma explica e mostra com realizar a tarefa; ○ Cada aluna(o) com duas bolinhas, jogar a bolinha, acertar e derrubar os pinos.????? 			
Observações:			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª – Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Mariana chegou chateada, não aceitou sair da cadeira de rodas, realizou a primeira tarefa na cadeira, na segunda aceitou realizar só com suporte da professora, aos poucos foi se soltando e realizou todas fora da cadeira de rodas, (final da aula prof. pergunta para o atendente que acompanha Mariana no transporte escolar conta que “ficou chateada com a troca do motorista da rota escolar, gosta dele”); ✚ 1ª – Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, orientação espacial, tempo, ritmo, altura, distância, instigação para autonomia de criação; ✚ Aluno Gabriel com frequência se distancia da turma se envolvendo com outros objetos e espaços da quadra; ✚ É complexo pois nem sempre a internet está estável, toma muito tempo da aula (neste dia 10 minutos), todas as turmas são divididas em duas: alunos que vem todos os dias e os que vem em cronograma, portanto é necessário abrir duas ou três vezes a plataforma para registrar duas vezes ou três vezes o mesmo conteúdo, quase sempre a chamada não é realizada durante a aula; ✚ Todos participaram das tarefas propostas, colaboraram na organização da sala; ✚ Prof. elogia e agradece “até a próxima aula”, Zenobio “obrigada professora Benedita”, Suzana corre dar abraço. 			
Ausente		Adelar	
Imagens da realização das tarefas			



Turma: A	Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª	Aula: 3	Local: SEFA
----------	-------------------------------------	---------	-------------

Recursos pedagógicos: data *Show*, caixa de som, jogo de bocha, música 1, vídeos 2, 3, etc.

Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes

1ª – Tarefa

- ✓ Receber a turma na SEFA;
- ✓ *Check-in* – tempo de interação livre com ambiente e colegas, prof. atendente;
- ✓ Apresentar os conteúdos novos: bocha adaptada e Jogos e Brincadeiras se Matrizes Indígenas.

1ª – Tarefa - professora

- *Check-in* – andaram pela sala, pegaram objetos, aproximaram da prof.;
- Prof. “cadê a roda, vamos fazer, pegar na mão”, auto-organizam e dançam a música 1; prof. vai para a roda pronta “dançando” e começa a movimentar, dando ênfase ao que a música pede – pergunta “tudo bem com vocês”? responde juntos “tuuudo”.

1ª – Variação

- Prof. “vamos sentar e mostra o tatame” imediatamente cada um escolhe o seu lugar e senta;
- Terminou o vídeo 1, prof. senta junto na roda, “qual brincadeira mais gostaram” Daniel, gavião, Michele mostra batendo braça – galinha, João bate palma, Eder gavião,
- Prof. colocou vídeo 2 e 3, todos permaneceram sentados e assistindo, ao terminar pergunta “como joga”, cada um respondeu falando, mostrando a sua maneira como joga a bolinha;
- Levantaram rapidinho pulando e dizendo “ecccc” Eder pega a peteca e começa a bater e na sequência Daniel e João chega para brincar juntos;
- Daniel pega mais uma peteca, junto com Eder um jogar para o outro a sua peteca, joga e tenta pegar simultaneamente; João fica do lado observando e batendo palma;
- Prof. se alunos se auto-organizam em rodas, pega várias petecas, diz o nome e bate para pegar e devolver para a prof.;
- prof. “vamos guardar o material usado na brincadeira (cada um ajudou fazendo uma coisa);
- Prof. entrega uma bola colorida Michele diz “circo” e todos começam a jogar para cima e pegar a bola;
- Auto-organização sentado na cadeira cada um segurando duas bolas (time azul prof. Michele e Eder, time vermelho atendente Daniel e João), irão jogar e acertar a bola branca;
- Prof. “esperar a vez de jogar diz, eu digo quem joga, se jogar antes vai buscar”;
- Quando todas as bolas foram jogadas cada uma busca a sua na cor que está jogando – quem pega a bola branca começa jogando;
- Juntos foram até a bola branca para observar qual bola colorida está mais próxima prof. pergunta “qual bola está mais próxima” Daniel responde vermelha – prof. pergunta “concordam” “simmm” respondem,
- Assim se repetiu partida partidas.

Observações:

- ✚ 1ª – **Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem; segurança no ambiente;
- ✚ 1ª – **Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar e de jogar a bola, como realizar os movimentos do elemento do bocha arremessar, instigação para autonomia de criação;
- ✚ Nos momentos de transição de atividade, percebe-se tentativas dispersão da turma, quando são chamados, buscado para a tarefa engajaram e a aula continua;
- ✚ Todos participaram das tarefas propostas, colaboram para guardar o material;
- ✚ Prof. elogia agradece e até a próxima aula – recebe abraço da Michele.

Ausente	Guilherme
---------	-----------

Imagens da realização das tarefas



Turma: B	Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª	Aula: 3	Local: SEFA
----------	-------------------------------------	---------	-------------

Recursos pedagógicos: data Show, caixa de som, jogo de bocha, música 1, vídeo 3, etc.

Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes

1ª – Tarefa – professora

- Recebidas(os) no auditório – choveu, a sala de Ed. Física estava molhada;
- *Check-in* – chegaram e sentaram nas cadeiras, quietos;
- O som não funcionou, prof. cantou e na sequência pediu para tirarem as tocas e cantar junto (seja bem-vindo lelê, seja bem-vindo Lala, paz amor para você que veio participar); repete e diz, brincar, dançar, etc., e faz alongamento membros superiores;

1ª – Variação

- Som arrumado – prof. “vamos dançar” e começa auto-organizam em roda dançam música 1;
- Prof. fala sobre o conteúdo novo “vocês conhecem a bocha adaptada”, ninguém responde; coloca o vídeo 3; assistiram atentos;
- Prof. sentada de frente para a turma vai mostrando na tela imagens e elementos do jogo, de jogadores, material da arbitragem, perguntando o que é, à medida que vão respondendo, perguntando, tendo dúvidas a prof. vai respondendo e mostrando como cada jogador se adapta para jogar;
- Prof. entrega uma bola para cada aluna(o), diz o material, como é feito, e pede para manusear e sentir; jogam a bolinha de uma mão para outra;
- Prof. “vamos jogar” em duplas sentados no chão um de frente para outro com uma bola no chão entre a dupla;
- Prof. diz: “1 vocês batem uma palma, 2 duas palmas, bola tem que pegar a bola”;
- Gabriel “vamos fazer correndo” a turma concorda, prof. “em duplas, 1 bola, um de cada dupla parede fica parado na parede de frente para a bola no centro e no chão, ao meu sinal corre e pega a bola”
- Repete a tarefa ficando de costa para a bola no centro;
- Sentadas(os) de frete para bola no centro;
- Sentadas(os) de costa para a bola no centro;
- Em pé pegar diferentes objetos os pés;

Observações:


- ✚ **1ª – Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Não conheciam a música ficaram perdido nos movimentos, mas tentaram acompanhar os movimentos da a prof.;
- ✚ **1ª – Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: segurança no ambiente, engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos do bocha, arremessar, permanecer sentado, a vez de esperar, de jogar a bola, distinção e identificação da própria equipe pelas cores vermelha e azul, quando entrar na quadra, como contar a pontuação, instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Ficaram bastante curiosos no jogo, nas tarefas práticas realizadas com muita alegria;
- ✚ Final da aula prof. fez a reflexão da importância de conhecer seu corpo, saber usar as próprias habilidades para fazer as tarefas do dia a dia de diversas maneiras;
- ✚ Todos participaram das tarefas propostas, colaboram na organização da sala;
- ✚ Prof. agradeceu elogiou a participação, e até a próxima aula;

Ausentes


Valter e Luiz G.


Imagens da realização das tarefas



Turma: C	EJA	Aula: 3	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: Data <i>Show</i> , caixa de som, jogo de bocha, <u>música 1</u> ; vídeos <u>2</u> , <u>3</u> , etc.			
Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes			
<p>1ª – Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Choveu, a sala de Ed. Física estava molhada; ○ <i>Check-in</i> – foram recebidas(os) pelo professora Gilmar e ficando na roda, dançamos a <u>música 1</u>, se apresentaram dizendo o nome e onde moram (cidade e interior), alguns comentaram o que fizeram nas férias; <p>1ª – Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. apresenta o conteúdo novo pergunta “conhecem o jogo bocha adaptada” Divonzir “Antônio joga” prof. confirma dizendo que ele é o atleta que representa a escola nos jogos; ○ Prof. sentada de frente para turma coloca o <u>vídeo 3</u>, quando termina pergunta “o que entenderam”, cada um respondeu algo que entendeu; ○ Prof. mostra na tele as imagens dos elementos do jogo, de jogadores; material da arbitragem, perguntando o que é, à medida que vão respondendo, perguntando, tendo dúvidas a prof. vai respondendo e mostrando como cada jogador se adapta para jogar; ○ Prof. explica como é identificado a vez de quem pode jogar, mostrando como são os gestos da arbitragem; ○ Prof. entrega uma bola vermelha e uma azul, para cada aluna(o), diz para sentir perguntando “é dura, pesada, áspera, leve”; ○ Identifica as cores e diz “quando eu dizer a cor vocês levantam a bola lá em cima “vermelha, azul, repete três vezes para cada cor); ○ Prof. pede para colocar as duas bolas no colo “quando eu dize 1 bate uma palma, 2 bate duas palmas, 3 bate na perna três vezes; bola pega a bola”; ○ Prof. “vamos jogar” em duplas sentados no chão um de frente para outro com uma bola no chão entre a dupla; ○ Prof. diz: “1 vocês batem uma palma, 2 bate duas palmas, bolinha tem que pegar a bolinha”; ○ Prof. “em duplas, 1 bola, um de cada dupla parede fica parado na parede de frente para a bola no centro e no chão, ao meu sinal corre e pega a bola” 			
<p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> 🚩 1ª - Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente 🚩 A presença do professor Gilmar não inibiu a realização das tarefas; 🚩 1ª - Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos do bocha, arremessar, permanecer sentado, a vez de esperar, de jogar a bola, distinção e identificação da própria equipe pelas cores vermelha e azul, quando entrar na quadra, como contar a pontuação, instigação para a autonomia de criação; 🚩 Ficaram bastante atentos durante o vídeo, responderam e fizeram perguntas; 🚩 Final da aula prof. fez a reflexão da importância de conhecer seu corpo, saber usar as próprias habilidades para fazer as tarefas do dia a dia de diversas maneiras; 🚩 Todos participaram das tarefas propostas, colaboram na organização da sala; 🚩 Prof. agradeceu elogiou a participação, e até a próxima aula; 			
Ausentes		Jonas, Tatiane	
Imagens da realização das tarefas			
			

(Continuação)

Turma: D	EJA	Aula: 3	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: Data Show, caixa de som, jogo de bocha, <u>música 1</u> ; vídeos <u>2</u> , <u>3</u> , etc.			
Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes			
<p>1ª – Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Choveu, a sala de Ed. Física estava molhada; ○ <i>Check-in</i> – foram recebidas(os) pelo prof. Gilmar na roda em pé, dançaram a <u>música 1</u>, se apresentaram dizendo o nome; ○ A turma colocada sentada nas cadeiras com suporte e seguranças; <p>1ª – Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. apresenta o conteúdo novo que vai começar, coloca o <u>vídeo 3</u>, assistem atentos, prof. sentada de frente para turma, vai mostrando na tela imagens de elementos do jogo, imagens de jogadores, material da arbitragem, perguntando o que é, à medida que vão respondendo, perguntando, tendo dúvidas a prof. vai respondendo e mostrando como cada jogador se adapta para jogar; ○ Prof. explica como é identificado a vez em que pode jogar mostrando como o arbitro faz; ○ Prof. entrega uma bolinha, para cada aluna(o), “sente como é a bolinha é dura, pesada, áspera, leve, identifica as cores”; ○ Prof. pede para colocar a bolinha no colo, e diz “atenção, mão em cima e levanta a mão, mão na perna, coloca mão na perna, palma bate uma vez, bolinha pega a bolinha ou coloca a mão na bolinha, como conseguir”; ○ Nas cadeiras prof. entrega duas bolinhas, uma azul e uma vermelha, prof. “primeiro joga a bolinha vermelha depois a branca para ficar perto da bola branca – mostra onde está a bolinha branca dizendo “vou ficar aqui, joga no meu pé a bolinha””; quando terminam de jogar “qual cor está mais perto da bolinha branca” aleatoriamente respondem a cor”; ○ Repete a tarefa, “bolinha de quem ficou mais perto da bola branca” – todos levantaram a mão; ○ Prof. “regra diferente, agora a bolinha não precisa ficar perto da bolinha branca é só bater” mostra e fica perto da bolinha branca dizendo onde está, quem joga e a cor da bolinha ser jogada. 			
<p>Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª – Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Luciana estava agitada, resistente em realizar as tarefas como era solicitada, fazia, mas do seu jeito, falando o tempo todo, foi possível perceber o comportamento causado pela presença do prof. Gilmar; 1ª – Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos do bocha, arremessar, permanecer sentado, a vez de esperar, de jogar a bola, distinção e identificação da própria equipe pelas cores vermelha e azul, quando entrar na quadra, como contar a pontuação, instigação para a autonomia de criação; ✚ Todos participaram das tarefas propostas, colaboram na organização do material guardando as bolinhas no saco; ✚ Professora elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula. 			
Ausente		Adelar	
Imagens da realização das tarefas			
			
Turma: A	Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª	Aula: 4	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: data Show, caixa de som, jogo de bocha, <u>música 1</u> , vídeos <u>1</u> , <u>2</u> , <u>3</u> , etc.			
Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes			
<p>1ª – Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – andaram pela sala, pegaram objetos, aproximaram da prof. que acolhe com abraço, pergunta se estão bem; ○ Prof. orienta para a auto-organização em roda e pegar nas mãos e vai para a roda pronta; e diz “dançando” <u>música 1</u> e começa a movimentar, dando ênfase ao que pede a música, ○ Prof. “quem lembra o que fizemos na aula passada?”, “brincamos respondeu Eder” <p>1ª – Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. orienta e mostra “senta no tatame”, senta junto, “vamos assistir vídeo, ao término do <u>vídeo 1</u>, “qual 			

<p>brincadeira mais gostou”; Eder e Daniel do gavião, Michele galinha, João bate palmas sorrindo;</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Assistem o vídeo 2 e 3, termino prof. “como se joga” todos mostram o movimento de jogar a bolinhas Daniel “joga bem longe”. ○ Prof. “vamos jogar” com várias petecas não mãos, diz o nome bate na peteca para em direção para que consiga pegar; ○ Prof. organiza em duplas, orienta mostrando, “jogar para o colega e pegar” ○ Daniel tem iniciativa de trocar de dupla – prof. reorganiza as duplas e orienta para continuar jogando com a dupla nova,” jogar com pouca força para não machucar o colega”; ○ Prof. entrega a bolinhas “vamos jogar para cima e pegar a bolinha sem deixar cair”, ○ Sequência – com uma mão joga a bolinha para outra mão, “pouquinho de força para não cair” ○ Sentados nas cadeiras cada um com duas bolinhas coloridas, “quando a prof. dizer o nome joga para acertar a bolinha branca, só quando todos terminar, busca a bolinhas” ○ todos levantam e busca a sua bolinha e volta sentar; 			
<p>Observações</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª variação: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Daniel insiste em ir no computador assistir filme da formiga – desenho da sorte “diz ele”, prof. explica “nesse momento o vídeo é este, assistir, formiga é na casa”; ✚ 1ª Variação: Eder pegou a bola de bocha e começou a chutar, prof. “não é de chutar e venha aqui”; ✚ Os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: segurança no ambiente, engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos do bocha, arremessar, permanecer sentado, a vez de esperar, de jogar a bola, distinção e identificação da própria equipe pelas cores vermelha e azul, quando entrar na quadra, como contar a pontuação, instigação para a autonomia de criação; ✚ Na medida que as necessidades foram surgindo os suportes foram sendo inseridos: jogar com mais e menos força, direcionamento, esperar a vez de jogar, a cor da bolinha ser jogada; ✚ Todos participaram das tarefas propostas, colaboram na organização da sala; ✚ Professora elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula. 			
Ausentes		Guilherme e Pedro	
Imagem da realização das tarefas			
			
Aula: B	Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª	Aula: 4	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: Caixa de som, jogo de bocha, <u>música 1</u> , etc.			
Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes			
Como foram realizadas			
<p>1ª – Tarefa</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – na sala SEFA, se auto-organizaram sentados nas cadeiras em meia lua; ○ Prof. “lembram da aula anterior” Luiz R. e Gabriel balança cabeça que sim; <p>1ª – Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. entrega duas bolinhas para cada um, senta de frente para a turma segura uma bolinha em cada mão e levanta os braços apertando a bolinhas, “vamos sentir as bolinhas” ○ Seguram uma bolinha entre as duas mãos, deslizando a bolinha entre, mas mãos para frente e para atrás, orientando posição de braço e mão de várias maneiras de realizar; joga a bola para cima e pegar, joga de uma mão para a outra, não pode cair; ○ Prof. “vamos jogar” divide em duas equipes a turma, azul e vermelha, Gabriel e Luiz tiram no par ou ímpar; para ver quem começa jogando; ○ Prof. orienta sobre o momento de colocar força no braço, de jogar para tirar a bolinha da outra equipe, de jogar perto da bola branca, tirar a bolinha da outra cor de perto da bola branca, jogar a bolinha por cima, jogar rolando pelo chão, contar a pontuação; 			
<p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª - Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Todas(os) lembrar de algo da aula anterior; 			


<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª - Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: segurança no ambiente, engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos do bocha, arremessar, permanecer sentado, a vez de esperar, de jogar a bola, distinção e identificação da própria equipe pelas cores vermelha e azul, quando entrar na quadra, como contar a pontuação, instigação para a autonomia de criação; ✚ Durante a chamada brincaram com o atendente de morto e vivo; ✚ Todos participaram das tarefas propostas, colaboram na organização da sala; ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula. 			
Ausente		Luiz G.	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: C	EJA	Aula: 4	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: Caixa de som, jogo de bocha, <u>música 1</u> , etc.			
Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes			
<p>1ª – Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Improviso - Música 7 ○ Receber a turma na SEFA; ○ Check-in – chegaram se auto-organizaram sentados, todos muito quietos; Vanessa diz que está com preguiça, prof. “chega de preguiça, vamos ficar espertas, vamos dançar mexer o corpo, vou colocar uma música para mandar embora essa preguiça”; ○ Prof. “façam uma roda” e prepara as músicas “como estão” manifestam que estão bem, coloca <u>música 1</u> e na sequência <u>3</u>, “vamos dançar” e começa e a turma segue; ○ Sentados em roda segurando uma bola, prof. orienta para jogar a bolinha para cima e pegar, sem deixar cair no chão; ○ Passar de uma mão para a outra jogando a bola; baixinho e depois mais alto; ○ Prof. entrega mais uma bola duas bolas para cada aluna(o) “vamos sentar, estender as pernas juntas lá na frente, coloca a bola nas pernas, vai rolar até os pés, segura as pernas, não deixa cair, agora tenta pegar, cuidado não pode cair” ○ Prof. “vou jogar a bola branca no centro da roda, depois vocês jogam a bola para acertar na branca” após todas(os) jogarem vão buscar a sua bola não pode pegar a do colega é a sua”; ○ Sequência “abaixar o tronco na frente jogar uma bolinha rente ao chão rolando”, a outra bola jogar por cima para acertar a bolinha branca; ○ Repete – jogar bola rolando com a mão direita e depois com a esquerda; ○ Prof. divide a turma em duas equipes vermelha e azul, quem joga sentada, a outra em pé atrás dos sentados um do lado do outro, “agora o jogo é em equipe, vamos ver quem coloca mais bola azul ou vermelha perto da bola branca; ○ Segunda rodada Divonzir e Alais tira par ou ímpar para começar o jogo, prof. pergunta “quem ganhou” – Alais – vermelho começa; ○ Todos jogaram e prof. pergunta – “qual bolinha colorida está mais perto da bolinha branca”? 			
Observações:			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª - Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está apática, pouca fala, segurança no ambiente; ✚ Após a <u>música 3</u>, a turma toda ficou animada; ✚ 1ª -Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: segurança no ambiente, engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos do bocha, arremessar, permanecer sentado, a vez de esperar, de jogar a bola, distinção e identificação da própria equipe pelas cores vermelha e azul, quando entrar na quadra, como contar a pontuação, instigação para a autonomia de criação; ✚ Jonas saiu antes, participou apenas da primeira tarefa; ✚ Todas(os) participaram das tarefas e colaboram na organização da sala; ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula. 			
Ausente		João M., Tatiane	

Imagem da realização das tarefas



Turma: D

Conteúdo: bocha adaptada

Aula: 4

Local: SEFA

Recursos pedagógicos: Data Show, caixa de som, jogo de bocha, música 1, etc.

Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes

1ª – Tarefa – professora

- Check-in – turma sentada em meia lua; prof. pergunta “como estão”; enquanto a conversa acontece prof. e atendente fazem a demarcação da quadra,
- Prof. pergunta se lembram do jogo de bocha, Zenóbio diz “bocha”,

(Continuação)

1ª – Variação

- Prof. entrega duas bolas senta na frente da turma “segura, deixar no colo, não pode cair, levantar os braços bem no alto, braços na frente bater palmas; abrir e fechar as mãos, levanta a perna, deixar lá na frente estendidas, quem precisar segura na cadeira; mãos em cima da cabeça, abrir os braços na lateral;
- Prof. “vamos jogar em duas equipes, uma azul outra vermelha”, deixa a bola branca no chão, e diz “Mariana começa jogando, eu digo quem joga”; vai indicando quem joga;
- Quando toda turma joga as bolas Suzana pega e devolve para (as)os colegas;
- Prof. mostra e diz quais são as bolas que estão mais próximas a bola banca informando qual equipe fez mais pontos;

Observações:

- ✚ **1ª – Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Manifestaram lembranças da aula anterior; sem som, a dança, foi trocado por alongamento;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: segurança no ambiente, engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos do bocha, arremessar, permanecer sentado, a vez de esperar, de jogar a bola, distinção e identificação da própria equipe pelas cores vermelha e azul, quando entrar na quadra, como contar a pontuação, instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Mariana levanta da cadeira e fica em pé sozinha se direciona para buscar a sua bola, com incentivo e suporte da prof. dá seis passos sem apoio físico; em seguida prof. dá suporte para pegar a bola, toda turma ficou eufórica feliz com o acontecimento, Jean e Lucina disseram parabéns Mariana;
- ✚ Todas(os) realizaram as tarefas propostas com suportes;
- ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula.

Ausente

Adelar

Imagem da realização das tarefas



Aula: A

Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª

Aula: 5

Local: SEFA

Recursos pedagógicos: data show, caixa de som, jogo de bolas do bocha, música 1.


Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes

Observações

- ✚ Neste dia, o atendente que dava o suporte na gravação e com a turma, faltou, todos os alunos presentes na

<p>aula e mais dois alunos de uma outra turma, a professora também faltou;</p> <p>✚ Não foi possível gravar a aula sem o suporte do atendente que já sabia da dinâmica da aula;</p> <p>✚ As tarefas neste dia foram livres e a prof. mediando a criação individual e interação entre alunas(os).</p>			
Turma: B	Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª	Aula: 5	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: Caixa de som, jogo de bocha, música 1, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes			
<p>1ª – Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Improviso - Música 7 ○ <i>Check-in</i> – chegaram na sala, sentaram e Luiz G. fica explicando como se joga o bocha; ○ Luiz R. diz que está com preguiça – prof. “vou por uma música para mandar ir embora a sua preguiça, coloca a <u>música 2</u> e chama a turma para dançar; pergunta quem se lembra da aula anterior – Luiz G. “jogamos bocha”; ○ Prof. “estão bem” respondem que sim; nota ausência da Ellen, Carine responde “está doente”; <p>1ª – Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “hoje vocês vão jogar, ser árbitro e anotador, vou colocar as iniciais dos nomes de vocês, na hora do jogo vocês marcam o jogo do colega, arbitro faz sorteio e orienta o jogo, anotador marcar os pontos/súmula, quem não joga assiste e ajuda pegando as bolas e entrega para jogadoras(es), as bolas não podem sair da quadra – mostra a delimitação, bola que vai fora é bola perdida, cuidado na hora de jogar ○ Gabriel – Arbitro coloca as bolas de jogo na quadra e organiza o jogo, Carine e Luiz G. – jogam, Luiz R. – súmula; ○ Prof. “lembram como joga” ficaram quietos, “vamos jogar eu explico quando tiver dúvidas”; ○ Prof. “joga três vezes com o mesmo colega, soma os três jogos para ver a quantidade de pontos no final, os pontos são as bolas que estão perto da bola branca”; ○ Gabriel - faz o sorteio de quem sai jogando com a bola branca – segurando a bolinha atrás do corpo e pede para escolher a mão, quem acertar a mão que segura a bola branca começa jogando, usa 1 tampa vermelha e 1 tampa azul para mostrar quem joga; ○ Ao termino da primeira rodada, junto com a prof. verificam a pontuação; ○ Os dois com maior pontuação jogam juntos e os dois com menos pontos jogam juntos. ○ No final da aula junto com a prof. verificam juntos os resultados, prof. “quem fez mais pontos”; “eu” respondeu Luiz R., “quem fez menos” Carine “eu”; 			
<p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª -Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Luiz G. diz para prof. pergunta para o Luiz R. como está – Prof. “você pode perguntar direto para ele” imediatamente ele pergunta “como você está, você disse que estava com preguiça. Melhorou?” Luiz R. “estou bem”. ✚ 1ª-Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: segurança no ambiente, engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos do bocha, arremessar, permanecer sentado, a vez de esperar, de jogar a bola, distinção e identificação da sua bola de jogo, quando pode entrar na quadra, como contar a pontuação, instigação para a autonomia de criação; ✚ Todos passaram pelo rodízio “jogador, arbitro e anotador”; ✚ Luiz G. teve dificuldade de entender o processo da arbitragem, mas realizou com suporte da prof. ✚ Todos participaram das tarefas propostas, colaboram na organização da sala; ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula. 			
Ausentes		Ellen e Juliano	
Imagem da realização das tarefas			

(Continuação)

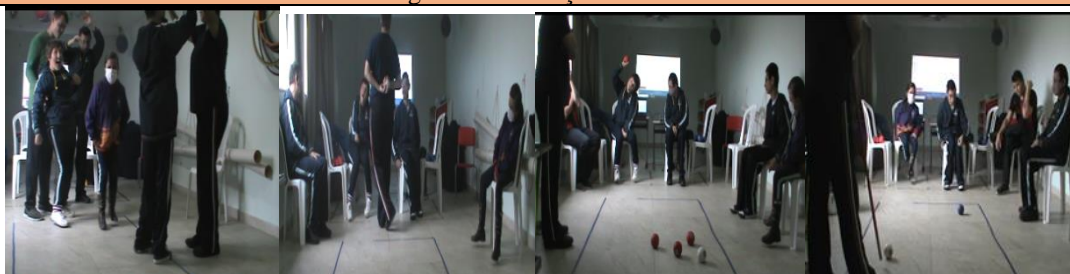
Aula: C	EJA	Aula: 5	Local: SEFA
<ul style="list-style-type: none"> ○ Recursos pedagógicos: Caixa de som, jogo de bocha, <u>música 1</u>, 8 - Paxuá e Paramim; Vídeo: 4. etc. 			
Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes			
<p>1ª – Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check in</i> – chegaram na sala prof. orienta para pegar cadeira, sentar de frente para o telão para assistir vídeo, enquanto isso continuam conversando e falando como estão; ○ Ao terminar a prof. diz que muitas danças e brincadeiras vieram dos povos indígenas e pergunta sobre o que o vídeo fala – respondem “tambor, da terra, da índia, da água, proteger a terra, animais, prof. convida para dançar e brincar a <u>música 8</u>; <p>1ª – variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “hoje vocês vão jogar, ser arbitro e anotador, vou colocar as iniciais dos nomes de vocês, na hora do jogo vocês marcam o jogo do colega, arbitro faz sorteio e orienta o jogo, anotador marcar os pontos/súmula, quem não joga assiste e ajuda pegando as bolas e entrega para jogadoras(es), as bolas não podem sair da quadra – mostra a delimitação, bola que vai fora é bola perdida, cuidado na hora de jogar”; ○ Prof. “lembram como joga” dois responderam que sim, “eu explico quando tiver dúvidas no momento do jogo”; ○ Prof. “quem fez mais pontos jogam juntos, quem fez menos jogam juntos”; ○ Alais e Jhon - começam jogando, Zélia e Divonzir de arbitragem, demais assiste e ajuda quando necessário a pegar e levar as bolas para quem joga; ○ Cada aluna(o) passou uma vez por cada etapa. 			
<p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª-Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Na reflexão sobre o vídeo manifestaram entendimento respondendo algo relacionado ao tema; ✚ 1ª-Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: segurança no ambiente, engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos do bocha, arremessar, permanecer sentado, a vez de esperar, de jogar a bola, distinção e identificação da própria equipe pelas cores vermelha e azul, quando entrar na quadra, como contar a pontuação, instigação para a autonomia de criação; ✚ Dificuldade de percepção quem fez mais ou menos pontos; ✚ Todos participaram das tarefas propostas, colaboram na organização da sala; ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula. 			
Ausentes		Jonas, Josenei e Tatiane	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: D	Conteúdo: bocha adaptada	Aula: 5	Local: SEFA
<p>Recursos pedagógicos: Data Show, caixa de som, jogo de bocha, <u>música 1</u>, etc.</p>			
Como foram realizadas as tarefas – bocha adaptada, brincadeiras e jogos de matrizes			
<p>1ª – Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – organizados e sentados nas cadeiras em meia lua; enquanto isso, conversa pergunta como estão chegando; ○ Luciana diz que está com preguiça – prof. diz que irá colocar uma música para dançar e a turma ficar esperta – <u>Musica 3</u>, após terminar a música Jean chega na sala, dançamos mais uma vez com ele; após a dança prof. pergunta “querem jogar bocha” manifestações que sim; <p>1ª – Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. coloca as bolinhas na quadra e pergunta para Jean, Zenobio e Mariana se estão vendo a delimitação da quadra, só a Mariana enxerga; ○ Mariana e Jean começa jogando – prof. faz o sorteio, escolha de braço para ver quem sai jogando, Mariana começa; ○ Cada dupla joga três jogos juntos, depois jogam entre quem fez mais e menos pontos; ○ Jogaram todos entre si; 			
<p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª-Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; 			

- ✚ Luciana que manifesta a preguiça após a dança, fica saltitante e diz “estou feliz professora”;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos do bocha, arremessar, permanecer sentado, a vez de esperar, de jogar a bola, distinção e identificação da própria equipe pelas cores vermelha e azul, quando entrar na quadra, como contar a pontuação, instigação para a autonomia de criação;
- ✚ As bolas foram colocadas na cadeira e ao lado de cada jogador, altura para que cada um pudesse pegar com autonomia;
- ✚ Dificuldade de percepção quem fez mais ou menos pontos;
- ✚ Todos participaram das tarefas propostas, Zenóbio e Suzana colaboram na organização da sala;
- ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula.

Ausente

Adelar

Imagem da realização das tarefas



Turma: A

Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª

Aula: 6

Local: SEFA

Recursos pedagógicos: data show, caixa de som, bolas diversas, música 2, vídeos 1, 2, 3, etc.

Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas

1ª – Tarefa – professora

- Check-in – recebeu a turma em sala de aula diferente, muita chuva, SEFA molhada, estava sozinha com a turma;
- Curiosos explorando a sala os objetos e conversando com a prof.

1ª – Variação

- Prof. “vamos dançar” e começa a pisar na cadência da música 2; “venham atrás de mim, observe meu pé, tente bater igual”;
- Em pares um de frente para o outro, imitar os movimentos cadenciados da prof.,
- Prof. coloca 4 bambolês no chão, Eder começa pular dentro e fora, Pedro e Michele imitam, prof. “vamos pular dentro e fora; na sequência;

(Continuação)

- Pedro da cadência no ritmo da música batendo um pé dentro e outro fora do bambolê e todos o acompanham;
- Prof. dentro do bambolê agachada “vamos ser pintinho, pintinho pula fora, pintinho pula dentro”;
- Michele pega a bola e mostra que quer jogar;
- Prof. “você lembram do vôlei sentado que assistimos” confirmam com a cabeça, “vamos jogar sentado” orienta para organização em duplas uma de frente para a outra, levantamos e continuamos em pé;

Observações:

- ✚ **1ª - Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Estavam curiosos perguntando o porquê da sala diferente, prof. explica o motivo;
- ✚ **1ª - Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção da cadência da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, percepção da cadência da batida música, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção; instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Todos participaram das tarefas propostas, colaboram na organização do material,
- ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula.

Ausentes

Guilherme, Miguel

Imagem da realização das tarefas



Turma: B	Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª	Aula: 6	Local: SEFA
----------	-------------------------------------	---------	-------------

Recursos pedagógicos: Data Show, caixa e som, vídeos 1, 2 e 3, música 1, bolas diversas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas

1ª – Tarefa – professora

- *Check-in* – orientou para auto-organização enquanto conversam, diz como estão;
- Vídeo 1 – Prof. pergunta “qual brincadeira mais gostaram” respostas: da galinha, do peixe, arranca mandioca e gavião;
- Vídeo 2 – Prof. “como joga vôlei, com o pé ou mão, o que divide a quadra, a bola passa por cima ou por baixo da rede” todas(os) responderam o que entendeu;
- Prof. pergunta “cadeirante também joga vôlei”, Gabriel e Luiz respondem “sim”, prof. “jogam como, é igual ou diferente da pessoa andante” sem respostas;
- Vídeo 3 - Luiz G. pergunta “são cadeirantes”, prof. “sim, cadeirantes, e altura da rede é a mesma de quem joga vôlei em pé” respondem é mais baixa, prof. “por isso adaptamos jogos brincadeiras, isso dá condições de que todas as pessoas participem das atividades”;

1ª – Variação

- Prof. “vamos jogar com peteca, como é o nome do jogo mesmo” Luiz “tô esquecido, é queimada” isso mesmo, imediatamente pegam as petecas e começam a jogar, enquanto a prof. organiza o espaço de jogo;
- Prof. divide a turma em duas equipes, mostra a quadra e o lado de cada equipe “vamos jogar cada equipe na sua quadra em roda, joga um para o outro não pode deixar cair”;
- Prof. “agora vamos bater na peteca para cair na quadra da outra equipe, sequência troca por 1 bola grande de plástico, coloca mais 2 bolas, e termina o jogo com 5 bolas em jogo e jogando em pé”;

(Continuação)

Observações:


- ✚ **1ª - Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Percebidos cochichos sobre as vestimentas prof. faz a reflexão “são culturas diferentes, alguns moram na cidade usam roupas, outros moram na floresta, é natural estarem sem roupa, existe o respeito na comunidade”, todas(os) participaram respondendo às perguntas e também fazendo perguntas;
- ✚ **1ª- Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção da cadência da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção; instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Todos(as) encontram a melhor posição do corpo para jogar sentado;
- ✚ Todos participaram das tarefas e colaboração na organização da sala;
- ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula.

Ausente

Luiz R.

Imagem da realização das tarefas



Turma: C	EJA	Aula: 6	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: data <i>show</i> , caixa e som, vídeos 1, 2 e 3, música 1, bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas			
<p>1ª – Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – prof. pergunta como estão chegando na aula, orienta para a auto-organização para assistir os vídeos, pediu para darem suporte a aluna Vanessa sentar, ninguém manifestou intenção de ajudar, Vanessa conseguiu se organizar deitando no chão na frente do telão, prof. “consegue enxergar Vanessa” sem resposta; ○ Vídeo 1 – Prof. “qual brincadeira mais gostaram” respostas: da galinha, do peixe, arranca mandioca e gavião; ○ Prof. fala sobre as origens de algumas brincadeiras virem dos povos indígenas e pergunta “qual brincadeira nós brincamos”, resposta “peteca, “o que mais” e o cabo de guerra brincamos” “sim” e o “pega-pega” “sim”; ○ Vídeo 2 – Prof. pergunta, quantas equipes jogam em quadra, quantos jogadores em quadra jogando, o que divide a quadra, “sem resposta”; ○ Prof. pergunta “cadeirante também joga vôlei”, “sim”, é igual ou diferente “diferente” responde Divonzir; ○ Vídeo 3 – Prof. pergunta “a rede de vôlei de quem joga sentado tem a mesma altura de quem joga em pé”, “não”, responde Divonzir e Zélia; ○ Prof. “vôlei joga com o pé ou com a mão”, “mão” responderam; <p>1ª – Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “vamos organizar a sala para o jogo, vamos dividir a turma em duas equipes” imediatamente começam a se auto-organizar e se dividirem; ○ Prof. “vamos começar jogando petecas e sentados, uma equipe para cada lado em círculo” entre uma peteca para cada equipe “vai bater na peteca para ela chegar até o colega sem deixar cair”; ○ Prof. “cada equipe na sua quadra uma de frente para a outra, entrega uma peteca para cada um, agora vamos bater na peteca para cair na quadra da outra equipe” ○ Troca as petecas por 1 bola grande de plástico, na sequência colocam mais 2 bolas, e termina o jogo com 5 bolas e jogando em pé; 			
<p>Observações</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª – Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Todos(as) assistiram atentamente os vídeos, na sequência de cada vídeo responderam às perguntas da prof. ✚ Prof. faz a reflexão “são vestimentas, culturas diferentes, alguns moram na cidade usam roupas, outros moram na floresta é natural estarem sem roupa, existe o respeito na comunidade”; ✚ 1ª Variações: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção da cadência da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção; instigação para a autonomia de criação; ✚ Todas(os) encontram a melhor posição do corpo para jogar sentado; ✚ Todas(os) participaram das tarefas e colaboração na organização da sala; ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula. 			
Ausente	Tatiane		
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: D	EJA	Aula: 6	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: data <i>show</i> , caixa de som, vídeos 1, 2 e 3, música 1, bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas			
<p>1ª – Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – organização em segurança na sala, enquanto isso a conversa e estimula a conversa entre a turma para saber como estão chegando na aula; ○ Prof. fala sobre as brincadeiras indígenas – aluna nova na turma diz “eu já fui visitar quando estudava em Coronel”, prof. diz que não conhece aluna nova” diz, meu nome é Benedita e o seu” “Elaine e conta que veio da APAE Guarapuava”; Luciana diz “seja bem seja e pede palmas para ela” a turma toda bate palmas; ○ Prof. “sabe o nome das(os) colegas” não soube responder”, nos apresentamos; 			

- Vídeo 1 – antes de perguntar “Elaine disse que gostou da brincadeira arranca mandioca, e demais concordaram dizendo que gostaram”;
 - Vídeo 2– prof. diz “joga com as mãos, bola passa por cima da rede e tem que fazer a bola cair na quadra da outra equipe, será que nós conseguimos jogar”, Zenóbio “na quadra”
 - Vídeo 3 – prof. “agora vamos ver o vídeo de vôlei sentado é para cadeirante, quem já viu esse jogo” “ninguém responde”; ao terminar pergunta “como joga o vôlei sentado” Elaine “assim e mostra o movimento do toque”;
- 1ª – Variação**
- Prof. entrega uma peteca para cada aluna(o) sentadas(os) no círculo, “vamos apertar, ver e sentir a peteca, jogar para chegar até o colega, pega e joga de volta;
 - Prof. “vamos trocar a peteca por bolas” coloca seis bolas grandes na sala para baterem livremente.

Observações:

- ✚ **1ª-Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Uma turma bastante falante, responde quando é perguntado “mas as respostas quase sempre são desconexas do assunto, são esforçadas(os) participativa, alegres;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção da cadencia da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção; instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Todas(os) encontram a melhor posição do corpo para jogar sentado;
- ✚ Dificuldades para bater e pegar a peteca;

(Continuação)

- ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; agradece e até a próxima aula.

Ausente

Adelar

Imagem da realização das tarefas



Turma: A

Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª

Aula: 7

Local: SEFA

Recursos pedagógicos: caixa de som, música 1, bolas diversas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas

1ª – Tarefa – professora



- *Check-in* – chegam na quadra, andam correm para lugares diferentes, aos poucos e com calma prof. e atendente trazem para o espaço de identificação da atividade, prof. de frente para turma, pergunta “quem lembra das brincadeiras que vimos no vídeo” Pedro “eu”;
- Prof. hoje vamos fazer a tarefa do pescador “eu vou ser a pescadora e vocês vão ser os “peixes respondem gritando pulando”;


1ª – Variação

- Prof. “atenção” orienta e mostra o espaço de delimitação do “rio, não pode sair deste espaço”; mostra a vara de pescar; diz “vou pescar corram”, todos saem correndo e gritando;
- Segurando a varinha irá fazer com a bola presa no barbante encoste no colega “peixinho”;
- Quem é pescado se torna pescador(a);
- Sequência, em dupla um de frente para o outro com uma bola grande dentro de uma rede, presa em um fio e pendurada entre a duplas, um joga para o outro;
- Em duplas dentro da quadra um de cada lado separados pela rede jogar e receber a bola por cima da rede;
- Começa com uma bola para as duas duplas, na sequência uma bola para cada dupla.

Observações

- ✚ **1ª-Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Estão eufóricos para começar a prática, mas prestam atenção na explicação;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção na cadencia da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Delimitação do espaço “rio” com cadeiras e barbantes, os acordos aos poucos foram sendo inseridos conforme

as necessidades;			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ Foi percebido que a perda do foco acontece no momento de transição de tarefas, enquanto prepara a atividade; ✚ Todos participaram das tarefas propostas com suporte da prof. e atendente; ✚ Prof. elogia diz que estão de parabéns; pergunta – gostaram da aula “simmm” agradece e até a próxima aula. 			
Ausente		Eder	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: B	Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª	Aula: 7	Local: QP
Recursos pedagógicos: caixa de som, <u>música 1</u> , bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas			
1ª – Tarefa – professora			
<ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – chegaram na quadra se espalharam cada um explorando um objeto diferente, conversando e pedindo para deixar objetos e vim para aula para perto da prof. que coloca a <u>música 1</u>, começa dançar e vai convidando para participar, auto-organizando uma roda em movimento marcando o ritmo da música batendo palmas, em pé, em círculo a prof. pergunta sobre as lembranças das atividades indígenas, prof. instiga mostrando o movimento para responderem qual atividade era; 			
1ª – Variação			
<ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “vamos ao centro da quadra, dentro círculo, vamos pescar” Luiz G. observa e diz “a gente é o peixe né” prof. “é o peixe” mostra a vara de pescar e explica “peixes dentro do círculo e mostra “rio”, não pode sair de dentro, só quem está pescando fica fora”; ○ Quando for pescado, sai de dentro do “rio” fica fora e passa ser pescador; ○ Foi ajustado o tamanho do fio “ficou menor”, passando o pescador ficar no centro do círculo e peixes em volta sem poder sair do “rio”, quando pescado vai para o centro ser pescador; ○ Prof. organiza em dupla um de frente para o outro com uma bola grande dentro de uma rede, presa em um fio e pendurada entre a duplas, um joga para o outro, fazendo o rodizio de parceria das duplas; ○ Em duplas dentro da quadra um de cada lado separados pela rede jogar e receber a bola por cima da rede; ○ Em círculo com a bola pendurada no centro, bater por baixo da bola para chegar até o colega; 			
Observações:			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª -Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Na chegada na quadra pegam as bolas adaptadas para as atividades, chutam, batem com força, prof. faz a reflexão “existem alunos que precisam deste material adaptado, é difícil de fazer isso, podem parar por favor” o pedido da prof. é atendido imediatamente; ✚ 1ª-Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção na cadencia da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação; ✚ Uma vara grande, com um fio amarrado na ponta e uma bola grande dentro de uma rede, tem de bater a bola no peixe; Luiz G. quando foi pescar disse “precisa deixar mais curto o barbante, está muito difícil” o tamanho do fio foi ajustado até o momento que ficou bom para todas(os); ✚ Neste dia o atendente não estava presente, sem suporte para organizar e grava as aulas – bem difícil conciliar as duas funções; ✚ Todos participaram das tarefas propostas colaboram na organização do material; ✚ Prof. elogia “gostaram da aula”, “simmm” agradece e até a próxima aula. 			
Ausente		Ellen	
Imagem da realização das tarefas			
			

Turma: C	EJA	Aula: 7	Local: QP
Recursos pedagógicos: caixa de som, <u>música 1</u> , bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas			
1ª – Tarefa – professora			
<ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – Vanessa ao chegar perto da prof. que pega na sua mão e chama para grande roda, ela estende a mão para colega, aos poucos se auto-organizam em círculo, prof. pergunta “estão bem” percebe-se que sim; ○ Prof. “lembram dos vídeos que assistimos da aula passada, houve manifestação “Divonzir, Alais, Andryel”; o eco da quadra não permite entender o que falam; ○ Prof. coloca a <u>música 1</u>, em círculo diz “presta atenção no ritmo da música mostrando com movimento de mão para cima e para baixo, acrescenta os pés com balanceio nas laterais; ○ Sequência de mãos dadas movimentação do círculo com cadência nos pés no ritmo da música; paradas(os) movimentos de braços cadenciados, movimento do círculo fechando ao centro, volta de costa - fecha, gira no centro, volta de frente no lugar de origem; 			
1ª – Variação			
<ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “vamos ao centro da quadra, dentro do círculo, “lembram da atividade de pesca do vídeo”, mostra a vara de pesca, explica os “peixes dentro do círculo e mostra ‘rio’, não pode sair de dentro, só quem está pescando fica fora”; ○ Quando for pescado, sai de dentro do “rio” fica fora e passa a ser pescador; ○ Foi ajustado o tamanho do fio “ficou menor”, passando o pescador ficar no centro do círculo e peixes em volta sem poder sair do “rio”, quando pescado vai para o centro ser pescador; ○ Prof. divide a turma em duas equipes, acompanha uma e a outra o atendente, em círculo em volta da bola pendurada dentro de uma rede, joga e recebe a bola, ○ Sequência segura a bola e bate para chegar até a(o) colega; 			
Observações:			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª – Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Apenas três responderam às perguntas, mas ninguém teve dificuldade de relembra na prática; ✚ 1ª-Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção na cadencia da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação; ✚ Uma vara grande, com um fio amarrado na ponta e uma bola grande dentro de uma rede, tem de bater a bola no peixe; Luiz G. quando foi pescar disse “precisa deixar mais curto o barbante, está muito difícil” o tamanho do fio foi ajustado até o momento que ficou bom para todas(os); ✚ Todos participam das tarefas, colaboraram na organização do material; ✚ Prof. elogia e agradece a participação de todas e todos, até a próxima aula; 			
Ausentes	Tatiane – Jonas		
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: D	EJA	Aula: 7	Local: QP
Recursos pedagógicos: caixa e som, <u>música 1</u> , espaço e bolas adaptadas etc.			
Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas			
1ª – Tarefa – professora			
<ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma colocada sentada na arquibancada com segurança, aluna cadeirante continua na cadeira de rodas, prof. pergunta como estão, sentada de frente para a turma pergunta “lembram das atividades do vídeo da aula passada” – Luciana disse “sim”, prof. reforça dizendo quais eram as brincadeiras; ○ Prof. organiza a turma e diz “vou pôr a música para dançar” <u>música 1</u>, Luciana e Elaine começam a bater palmas, e a turma marca cadencia da música batendo palmas; 			
1ª – Variação			
<ul style="list-style-type: none"> ○ Em círculo e sentados, prof. relembra da atividade dos povos indígenas “pescador”, mostra a vara, com a bola na rede presa em um fio, explica e mostra como realizar a tarefa “segura a vara, diz o nome da(o) colega e 			

- coloca a bola na sua frente, terá que bater na bola, não segura, ao segurar será pescado”; não deu certo”;
- Prof. passa ser a pescadora e demais são peixes;
 - Tuma dividida em 1 dupla, demais juntos em outro grupo com suporte do atendente,
 - O grupo em círculo com uma bola dentro da rede, pendurada por um fio, no centro atendente diz o nome espera sua atenção de quem é chamado, e joga a bola, aluna(o) segura a bola, bate na bola devolvendo ao centro;
 - A dupla de alunas uma de frente para a outra com uma bola na rede pendurada entre as duas, diz “vou jogar” espera a colega responder “aqui” joga a bola para ir em direção a colega que recebe, segura e faz a mesma coisa devolvendo a bola;

Observações

- ✚ **1ª -Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Percebe que lembram da atividade anterior pela participação da tarefa;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção na cadencia da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Ao iniciar a música a atendente chega com Elaine, enrosca o pé na extensão passada pela rampa, a tarefa é interrompida, prof. sai da quadra, sobe a rampa passa por todo palco, arruma a extensão na tomada, volta, aluna Mariana cadeirante está no outro lado da quadra explorando o espaço e objetos da quadra; segundo dia de participação da Elaine na aula, Jean informa a prof. que Elaine não enxerga, até o momento não sabia deste contexto, organiza o círculo e busca Mariana “13 minutos para organizar a turma e chega o atendente diferente”
- ✚ **1ª -Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção na cadencia da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Os ajustes foram acontecendo à medida que percebia que as tentativas precisavam ser adaptadas;
- ✚ Cada aluna(o) “precisa de precisão no tempo de chamar o nome e deixar a bola na frente da aluna(o), ao estar na frente da o comando “bate na bola”, voz clara, acústica da quadra atrapalha a escuta;
- ✚ Necessário chama uma ou mais vezes até perceber que aluna(o) escutava, se preparava para receber, jogava a bola, caso não pegasse na primeira vez, repetia a tentativa até que conseguisse realizar a tarefa de pegar, segurar e bater, quando necessário atendente, chegava mais perto da(o) aluna(o);
- ✚ Prof. dá suporte para a dupla e o grupo maior, orientando os acordos;
- ✚ Atendente diferente chega para dar suporte no final da 1ª tarefa, neste dia o atendente que tem prática na dinâmica da aula, de gravar não estava presente, sem suporte para gravar a aula;
- ✚ Foi exaustaste conciliar orientações de suporte para o atendente, para ele repassar para a turma;
- ✚ Precisava observar as ações do atendente para orientar o que fazer, para aluna(o), duas pessoas ao mesmo tempo para observar e orientar;
- ✚ Todos participam das tarefas;
- ✚ Prof. elogia e agradece a participação, até a próxima aula;

Ausente

Adelar

Imagem da realização das tarefas



Turma: A	Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª	Aula: 8	Local: QP
Recursos pedagógicos: caixa e som, música, espaço e bolas adequadas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas			
1ª – Tarefa ✓ Receber a turma na QP; ✓ <i>Check-in</i> – tempo de interação livre com ambiente e colegas; ✓ Relembrar os conteúdos da aula anterior.			

1ª – Tarefa – professora

- *Check-in* – chegaram atrasados na quadra, trazidos pela prof. regente da turma,
- Pedro cobra da prof. “não viu a hora”,
- Daniel diz “vamos começar brincar” prof. “vai brincar um pouquinho” Michele “mostra o cabelo, conta e aponta que foi a prof. regente que fez”, prof. elogia e diz “está linda” sai feliz sorrindo;
- Turma se espalha pela quadra com interesses diferentes; Pedro Bambolê, Michele cama elástica, Daniel andando pela quadra e pedindo para brincar;
- Prof. chama pelos nomes “aqui por favor”, ao chegar pede “sentem, preciso falar”
- Pedro vai para frente da câmara e diz “olá pessoal escreva no canal, se não deixar o like não vai ter mais vídeo”; prof. “já deu o recado”, chama Daniel várias vezes, “sente que vamos conversar”;
- Daniel insiste em “quero brincar de raquete-ping-pong” Pedro vai para o banheiro;
- Prof. senta junto com a Daniel e Michele e explica que “hoje não é dia de ping-pong”
- Pedro chega, prof. explica para turma que “hoje é dia de brincar de peixinho e voleibol” mostrado para a quadra, outro dia brinca de ping-pong, está bom”; “todos concordam”, vamos para a aula, lá dentro do círculo mostrando o meio da quadra e seguem em direção”;

1ª – Variação

- Pedro pega o bambolê e tenta bambolear – prof. “deixa o bambolê, agora não” Pedro joga o bambolê e diz “tchau bambolê até depois”;
- Daniel pega a vara de pescar e diz “peixe corre” e começam a brincar como a aula anterior sem precisar a professora explicar o que é para fazer; só lembra “peixe pescado vira pescador”
- Prof. “peixinhos vamos brincar dentro da quadra adaptada para o vôlei” mostra e seguem para a quadra;
- Pedro que está com a vara “joga e sai correndo, prof. “leva a vara, como vai pescar sem ela”; Pedro volta, pega a vara e sai correndo e continua brincando na quadra,
- Prof. “agora vamos brincar de gavião e pintinho, quem se lembra, mostra o bambolê, quem quer ser pintinho” todos responderam “eu”;
- Prof. coloca os bambolês no chão e diz “pintinho dentro da casinha- bambolê” imediatamente ficam dentro do bambolê em 4 apoios;
- Prof. “como pintinho faz” todos começam fazer piu-piu e pular fora do bambolê em 4 apoio, trocando de casinha;
- Prof. “presta atenção, vou explicar”, Pedro continua fora de um lado para outro, prof. “o pintinho que não ficar na casinha o gavião vai pegar” Pedro imediatamente vai para a casinha e fica;
- Prof. explica e mostra como fazer “presta atenção orienta Caio/atendente vai dizer “gavião vai pegar” temos que sair correndo da casinha e encontrar outra sem pintinho para entrar”;
- Prof. “aprenderam agora quem é pego vira gavião e quem é gavião vira pintinho”
- Daniel “eu sou dinossauro “uuuuuuuu” prof. concorda “agora escolhe o bicho que quer ser – Daniel tem que dizer “dinossauro vai pegar” ele continua imitando o barulho, Pedro “não - diga Dinossauro vai pegar”;

- o Daniel, não consegue pegar ninguém e fica bravo, prof. “presta atenção no pintinho que vai pegar, o Caio que foi combinado para deixar ser pego”;
- o Pedro virou jacaré e Michela galinha;
- o Prof. “vamos jogar vôlei” respondem “eccccbaaaa-pulando”; “duas equipes, uma com o Caio outra com prof. uma de cada lado da quadra, tem que jogar a bola por cima da rede”;
- o Caio e prof. de um lado, aluna e alunos do outro lado, Caio joga com a dupla, prof. faz o rodizio, jogando e orientado individualmente;

Observações

- ✚ **1ª -Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Calmamente prof. chama pelo nome, Caio busca e deixa junto com a prof. e respondem o que a prof. pergunta, percebe que lembram da aula anterior;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção na cadencia da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Os acordos foram sendo inserido conforme a necessidade;
- ✚ Todos participam das tarefas, colaboraram na organização do material;
- ✚ Prof. elogia e agradece, ganha abraço coletivo, até a próxima aula.

Ausentes

Eder, Guilherme e João.

Imagem da realização das tarefas



Turma: B

Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª

Aula: 8

Local: QP

Recursos pedagógicos: caixa e som, músicas 1 e 8, espaço e bolas adequadas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas


1ª – Tarefa – professora

- o *Check-in* – chegaram animadas(os) em direção da prof. no meio da quadra que recebeu com a braços, perguntando como estavam, permaneceram próximo da prof. Luiz. R. pega a vara de pescar e começa a bater a bola com força no chão, prof. avisa “essa bola não pode bater desse jeito, vai estragar”, continua segurando a vara de pescar sem bater no chão,
- o Prof. coloca a música 8, imediatamente a turma começa marcar cadência batendo os pés, menos o Juliano que permaneceu parado, Luiz R. deixa a vara, e começam a auto-organização em círculo em movimento e batendo os pés no ritmo da música 1, movimentando e alongando braços;

1ª – Variação

- o Em círculo parado prof. “quem lembra das atividades indígenas do vídeo” Luiz R. corre e pega a vara de pescar, todos disseram algo referente as atividades do vídeo, prof. “nem preciso explicar a atividade, vocês já sabem como fazer” Luiz G. “siiimm” e fala o que tem que fazer, e vão para o centro da quadra, prof. Luiz R. começa pescando, quem é peixe pescado, vira pescador, pescador vira peixe.;
- o Prof. “lembram do vôlei” todos manifestaram que sim, “vamos dividir a turma em duas equipes, um com a prof. outro com o Caio, mostra a quadra, um grupo para cada lado,
- o Uma bola grande dentro da rede, presa por um fio e na rede, jogar a bola para cair dentro da quadra da outra equipe, pode segurar, não pode cair no chão;
- o Bater/rebater na bola passando por cima da rede para cair dentro da quadra da outra equipe.

(Continuação)

Observações			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª -Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Aluna e alunos respondem as perguntas, percebe-se lembram das atividades; ✚ 1ª-Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção na cadencia da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colga pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação; ✚ Os acordos foram sendo inserido conforme a necessidade; ✚ Todos participam das tarefas, colaboraram na organização do material; ✚ Prof. elogia e agradece, até a próxima aula. 			
Ausente		Ellen	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: C	EJA	Aula: 8	Local: QP
Recursos pedagógicos: caixa e som, músicas 1 e 8 espaço, bolas adequadas etc.			
Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas			
<p>1ª – Tarefa – professora o</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – chegam na quadra e sentam na arquibancada, prof. perguntam como estão, “sem resposta”, muita chuva, não faz atividade da música 8, de frente para a turma relembra as atividades dos vídeos, pergunta “quem lembra”, Zélia “gavião”, Divonzir “pescaria” <p>1ª – Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. mostra a quadra adaptada de vôlei e orienta “a tarefa da pescaria será dentro da quadra, vamos”, juntos vão para a quadra, mostra a vara de pescar para Divonzir e diz “vocês sabem como fazer, eu vou só observar e senta” imediatamente começam a pescar, Zélia inicia sendo pescadora, peixe pescado vira pescador, pescador vira peixe; ○ Prof. “agora aqui perto de mim, quem lembra da brincadeira do gavião”, Divonzir e Zélia respondem “eu”; ○ Prof. “Vocês serão pintinhos, os bambolês no chão serão as casinhas, cada um fica dentro de uma casinha”; ○ Prof. começa sendo gavião “quando eu dizer gavião vai pegar, tem que sair da sua casinha, encontrar outra casinha vazia e entrar, explica novamente, vamos fazer devagar para aprender, depois fazemos mais rápido”; quando o pintinho for pego pelo gavião, o gavião passa ser pintinho dentro da casinha, o pintinho passa ser gavião e vai pegar os pintinhos; ○ Prof. “lembram do vôlei” todos manifestaram que sim, “vamos começar com duas duplas, uma de cada lado da quadra” os outros dois serão arbitragem “um apita e outro anota os pontos”, com a bola dentro da rede, presa em um fio e na rede no meio da quadra; ○ Quando fizer 11 pontos a dupla de arbitro joga e quem fez menos pontos apita e anota; 			
Observações			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª -Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Foi optado por não realizar a tarefa da <u>música 1</u>, estava chovendo e fazia muito barulho na quadra; ✚ Faltaram 6 neste dia, alunas(os) da zona rural, quando chove tem dificuldade de vir para a escola; ✚ 1ª -Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção na cadencia da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colga pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação; ✚ Os acordos do jogo foram sendo inseridos conforme a necessidade; ✚ Prof. elogia que foram muito bem na aula, agradece a participação, até a próxima aula; 			
(Conclusão)			
Ausentes		Alais, Andryel, João, Jonas, Josenei, Luiz Paulo	
Imagem da realização das tarefas			



Turma: D	EJA	Aula: 8	Local: QP
----------	-----	---------	-----------

Recursos pedagógicos: caixa e som, músicas 1 e 8 espaço e bolas adequadas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas

1ª – Tarefa – professora

- *Check-in* – turma colocada no meio da quadra em círculo e sentada, enquanto isso conversam, prof. pergunta se estão bem; coloca a música 8, atendente começa e orienta bater palmas, bater nas pernas, bater palmas e mãos na cabeça na cadência da batida da música;
- Termina a música 1, Prof. “segurando a vara de pescar pergunta, quem lembra da nossa atividade” todas(os) levantam os braços;

1ª – Variação

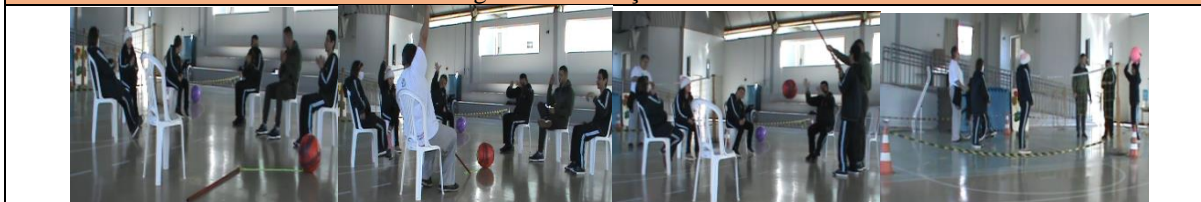
- Prof. “vocês são peixinhos, Caio o pescador, diz e mostra “vocês não podem deixar o Caio pescar, não pode segurar a bola, quando estiver na frente tem que bater na bola” Caio realiza a primeira rodada passando em cada aluna(o);
- Na sequência cada aluna(o) passa ser pescador e passa por todas(os) colegas com suporte do atendente Caio;
- Durante a realização da tarefa prof. prepara a próxima na quadra adaptada para o vôlei;
- Caio leva a turma para a quadra, prof. mostra a delimitação da quadra por uma fita, a bola com chocalho preso “escutem o barulho” para Elaine, Jean e Zenóbio, “a bola está presa em um fio e na rede que divide a quadra em duas partes”;
- Prof. joga com as meninas e Caio com os meninos;

Observações

- ✚ **1ª - Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Conforme a respostas da turma percebe-se que lembram das atividades;
- ✚ **1ª- Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos dos elementos da dança, percepção na cadência da batida música, do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Os acordos foram sendo inseridos à medida que foram sendo observados;
- ✚ Todos participaram das tarefas;
- ✚ Prof. elogia a participação, “gostaram da atividade” manifestam que sim. agradece, até a próxima. aula.

Ausente	Luciana
---------	---------

Imagem da realização das tarefas



Turma: A	Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª	Aula: 9	Local: QP
----------	-------------------------------------	---------	-----------

Recursos pedagógicos: espaço, bolas adequadas etc.

Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas

1ª – Tarefa – professora

- *Check-in* – prof. chega na sala, Pedro “prof. me dá um abraço, e todos vem abraçar”, prof. “dou um, dois, três abraços, Eder, Pedro e Daniel”, Pedro vai para frente da câmara “oi pessoal se inscreva no canal” enquanto isso, Daniel conta uma história de pirata (fantasia para o desfile na escola) Eder “mão vai comprar espada de pirata”, prof. chama Michele que continua sentada “vem Michele dá um abraço” Eder continua contando história de pirata, Prof. abraça João, pega na mão e segue para a QP.
- Na quadra se espalham, Prof. “venham vamos brincar” chegam na frente da câmara e começam a dizer o nome, que gostam de comer de brincar, João não participa, Eder sai correndo, porta da sala de Ed. Física

- fechada;
- Prof. “vamos fazer outra atividade” usa o material que está disponível na quadra enquanto atendente busca a chave;
 - Prof. “vamos fazer essa atividade e mostra” passa pela escada no chão, passa por cima do banco” na hora de realizar Pedro passa por baixo da mesa de tênis e todos o segue passando por baixo;
 - Caio chega com as bolas, prof. “vamos jogar, dentro da quadra”
 - Três bolas grandes dentro da rede e presa por um fio na rede de vôlei;
 - Três duplas em quadra, separadas em quadra, um jogando a bola por cima da rede para o colega;
 - Prof. e atendente em quadra diferente mediando os suportes necessários.
 - Prof. “agora só uma dupla na quadra, um de cada lado” mostra o apito “só pode jogar a bola para o colega do outro lado quando eu apitar, quem não está jogando fica sentado comigo assistindo e marcando os pontos” Caio e prof. revezam entre o apitar e dentro da quadra para mediar os suportes;

Observações

- ✚ **1ª - Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente;
- ✚ Conforme as respostas da turma percebe-se que lembram das atividades;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos do vôlei, jogar e recebe a bola, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação;
- ✚ Os acordos foram sendo inseridos à medida que foram sendo observado as necessidades;
- ✚ Todos participaram das tarefas;
- ✚ Prof. elogia a participação, “gostaram da atividade” manifestam que sim. agradece, até a próxima. aula.

Ausente

Guilherme

Imagem da realização das tarefas



Turma: B

Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª

Aula: 9

Local: QP

Recursos pedagógicos: espaço, bolas adequadas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – Voleibol e brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas



(Continuação)

1ª – Tarefa – professora

- *Check-in* – enquanto a turma desce para quadra durante a conversa percebe que estão bem animados, na quadra prof. “vocês lembram dos da brincadeira do gavião” respondem “sim”;

1ª – Variação

- Prof. Vamos até o centro da quadra entrega um bambolê para cada um “vamos brincar de gavião vai pegar, vocês serão pintinhos e ficam dentro do bambolê, eu sou gavião e fico fora, quando eu dizer gavião pegar, troca de casinha, sai correndo e entra em uma casinha que está vazia; quem for pego vira gavião e gavião vira pintinho”;
- Após todas(os) serem várias vezes pintinho e gavião, prof. “vamos jogar vôlei “oba” diz Luiz G.;
- Prof. orienta Luiz R. e Juliano a baterem a bola por cima da trave de futsal, bola na rede e presa em um fio e na trave; “não pode deixar cair a bola”;
- Divide os demais em duas duplas para jogar dentro da quadra, cada dupla com uma bola um de cada lado da rede, as bolas dentro da rede presa em um fio e amarrada na rede de vôlei, “a bola precisa passar por cima da rede e não pode cair no chão”;
- Prof. “aquecidos agora vamos jogar, duas duplas na quadra, quem não joga apita e marca os pontos Caio ajuda na arbitragem e prof. ajuda na marcação de pontos”.
- Prof. e até nos suportes necessários.
- Prof. “agora só uma dupla na quadra, um de cada lado” mostra o apito “só pode jogar a bola para o colega do outro lado quando eu apitar, quem não está jogando fica sentado comigo assistindo e marcando os pontos” Caio e prof. revezam entre o apitar e dentro da quadra para mediar os suportes;

Observações			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª - Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Conforme as respostas da turma percebe-se que lembram das atividades; ✚ 1ª-Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos do vôlei, jogar e recebe a bola, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação; ✚ Todas e todos passaram por todas as tarefas do vôlei; ✚ Os acordos foram sendo inseridos à medida que foram sendo observado as necessidades; ✚ Prof. elogia a participação, agradece, até a próxima. aula. 			
Ausente		Guilherme	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: C	EJA	Aula: 9	Local: QP
Recursos pedagógicos: espaço, bolas adequadas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas			
1ª – Tarefa – professora <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – chegam na quadra percebem material diferente da outra turma, começam a experimentar, prof. “você quer fazer o circuito” manifestam desejo que sim; ○ Prof. “vamos trabalhar equilíbrio passando por cima da escada, pisando em cada degrau, sobe no banco, passa pela tábua de equilíbrio e passa por baixo da mesa de tênis” ○ 1ª – Variação ○ Prof. “lembram do vôlei” todos manifestaram que sim, “vamos começar com duas duplas, uma de cada lado da quadra” os demais assistem e observam as orientações, serão arbitragem “um apita e outro anota os pontos”, com a bola dentro da rede, presa em um fio e na rede no meio da quadra; ○ Quando fizer 11 pontos a dupla de arbitro joga e quem fez menos pontos apita e anota; 			
Observações			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª -Tarefa: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, segurança no ambiente; ✚ Na escada cada um passou da maneira que conseguiu; manifestaram lembranças da aula anterior jogando em quadra; ✚ 1ª -Variação: os suportes foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: engajamento, foco, sustentar tempo nas tarefas de movimentos do vôlei, jogar e recebe a bola, permanecer sentado, como jogar a bola para que seu colega pegue, força direção, não chutar a bola, instigação para a autonomia de criação; ✚ Os acordos do jogo foram sendo inseridos conforme a necessidade; ✚ Prof. elogia que foram muito bem na aula, agradece a participação, até a próxima aula; 			
Ausentes		Alais, Andryel, João, Jonas, Josenei, Luiz Paulo	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: C	EJA	AULA: 9	Local: QP
Recursos pedagógicos: espaço, bolas adequadas, etc.			

Como foram realizadas as tarefas – Voleibol, brincadeiras e jogos de matrizes Indígenas

1ª Tarefa - professora

- *Check-in* – a turma recebida na QP, estão tranquilas(os) em conversa conforme ordem de chegada individualmente e depois no coletivo;
- Prof. relembra os conteúdos e o que vai ser feito durante a aula “vamos brincar e jogar, começar com os bambolês e entrega uma para cada aluna(o)”; canta a música vamos peneira e faz os movimentos circulares para cima e para baixo com a peneira movimentando os “vamos peneirar, peneira peneirinha 2x, arroz e o feijão 2x; para um lado, para o outro, fazendo e cantando mais rápido e mais lentos, repetida até perceber que conseguiu imitar o movimento da sua maneira;


1ª – Variação

- Prof. “quem se lembra da atividade do gavião” sem resposta “coloca o bambolê no chão e fica dentro, quando a prof. dizer gavião vai pegar, sai do seu bambolê e entra em outro vazio”
- Prof. “vamos jogar vôlei, quem lembra” Mariana e Suzana ergueram a mão; vamos fazer duas equipes, pro. Zenóbio, Mariana, a outra é Caio, Suzana e Jean, vamos para a quadra”
- Uma bola dentro da rede, amarrada em um fio e presa na rede de vôlei; “vamos jogar para o outro lado da quadra na mão do colega que vai pegar, não pode deixar cair, se cair pega e joga de volta;


Observações

- ✚ **1ª – Tarefa professora:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro;
- ✚ Prof. tarefa do gavião, repetiu diversas vezes o comando até entenderem a dinâmica da tarefa, em seguida passaram dar o comando “gavião vai pegar”

(Conclusão)

<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1ª-Varição: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. segurava a bola para a Marina, ao bater simultaneamente soltava para ir para o outro lado da quadra; várias tentativas de posicionamento e melhor foi, a cadeira de lada da rede e Mariana de frente para a prof. “bater de lado da bola para ela subir e ir para o outro lado”; ✚ Professora agradece e elogia, diz que estão de parabéns, ganha abraços da Mariana e Suzana. 			
Ausentes		Adelar, Elaine	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: A	Ens. Fund. Ciclo: 1º	Etapa: 1ª - 2ª	Aula: 10
Local: SEFA			
Recursos pedagógicos: data show, vídeos 8 e 9, caixa de som, raquetes, balões, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			
1ª Tarefa – professora <ul style="list-style-type: none"> ○ Check-in – a turma recebida na SEFA, curiosos/agitados para fazer uso do material da aula, Daniel pede para brincar com a raquete, demais brincam com os balões e de ver suas sobras no telão, conversa conforme ordem de chegada individualmente e depois no coletivo; ○ Prof. “temos dois colegas novos na turma hoje, por favor se acalmem, eu não consigo explicar, guardem o material”, todos colaboraram na organização; 1ª - Variação <ul style="list-style-type: none"> ○ Vídeo 8, prof. “vamos dançar” e começa dançar e junto com a turma que observam os movimentos e tentam fazer igual; prof. “mais uma vez”, “siiiiiiim” deixa a sequência de um outro vídeo e todos dançam, prof. “olhem vocês estão dançando junto já tela e mostra as sobras de cada um”; ○ Prof. “agora senta que vou conversar com vocês “essas são as crianças de um país bem distante” conta sobre a história do grupo de dança Massaka Kids, da alegria das crianças africanas tem em dançar; a dificuldade de acesso a escola; ○ Vídeo 9, prof. “vamos assistir vídeo do tênis de mesa, quem joga tênis” enquanto prepara o vídeo a turma continua virando cambalhotas fazendo mímica na no telão, batendo nos balões sem deixar cair no chão; ○ Prof. entrega uma raquete de papelão para cada um e um balão “agora vamos bater e não pode deixar, troca por bolinha de piscina de bolinhas, sequência bolinhas de isopor presa no fio e na raquete de papelão, Daniel “eu gostei” Paulo “porque só eu e Flavio conseguimos”, prof. “porque precisamos aprender são fases que presamos aprender e vocês dão maiores e já passaram por isso”, continuaram a bater cada um do seu jeito; ○ Prof. “atenção, raquete e bolinhas aqui, por favor catar as bolinhas do chão, guardem e mostra a caixa, foi bom, gostaram”, “sim”; 			
Observações			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; ✚ Interação entre alunos da outra turma muito tranquila; ✚ 1ª-Varições: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha experimentar bolinhas diferentes para melhor adaptação; ✚ O vídeo 9 do tênis de mesa não abriu, indo direto para apresentação oral e atividade; ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização da sala; ✚ Professora agradece e elogia, diz que estão de parabéns, ganha abraços, até a próxima aula; 			

(Continuação)

Ausente		Guilherme e Miguel	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: B	Ens. Fund. Ciclo: 2º	Etapa: 3ª - 6ª	Aula: 10 Local: SEFA
Recursos pedagógicos: data <i>show</i> , vídeos 8 e 9, caixa de som, raquetes, balões, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			
<p>1ª - Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma recebida na SEFA, Daniel está na turma, prof. conversa conforme ordem de chegada individualmente e depois no coletivo, ○ Prof. “por favor ajude a guardar o material do chão” recebe ajuda de Luiz G. e Gabriel, prof. “hoje vamos começar conteúdo novo dança e tênis de mesa”; <p>Variações</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <u>Vídeo 8</u>, prof. “vamos dançar” e começa dançar e junto com a turma, ao terminar, “gostaram do vídeo “sim” responde Luiz G.; ○ <u>Vídeo 9</u>, prof. “assunto novo vamos assistir vídeo sobre o tênis de mesa” ao terminar sentados no chão; Daniel “vamos brincar de Pong”; ○ Prof. “quem pode jogar tênis de mesa”, Luiz G. cadeirante o andante” Daniel “Dani pode jogar”; Gabriel “Luiz R. vai jogar nos jogos”; ○ Prof. “tênis de mesa tem regras para jogar” sim respondem, prof. “podemos fazer algumas adaptações na maneira de jogar” concordam, “vamos fazer atividades bem simples para poder aprender”; ○ Prof. “pega uma raquete com um balão preso no fio e vamos bater”, sequência solta o balão do fio, vai controlar com a raquete sem deixar cair”; ○ Prof. “duas equipes, uma para cada lado e mostra a sala dividida, “vamos sentar, uma para cada lado, bater no balão para ir na quadra da outra equipe, não pode deixar cair” um balão e aos poucos inseridos mais balões e em pé; ○ Prof. “em duplas batendo e rebatendo o balão para o colega” . 			
<p>Observações</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; ✚ Prof. “Daniel está na turma hoje, ele é menor, precisa ter cuidado com ele” Luiz G. “sim professora vou cuidar e coloca a mão no ombro dele”; ✚ 1ª-Variações: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha experimentar bolinhas diferentes para melhor adaptação; ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização da sala; ✚ Professora agradece e elogia, diz que estão de parabéns, ganha abraços, até a próxima aula, 			
Ausente		Não teve	

(Continuação)

Imagem da realização das tarefas



Turma: C

EJA

Aula: 10

Local: SEFA

Recursos pedagógicos: data show, vídeos 8 e 9, caixa de som, raquetes, balões, etc.

Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas

1ª - Tarefa – professora

- *Check-in* – a turma recebida na SEFA, conversa individualmente ordem de chegada e depois no coletivo;
- Prof. “vamos começar conteúdo novo, tênis de mesa e dança”
- Vídeo 9, ao terminar prof, “qualquer pessoa pode ser atleta de tênis de mesa, precisa treinar, qualquer modalidade precisa de treino, dedicação, precisa prestar atenção nas aulas para aprender”

Variações

- Vídeo 8, prof. “vamos dançar” começa e a turma a segue dançando na sequência concordam em dançar mais um vídeo,
- Prof. “agora vamos pegar um balão, com a raquete irá bater e não pode deixar cair, ocupe todo espaço da sala”;
- Jonas foi colocado de frente para uma bola dentro de uma rede e pendurada para bater e rebater na bola com a mão;
- Prof. “atenção, em dois encontre sua dupla” se auto-organizam e começam a bater e rebater em dupla no balão;
- Prof. “agora sozinho novamente pega uma bolinha da piscina de bolinha e vai bater na raquete, não deixa cair, na sequência fica em dupla novamente vai bater e rebater para o colega, sem deixar cair”;

Observações

- ✚ **1 - Tarefa – professora:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro;
- ✚ Vanessa estava bastante sonolenta sentou e deitou no colchonete, prof. ajudou ficar em um lugar confortável para ela e para os demais da turma;
- ✚ Responderam às perguntas sobre os vídeos do tênis de mesa; Zélia “eu e Luiz Paulo jogamos tênis de mesa, treinamos com o tio Junior”; prof. “então vocês irão ajudar a prof.” “sim” confirma Zélia;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;
- ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha experimentar bolinhas diferentes para melhor adaptação;
- ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização da sala;
- ✚ Professora agradece e elogia a participação de todas(os).

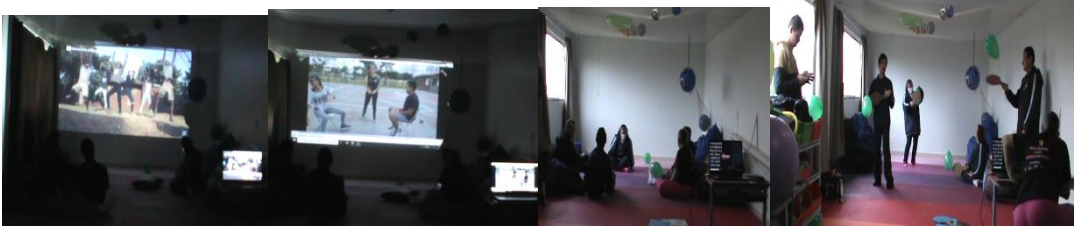
Ausente


não teve

Imagem da realização das tarefas






(Conclusão)

Turma: D	EJA	Aula: 10	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: data <i>show</i> , vídeos 8 e 9, caixa de som, raquetes, balões, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			
<p>1ª - Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma recebida na SEFA, conversa individualmente ordem de chegada e depois no coletivo; organiza a turma sentada no chão, coloca vídeo 8, “gostaram da dança” Marina ergue os braços para cima e mexe; <p>Variações</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “vamos começar conteúdo novo, tênis de mesa e dança” coloca <u>vídeo 9</u>, ao terminar prof., sentada no chão com a turma “o que vocês assistiram no vídeo que jogo mesmo” Zenobio e Jean “tênis de mesa” ○ Prof. “será que é fácil jogar”, Jean “vamos ver” Prof. “pessoa que anda na cadeira de rodas pode jogar tênis de mesa” Zenobio e Jean “sim”; ○ Zenóbio “vou enxergar jogar”, prof. “vamos adaptar uma bolinha para você poder enxergar, Suzana senta mostrar o lugar, organizando a turma em círculo”; ○ Prof. “vamos jogar de uma maneira diferente cada um joga do seu jeito sentado ou em pé irá bater com a raquete no balão” entrega uma raquete de papelão com balão preso por um fio para bater livremente; ○ Prof. “agora os balões estão pendurados e presos, tem que bater, sentado no chão ou em pé, pode escolher”; 			
<p>Observações</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; Responderam às perguntas sobre os vídeos do tênis de mesa; ✚ 1ª-Variações: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater no bolão, a melhor maneira de ficar sentado, e pé, ✚ Esta aula a turma não foi contemplada na dança em cadeira de rodas; ✚ Todos participaram das tarefas, cada um do seu jeito; ✚ Professora agradece e elogia a participação de todas(os), até a próxima aula. 			
Ausentes		Adelar, Elaine e Luciana	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: A	Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª	Aula: 11	Local: QP
Recursos pedagógicos: vídeo 8, caixa de som, raquetes, bolas diversas etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			
<p>Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma recebida na QP, atenção da prof. individualmente por ordem de chegada, curiosos com o material pedagógico da aula, manuseiam e deixam no lugar; ○ Prof. “vocês lembram da dança da aula anterior” “sim responde pulando; “vamos dançar liga o <u>vídeo 8</u>, começa a dançar” a turma acompanha; <p>1ª - Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Raquetes de tamanhos e pesos diferentes, com bolinhas de diferentes tamanhos presas por um fio na raquete, bolas dentro da rede de diversos tamanhos e pesos dentro de uma rede, presa e pendura em um fio, ○ Prof. “vocês podem escolher uma raquete para bater nas bolas penduradas ou as raquetes com as bolinhas presas” todos escolheram e mudaram de raquetes, passaram por todas por livre escolha; 			
<ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “agora uma Daniel e Eder vai na mesa de tênis, um joga a bolinha para o outro “mesa com proteção nas laterais), um joga a bolinha para o outro (bolinha rolando na mesa) ○ Michele e Pedro jogam juntos, “batem com a raquete na bola presa pendurada pelo fio”; ○ Prof. “eu jogo com o João Miguel” Caio dá suporte para as duplas e faz os rodizio mesa pendurada e jogar 			


na mesa; ○ Prof. “agora dois senta para assistir ao jogo, um joga com a prof. e vamos fazendo o rodizio, pode ser”, pode respondem;			
Observações			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; ✚ A turma está tranquila e atenta as tarefas solicitadas; ✚ 1ª-Variações: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha, se posicionar na mesa para não deixar a bolinha cair e não pode pôr a mão na mesa; pegar na mão para bater na bolinha, perceber o tempo e momento de bater na bolinha; ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização da sala; ✚ E no final da foi deixado um tempo para pularem na cama elástica; ✚ Professora agradece e elogia, diz que estão de parabéns, fazem bate estrelinhas, até a próxima aula. 			
Ausente		Guilherme	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: B	Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª	Aula: 11	Local: QP
Recursos pedagógicos: vídeo 8, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas			
1ª - Tarefa – professora			
<ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma recebida na QP, prof. conversa conforme ordem de chegada individualmente e depois no coletivo, Luiz G. “que tal atividade do pescador” prof. “hoje é outra atividade; é dança e tênis de mesa”, ○ <u>Vídeo 8</u>, “vamos dançar” começa dançando e a turma segue fazendo o que a prof. pede, “na roda Luiz G. demais dança igual” continua até todas(os) passarem dentro do círculo criando movimentos e demais imitando; ○ Variações ○ Prof. “temos várias raquetes com bolinhas diferentes, vamos jogar com cada uma para qual se adapta melhor, vocês irão passar por todas as bolas” entrega a raquete e cada um se auto-organiza, pegando uma raquete com bolinha presa e sem bolinha presa; ○ Prof. “quem está com a raquete sem bolinha presa vai bater na bola dentro da rede pendurada, em dupla; quem está com a raquete com a bolinha presa vai bater na bolinha controlando a bolinha para não deixar cair, não se preocupe vocês irão passar por todas as raquetes e bolinhas”; ○ prof. “vamos passar pelas mesas, um jogando a bolinha para o outro rolando na mesa, não se preocupe vamos fazer o rodizio de duplas”. 			
Observações			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; ✚ Curiosos com o material pedagógico, manuseiam, perguntam o que vamos fazer; prof. “calma já vamos jogar”; 1ª-Variações: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material;			

(Continuação)



<ul style="list-style-type: none"> ✚ engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha experimentar bolinhas diferentes para melhor adaptação; qual mesa consegue jogar melhor; adaptação de banco para Ellen; ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização do material; ✚ Professora agradece e elogia, 			
Ausente		Não teve	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: C	EJA	Aula: 11	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: vídeo 8, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			
<p>1ª - Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma recebida na QP, conversa individualmente ordem de chegada e depois no coletivo; ○ Prof. “vocês lembram da dança da aula passada” sim” respondem Divonzir, ○ <u>Vídeo 8</u>, prof. “vamos dançar” e a turma segue, primeiro diz e faz os movimentos em seguida chama na roda “diz o nome” vai ao centro da roda faz os movimentos demais imitam, repete até eu todas(os) tenham passado pelo centro, foi repetida mais uma vez o vídeo e a dança, a turma estava animada” <p>Variações</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “temos várias raquetes com bolinhas diferentes, vamos jogar com cada uma para qual se adapta melhor, vocês irão passar por todas as bolas” entrega a raquete e cada um se auto-organiza, pegando uma raquete com bolinha presa e sem bolinha presa, começam a bater bolinhas sem deixar cair; ○ Prof. “Zélia, Divonzir Luiz Paulo jogam na mesa sem proteção e com rede, demais na mesa com proteção na lateral”; ○ Prof. “quem joga na mesa com proteção só bate na bolinha para rolar na mesa, não pode deixar cair, na mesa sem proteção e com rede é jogo normal, prof, e Caio vai passar dando suporte”; <p>Observações</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; ✚ Relembaram os conteúdos respondendo às perguntas; ✚ 1ª-Variações: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha, se posicionar na mesa, experimentar bolinhas diferentes para melhor adaptação; ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização do material; ✚ Professora agradece e elogia a participação de todas(os). 			
Ausente		não teve	
Imagem da realização das tarefas			
			

Turma: D	EJA	Aula: 11	Local: QP
Recursos pedagógicos: vídeo 8, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			
<p>1ª - Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma recebida na QP, conversa individualmente por ordem de chegada e no coletivo, Mariana dança na cadeira de rodas Jean e Zenobio em pé batendo palmas, prof. passar pelos dois dançando com cada um; Mariana tenta bater em uma bolinha que está presa e pendurada na sua frente; <p>Variações</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “vamos relembrar o tênis jogando hoje” entrega uma raquete para cada um, Mariana bate na bolinha pendurada na sua frente e sentada cadeira de rodas; ○ Jean sentado em uma cadeira bate na bolinha que está pendurada na sua frente; ○ Zenóbio com a raquete com uma bolinha presa por um fio rebate na bolinha; ○ Prof. “vamos jogar na mesa com proteção nas laterais” prof. de um lado e atendente do outro dando suporte individual, que não está jogando fica sentado assistindo, fazendo o rodizio entre a turma; 			
<p>Observações</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; ✚ Jean e Zenóbio responderam às perguntas sobre os vídeos do tênis de mesa; ✚ 1ª-Variações: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater no bolão, a melhor maneira de ficar sentado em pé para bater na bolinha; ✚ Todos participaram das tarefas, cada um do seu jeito; ✚ Professora agradece e elogia a participação de todas(os), até a próxima aula. 			
Ausentes		Adelar, Elaine, Luciana e Suzana	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: A	Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª	Aula: 12	Local: QP
Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			
<p>Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma recebida na QP, atenção da prof. individualmente por ordem de chegada, dão abraços e permanecem junto com a prof. “vocês lembram da dança, vamos dançar”; coloca o vídeo e a turma acompanha nos movimentos; <p>1ª - Variação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “venham vamos tirar as blusas, e vamos jogar na mesa” Pedro vai para a mesa com proteção e diz para João “joga só com uma bolinha” e a turma se dispersa na quadra, cada uma para um lado”; ○ Prof. vai para as mesas e chama, enquanto o atendente vai buscar e traz para o foco da atividade; ○ Prof. “enquanto dois na mesa joga o outro fica sentado assistindo depois troca” ○ Enquanto prof. dá suporte para Guilherme, atendente dá suporte para os demais na mesa; ○ Daniel fica agitado correndo de um lado para outro, prof. “Daniel vai ajudar a pegar as bolinhas quando cair no chão na sequência “senta você vai sentar e anotar os pontos no caderno”; ○ Enquanto dava suporte para o Daniel, também dava suporte para Guilherme orientando os colegas como brincar com ele, 			

(Continuação)

Observações			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; ✚ A turma está tranquila até começar atividade na mesa; ✚ Daniel sem orientação perde o foco rápido do que está fazendo, começa a caminhar e pedir para fazer outra coisa – estratégia para manter junto com a turma foi pedir ajuda pegar as bolinhas e trazer para prof. marcar, sentar ser arbitro e marcar os pontos dos colegas – do jeito dele segurando o caderno e riscando; ✚ Eder ajudou dando o suporte brincando com o Guilherme enquanto prof. reorganizava Daniel, ✚ 1ª-Variações: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Aula tensa, sem muitas intervenções práticas, só na mediação para manter na mesa batendo e rebatendo bolinha; ✚ Todos participaram das tarefas dá um do seu jeito; ✚ E no final da foi deixado um tempo para pularem na cama elástica; ✚ Professora agradece e elogia, diz que estão de parabéns, fazem bate estrelinhas, até a próxima aula. 			
Ausente		Guilherme	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: B	Ens. Fund. Ciclo: 2º	Etapa: 3ª - 6ª	Aula: 12
		Local: QP	
Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			
1ª - Tarefa – professora			
<ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma recebida na QP, prof. conversa conforme ordem de chegada individualmente e depois no coletivo, ○ <u>Vídeo 7</u>, “vamos dançar” começa dançando e a turma segue fazendo o que a prof. pede, “na roda continua até todas(os) passarem dentro do círculo criando movimentos e demais imitando. ○ Variações ○ Prof. “temos várias raquetes e bolinhas, vamos fazer o controle de bolinha na raquete sem deixar cair, escolha uma” ○ Prof. “quem está com a raquete sem bolinha presa vai bater na bola dentro da rede pendurada, em dupla; quem está com a raquete com a bolinha presa vai bater na bolinha controlando a bolinha para não deixar cair, não se preocupe vocês irão passar por todas as raquetes e bolinhas”; ○ Prof. “vamos passar pelas mesas, um jogando a bolinha para o outro rolando na mesa, não se preocupe vamos fazer o rodizio de duplas e das mesas”. 			
Observações			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; ✚ Curiosos com o material pedagógico, manuseiam, perguntam o que vamos fazer; prof. “calma já vamos jogar”; ✚ 1ª-Variações: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha experimentar bolinhas diferentes para melhor adaptação; qual mesa consegue jogar melhor; adaptação de banco para Ellen; ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização do material; ✚ Professora agradece e elogia, 			
Ausente		Luiz G. m	

(Continuação)

Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: C	EJA	Aula: 12	Local: SEFA
Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			
<p>1ª - Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma recebida na QP, conversa individualmente ordem de chegada e depois no coletivo; ○ Prof. “vocês lembram da dança da aula passada?” sim” respondem Divonzir, ○ <u>Vídeo 7</u>, prof. “vamos dançar” e a turma segue, primeiro diz e faz os movimentos em seguida chama na roda “diz o nome” vai ao centro da roda faz os movimentos demais imitam, repete até eu todas(os) tenham passado pelo centro, foi repetida mais uma vez o vídeo e a dança, a turma estava animada” <p>Variações</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Prof. “temos várias raquetes com bolinhas diferentes, vamos jogar com cada uma para qual se adapta melhor, vocês irão passar por todas as bolas” entrega a raquete e cada um se auto-organiza, pegando uma raquete com bolinha presa e sem bolinha presa, começam a bater bolinhas sem deixar cair; ○ Prof. “Zélia, Divonzir Luiz Paulo jogam com quem não sabe jogar na mesa com proteção na lateral, na sequência jogam na mesa sem proteção e com rede”; ○ Prof. “quem joga na mesa com proteção só bate na bolinha para rolar na mesa, não pode deixar cair, na mesa sem proteção e com rede é jogo normal, conta os pontos até 11, prof. Caio vai passar dando suporte”; <p>Observações</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; ✚ Relembaram os conteúdos respondendo às perguntas sobre o tênis de mesa; ✚ 1ª-Variações: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha, se posicionar na mesa, experimentar bolinhas diferentes para melhor adaptação, contagem e troca de quem joga na mesa; ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização do material; ✚ Professora agradece e elogia a participação de todas(os). 			
Ausente		não teve	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: D	EJA	Aula: 12	Local: QP
Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			

(Conclusão)

1ª - Tarefa – professora

- *Check-in* – a turma recebida na QP, conversa individualmente por ordem de chegada e no coletivo,
- Prof. relembra da dança “quem vai dançar” todas(os) manifestam que vão, Mariana pede para sair da cadeira de roda; a música começa a tocar e cada uma começa a dançar em pé, Mariana dança em pé com suporte do atendente e prof.

Variações

- Prof. “vamos lembrar o tênis jogando hoje” entrega uma raquete para cada um, Mariana no chão em 4 apoios bate na bolinha pendurada na sua frente;
- Jean sentado em uma cadeira bate na bolinha que está pendurada na sua frente;
- Zenóbio com a raquete com uma bolinha presa por um fio bate na bolinha;
- Prof. “vamos jogar na mesa com proteção nas laterais” prof. de um lado e atendente do outro dando suporte individual, que não está jogando fica sentado assistindo, fazendo o rodízio entre a turma;

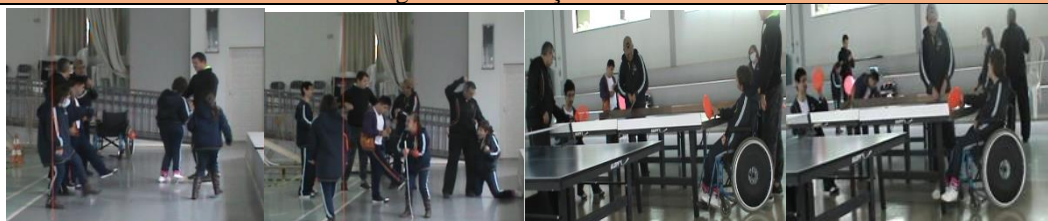
Observações

- ✚ **1 - Tarefa – professora:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro;
- ✚ Jean e Zenóbio responderam às perguntas sobre os vídeos do tênis de mesa;
- ✚ **1ª-Variações:** os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;
- ✚ Prof. e atendente passam dando suporte individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha, a melhor maneira de ficar sentado em pé para bater na bolinha;
- ✚ Todos participaram das tarefas, cada um do seu jeito;
- ✚ Professora agradece e elogia a participação de todas(os), até a próxima aula.
- ✚ Adelar participa pela primeira vez na aula – mãe doente e não tinha como vir para a escola;

Ausente

Elaine

Imagem da realização das tarefas



Turma: A

Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª

Aula: 13

Local: QP

Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas

Tarefa – professora

- *Check-in* – a turma recebida na QP, atenção da prof. individualmente por ordem de chegada, dão abraços e permanecem juntos sentados na arquibancada;
- Prof. de frente para a turma apresenta bolinhas e raquetes de tênis de mesa e entrega uma para cada aluna(o), juntos manuseia, sentem a raquete e bolinhas de várias maneiras;

1ª - Variação

- Prof. “vamos na mesa jogar” início com duas mesas com proteção dos lados, jogar a bolinha rolando para o colega, sem deixar cair;
- Final da aula jogando em uma mesa uma dupla na mesa, demais sentados apitando e anotando e prof. dando o suporte e fazendo os rodízios de duplas na mesa.

Observações

- ✚ **1 - Tarefa – professora:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro;
- ✚ A turma está tranquila até começar atividade na mesa;
- ✚ Sem suporte individual, perde o foco rápido do que está fazendo, Daniel começa andar pela quadra;
- ✚ **1ª-Variações:** os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;

(Continuação)

- ✚ Sem suporte de atendente na quadra, difícil manter o foco e sustentar o tempo nas tarefas;

- ✚ Estratégia para manter a turma junto, uma mesa de jogo com proteção nas laterais, uma dupla na mesa


<p>jogando, os demais com apito são árbitros e outro anotador marcando os pontos no caderno, prof. faz o rodízio na mesa dando suporte;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ Na transição de tarefas sem suporte todos perdem o foco e engajamento na tarefa; ✚ Todos participaram das tarefas cada um do seu jeito; ✚ E no final da foi deixado um tempo para pularem na cama elástica; ✚ Professora agradece e elogia, diz que estão de parabéns, fazem bate estrelinhas, até a próxima aula. 			
Ausente		Guilherme	
Imagem da realização das tarefas			
			
Turma: B	Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª	Aula: 13	Local: QP
Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.			
Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas			
<p>1ª - Tarefa – professora</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Check-in</i> – a turma recebida na QP, prof. conversa conforme ordem de chegada individualmente e depois no coletivo, 3 alunos de outra turma na aula; relembra o conteúdo da aula anterior; ○ Prof. apresenta as bolinhas e as raquetes de tênis de mesa, “sintam a texturadas, troque com o colega para ver que uma é diferente da outra” mostra as diversas maneiras de segurar e fazer o movimento de braço segurando a raquete; ○ Alongamento de braço e perna fazendo uso da raquete; ○ Variações ○ Prof. “vamos jogar, cada mesa tem uma maneira de jogar; ○ Mesa 1 e 2 - com proteção nas laterais, bate na bolinha para ir rolando na mesa para o colega do outro lado; ○ Mesa 3 - sem proteção e sem rede, deixa a bola quicar na mesa, quando ela sobe bate com a raquete na bolinha para ir para o colega rebater no outro lado da mesa que vai devolver; ○ Mesa 3 - com rede vai dar o saquis, segura a bolinha, joga, bate com a raquete, bolinha bate do seu lado da mesa, passa por cima da rede e o colega vai devolver por cima da rede; ○ Mesa 4 – jogo normal contando os pontos até 11, para quem já sabe jogar, quem ainda não sabe tenta do jeito que consegue; ○ Prof. “vamos fazer o rodízio por todas as mesas”; 			
Observações			
<ul style="list-style-type: none"> ✚ 1 - Tarefa – professora: acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; acolhe os alunos da outra turma, respondem as perguntas sobre o tênis de mesa; ✚ 1ª-Variações: os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação; ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha experimentar bolinhas diferentes para melhor adaptação; qual mesa consegue jogar melhor; adaptação; ✚ O atendente não estava presente nesta aula, dificultando dar o suporte necessário que cada uma precisa; ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização do material; ✚ Professora agradece e elogia a colaboração e participação de todas(os); 			
Ausente		Ellen	

Imagem da realização das tarefas



Turma: C

EJA

Aula: 13

Local: SEFA

Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas

1ª - Tarefa – professora

- *Check-in* – a turma recebida na QP, prof. conversa conforme ordem de chegada individualmente e depois no coletivo, 1 aluno de outra turma na aula; relembra o conteúdo da aula anterior;
- Prof. apresenta as bolinhas e as raquetes de tênis de mesa, “sintam a texturas, troque com o colega para ver que uma é diferente da outra” mostra as diversas maneiras de segurar e fazer o movimento de braço segurando a raquete;
- Alongamento de braço e perna fazendo uso da raquete;
- **Variação**
- Prof. “vamos jogar, cada mesa tem uma maneira de jogar;
- Mesa 1 e 2 - com proteção nas laterais, bate na bolinha para ir rolando na mesa para o colega do outro lado;
- Mesa 3 - sem proteção e sem rede, deixa a bola quicar na mesa, quando ela sobe bate com a raquete na bolinha para ir para o colega rebater no outro lado da mesa que vai devolver;
- Mesa 3 - com rede vai dar o saquis, segura a bolinha, joga, bate com a raquete, bolinha bate do seu lado da mesa, passa por cima da rede e o colega vai devolver por cima da rede;
- Mesa 4 – jogo normal contando os pontos até 11, para quem já sabe jogar, quem ainda não sabe tenta do jeito que consegue;
- Prof. “vamos fazer o rodizio por todas as mesas”.

Observações

- ✚ **1 - Tarefa – professora:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro;
- ✚ Relembaram os conteúdos respondendo às perguntas sobre o tênis de mesa;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;
- ✚ Prof. e atendente passam individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha, se posicionar na mesa, experimentar bolinhas diferentes para melhor adaptação, contagem e troca de quem joga na mesa;
- ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização do material;
- ✚ Professora agradece e elogia a participação de todas(os).

Ausente

não teve

Imagem da realização das tarefas



Turma: D

EJA

Aula: 13

Local: QP

Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas

1ª - Tarefa – professora

- *Check-in* – a turma recebida na QP, conversa individualmente por ordem de chegada e no coletivo;
- Prof. apresenta as bolinhas e as raquetes de tênis de mesa, “sintam a texturaras, troque com o colega para ver que uma é diferente da outra”; faz alongamento de braço e perna fazendo uso da raquete;

1ª-Variação

- Luciana segurando a raquete bate em uma bola grande dentro de uma rede e pendurada e com guizo,
- Mariana fora da cadeira de rodas, segurando a raquete bate em uma bola grande dentro de uma rede e pendurada na sua frente;
- Elaine e Zenóbio na mesa com proteção nas laterais, segurando a raquete batem na bola presa por um fio e na mesa, um joga para o outro sem a bola cair;
- Suzana e Adelar jogam na mesa com proteção nas laterais;

Observações

- ✚ **1 - Tarefa – professora:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro;
- ✚ Jean e Zenóbio responderam às perguntas sobre os vídeos do tênis de mesa;
- ✚ **1ª-Variações:** os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;
- ✚ Prof. e atendente passam dando suporte individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha, a melhor maneira de ficar sentado em pé para bater na bolinha;
- ✚ Todos participaram de todas as tarefas, cada um do seu jeito;
- ✚ Professora agradece e elogia a participação, pergunta se foi fácil e gostaram, conseguiram, manifestaram que sim com grande alegria batendo palmas e abraçando a prof.

Ausente

Elaine

Imagem da realização das tarefas



Turma: A

Ens. Fund. Ciclo: 1º Etapa: 1ª - 2ª

Aula: 14

Local: QP

Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas

Tarefa – professora

- *Check-in* – a turma recebida na QP, atenção da prof. individualmente por ordem de chegada, dão abraços e permanecem juntos sentados na arquibancada manuseando as raquetes com bolinhas;
- Prof. “vamos dançar” coloca o vídeo 7 e a turma começa a dançar imitando os movimentos;
- Prof. “sentem vamos conversar”, entrega uma raquete para cada um “quem lembra como joga” Pedro segurando a raquete mostra “assim fazendo movimento de braço”;

1ª - Variação

- Prof. “segurem a raquete lá na frente” mostrando o que é para fazer, em cima da cabeça, “deixa a raquete na cabeça, não pode deixar cair”, Pedro sai caminhando e demais o segue com a raquete sobre a cabeça, prof. “voltem é para ficar junto com a prof.”;
- Prof. “vamos bater bolinha “Daniel “vamos Michele” todos pegam bolinhas e batem controlando na raquete;
- Prof. “vamos na mesa jogar” início com duas mesas com proteção dos lados, jogar a bolinha rolando para o colega, sem deixar cair;

(Continuação)

- o Guilherme joga com uma bola presa em um fio e presa na cadeira, prof. joga e dá suporte aos colegas como jogar com ele, “segura a bolinha e bate devagarinho para acertar a mão dele”;

Observações

- + **1 - Tarefa – professora:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro;
- + A turma está tranquila, pelas respostas percebe que lembra da aula anterior;
- + **1ª-Varição:** os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;
- + Prof. e atendente revezam nos suportes individual e coletivo do jogo na mesa e Guilherme;
- + Na transição de tarefas ocorre a perda de foco e engajamento na tarefa;
- + Todos participaram das tarefas cada um do seu jeito;
- + E no final da foi deixado um tempo para pularem na cama elástica, brincarem na quadra de livre escolha;
- + Professora agradece e elogia, diz que estão de parabéns.

Ausente

Eder

Imagem da realização das tarefas

Turma: B

Ens. Fund. Ciclo: 2º Etapa: 3ª - 6ª

Aula: 14

Local: QP

Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas

1ª - Tarefa – professora

- o *Check-in* – a turma recebida na QP, prof. conversa conforme ordem de chegada individualmente, apenas uma aluna e um aluno da turma, “muita chuva;
- o Um aluno da outra turma, o trio começa jogando a bola pendura dentro de uma rede, um para outro; e conversando com a prof. fazendo a chamada;
- o **Variações**
- o Prof. “vamos jogar, nas mesas, Luiz. R e Thomas o aluno da outra turma em uma mesa, prof. e Carine em outra;
- o Após 12 minutos de aula chega mais um aluno Roberto da outra turma e começa jogar com Carine; 16 minutos chega Ellen e Thomaz e Roberto voltam para sua sala;
- o Prof. “vamos jogar em uma mesa com a prof., bater na bolinha para passar para o outro lado por cima da rede, enquanto prof. joga com um, a dupla que espera a vez conta e marca no caderno os pontos até 11 e troca.

Observações

- + **1 - Tarefa – professora:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro; acolhe o aluno da outra turma, respondem as perguntas sobre o tênis de mesa;
- + A aula até os 20 minutos foi tumultuada com a chegada e saída de alunos da outra turma;
- + **1ª-Varição:** os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;
- + Prof. jogando individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha, contagem de pontos, o atendente não estava presente nesta aula, dificuldade em gravar, dar suporte ao mesmo tempo;
- + Todos participaram das tarefas, colaboram na organização do material;
- + Professora agradece e elogia a colaboração e participação de todas(os).

Ausente

Juliana, Luiz G.

(Continuação)

Imagem da realização das tarefas



Turma: C

EJA

Aula: 14

Local: SEFA

Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas

1ª - Tarefa – professora

- *Check-in* – a turma recebida na QP, prof. conversa conforme ordem de chegada individualmente e depois no coletivo;
- Prof. relembra “como é a raquete de tênis mesmo, vamos alongar usando a raquete e mostra, em cima da cabeça, atrás, pernas estendidas, coloque a raquete nas pernas, segura e não deixe cair”;
- **Variação**
- Prof. “vamos jogar, em duplas nas mesas, Vanessa começa batendo bolinha pendurada com a prof.”;
- Jhon e Keli na mesa 1, Josenei e Andryel na mesa 2, com proteção nas laterais, bater na bolinha rolando;
- Divonzir e Zélia mesa 3, jogo normal contando os pontos até 11,
- Prof. “vamos fazer o rodizio por todas as mesas jogando comigo”;

Observações

- ✚ **1 - Tarefa – professora:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro;
- ✚ Relembra o conteúdo, respondem as perguntas sobre o tênis;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;
- ✚ Prof. passa individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha, se posicionar na mesa, experimentar bolinhas diferentes para melhor adaptação, contagem e troca de quem joga na mesa;
- ✚ Todos participaram das tarefas, colaboram na organização do material;
- ✚ Professora agradece e elogia a participação de todas(os).

Ausentes

Jonas. João M. Luiz P., Tatiane.

Imagem da realização das tarefas



Turma: D

EJA

Aula: 14

Local: QP

Recursos pedagógicos: vídeo 7, caixa de som, raquetes, bolas diversas, etc.

Como foram realizadas as tarefas – tênis de mesa e dança de matrizes Africanas

1ª - Tarefa – professora

- *Check-in* – a turma recebida na QP, atendente diferente, conversa individualmente por ordem de chegada e no coletivo sentados na arquibancada;
- Mariana sai da cadeira sozinha, pega a raquete e vai bater na bola que está dentro da rede e pendurada por um fio, prof. adapta a sua altura, orienta a atendente como dar suporte cada aluna(o);

1ª-Variação

- Prof. “vamos jogar Mariana batendo na bola com a prof., Zenóbio e Jean sentado na cadeira na mesa 1, Suzana e Adelar mesa 2, ambas as mesas bolinhas dentro da rede e presa na mesa, bater para rolar até o colega do outro lado da mesa (bolinha presa não cai da mesa);
- Mariana deixa de bater na bola presa, vai até a mesa 2, pede para jogar e joga com a prof.
- Adelar e Suzana com autonomia saem da mesa 2 com proteção nas laterais e vão jogar na mesa 3 sem proteção e com bolinha solta;

Observações

- ✚ **1 – Tarefa:** acolhimento, percebe-se que a turma está bem, organiza o ambiente seguro;
- ✚ Jean e Zenóbio responderam às perguntas sobre os vídeos do tênis de mesa;
- ✚ **1ª-Variação:** os suportes e acordos foram sendo inseridos pela prof. e atendente na medida que as necessidades foram percebidas, individualmente e no coletivo: adequação do ambiente e material; engajamento, foco e sustentar tempo na tarefa, a vez de esperar, quando e como realizar a tarefa; instigação para autonomia de criação;
- ✚ Prof. e atendente passam dando suporte individualmente orientando como segurar a raquete, a força de bater na bolinha, a melhor maneira de ficar sentado em pé para bater na bolinha;
- ✚ Todos participaram de todas as tarefas, cada um do seu jeito;
- ✚ Professora agradece e elogia a participação, pergunta se foi fácil e gostaram, conseguiram, manifestaram que sim com grande alegria batendo palmas e abraçando a prof.

Ausentes

Elaine e Luciana

Imagem da realização das tarefas

